



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DAYME ROSANE BENÇAL

**O ALÇAMENTO DE MÉDIAS ALTAS E O ABAIXAMENTO
DE ALTAS NA PAUTA PRETÔNICA NOS MANUSCRITOS
CASTRENSES DO SÉCULO XIX**

Londrina
2014

DAYME ROSANE BENÇAL

**O ALÇAMENTO DE MÉDIAS ALTAS E O ABAIXAMENTO
DE ALTAS NA PAUTA PRETÔNICA NOS MANUSCRITOS
CASTRENSES DO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabiane Cristina Altino

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B457a Bençal, Daye Rosane.

O alçamento de médias altas e o abaixamento de altas na pauta pretônica nos manuscritos castrenses do século XIX / Daye Rosane Bençal. – Londrina, 2014.
404 f. : il.

Orientadora: Fabiane Cristina Altino

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Alçamento – Teses. 2. Abaixamento – Teses. 3. Diacronia – Teses. I. Altino, Fabiane Cristina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(816.22)-087

DAYME ROSANE BENÇAL

**O ALÇAMENTO DE MÉDIAS ALTAS E O ABAIXAMENTO DE ALTAS
NA PAUTA PRETÔNICA NOS MANUSCRITOS CASTRENSES DO
SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Claudia Regina Brescancini
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul - PUC

Londrina, 11 de setembro de 2014.

Moisés respondeu:

- Ó Deus Eterno, eu nunca tive facilidade para falar, nem antes nem agora, depois que começaste a falar comigo. Quando começo a falar, eu sempre me atrapalho.

Porém o Eterno lhe disse:

- Quem dá a boca ao ser humano? Quem faz que ele seja surdo ou mudo? Quem lhe dá a vista ou faz que fique cego? Sou eu, o Deus Eterno. Agora vá, pois eu o ajudarei a falar e lhe direi o que deve dizer.

(Ex 4, 10-11).

Dedico este trabalho a Deus, o criador de todas as coisas.
Ao meu pai, pelo porto seguro.
À minha mãe, por ter me ensinado as primeiras letras.
Aos meus irmãos, pelo apoio.
Ao meu amado, por colorir os dias mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Eu consegui.

Pela primeira vez em minha vida, pensei que não chegaria ao fim de um propósito, tão sonhado, tão almejado. Foram muitos os momentos de desânimo, de cansaço, de falta de coragem para continuar. Paralelamente a esses momentos de angústia, surgia uma força que me fazia olhar para frente e segurar na mão daqueles que estavam junto a mim.

Inicialmente, é necessário dizer que este trabalho está escrito em primeira pessoa do singular, no entanto, ele é resultado de muitas vozes que, ao longo do caminho, foram contribuindo, ao seu modo, para a concretização deste sonho.

Deus, em primeiro lugar. Agradeço por me dar a vida, por me confiar a uma família tão especial. Ele, meu único refúgio em dias de solidão longe da minha tão amada família. Obrigada por me fazer mais forte e me sentir segura para chegar até aqui sem esquecer a longa jornada que ainda tenho pela frente.

Aos meus pais, os verdadeiros e mais seguros referentes que existem ao meu redor. Meu pai, Paulo, o grande incentivador e patrocinador deste sonho, que não me deixou desistir, que fez do meu o seu sonho também. Minha mãe, Doraci, meu ombro, meu ouvido amigo para todo e qualquer momento de desesperança. O seu semblante sorridente, as suas palavras de conforto adocicaram os dias mais amargos. Obrigada por acreditarem em mim e me fazerem uma pessoa melhor a cada dia.

Aos meus irmãos, Daiany e Diogo, que mesmo distantes, sempre estiveram em meu coração.

A minha tia Laura e primas Dagma e Dagmar, que compreenderam a minha ausência e sempre torceram pela minha vitória.

Ao meu amado José Manuel dos Santos, que chegou para encher de amor e alegria os meus dias. Obrigada por estar sempre presente, mesmo distante geograficamente, e por fazer o último ano do Mestrado mais leve e pleno de novidades. Obrigada pela compreensão e ajuda na finalização desta conquista. Hoje, posso dizer que tenho mais uma inspiração: você!

Aos meus professores, que sempre alicerçaram meu caminho com o mais confiável saber, sempre me apoiaram e estiveram presentes quando eu precisei de ajuda moral ou científica.

Com carinho muito especial, agradeço à Fabiane Cristina Altino, minha orientadora, que acreditou no meu trabalho e potencial, e guiou-me com paciência de forma

sábria, serena e amiga. Obrigada por me acolher e dar o suporte para que eu chegasse até aqui... e continuar. Sou grata pelos conselhos, pelas reuniões, por compartilhar um pouco do seu saber comigo.

À professora Vanderci de Andrade Aguilera, por transformar trinta minutos de conversa em um banco universitário em coragem e determinação para tentar aquilo que parecia um sonho distante. Sua humildade, atenção e sabedoria são exemplos que levo comigo.

À Professora Elódia Constantino Roman que desde o início proporcionou e sustentou a grande vontade contida em mim: pesquisar. Obrigada pelo primeiro incentivo.

A todas, a minha mais sincera gratidão e admiração.

Sou grata às professoras Cláudia Regina Brescancini e Dircel Aparecida Kailer por aceitarem o convite para compor a banca deste trabalho. Obrigada pelas sugestões e direcionamento para a reformulação da pesquisa. À professora Dircel, também agradeço por me orientar na codificação e tratamento estatístico dos dados.

Agradeço aos meus amigos pelo apoio, pelo empurrão, puxão de orelha e compreensão pelas tantas vezes que estive ausente, mas que quando estiveram comigo, não deixaram de escutar as minhas inquietações e confortaram-me. **Taciane Marcelle Marques**, minha anfitriã; **Wéllem de Freitas Semczuk**, pela parceria científica; **Eliane Vitorino de Moura Oliveira**, pelo exemplo de profissionalismo; **João Marcos Machuca**, pelo incentivo e companhia. Obrigada por permitir que sua casa fosse o meu primeiro pouso, em Londrina. **Anderson Braga do Carmo**, pelo exemplo de dedicação e pelas intermináveis leituras do meu texto. Obrigada pelas dicas, sugestões e revisões. **Anna Carolina Avelheda**, por realizar um estudo que direcionou minhas primeiras ideias. Obrigada por me ensinar a manusear o programa GOLDVARB X e interpretar os números que, para mim, ainda eram tão abstratos. Sou muito grata pelas valiosas dicas e sugestões. Agradeço muito a Deus por tê-la colocado em meu caminho. À querida amiga **Caroline Freitas de Oliveira**, pela ajuda com o *Abstract* desta Dissertação.

Agradeço aos funcionários da Casa da Cultura de Castro, que disponibilizaram espaço para pesquisa e digitalização dos documentos que compõem esta dissertação. Em especial, à dona Eneida Borba que, muitas vezes, deixou o seu trabalho para auxiliar o meu.

À CAPES, pelo auxílio financeiro, o qual me proporcionou residir em Londrina.

A todos, o meu mais sincero agradecimento.

BENÇAL, Dayme Rosane. **O alçamento de médias altas e o abaixamento de altas na pauta pretônica nos manuscritos castrenses do século XIX**. 2014. 404 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Estudar a língua é buscar conhecer a própria história, entendendo que ela segue o destino dos que falam (SILVA NETO, 1963). Este trabalho investiga o processo de alçamento das vogais médias altas e abaixamento das vogais altas, buscando possíveis resquícios da origem do português brasileiro, em sua variedade paranaense. Seguindo os preceitos da Linguística Histórica, aliados à Teoria Variacionista laboviana, este estudo descreve a variação das vogais médias e altas na pauta pretônica, presente nos manuscritos castrenses do século XIX. Malgrado não haver material oral de séculos anteriores, a língua escrita é uma importante ferramenta na busca por resquícios de uma possível oralidade desse período. Esta análise busca identificar os condicionamentos fonológicos que favorecem a ocorrência dos fenômenos de abaixamento das vogais altas /i/ e /u/, como em *lugar*>*logar*, *milícia*>*melicia*, e também o alçamento das médias altas /e/ e /o/, como em *em gentio*>*gintio*, *costume*>*custume*, atentando para os contextos de harmonia vocálica, assimilação regressiva e progressiva e de consoantes adjacentes. Os estudos de Bisol (1981), Viegas (1987, 2001), Silva (1989), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Amaral (1996) e Kailer (2003, 2008) motivaram e fundamentam esta dissertação. O resultado preliminar diacrônico apontou o processo de harmonização vocálica, com assimilação regressiva, como o principal favorecedor dos casos de alçamento, e com assimilação progressiva, dos casos de abaixamento. A análise individual mostrou que as vogais anteriores são em maior número total e de aplicação dos processos. Os contextos mais favoráveis à elevação das médias pretônicas são (i) presença de vogal alta na sílaba seguinte (*atr[i]viria/c[u]stume*); (ii) consoante precedente labiodental (*emffi]llis*) para a anterior, e alveolar (*apr[u]ntar*) para a vogal posterior; (iii) consoante bilabial no contexto seguinte para a vogal /e/ (*r[i]porto*). Nos casos de abaixamento, os ambientes mais relevantes para a amostra analisada são (i) presença de vogal média na sílaba seguinte (*pr[e]nsepal*); (ii) vogal anterior em fronteira silábica (*[e]nformar*); (iii) contexto consonantal precedente bilabial para /i/ (*prensip[e]jaraõ*) e velar para /u/ (*doc[o]mento*) e (iv) alveolares no contexto seguinte para /i/ (*med[e]ssoins*) e labiodentais para /u/ (*s[o]ficiente*).

Palavras-chave: Alçamento. Abaixamento. Diacronia.

BENÇAL, Dayme Rosane. **The mid and high rising and the lower of high in the pretonic context in manuscripts from the state of Castro/Brazil on XIX century.** 2014. 404 f. Dissertation (Mater in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

Studying language is searching for own history, understanding that it follows their speakers destiny (SILVA, NETO 1963). This paper investigates the origin of Brazilian Portuguese, in its variability in the speech of the speakers from the state of Paraná. Following principles from Historical Linguistic, joined to labovian variacionist theory, this study describes the variation of middle and high vowels in the pretonic context, present in manuscripts from the state of Castro/Brazil in XIX century. In spite of not having oral material from earlier centuries, writing language is an important tool in the search for traces of a possible oral at this period. This analysis intends to identify phonological conditioning that promotes the lowering of high vowels /i/ and /u/ occurrence, as happens in *lugar>logar*, *milícia>melicia* and the rising of mid-high /e/ e /o/, as in *gentio>gintio*, *costume>custume*, being attentive to the vowel harmony, assimilation regressive and progressive and adjacent consonants. Bisol (1981), Viegas (1987, 2001), Silva (1989), Bortoni et al (1992), Amaral (1996) and Kailer (2003, 2008) researches motivated and found this dissertation. The diachronic preliminary result indicated the vowel harmonization process, with regressive assimilation, as the principal promoter from rising occurrences, and with progressive assimilation, from lowering occurrences. The diachronic preliminary result indicated the vowel harmonization process, with regressive assimilation, as the principal promoter from rising occurrences, and with progressive assimilation, from lowering occurrences. The most propitious contexts to middle pretonics rising are (i) high vowel presence at next syllable (*atr[i]viria/c[u]stume*); (ii) labiodental consonant precedent (*emf[i]llis*) to earlier, and alveolar (*apr[u]ntar*) to posterior vowel; (iii) bilabial consonant in the next context to vowel /e/ (*r[i]porto*). In cases of lowering most relevant environments for the sample considered are (i) the presence of medial vowel in the following syllable (*pr[e]nsepal*), (ii) previous vowel syllabic boundary (*[e]nformar*), (iii) preceding bilabial to / i / (*prensip[e]araõ*) and velar for / u / (*doc[o]mento*) and (iv) the following for alveolar / i / (*med[e]ssoins*) and labiodentais to / u / (*s[o]ficiente*).

Keywords: Rising. Lowering. Diachronic.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao vulgar	28
Quadro 2 - Vogais pretônicas no latim vulgar.....	29
Quadro 3 - Vogais postônicas finais no latim vulgar	29
Quadro 4 - Grau de manutenção das vogais tônicas no português.....	31
Quadro 5 - Vogais tônicas do português	32
Quadro 6 - Passagem das vogais do latim vulgar para o português	32
Quadro 7 - Vogais pretônicas do português	34
Quadro 8 - Vogais postônicas finais do PB.....	35
Quadro 9 - Vogais postônicas não finais	36
Quadro 10 - Relação dos fólhos que compõem o <i>corpus</i>	101

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Movimento das vogais que caracteriza o alçamento	41
Figura 2 - Movimento das vogais que caracteriza o abaixamento	44
Figura 3 - Exemplo de codificação.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total de ocorrências e percentual de vogais analisadas presentes no <i>corpus</i>	130
Tabela 2 - Total de alçamentos e manutenção de vogais médias	130'
Tabela 3 - Resultados totais para a variável dependente: Vogal da Sílabas Pretônica	132
Tabela 4 - Total de abaixamentos e manutenção de vogais altas	132
Tabela 5 - Total de alçamentos e abaixamentos	133
Tabela 6 - Resultados da variável Consoante Precedente para a vogal /e/.....	136
Tabela 7 - Resultados da variável Consoante Precedente para a vogal /o/	140
Tabela 8 - Resultados da variável Vogal da Sílabas Seguinte para a vogal /e/.....	142
Tabela 9 - Resultados da variável Vogal da Sílabas Seguinte para a vogal /o/	144
Tabela 10 - Resultados da variável Vogal da Sílabas Anterior para a vogal /e/	146
Tabela 11 - Resultados da variável Consoante Seguinte para a vogal /e/	149
Tabela 52 - Resultados da variável Trava Silábica para a vogal /o/.....	152
Tabela 13 - Resultados da variável Localização da Pretônica para a vogal /o/.....	154
Tabela 14 - Resultados da variável Vogal da Sílabas Seguinte referentes à vogal /i/	158
Tabela 15 - Resultados da variável Vogal da Sílabas Seguinte referentes à vogal /u/	161
Tabela 16 - Resultados da variável Classe Morfológica referentes à vogal /i/	163
Tabela 17 - Resultados da variável Localização da Pretônica para a vogal /i/.....	167
Tabela 18 - Resultados da variável Localização da Pretônica para a vogal /u/.....	168
Tabela 19 - Resultados da variável Consoante Precedente referentes à vogal /i/	171
Tabela 20 - Resultados da variável Consoante Precedente referentes à vogal /u/.....	172
Tabela 21 - Resultados da variável Vogal da Sílabas Anterior para a vogal /i/.....	173
Tabela 22 - Resultados da variável Consoante Seguinte referentes à vogal /i/	176
Tabela 23 - Resultados da variável Consoante Seguinte referentes à vogal /u/	178
Tabela 24 - Resultados da variável Classificação da Palavra quanto ao Acento referentes à vogal /u/	179
Tabela 25 - Resultados da variável Vogal da Sílabas Tônica para a vogal /u/	181

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - O INÍCIO... DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO	22
1.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM PERCURSO HISTÓRICO	22
1.1.1 Aqui Começa o Português Brasileiro	24
1.2 A EVOLUÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS	24
1.2.1 Do Latim Clássico ao Vulgar	27
1.2.2 Do Latim Vulgar ao Português.....	29
1.2.2.1 As vogais tônicas.....	30
1.2.2.2 As vogais átonas pretônicas.....	32
1.2.2.3 As vogais postônicas	35
1.3 OS PROCESSOS FONOLÓGICOS ENVOLVIDOS NA VARIAÇÃO	37
1.3.1 Neutralização Vocálica.....	37
1.3.2 Harmonização Vocálica.....	38
CAPÍTULO 2 - OS APORTES TEÓRICOS	48
2.1 OUVIR O INAUDÍVEL	48
2.2 A PEDRA ANGULAR.....	51
2.2.1 Estruturalismo Funcionalista	52
2.2.2 A Mudança Linguística: Weinreich, Labov e Herzog.....	54
2.3 MODELO NEOGRAMÁTICO.....	57
2.4 MODELO DIFUSIONISTA.....	60
CAPÍTULO 3 - O CAMINHO TRILHADO PELOS ESTUDOS HISTÓRICOS	65
3.1 PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	65
3.2 ESTUDOS CORRELATOS	68
3.2.1 LINI, V. A Escrita de Manuscritos Paranaenses e Portugueses do Século XIX e a Relação com o Português Brasileiro. 2013. 124f. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina.....	68

3.2.2	KAILER, D. A. O Uso do /o/ Pretônico no Falar Rural Paranaense. 2003. 136 f. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina.	69
3.2.3	TONIOLO, E. J. Manuscritos da Vila Nova de Castro: Um Estudo Filológico de Documentos dos Séculos XVIII e XIX. 2007. 433 f. Tese. Universidade Estadual de Londrina.....	72
3.2.4	MAGALHÃES, J. S. O Subsistema Vocálico Pretônico do Português Brasileiro: Fotografia Histórica. In: HORA, D. da.; SILVA, C. R. Para a História do Português Brasileiro. Abordagens e Perspectivas. João Pessoa: UFPB, 2010. v.3. p. 88-91.....	74
3.2.5	FONTE, J. S. O Sistema Vocálico do Português Arcaico Visto a Partir das Cantigas de Santa Maria. 2010. 238 F. Dissertação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. <i>Campus</i> de Araraquara.	75
3.2.6	HORA, D. da; TELLES, S. As Vogais: Estudo Diacrônico. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N.; (Orgs). Para a História do Português Brasileiro. Novos Dados, Novas Análises. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 459-467. v. 6, t.1.	78
3.2.7	HORA, D. da; SANTIAGO, S. Vogais Pretônicas no Norte do Brasil: O Falar de Macapá. In: Jânia Ramos. (Org.). Estudos Sociolinguísticos: os Quatro Vértices do GT da ANPOLL. Belo Horizonte: Ed. Faculdade de Letras - UFMG, 2007. p. 21-36.....	79

CAPÍTULO 4 - A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E A HISTORICIDADE SOCIAL CASTRENSE NO SÉCULO XIX.....

4.1	A ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA HISTÓRIA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX.....	81
4.2	UMA VISÃO HISTÓRICA DE CASTRO.....	84
4.3	O CONTEXTO CASTRENSE OITOCENTISTA E OS PERSONAGENS CONTIDOS NOS MANUSCRITOS.....	85
4.4	OS ESCRIBAS – PERSONAGENS DOS MANUSCRITOS.....	89

CAPÍTULO 5 - ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	95
5.1 O <i>CORPUS</i>	95
5.2 A EDIÇÃO DE MANUSCRITOS.....	96
5.3 AS PROPRIEDADES DO <i>CORPUS</i>	100
5.4 DELIMITAÇÃO DO OBJETO INVESTIGADO	104
5.5 O TRATAMENTO DOS DADOS.....	105
5.6 VARIÁVEL DEPENDENTE	106
5.7 VARIÁVEIS OPERACIONAIS.....	106
5.7.1 Variáveis Linguísticas	106
5.8 MÉTODO DE ANÁLISE.....	118
CAPÍTULO 6 - ANÁLISE DOS DADOS.....	121
6.1 PRIMEIROS RESULTADOS	121
6.2 ANÁLISE ESTRUTURAL E COTEJO DOS DADOS.....	129
6.3 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS	134
6.4 ALÇAMENTO.....	135
6.4.1 Consoante Adjacente Precedente.....	142
6.4.2 Vogal da Sílabas Seguinte.....	145
6.4.3 Vogal da Sílabas Anterior	148
6.4.4 Consoante Adjacente Seguinte	148
6.4.5 Trava Silábica	152
6.4.6 Localização da Pretônica	154
6.5 ABAIXAMENTO	156
6.5.1 Vogal da Sílabas Seguinte.....	157
6.5.2 Classe Morfológica.....	162
6.5.3 Localização da Pretônica	167
6.5.4 Consoante Adjacente Precedente.....	170
6.5.5 Vogal da Sílabas Anterior	173
6.5.6 Consoante Adjacente Seguinte	175
6.5.7 Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabas Tônica	179
6.5.8 Vogal da Sílabas Tônica.....	180
6.6 UMA DISCUSSÃO ETIMOLÓGICA SOBRE OS PROCESSOS DE ALÇAMENTO E ABAIXAMENTO.....	183

CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
REFERÊNCIAS	206
APÊNDICES215

INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2012, ao aceitar o convite para escrever sobre “A origem do português brasileiro”, tive contato com conceitos, epistemologias e métodos que não me eram próximos. Estudar a história da constituição da língua que eu utilizo foi um grande-pequeno passo para o início de meus estudos diacrônicos. Um novo manancial de conhecimento se colocava na minha frente e eu precisava (e queria!) beber dessa fonte.

O primeiro passo foi conhecer a epistemologia da Linguística Histórica. Autores como Mattos e Silva (1995, 1998, 2006, 2008), Naro e Scherre (2007), Melo (1981), Said Ali (1966), Silva Neto (1956, 1963, 1988), entre outros, abriram caminho para a longa jornada a ser percorrida.

Por não pretender fazer um estudo apenas bibliográfico, meu segundo passo foi buscar documentos que me trouxessem curiosidade o bastante para imbricar em suas linhas e entrelinhas e, por assim dizer, em suas entranhas e me tornar, conforme expõe Tarallo (1990, p. 52) utilizando um texto de Haden Elgin (1981), uma *paleontologista da língua*. (itálicos meus).

Como nasci e fui criada em Castro, sempre soube do riquíssimo acervo documental e expositivo que o Museu do Tropeiro mantém. Em uma das visitas, garimpando seus arquivos, encontrei documentos interessantes, entre eles páginas de jornal dos séculos XVIII, XIX e XX, processos do tempo da escravidão, manuscritos pessoais e notariais. Só me restava trilhar o caminho oferecido e por mim aceito.

Cartas pessoais do século XIX serviram de escopo para descrever e apresentar reflexões sobre as características da língua neste século, no que tange à ortografia Roman e Bençal (2012). Porém, o material disponibilizado no arquivo castrense merece um olhar mais atento, uma vez que comporta documentos que registram o passado de nossa língua, fatos linguísticos que podem contribuir para os estudos voltados à gênese do português brasileiro (doravante PB).

A língua está envolvida no curso da história da humanidade. Coseriu (1978, p. 20) explica que “*una lengua, em el sentido corriente del término (lengua española, lengua francesa, etcétera), es por su naturaleza un objeto histórico*”¹, por isso, estudá-la significa buscar a própria origem. Assim como a sociedade, a cultura e a história, a língua também

¹ “Uma língua, no sentido corrente do termo (língua espanhola, língua francesa, etcetera), é por sua natureza um objeto histórico.” (tradução nossa).

evolui, e é justamente essa mudança linguística através do tempo que é o objeto de pesquisa da Linguística Histórica.

Dizia Silva Neto (1963, p. 18), “as línguas seguem os destinos dos que falam”. O principal agente dessa evolução é o homem que, no caso das línguas, vai adequando esse sistema de signos conforme sua necessidade, imprimindo na língua um caráter heterogêneo e variável. As mudanças evidenciadas no sistema linguístico presente são sempre provindas de variações ocorridas no passado, porém, nem todas as variações que um dia aconteceram, ou que hoje percebemos, irão configurar mudanças (TARALLO, 1990). Todo esse processo é dinâmico e não põe em risco o funcionamento da língua, pelo contrário, o próprio falante, ao fazer uso do sistema linguístico, participa do processo de mudança.

As variações ocorrem condicionadas a fatores internos, nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical, ou ainda a fatores externos, ou extralinguísticos. Os estudos relacionados podem abordar diferentes perspectivas, como a social, geográfica, estilística e histórica (CAMACHO, 1988). Neste trabalho, volto-me para a variação histórica, cunhada como diacrônica primeiramente por Saussure (1977) e, mais tarde, também por Dubois (2004). Utilizo os preceitos metodológicos da linguística histórica sócio-histórica *stricto sensu*, que está ligada diretamente ao trabalho filológico, por trabalhar com base documental, como manuscritos, textos impressos do passado que, segundo Mattos e Silva (2008b, p. 10), “tornam-se os *corpora* indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração”.

Pesquisas nos diferentes níveis são desenvolvidas buscando evidenciar os fenômenos linguísticos que caracterizam as variações. O campo a ser estudado é amplo e atrativo. De acordo com Viana (2008, p. 17), “os fenômenos fonéticos são os que demonstram mais rapidamente as etapas de evolução linguística, assim como são os que mais claramente revelam as diferenças dialetais dentro de uma mesma língua.” A análise linguística dos aspectos fonéticos e fonológicos é direcionada sob várias perspectivas, uma vez que o vocalismo do PB propicia um leque de possibilidades de investigações, devido à variedade dos dialetos regionais.

Uma regra fonológica muito fértil no português brasileiro e que ainda suscita controvérsias entre os estudiosos é a variação no sistema de vogais átonas. Assim, estabeleço como *locus* desse estudo o levantamento das vogais médias altas /e/ e /o/, denominado na literatura de alçamento². Alguns estudos demonstram que esse fenômeno é

² Termo utilizado por Bisol (1981, 2003, 2009), Viegas (1987, 2001), Lemos (2001), Cristóvão Silva e Greco (2010). De Paula (2010) e Avelhada e Batista da Silveira (2011) utilizam o termo alteamento.

comum na fala, e ocorre quando há a alternância do traço de altura dessas vogais, como em *minino ~ menino*, ou *pérula ~ pérola*³. O processo contrário também será considerado nesta investigação, denominado de abaixamento das vogais altas /i/ e /u/, como pode acontecer em *logar ~ lugar*, ou *ofeceaes ~ oficiais*. Inicialmente, a proposta investigaria a pauta postônica, porém o *corpus* que compõe essa pesquisa não permitiu tal iniciativa, apresentando poucas palavras alçadas ou abaixadas em sílaba postônica não final ou final, incumbindo-me, assim, do contexto pretônico.

Esses dois comportamentos são explorados na modalidade escrita, a partir de documentos notariais originais e inéditos do século XIX, da cidade de Castro. Nesse sentido, esta pesquisa é de abordagem qualitativa-indutiva, buscando um respaldo nos aportes fonológicos sem descartar os aspectos sócio-históricos.

Várias pesquisas sincrônicas seguindo a metodologia laboviana abordam o alçamento na fala, com ênfase para o contexto pretônico, como Bisol (1981), Viegas (1987, 2001), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Freitas (2001), Kailer (2003, 2008, 2012), Viana (2008), entre outros estudos muito profícuos na região de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Regiões onde o contexto pretônico é o mais descrito⁴.

Em relação à descrição desse fenômeno na escrita, Lemos (2001) investigou a interferência da oralidade⁵ no registro ortográfico das vogais médias átonas, na fase de aquisição da escrita. Cristóvão Silva e Greco (2010) também discutem a mesma relação partindo de dados coletados entre os falantes das primeiras séries do ensino fundamental. Avelhada e Batista da Silveira (2011) fazem uma investigação pancrônica sobre o alçamento de médias pretônicas, utilizando dados variados da modalidade escrita dos séculos XVIII e XIX, como documentos notariais, cartas pessoais e documentos jornalísticos, e dados da modalidade oral do século XX, disponibilizados pelo Projeto NURC do Rio de Janeiro.

No âmbito do abaixamento das vogais altas, muito pouco tem sido estudado. Amaral (1996) analisou esse fenômeno no contexto pretônico no dialeto da Campanha Gaúcha, região do Rio Grande do Sul.

Como os trabalhos sobre os fenômenos em questão são, em grande parte, sincrônicos e discutidos em relação à fala, a justificativa desta investigação está no fato de que ela amplia o foco para a abordagem diacrônica da língua, e ao fazer o cotejo dos

³ Como este trabalho tem a pretensão de descrever as variações na grafia dos itens lexicais presentes nos documentos históricos, a transcrição segue a proposta grafemática.

⁴ Sobre o contexto postônico, De Paula (2010) realizou um estudo sobre as vogais médias não finais na fala do Rio de Janeiro.

⁵ O termo oralidade é utilizado com referência à coloquialidade.

resultados sincrônicos da fala e do diacrônico da escrita, tenho a possibilidade de atestar o princípio do uniformitarismo de Labov (1994, p. 829), o qual prevê que “*we can provide some plausible interpretations with principles which have full empirical support and so illuminate the past by the present as we do the presente by the past.*”⁶. Se os fenômenos que atuam hoje já atuaram em épocas anteriores, possivelmente, atuarão no futuro.

Como esta investigação contempla a descrição das alternâncias linguísticas em determinado tempo e espaço, e devido à necessidade de buscar a frequência e sistematização de ocorrência dos fenômenos envolvidos na variação, associo a abordagem qualitativa à quantitativa, aliando os pressupostos da Linguística Histórica aos da Teoria Variacionista, de orientação laboviana, partindo da perspectiva estrutural à histórico-social.

Malgrado não existir material da fala desse período, os documentos escritos são a única fonte de indícios de uma possível oralidade. Literalmente, nesse resgate histórico do português contido nos documentos, é necessário “ouvir o inaudível.” (MATTOS E SILVA, 2008b). Maia (1986) postula que:

relativamente a épocas passadas de uma língua, em que é impossível a observação directa da mesma e da qual faltam em geral – pelo menos em relação aos períodos mais recuados – descrições feitas pelos contemporâneos (por ex. gramáticos), a interpretação dos textos escritos com base na análise da grafia e da estrutura escrita da língua é absolutamente indispensável para o conhecimento da língua desse período. Só desse modo se poderá chegar ao conhecimento do sistema fonológico da língua dessa época. (apud Viegas, 2001, p. 65).

Mesmo que os documentos investigados neste trabalho sejam de cunho notarial, e acreditando que os escribas eram pessoas relativamente cultas, há que se considerar que o sistema ortográfico oscilava nesse período, influenciado pela pronúncia e pela pseudoetimologia. A ortografia portuguesa só ganha uniformidade com a obra de Gonçalves Viana, em 1904. Aguilera (2011) concorda que muitos documentos oficiais trazem aspectos ortográficos que fogem à modalidade padrão e aos preceitos gramaticais, mostrando-se próximos de uma língua que pode ter sido utilizada por boa parte dos brasileiros durante a fase colonial e imperial do Brasil.

⁶ “Nós podemos fornecer algumas interpretações plausíveis com os princípios que têm suporte empírico e então iluminar o passado pelo presente, como fazemos o presente pelo passado.” (tradução nossa).

Assim, o OBJETIVO PRINCIPAL deste estudo é

- Descrever dois processos fonético-fonológicos que acometem o sistema vocálico do português, o alçamento e o abaixamento, a partir de documentos novecentistas da cidade de Castro, seguindo os preceitos da Linguística Histórica, procurando “*making the best use of bad data*”⁷ (LABOV, 1994, p. 11).

Partindo disso, busco respostas para as seguintes perguntas:

- O fenômeno do alçamento de vogais era um processo comum na escrita em séculos anteriores (o XIX especificamente), tal como se pode verificar empiricamente em certas variedades da oralidade contemporânea?
- As ocorrências do alçamento e abaixamento evidenciados nos documentos antigos podem ser explicadas por regras fonológicas (hipótese neogramática), ou cada palavra possui a sua história (hipótese difusionista)?

Dessa forma, meus OBJETIVOS ESPECÍFICOS são:

- Verificar a ocorrência dos processos de alçamento de vogais médias altas em contextos pretônico e abaixamento de vogais altas na modalidade escrita do século XIX.
- Identificar os ambientes favorecedores do alçamento e do abaixamento que possam estar envolvidos no processo, como harmonização vocálica, assimilação e influência da consoante adjacente em contexto precedente ou seguinte, recorrendo, quando necessário, às Gramáticas Históricas.
- Fazer um cotejo pancrônico entre os dados obtidos em relação à modalidade escrita do século XIX e os resultados evidenciados por algumas investigações já realizadas da oralidade do século XX. A intenção é observar se os fatores estruturais condicionantes do alçamento e

⁷“Fazer bom uso de maus dados” (tradução nossa).

abaixamento que operaram no passado são os mesmos que atuam no presente.

- Contribuir para a continuação dos trabalhos que já estão sendo feitos no projeto desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina – *PHPP - Para a história do Português Paranaense*, bem como buscar a recuperação da memória linguística contida no patrimônio cultural escrito da cultura castrense.

A dissertação é organizada em seis capítulos. No primeiro, faço um percurso histórico sobre a história do português desde sua gênese no latim até chegar à variedade que aportou no Brasil, mais especificamente sobre a formação do sistema vocálico da língua portuguesa. Ainda neste capítulo, descrevo os processos fonológicos que envolvem o quadro vocálico: neutralização de vogais médias altas, harmonia vocálica e abaixamento de vogais altas.

No capítulo dois, apresento algumas considerações sobre a teoria da mudança linguística, bem como descrevo as hipóteses que permeiam os estudos atuais sobre o alçamento – a neogramática e a difusão lexical, abordando os principais pressupostos de ambas e suas contribuições para os estudos variacionistas.

O terceiro capítulo é dedicado ao estado da arte, apresentando os estudos que fundamentam e fomentam as investigações sobre alçamento e abaixamento em território brasileiro.

O capítulo seguinte é destinado à historiografia, descrevendo, de forma ampla o estado da língua portuguesa e o contexto social castrense, no século XIX.

No quinto capítulo, descrevo o modelo teórico metodológico adotado, os instrumentos utilizados na viabilização dos dados lexicais, bem como defino as variáveis consideradas no estudo.

No capítulo seis, fase quantitativa e qualitativa do estudo, procedo à análise dos resultados, apresentando-os em forma de tabelas, verificando as hipóteses iniciais e, concomitantemente, traçando um paralelo entre os resultados desta pesquisa e os resultados relacionados à fala sincrônica. Também teço considerações epistemológicas pertinentes à análise histórica. Por fim, teço as considerações finais, destacando os pontos salientes, correlacionando-os aos pressupostos teóricos que embasaram o estudo. Seguido a isso, as referências e o apêndice.

CAPÍTULO 1

O INÍCIO... DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, são descritos alguns fatos históricos que marcam a trajetória da língua portuguesa, desde sua gênese, no latim clássico, até chegar ao português que aportou no Brasil, no século XVI, bem como algumas peculiaridades que podem ter interferido na língua que hoje predomina em solo nacional. Em seguida, o foco é a constituição do sistema vocálico, também assinalando a mudança iniciada no latim vulgar, especificamente relacionada às vogais pretônicas e os processos fonológicos envolvidos na variação. Também são apresentados alguns trabalhos referenciais e basilares que tratam desse tema.

1.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM PERCURSO HISTÓRICO

Coutinho (1969, p. 239) explica que, a princípio, existia somente o latim. Com a elitização dos romanos e o surgimento de uma literatura, essa língua passa a apresentar dois aspectos: o clássico e o vulgar. O mesmo autor ressalta que não eram línguas diferentes, mas duas modalidades de uma mesma língua. O aspecto clássico era o da língua escrita, caracterizada pelo apuro vocabular, elegância e prescrição gramatical, presente nas obras dos escritores latinos. Por isso, Coutinho (1969, p. 29) o denominou de artificial, por não refletir a realidade “trepidante e mudável do povo”, fato que o levou a permanecer estável por tanto tempo. O aspecto vulgar, ao contrário, era a língua utilizada pelo povo, usada de forma desregrada, presente nas obras dos escritores da decadência romana, que escreviam sem preocupação com a forma e o estilo, por isso deixavam escapar características da sua linguagem pessoal, falada.

O que se conhece desse latim provém das inscrições contidas “nas tabuinhas execratórias”⁸, no *Appendix Probi*, nas notas oficiais, nas glosas e nos glossários. Silva Neto (1956) afirma que a deficiência de fontes do *sermo usualis* (latim vulgar) foi, em certa medida, motivada pelos gramáticos latinos que, em vez de investigarem a língua cotidiana impressa nos documentos, menosprezavam-na.

⁸ De acordo com Coutinho (1969, p. 53), eram pequenas tábuas de chumbo, bronze, estanho, mármore ou terracota, nas quais eram escritas fórmulas mágicas de encantamento ou maldição.

O português, ao lado das línguas românicas, teve sua origem no latim falado, ou vulgar, utilizado de forma sublevada, indisciplinada, ou seja, a língua que realmente era utilizada sem preocupação com as normas prescritas do latim clássico.

De acordo com as informações em Tarallo (1990⁹), no século II a. C, os romanos conquistaram política e culturalmente toda a região da Península Ibérica. Assim, com a imposição do latim, as línguas de origem ibérica e/ou céltica caíram em desuso. No entanto, o latim trazido pelos romanos foi, aos poucos, distanciando-se de suas origens românicas e, a imposição do latim, fez as línguas nativas desaparecerem. Esse latim foi sendo aos poucos distanciando das origens românicas devido às interferências regionais e às sucessivas invasões de outros povos, como os germânicos, no século V d.C, e os islâmicos no século VIII d. C, entre outros, originando o românico, “nome convencional englobando múltiplos e variadíssimos falares regionais, em que se diferenciou o latim por toda a Romênia, durante a primeira parte da Idade Média” (TARALLO, 1990, p. 82).

Com a separação da Península Hispânica em reinos, no século XI d.C, Portugal desmembrou-se de Castela e Leão e desenvolveu um tipo de românico peculiar – a língua portuguesa. No século XIII d.C, esse território foi se expandindo para o sul, incorporando Lisboa e Algarve. Nesse momento, a língua portuguesa literária florescia em face do castelhano e do catalão, e a escrita corrente foi substituindo o latim, já desfigurado pela influência da fala, pelo galego-português¹⁰.

No período renascentista, Portugal expandiu o território das letras e dos mares (COUTINHO, 1969, p. 56). A língua portuguesa iniciou seu processo de expansão pelas ilhas do Atlântico, Costa da África e Ásia. No Brasil, chegou em 22 de abril de 1500, final do século XV, e a variedade trazida estava saindo do período arcaico (do século XII ao XVI) e entrando no moderno (do XVI em diante).

⁹ Tarallo utilizou os postulados de Câmara Junior, titulado em *História e estrutura da língua portuguesa*.

¹⁰ Denominação dada por Teyssier (1982) e Coutinho (1969). Mattos e Silva (2001) discute a designação de galego-português. Para a autora, esse problema não é somente de caráter diacrônico, mas diatópico. A partir do trabalho de Maia (1986), Mattos e Silva (2001, p. 18) diz haver uma “possível diferenciação dialetal da língua falada a que se poderia opor uma primeira fase do período pré-moderno, em que haveria uma unidade galego-portuguesa, refletida na documentação escrita, e uma segunda fase em que se poderia definir a distinção entre o diassistema do galego e o do português.”

1.1.1 Aqui Começa o Português Brasileiro

A história oficial relata que o primeiro contato do português em solo brasileiro foi com os índios que viviam em aldeias seminômades, os Tupi e Guarani, e em vários pontos litorâneos, os Tupinambá e os Tupiniquim. Nessas terras indígenas habitadas no litoral brasileiro entre a Bahia e o Rio de Janeiro, a língua era semelhante e os índios tinham costumes parecidos. Situação análoga à encontrada pelo latim na Península Ibérica.

Para estabelecer contato com os povos nativos, os colonizadores precisaram aprender os dialetos e os idiomas indígenas. Silva Neto (1963) explica que, nesse momento da História, predominou a língua geral¹¹ – um pidgin¹² ou *coiné* simplificado, de origem tupi. Essa língua, denominada por Mattos e Silva (2008a) de tupi jesuítico, foi utilizada na atividade catequética até o século XVII e, mais tarde, descrita e estudada por Anchieta. A mesma autora argumenta que essa língua geral, mais tarde, juntamente com todas as outras línguas indígenas faladas em território brasileiro, acabou se tornando um risco para a hegemonia do Português no Brasil.

Os bandeirantes desbravaram estradas e domínios e também difundiram a língua geral nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e sul do país. Silva Neto (1963), utilizando os postulados de Teodoro Sampaio, expõe que os bandeirantes buscavam expandir os territórios portugueses e não a língua, que somente seria introduzida com o avanço do progresso nessas regiões. Isso, talvez, explique a grande influência do tupi no léxico brasileiro.

A língua geral predominava entre os casais de portugueses com índias, prevalecendo a língua da mãe. Padre Vieira, em 1694, endossa que a língua que se falava por aqui era a dos índios. O português era aprendido na escola (BIDERMAN, 2002; SILVA NETO, 1963, p. 55).

Devido à resistência do índio ao trabalho escravo, foi necessário buscar nos africanos a mão de obra para as lavouras de cana-de-açúcar. Dessa forma, ao componente indígena soma-se a contribuição africana. O tráfico de escravos para o trabalho em canaviais

¹¹ A língua geral, falada em toda a costa brasileira, “era simples e de reduzido material morfológico; não possuía declinação nem conjugação.” (SILVA NETO, 1963, p. 53).

¹² Segundo López Morales (1993), *pidgin* é uma língua de contato, criada de forma espontânea de uma mistura de línguas, servindo como meio de comunicação entre falantes de línguas diferentes. Naro e Scherre (2007, p. 31) discutem, baseados em Couto (2002 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 3), que a denominação *pidgin* é essencialmente a mistura da estrutura do colonizado e léxico do colonizador. Não foi o que aconteceu em solo brasileiro, e sim, o contrário, o léxico indígena e africano com estrutura portuguesa. Neste trabalho, adoto a nomenclatura em concordância com os postulados de López Morales (1993), Silva Neto (1963), Mattos e Silva (2008a, 2008b).

na Capitania de São Vicente, no Recôncavo Baiano e em Pernambuco iniciou, oficialmente, quando o tráfico negreiro para o Brasil foi autorizado por um alvará de D. João III, datado de 29 de março de 1534, de acordo com Lucchesi (2009). Os povos africanos também se adaptaram a essa língua geral, que continuava a ser utilizada pelos colonos. Câmara Júnior (1976) afirma que os escravos que chegaram ao Brasil desenvolveram um português crioulo¹³ para se comunicar com os seus senhores. Mattos e Silva (2006) aponta que a língua que se falava nas casas e fazendas não era a língua portuguesa, mas uma língua com interferência das línguas africanas e indígenas.

Essa língua geral foi amplamente utilizada até meados do século XVIII, principalmente nas regiões onde a catequese mais influenciou. Com a promulgação do Diretório dos Índios, por Pombal, no século XVIII, o português foi imposto como língua oficial aos habitantes da região Norte do Brasil. Dessa forma, em meio à diversidade étnica, cultural e linguística que imperava no Brasil, pode-se visualizar uma língua portuguesa acrescida dos aspectos e reflexos da realidade brasileira da época.

Além do contato indígena e africano, concordo com Mattos e Silva (2008a, p. 34) que:

[...] não se pode compreender a história do português no Brasil sem levar em conta, em pé de igualdade linguística e não apenas como contraponto, os aloglotas, o percurso histórico das populações e suas línguas que aqui conviveram e convivem com a língua portuguesa.

Dentro das questões que envolvem a origem do português em solo brasileiro, alguns autores discorrem sobre o legado lexical indígena. Segundo Noll e Dietrich (2010), foram incorporados ao léxico do PB cerca de 10 mil tupinismos, incluindo os topônimos. Os autores registram os exemplos: urubu, capivara, ipê, Bauru, Paraíba, entre outros. Essa herança cultural e linguística é evidenciada no léxico referente à fauna, flora, cozinha e nomes próprios, principalmente topônimos.

¹³ O crioulo, de acordo com as explicações de Mattos e Silva “[...] é uma língua natural, de formação rápida, criada pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis. Procurando superar a pouca funcionalidade das suas línguas maternas, estes recorrem ao modelo imposto (mas pouco acessível) da língua socialmente dominante e ao seu saber linguístico para constituir uma forma de linguagem veicular simples, de uso restrito mas eficaz, o *pidgin*, que posteriormente é gramaticalmente complexificada e lexicalmente expandida, em particular pelas novas gerações de crianças que a adquirem como língua materna, dando origem ao crioulo.” (Citação extraída do texto “Crioulos de base portuguesa”, de Dulce Pereira. Disponível no site “História da língua portuguesa”, sob responsabilidade do Instituto Camões).

Na concepção de López Morales (1993), língua crioula é uma língua mista – mescla de cultura e raças.

Lucchesi (2009) investiga a hipótese da criouliização e o legado africano. O autor comenta que, provavelmente, o português tenha atingido o nível de *pidgnização* e *criouliização*¹⁴ nas regiões habitadas por maioria negra e indígena, que não chegou ao português culto dos grandes centros que mantinham relações estreitas com Portugal.

Como exemplo de africanismos no campo lexical, são registradas as palavras moleque, jiló e cochilar, como aponta Coutinho (1969). Há ainda estudos que buscam no cotejo dos dados sintáticos do PB e do Português Europeu (doravante PE) a gênese do idioma, como Santiago Almeida et al. (2009) Santiago Almeida (2009), Tarallo (1996), Naro e Scherre (2007), entre outros. Cada um expressa seu modo de ver os fundamentos do português no território brasileiro.

Não há restrições de que o contato entre o português e as línguas autóctones e africanas enriqueceu a linguagem corrente portuguesa no Brasil:

O vocabulário dos povoadores portugueses restringia-se por força, porque no Brasil não se encontravam dezenas e dezenas de coisas ou fatos do Reino. Mas, por outro lado, enriquecia-se-lhes a expressão com o adotar de numerosíssimos vocábulos designativos de coisas e fatos americanos. (SILVA NETO, 1963, p. 43).

Em relação à fonética e à sintaxe, Silva Neto (1963, p. 326) explica que “não se pode precisar, com justeza, toda a extensão da influência índio-negra na fonética e sintaxe português do Brasil.” Em concordância com as ideias de Coutinho, Naro e Scherre (2007), as variações sintáticas e morfofonológicas são discutidas não como reflexos de um possível crioulo, mas antes um processo de nativização¹⁵, propiciado por uma confluência de motivos, que sofreram “atração de forças de diversas origens – algumas oriundas da Europa; outras da América; outras, ainda, da África [...]”, sugerindo que as mudanças ocorridas aqui, são, na verdade, um resultado da deriva¹⁶ da língua.

Neste trabalho, o PB é apreendido como uma junção de vozes advindas de todos os que aqui habitavam e foram, a seu tempo, estabelecendo-se. Sem dúvida, índios e africanos, mesmo tendo aprendido o português por força da circunstância, deixaram suas marcas na língua falada que hoje conhecemos, sem esquecer os imigrantes, que ricamente contribuíram para o desenvolvimento agrícola e industrial do país. A língua portuguesa

¹⁴ Itálicos do autor.

¹⁵ Nativização é o processo que se dá na incorporação de uma “língua vinda de fora e que se torna nativa da comunidade, perdendo total ou parcialmente a plena funcionalidade de suas línguas maternas anteriores.” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 15).

¹⁶ Utilizo a conceituação proposta por Sapir (1921 apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 26): “a língua se move ao longo do tempo num curso que lhe é próprio.”

brasileira recebeu e recebe contribuições de toda sorte, assim como a lusitana em seu espaço e tempo. Dessa forma, acredito que as variações que aqui se deram, e continuam seu rumo, são parte de um processo próprio e natural ao sistema que se abre a toda heterogeneidade ordenada e dependente de fatores estruturais e sociais que possibilitam a sistematicidade das variantes. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

De forma ampla, entendo que fazer o percurso histórico da constituição da língua portuguesa é imprescindível para qualquer trabalho que vise a investigar o português, seja em qual modalidade se dê, evidenciando, justamente, as peculiaridades que constituem a língua brasileira e, neste trabalho, a paranaense, em seu estado pretérito. Em sentido *stricto*, passo à especificidade da formação do sistema vocálico do português, base dos fenômenos descritos nesta dissertação, novamente perfazendo um circuito histórico, salientando a importância da diacronia para entender fatos sincrônicos.

1.2 A EVOLUÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS

Antes de iniciar a descrição histórica do processo de formação e evolução do quadro de vogais da língua portuguesa, é salutar frisar que o sistema vocálico contemporâneo é resultante de um processo longo que teve seu início outorgado pelas modificações ocorridas na língua latina clássica. A principal mudança ocorreu com a perda de quantidade¹⁷ do traço fonológico do sistema vocálico latino clássico. A partir daí, a expansão do território romano, as conquistas e invasões de povos diversos, foram, ao seu tempo, dinamizando a língua.

1.2.1 Do Latim Clássico ao Vulgar

O latim vulgar diferenciou-se do clássico nos níveis vocabular, fonético, morfológico e sintático. Por meio de registros do latim clássico e do material acessível do vulgar são apontadas as diferenças em relação ao quadro de vogais.

¹⁷ De acordo com Tarallo (1990, p. 95), as vogais breves e longas (quantidade) do latim diferenciavam os casos ablativo, nominativo, por exemplo. Essa quantidade deu lugar a um sistema acentual prosódico, diferenciando as vogais em abertas e fechadas.

Quadro 1- Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao vulgar

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR
ī = anterior, alta, longa	i
ĭ = anterior, alta, breve	e = anterior, média, fechada
ē = anterior, média, longa	
ĕ = anterior, média, breve	e = anterior, média, aberta
ā = central, baixa, longa	a
ă = central, baixa, breve	
ō = posterior, média, breve	o = posterior, média, aberta
ō = posterior, média, longa	o = posterior, média, fechada
ū = posterior, alta, breve	
ū = posterior, alta, longa	u

Fonte: Tarallo (1990).

A redução do número de vogais do latim clássico para o vulgar é devida à perda da função distintiva das vogais do latim clássico, que diferenciava o caso ablativo do nominativo, por exemplo, pela quantidade da vogal (breve ou longa). Coutinho (1969) explica que primeiro desapareceu a quantidade das vogais átonas, depois das tônicas. Esse desaparecimento acabou dando lugar ao quadro do vulgar, baseado num sistema prosódico acentual. Desse modo:

As vogais passam a ser condicionadas pela incidência ou não do acento e, quando átonas, pela sua posição antes ou depois do acento. Assim se eliminou a quantidade como traço vocálico distintivo e se estabeleceram três quadros diversos para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais. (CÂMARA JUNIOR, 1976, p. 40).

Essa redução de vogais foi mais acentuada nas pretônicas e nas átonas finais. As vogais tônicas foram qualitativamente classificadas em abertas ou fechadas. Segundo Tarallo (1990), que segue a classificação de Câmara Júnior (1976), essa diferenciação em relação às pretônicas não acontecia no latim vulgar, uma vez que as vogais que poderiam assumir tal posição se restringiriam a cinco:

Quadro 2- Vogais pretônicas no latim vulgar

/i/	/u/
/e/	/o/
/a/	

Fonte: Tarallo (1990)

Esse quadro se reduziu a três para as átonas finais. De acordo com Câmara Júnior, “as vogais átonas finais, já no português propriamente dito, passaram a constituir um quadro de três vogais, em que a série posterior arredondada se reduziu a uma única vogal /u/ (escrita tradicionalmente –o) e a série anterior, depois de um estágio /i/ - /e/, também se reduziu a /e/.” (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p. 41).

Quadro 3 - Vogais postônicas finais no latim vulgar

/e/	/o/
/a/	

Fonte: Tarallo (1990)

Conforme Tarallo, tudo indica que esse comportamento vocálico foi incorporado ao português e trazido para o Brasil, no fim do século XV. De acordo com Teyssier (1982, p. 11):

[...] se considerarmos não mais o sistema, mas sim as palavras tomadas individualmente, verificamos que em posição tônica o timbre das vogais de palavras do galego-português e também do português contemporâneo permaneceu o mesmo do latim imperial (vulgar). [...] Este notável caráter conservador do vocalismo português — convém advertir — comprova-se como uma tendência geral.

1.2.2 Do Latim Vulgar ao Português

O português permaneceu ágrafo até o século IX. Os documentos escritos desse período se reduzem a poucas inscrições e, segundo Coutinho (1969, p. 56), “só por conjectura é que se pode formar uma idéia do romance então falado.” O mesmo autor explica

que a língua portuguesa falada foi hegemônica até o início do século XII, quando apareceram +os primeiros documentos escritos inteiramente em português, como os *Cancioneiros Trovadorescos*, *Nobiliários*, *Orto do Espôso*, de composição literária. O primeiro documento não literário escrito em língua portuguesa foi o testamento do primeiro rei de Portugal, Afonso II, em 1214, conforme consta em Mattos e Silva (2001). Nesses manuscritos, a escrita, denominada fonética¹⁸, refletia traços da oralidade, por não haver sistematicidade reguladora da grafia, que só veio a ter uma intenção normativizadora no século XVI, com Fernão de Oliveira, e sua *Grammatica da lingoagem portuguesa*, e também com a *Grammatica da lingua portuguesa*, de João de Barros. Anteriormente a esse período, entre os séculos IX e XII, os textos eram escritos em latim bárbaro, com a presença de algumas palavras portuguesas (COUTINHO, 1969, p. 56-57).

Por meio desses primeiros textos é que foi possível reconstruir o quadro fonológico da língua portuguesa. O quadro vocálico das tônicas permaneceu completo na passagem do latim vulgar para o português, já o das átonas sofreu algumas reduções. É o que segue.

1.2.2.1 As vogais tônicas

Tarallo (1990) explica que na configuração de um sistema vocálico determinado pelo timbre, as vogais tônicas, por receberem o acento primário, foram as que mais se preservaram na passagem do latim vulgar para o português. O autor expõe a seguinte evolução, em concordância com Câmara Júnior (1995):

¹⁸ Uma descrição mais detalhada sobre os períodos pelos quais passou a ortografia da língua portuguesa está em Coutinho (1969, p. 72).

Quadro 4- Grau de manutenção das vogais tônicas no português

Latim	Português	
/a/	/a/	<i>pratum</i> > prado
/e/ aberto	/e/ aberto	<i>terra</i> > terra
/e/ fechado	/e/ fechado	<i>acetu</i> >azedo
/i/	/i/	<i>ficu</i> >figo
/o/ aberto	/o/ aberto	<i>rota</i> >roda
/o/ fechado	/o/ fechado	<i>amore</i> >amor
/u/	/u/	<i>virtude</i> >virtude

Fonte: Tarallo (1990)

Conforme o quadro de Tarallo, o número de vogais tônicas na passagem do latim para o português é sete. Fernão de Oliveira, em 1536, apresentava oito vogais que poderiam assumir a posição tônica, diferenciadas de acordo com o timbre: “a” grande do “a pequeno”, “e grande” do “e pequeno” e “o grande” do “o pequeno”. Essa era a situação do português padrão de Lisboa, no período arcaico. A diferenciação entre o “a” grande e pequeno não foi instaurada no português brasileiro, como foi a dos pares “e” e “o”, como em *f[e]sto* e *f[ɛ]sta*, *form[ɔ]sos* e *f[o]rmoso*¹⁹.

Sem dúvida, essa correspondência não é absoluta. Tarallo (1990) explica que ela é atribuída ao trabalho dos neogramáticos e suas gramáticas históricas, na tentativa de salientar uma regularidade às mudanças linguísticas. Porém, são várias as irregularidades encontradas na derivação do latim vulgar para o português, como em *v[ɛ]lu*, com /e/ longo, ou seja, fechado, que deveria então ter a forma *[vɛ̄]* e não *[vɛ]*²⁰. Ou ainda o /e/ longo de *pag[ɛ]nse*, que teria de derivar para /e/ fechado, e evoluiu para /i/ em *[pāis]*. Situações assim são explicadas por estágios não atestados do latim, ou por analogia. No primeiro exemplo, Coutinho (1969) explica como sendo uma analogia a *[pɛ̄]*, o segundo, como sendo uma palavra derivada do francês *[pēi]*²¹.

Câmara Júnior (1995, p. 43), seguindo a linha estruturalista estabelecida no Círculo Linguístico de Praga, em 1926, e levando em consideração o dialeto carioca,

¹⁹ Exemplos de Mattos e Silva (2001, p. 50).

²⁰ Exemplo retirado de Coutinho (1969, p. 104).

²¹ Transcrição da palavra país, em francês.

estabeleceu o quadro vocálico do PB análogo ao apresentado por Tarallo (1990) em relação à evolução do latim vulgar para o português arcaico.

Quadro 5- Vogais tônicas do português

	Não-arredondadas		Arredondadas	
Altas	/i/		/u/	
Médias Altas	/ê/	/ô/	(2º grau)	
Médias Baixas	/e/	/o/	(1º grau)	
Baixa	/a/			

Fonte: Câmara Junior (1995).

1.2.2.2 As vogais átonas pretônicas

Coutinho (1969, p. 102) assevera que dentre as vogais átonas, as pretônicas iniciais são as que mais resistiram à mudança; “talvez isso se explique pela influência do antigo acento latino de intensidade inicial”.

Viegas (1987), utilizando exemplos de Williams (1975), descreve a passagem das vogais pretônicas para o português:

Quadro 6- Passagem das vogais do latim vulgar para o português

Latim vulgar	Português	
/e/	/e/	<i>caepūllam</i> > cebola
/i/	/i/	<i>dīcendum</i> > dizendo
/o/	/o/ [u]	<i>fōrmicam</i> > formiga
/u/	/u/	<i>dūrāre</i> > durar

Fonte: Coutinho, (1969, p. 102).

Porém, essa regularidade é atravessada por palavras que não podem ser explicadas por tal condicionamento, como em [e]clm̃s̃am> [i]greja, s[e]rui&mos> s[i]rvamos. Interessante observar que na passagem de eclm̃s̃am para igreja não houve aférese da vogal /e/ desapoiada, como aconteceu com as palavras como inamorare>namorar, attonitu>tonto (COUTINHO, 1969, p. 102), e também não manteve o fonema /e/, porém, como bem explica Viegas (2001, p. 66-67):

[...] isto não implica que igreja não tenha tido [e], em alguma variedade do português. Temos registrado *egreja* XIII, *ygreja* XII em Cunha (1982), e em Maia (1986: 530) encontramos: a) *egrega*; b) *igleia*, *ygreias*; c) *eigreia*, *eygreya*.

Além da aférese nas pretônicas iniciais, outro processo pelo qual passou o sistema vocálico na passagem do latim para o português foi a síncope dessas vogais quando em sílaba não inicial e adjacentes à tônica, como em *bonit&te>bondade*, *verit&te>verdade*, *aperire>abrir* (COUTINHO, 1969, p. 103).

A flutuação das vogais pretônicas também era um fenômeno comum no latim vulgar e acabou sendo herdado pelo português. Essa flutuação ocorria num sentido ascendente do /e/ e /o/ para /i/ e /u/, como em *tesouro>tisouro* (arc.) e *sorriso>surriso*; ou descendente do /i/ e /u/ para /e/ e /o/, como em *f◆g&re>fogir* (arc.)>*fugir* (Silva Neto, 1956, p. 110).

Essa tendência à alternância era rechaçada pelos gramáticos do início do século XVI ao século XVIII, em Portugal, por ser evidente na fala popular (FREITAS, 2001, p. 14). A mesma autora observa que, no início do século XVIII, a pronúncia de palavras estava relacionada a estratos sociais e dialetos regionais. Silva Neto (1956), acrescentando o registro de D. Jerônimo de Algarve, documentou esse fato ao mencionar a tendência dos lisboetas em pronunciar o /e/ fechado, como característica do “bem falar”. Já as oscilações entre as médias altas e as altas, como em *p[e]daço>p[i]daço*, *d[i]zer>d[e]zer* (de dizer) eram peculiares a falantes de Algarve.

Tanto no português quanto no latim, das sete vogais tônicas, apenas cinco assumem a posição pretônica.

Quadro 7- Vogais pretônicas do português

/i/	/u/
/e/	/o/
/a/	

Fonte: Câmara Junior (1995).

Viegas (1987), citando o trabalho de Thomas Hart (1955), explica que, provavelmente, no português arcaico, momento de oscilação entre as pretônicas, houve a fusão das vogais /e/ e /o/ em /i/ e /u/, respectivamente, e que a distinção entre elas foi reintroduzida por analogia com outras formas da mesma palavra.

Em relação à pronúncia das pretônicas, Brasil e Portugal apresentam divergências. Bisol (1981, p. 231), utilizando os estudos de Franco de Sá (1915), explica que enquanto no Brasil há ambiguidade de som, ora mais próximo do /i/, ora mais semelhante ao /e/ átono em espanhol, em Portugal, a tendência é pronunciar o /e/ como mudo, como *p'ssoa*, *p'zar*, *qu'rer*.

Portanto, a alternância entre as pretônicas é um fato proveniente do latim, atingindo o português arcaico e chegando até os dias de hoje. Fernão de Oliveira, em 1536, já assinalava:

Das vogaes antre u e o pequeno ha tanta vezinhença q̄asi nos confundimos dizendo hu^os somir e outros sumir: e dormir ou durmir /e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto antre i e e pequeno como memoria ou memorea/ gloria: ou glorea. (OLIVEIRA, 1536, Cap. XVIII).

Mesmo após a restauração, no século XVIII, do /o/ etimológico na língua portuguesa moderna, permanece a alternância entre as vogais posteriores /o/ e /u/, estendendo-se também à anterior /e/, que sobe para /i/ em algumas regiões do Brasil, como vêm mostrando muitos estudos variacionistas sobre o alçamento de vogais pretônicas, caracterizando esse fenômeno, muitas vezes, como diferenças dialetais. (VIEGAS, 1987).

1.2.2.3 As vogais postônicas

Assim como as pretônicas, as vogais postônicas sofreram modificações na passagem do latim vulgar para o português. Elas podem ocupar duas posições na sílaba: não-final ou final.

Em relação às finais, Coutinho (1969, p. 106) explica que elas podem cair, ou se modificar, conforme o que já se registrou sobre as pretônicas. De acordo com o autor, quando isso ocorre, o fenômeno é denominado síncope e acontece nas postônicas finais se o fonema vocálico formar sílaba com as consoantes anteriores, ou seja, quando estiver após r, l, s, z e n. Como em: *amore>amor, debere>dever, pane>pan (arc.)>pão*. Se as postônicas forem /i/ e /u/, elas podem se modificar para /e/ e /o/, respectivamente, configurando o processo de abaixamento, como em *dixi>disse, fructu>fruto, metu>medo*. O autor não registra casos de elevação de /e/ e /o/ para /i/ e /u/.

O quadro vocálico correspondente às postônicas finais, diante ou não de /s/ para o PB, segundo Câmara Júnior (1995), é o seguinte:

Quadro 8- Vogais postônicas finais do PB

Altas	/u/	/i/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Júnior (1995)

Sobre as postônicas não finais, Coutinho (1969) escreve que na passagem do latim para o português houve uma tendência em transformar palavras proparoxítonas em paroxítonas, dessa forma, as postônicas não finais de proparoxítonas, com exceção de /a/, geralmente caíam. Ele cita os exemplos: *calidu>caldo, viride>verde, manica>manga*.

De Paula (2010) explica que, de acordo com os estudos de Naro (1971), antes da expansão marítima, no século XVI, a realização do /e/ e do /o/ postônico final apresentava um ligeiro levantamento diante de pausa, mas que não chegava a se realizar como /i/ e /u/. Após o século XVI, esse contexto muda, e o /o/ passa a /u/, perdendo o traço distintivo, como em *fósf[u]ro, abób[u]ra*²², porém, o /e/ permanecia inalterado. A justificativa dada pelo autor é de que o esforço para se levantar a posterior é menor do que para a anterior.

²²Exemplo retirado de Bisol (2003).

De Paula (2010) ainda explica que, aproximadamente, a partir de 1938, no Brasil, o /e/ em início e final de palavra passa a /i/; contudo, em sílaba pretônica não inicial, como em *ven[e]rador*, e postônica não final, como em *núm[e]ro* não houve alteração.

No entanto, quando há uma vogal alta na sílaba seguinte, estudos contemporâneos preveem a elevação da vogal média.

Câmara Júnior (1995), levando em consideração a perda do traço que distingue dois fonemas, reduz o quadro vocálico das postônicas não finais para quatro vogais.

Quadro 9- Vogais postônicas não finais

Altas	/i/	/u/
Média	/e/	/.../
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Júnior (1995)

Viegas (2001, p. 35) resume a descrição que fiz até aqui sobre o estabelecimento do quadro vocálico, desde o latim até o português contemporâneo:

- A “lei geral” da passagem das vogais do latim ao português apresenta exceções;
- O alçamento (elevação no timbre da vogal média para a alta) é processo antigo no português;
- Não há consenso quanto à pronúncia da vogal média no Brasil recém-descoberto;
- A vogal média tomou no Brasil rumos diversos daqueles tomados por essa vogal em Portugal.

A história da constituição do quadro vocálico do português fornece subsídios para a compreensão da língua utilizada no século XIX, uma vez que não se pode ignorar o estado pretérito, tampouco o contemporâneo, em qualquer espécie de investigação linguística, seja diacrônica ou sincrônica.

Durante a passagem do sistema de vogais de um estágio da língua para outro, vão se interpondo processos fonológicos decorrentes de fatores prosódicos,

fonotáticos²³ e morfológicos que também são responsáveis pela evolução desse sistema. Em função disso, passo à descrição de alguns desses processos que são essenciais para a análise do *corpus* deste trabalho.

1.3 OS PROCESSOS FONOLÓGICOS ENVOLVIDOS NA VARIAÇÃO

Antes de passar à descrição dos processos fonológicos priorizados neste estudo, saliento que não proponho a discussão desses processos. As palavras são descritas e analisadas quanto ao condicionamento favorável à ocorrência do alçamento e do abaixamento.

Neste sentido, fonema é entendido como “um feixe de traços distintivos que ganha realidade gramatical no seu contraste com outros feixes em ambientes fonéticos idênticos” (CÂMARA JÚNIOR, 1953, p. 44). Depreende-se, assim, que os fonemas podem variar de acordo com fatores internos – os ambientes fonéticos, ou externos – o contexto e as peculiaridades do falante. São essas variações que caracterizam tais processos. O primeiro deles, mencionado por Câmara Júnior ([1970]1995) e Bisol (1981), é a harmonização vocálica.

1.3.1 Harmonização Vocálica

Conforme visto (1.2.2.2), a flutuação entre as vogais médias de 2º grau e as altas é herança do latim, passando pelo português arcaico e chegando ao moderno. Bisol (1981) discutiu em sua tese de doutoramento os casos de harmonia como regra variável, a depender de contextos fonológicos precedentes e seguintes, vocálicos e consonantais. Para a autora, “a harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto”, como acontece em *v[e]stido* e *c[o]ruja*, comumente utilizados na linguagem coloquial como *v[i]stido* e *c[u]ruja*. (BISOL, 1981, p. 259). Esse processo foi destacado também por Silva Neto (1963).

Segundo Câmara Júnior (1995), diante de /i/ e /u/ tônicos, o /e/ e o /o/ só vão aparecer em vocábulos formais²⁴, não utilizados cotidianamente. O autor explica que

²³ De acordo com Vitória (2007, p. 2) “Todas as línguas possuem regras que determinam as posições em que cada som ou seqüência de sons pode aparecer – são as chamadas regras fonotáticas.”

²⁴ O conceito de vocábulo formal é discutido por Basílio (2004) considerando os postulados de Bloomfield e Câmara Júnior. A autora explica que a proposta de Câmara vai de encontro à de Bloomfield ao considerar

distinções entre *c[o]mprido* e *c[u]mprido* somente são perceptíveis na grafia dessas palavras, devido à harmonização no primeiro vocábulo, ou quando é necessário impor a vogal média em favorecimento da distinção da palavra, como em *s[o]ar* em contraste com *s[u]ar*. O mesmo autor também salienta que em palavras derivadas, o /e/ e o /o/ não dão lugar às altas correspondentes, quando nas primitivas as pretônicas forem tônicas, como em *rodo* > *r[o]dinho* e não *r[u]dinho*, *pelo* > *p[e]ludo* e não *p[i]ludo*.

Outro aspecto destacado é a influência morfológica nos casos de diminutivos com a vogal média posterior tônica. Se o vocábulo não perde o sentido primitivo, o /o/ é mantido, como em *folha* > *f[o]lhinha* (pequeno), porém, se a palavra tem a mesma estrutura, mas sem noção de diminutivo, a vogal átona tende a ser elevada, como em *folha* > *f[u]lhinha* (de calendário).

Outro contexto em que as pretônicas elevam seu traço de altura é em situação de infinitivos com hiato seguido de /a/ tônico, como em *voar* > *v[u]ar*, *passoar* > *pass[i]ar*. Para Câmara Júnior (1995, p. 45), esse processo é chamado de debordamento, uma “variação, ou melhor, flutuação dentro do sistema, que atrofia ou hipertrofia elementos dele.”

O próximo processo a ser descrito é a neutralização, também destacado por Câmara Júnior (1995).

1.3.2 Neutralização Vocálica

A neutralização vocálica é um conceito advindo dos preceitos fundamentados por Nikolai Trubetzkoy, no Círculo Linguístico de Praga (BISOL, 2009), e caracteriza as alterações no quadro vocálico, dependendo do acento e da posição na palavra (antes ou depois da tônica). De acordo com Bisol (2003), Câmara Júnior (1953) foi o primeiro a caracterizar a perda de traço distintivo dos fonemas na passagem da pauta tônica para as átonas (pretônica, postônica não final e final), no português, como neutralização, registrada também por Silva Neto (1963) e Souza da Silveira (1934).

De acordo com Câmara Júnior (1953), sendo perdida a tonicidade, anulam-se as oposições entre /è/ e /e/, de um lado, e entre /ò/ e /o/, do outro, sendo assim, os dois fonemas ficam reduzidos a apenas um. Diante disso, o quadro vocálico vai, gradativamente, sendo reduzido de sete para cinco, quatro e três vogais, respectivamente, tônico, pretônico,

como vocábulo formal as formas livres: nomes, verbos, artigos, preposições, etc., excetuando-se os pronomes clíticos.

postônico não final e postônico final. Isso acontece devido ao enfraquecimento da sílaba e à elevação das vogais médias. Esse processo de neutralização, segundo Bisol (2003), é natural e sempre resulta em um sistema mais simples.

Na passagem do quadro das tônicas para as átonas pretônicas, pauta desta dissertação, os fonemas /e/ e /^{◌̄}/, /o/ e /^{◌̄}/ perdem a distinção entre si. Bisol (2009)²⁵ exemplifica esse processo nas pretônicas, *b[^{◌̄}]lo > b[e]leza*, *s[^{◌̄}]l > s[o]lar*. A autora explica que esse tipo de neutralização é “comum nos dialetos que se estendem do centro para o sul ou do centro para o norte.” (BISOL, 2003, p. 270).

Em relação à pauta postônica, Bisol (2003) vem contestando os postulados de Câmara Júnior. Sobre as postônicas finais, o quadro é reduzido para três vogais /a/, /i/ e /u/, como em *verd[i]*, *bol[^{◌̄}]*, e *cas[^{◌̄}]*. Essa distinção das não finais é relativamente discutível, uma vez que o autor se valeu do dialeto informal carioca para estabelecer esse quadro. Bisol (2003) mostrou que essa elevação flutua dependendo da região. Com dados de uma pesquisa realizada por Vieira (2002 *apud* BISOL, 2003), é possível ver que há variedades da fala que fazem essa elevação escassamente, como Curitiba, e outras que fazem categoricamente, como Porto Alegre. Nos casos levantados por Câmara Júnior (1953) e Bisol (2003) há evidências de que se trata de um processo de mudança em direção a um quadro vocálico mais simples. E, uma vez que esse processo é variável em muitas comunidades, a autora salienta que essa elevação das vogais médias tende a se generalizar no PB.

Em relação às postônicas não finais, os fonemas que perdem a distinção são /o/ e /^{◌̄}/, em favor da vogal alta, como em *fósf[o]ro > fósf[u]ro* e *abób[o]ra > abób[u]ra*. Esse quadro assimétrico estabelecido por Câmara Júnior (1953), no qual há quatro vogais /u/, /o/, /e/ e /a/, pode ser explicado em termos fisiológicos. Isso acontece porque as vogais /o/ e /u/ estão mais próximas uma da outra do que /e/ e /i/, o que não permite que aconteça, por exemplo, a pronúncia *núm[i]ro*, em vez de *núm[e]ro*. Bisol (2003), no entanto, explica que são encontrados casos de levantamento da vogal /e/ em posição não final, dependendo do ambiente silábico em que se encontram, como nos exemplos *alfând[e]ga > alfând[i]ga*, *córr[e]go > córr[i]go*, portanto, esse quadro, como o das átonas finais, também está em busca de regulamentação no PB.

A redução vocálica é também investigada atentando para os processos de alçamento de médias altas e abaixamento de altas na pauta pretônica.

²⁵ Vale salientar que Bisol (2009) discorda desse quadro proposto por Câmara Júnior, asseverando que o português possui apenas dois subsistemas de átonas: pretônicas e átonas finais. Segundo a autora, na sílaba postônica não final, os dois subsistemas de átonas estão em conflito, isto é, variam entre o das pretônicas e o das átonas finais. Para explicar sua posição, ela utiliza a teoria da fonologia autosegmental.

Alçamento

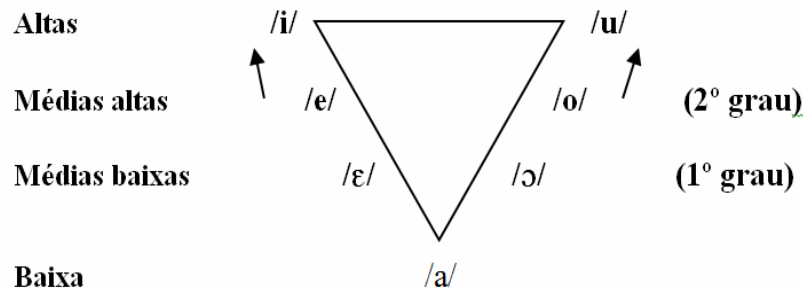
Inicialmente, é importante salientar a distinção entre os processos de harmonia vocálica e alçamento. Harmonização é um processo assimilatório de timbre vocálico, conforme já exposto acima, que ocorre em casos como *m[e]nino > m[i]nino*, *p[o]sturas > p[u]sturas*, quando a vogal média alta assimila o timbre da vogal alta. Já o alçamento, também chamado de alteamento, é um processo de redução vocálica comum no PB, que alterna o traço [-alto] para [+alto] nas vogais médias altas em direção às altas²⁶, que pode acontecer em posição pretônica, postônica não final ou postônica final, como em *pr[e]sidente > pr[i]sidente*, *pér[o]la > pér[u]la*, *dente[e] > dente[^{alt}]*, respectivamente. O alçamento pode acontecer influenciado por outros contextos fonético-fonológicos, como a presença de consoantes adjacentes.

De acordo com Bisol (2009), alçamento e harmonização são processos diferentes, uma vez que aquele consiste na redução e corresponde a um processo de neutralização, este consiste na assimilação de traços.

O alçamento é assunto de estudos relacionados à alternância no quadro vocálico das pretônicas, postônicas não finais e finais, no intuito de depreender as regras que regem tais variações. A maioria dos trabalhos realizados focaliza os dialetos do sul, sudeste, centro-este e nordeste. A figura 1 representa o movimento que as vogais realizam no processo de alçamento: a vogal anterior /e/ passa a /i/ e a vogal posterior /o/ passa a /u/.

²⁶ O processo também pode ocorrer com as médias baixas (1º grau) em relação às médias altas (2º grau), porém, não é o foco deste estudo.

Figura 1- Movimento das vogais que caracteriza o alçamento



Fonte: Bisol (2009)

Embora grande parte das pesquisas se volte para os *corpora* sincrônicos do PB, muitos deles recorrem a dados históricos da língua, buscando na diacronia possíveis evidências etimológicas para as oscilações atuais no quadro vocálico.

Os casos de alçamento de pretônicas na variedade gaúcha foram investigados, inicialmente, por Bisol (1981). Para ela, a elevação das pretônicas segue uma regra variável de harmonização vocálica, ou seja, alguns vocábulos são mais atingidos que outros.

Em suas análises, a autora constata ainda que a harmonia entre vogais homorgânicas é mais frequente. A vogal alta /i/ provoca o alçamento das médias /e/ e /o/, enquanto que a vogal /u/ atua mais sobre a média /o/. A conclusão é de que a vogal /i/ é mais alta do que a vogal /u/. Aspectos fisiológicos explicam a constatação:

Isso parece indicar que o que está em jogo é o traço de altura e não a harmonia de timbres. Então a atenção que sobre si chama, na maioria das vezes, a articulação alta de uma vogal seguinte, faz com que a língua por economia de espaço articulatório vá de antemão se preparando para ela, alterando a prolação da média precedente. (BISOL, 1981, p. 113).

A autora, a partir de sua análise minuciosa no dialeto gaúcho, formulou algumas regras que condicionam o fenômeno, salientando a consoante adjacente no ambiente pretônico. Além das vogais altas presentes na sílaba contígua, favorecem a elevação de /e/ em qualquer contexto, a velar e palatal. Esta última mostrou dados questionadores em relação ao contexto precedente, ora favorecendo, ora desfavorecendo. A labial pode favorecer o alçamento quando em contexto precedente e inibi-lo em contexto seguinte. A alveolar²⁷

²⁷ Conforme Cristóvão Silva (2003, p. 37), as consoantes alveolares são /t/, /d/, /s/, /z/, /n/, /l/, /ʃ/, /ʒ/, /ʎ/, /r/. As labiais: /p/, /b/, /m/. As labiodentais, /f/ e /v/. As velares: /k/, /g/, /ŋ/ e /ŋ/. Palatais: /ç/, /j/. E as alveopalatais dʃ/, /tʃ/, /ç/ e /j/.

impede a aplicação da regra. Também a nasalidade do /e/ propicia o alçamento, porém, o mesmo não acontece com a vogal /o/ quando nasalizada. Outro contexto produtivo é o do /e/ quando está em início de sílaba travada por /S/.

Bortoni, Gomes e Malvar (1992), embasadas em Naro (1971), explicam que a elevação das vogais, em Portugal, deve-se a dois processos de contaminação de prefixos:

Generalização pela imagem de espelho, para a posição pretônica, da elevação das átonas finais /i/ e /u/, consolidada ao final do século dezoito; e confusão ou contaminação do prefixo em->in-, com o prefixo erudito in-, e de eis- ou es-, derivado de ex- com ens-, derivado de ins-. O resultado foi a alternância de em-~in- e es- ~ens- ~ins- ~is- em posição inicial. (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 13).

Bisol (1981) comenta que, com relação à vogal /o/, a consoante alveolar também desfavorece o alçamento. Também inibe, no contexto precedente a consoante palatal e, no seguinte, a velar. A palatal, entretanto, é ambiente favorável se estiver no contexto seguinte. A consoante labial se mostra ambiente propício à elevação da vogal /o/ tanto no contexto fonológico precedente quanto no seguinte. Além desses condicionamentos fonológicos, a autora ainda descreve outros, mas que não se mostraram relevantes para o trabalho proposto.

Sem desprezar a perspectiva diacrônica, a mesma autora faz um percurso histórico desde o *Appendix Probi* (séc. VI d.C), passando pelo período medieval, estendendo-se ao XVI e XVII, período de grande oscilação no sistema vocálico e de chegada da língua ao Brasil, até o *Compêndio de Orthographia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Lingua Portuguesa*, de Madureira Feijó (1795), para mostrar que as modificações ocorridas há milênios são as mesmas que dirigem as flutuações de hoje, direcionadas para alguns contextos, ao menos em relação ao dialeto gaúcho. Para Bisol (1981), esse processo de evolução está enraizado no próprio sistema linguístico, como uma tendência natural, que prossegue uma deriva inerente, seguindo em direção à sua própria história. A autora, dessa forma, ratifica o uniformitarismo de Labov (1975).

Viegas (1987), ao investigar o alçamento de pretônicas na região de Minas Gerais, afirma que esse fenômeno está associado a diferenças dialetais e, em sua tese de doutoramento (2001), busca respaldo histórico para análise dos itens lexicais que não podem ser explicados por regras. A autora escreve que “a dimensão histórica do processo tem fundamental importância, embora o estudo feito não seja um estudo tipicamente etimológico, nem tipicamente filológico” (VIEGAS, 2001, p. 64). Segundo ela, os mineiros elevam o traço

das vogais médias em *c[u]mida*>*comida*, *s[i]ria*<*seria* e *ac[u]mpanhou*<*acompanhou*, (apresentando a vogal alta na sílaba imediatamente seguinte), mas também elevam a vogal média em *s[i]nhora*, *m[u]leque*, *c[u]stela* e *m[i]lhor* (sem o ambiente vocálico favorecedor). Daí a importância em se ressaltar o ambiente consonantal adjacente como fator de bastante relevância nos estudos desse fenômeno, sem descartar o étimo da palavra.

Ao verificar o alçamento em pares com caráter distintivo, com marca de oposição como em *P[e]ru* (capital) X *p[i]ru* (ave), Viegas (1987) corrobora a observação de Câmara Júnior (1953, 1995) de que esse fenômeno não está totalmente condicionado a aspectos internos da língua, mas também ao uso informal, a situações de coloquialidade, assegurando o caráter social que esse fenômeno pode abarcar.

Em relação ao alçamento de postônicas, De Paula (2010) cita o trabalho de Vieira (2002) como referência para outros que estão investigando essa posição silábica. De Paula (2010) explica que a autora investigou na variedade sulista (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) os condicionamentos fonológicos que favorecem a elevação das vogais e, segundo Vieira (2002), o quadro vocálico do português, apresenta cinco vogais, independentemente da posição da sílaba tônica, uma vez que é determinado pelo contexto fonético, contrariando o postulado de Câmara Júnior. De Paula (2010) afirma ainda que o alçamento de /e/ e /o/ postônico não final é favorecido pelo contexto precedente: para o /o/, uma consoante labial, e para o /e/, as fricativas.

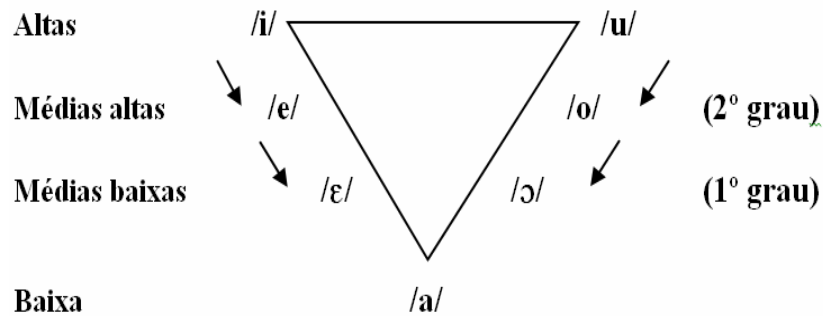
Outro processo encontrado na língua portuguesa com características semelhantes, porém, que caminha na direção contrária, é o abaixamento.

Abaixamento

Estudos sobre o processo de abaixamento de vogais altas são pouco encontrados na literatura. A questão aqui levantada é se isso decorre do fato de haver mais casos de alçamento em detrimento dos de abaixamento, tanto nos estudos sincrônicos, quanto nas análises diacrônicas. Por haver poucos estudos sobre abaixamento e algumas hipóteses para serem investigadas, acredito que esta pesquisa contribuirá na teorização do fenômeno que, como já pude verificar, carece de aprofundamento e de mais pesquisa.

O abaixamento configura a passagem de um traço [+ alto] para [- alto]. A alternância pode acontecer entre as médias de segundo grau e as médias de primeiro, ou entre as altas e as médias altas, conforme ilustra a figura 2:

Figura 2 – Movimento das vogais que caracteriza o abaixamento



Fonte: Bisol (2009)

Grande parte dos trabalhos realizados sobre o abaixamento descreve a fala sincrônica e analisa os casos de diminuição do traço da vogal média alta em sílaba pretônica, como o de Silva (1989), autora da regra categórica do timbre para o dialeto baiano. Essa regra prevê que as vogais pretônicas /e/ e /o/ [-nasal], recebem o traço [-baixo] antes de /e/ e /o/, como em *c[e]rveja*, *[e]feito*, ou seja, em contexto de mesma altura. Nos demais contextos, ocorre o abaixamento para /^ɛ/ e /^ɔ/, como em *esp[^ɔ]rtivo*, [^ɛ]clipse. Essa regra, em cotejo com os resultados do sul e centro-oeste, caracteriza o traço regional que distingue os falares do norte. Como a autora se valeu de amostras do projeto NURC-SSA²⁸, houve a hipótese de esse fenômeno estar relacionado ao contexto social, o que a fez elaborar a regra variável do timbre.

Já na região centro-oeste, Callou, Leite e Coutinho (1991), utilizando o método variacionista, procuraram delimitar a regra de harmonia vocálica no dialeto carioca, a partir do *corpus* do projeto NURC do RJ. As autoras constataram que a probabilidade de abaixamento de vogais médias altas na pauta pretônica é pouco significativa nesse dialeto, e os casos em que podem acontecer são restritos, como:

- (i) quando se acrescenta a uma palavra que tenha a vogal média baixa tônica os sufixos diminutivos -(z)inho(a) ou os de superlativo -íssimo, érrimo, etc., ou ainda o formador de advérbio -mente e (ii) por harmonização vocálica a uma vogal tônica baixa (remete, Pelé, bolota, etc.) (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991, p. 74).

²⁸ O projeto NURC – Norma Linguística Urbana Culta – foi introduzido no Brasil por Nelson Rossi, em 1969 e, atualmente, desenvolve-se em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Esse projeto descreve os padrões reais de uso da língua por falantes cultos, ou seja, com escolaridade de nível superior. Rossi foi o coordenador nacional e coordenador do NURC-SSA até sua aposentadoria. O *corpus* do Projeto NURC/SSA tem sido tratado em vasta produção de artigos, comunicações e capítulos de livros, além de se constituir em *corpus* básico para numerosas teses de Doutorado e dissertações de Mestrado. Explicação retirada do site do Projeto ALiB. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibNurc>>.

Nas evidências relacionadas tanto ao abaixamento quanto ao alçamento de vogais pretônicas, as ocorrências do fenômeno são condicionadas a regras que favorecem a elevação ou diminuição do traço das vogais, porém, há inúmeros exemplos de palavras que não podem ser enquadradas em nenhuma regra até então formulada. Por exemplo, no dialeto carioca, as autoras supracitadas, encontraram realizações como *d[ɛ]rrubam*, *fev[ɛ]reiro*, que não evidenciam ambiente fonológico já postulado como favorecedor do abaixamento, assim, conjecturam a presença da consoante líquida influenciando o fenômeno, entretanto, não se estendem a atestar a hipótese²⁹.

Com relação ao abaixamento de vogais altas, o resultado da pesquisa bibliográfica foi desolador e animador. Desolador, por haver poucos trabalhos para consulta, pelo menos disponibilizados. Por outro lado, a escassez de pesquisas que tratam desse fenômeno me desafia a percorrer um caminho pouco desbravado e a instigar novas pesquisas.

Dentre os poucos trabalhos encontrados sobre o abaixamento de altas, está a dissertação de mestrado de Amaral (1996), que examinou a ocorrência desse fenômeno como regra variável na fala dos moradores da campanha gaúcha. O autor relata que teve duas motivações para a realização da pesquisa. A primeira foi a constatação do uso de palavras como *c[o]nhado* < *cunhado*, *d[e]reito* < *direito* e *c[o]idado* < *cuidado* nessa região. E a segunda se refere ao caráter diacrônico do fenômeno. O trabalho de Fernandes (1982 apud AMARAL, 1996) faz a descrição de palavras com incidência de vogais abaixadas presentes no *Cancioneiro Geral* e em textos do português medieval, como:

²⁹ Sobre o assunto, ainda podem ser citados os trabalhos de Castro (1990) que, em sua dissertação de mestrado, analisou o abaixamento das pretônicas médias no falar mineiro de Juiz de Fora. Bortoni, Gomes e Malvar (1992), pesquisaram os dialetos regionais e sociais no Distrito Federal, e examinaram a atribuição do traço [+baixo] presente na fala das famílias provindas da Paraíba.

<i>Sogeyçam</i>	(Jorge de Aguiar)
<i>Podesse</i>	(Pero da Ponte)
<i>Sospiro, coidado</i>	(Martin Codax)
<i>Fogir, podesse, mestura</i>	(Francisco de Sá Miranda)
<i>Creatura, ssogeyçam</i>	(Álvaro de Brito a D. Afonso, 1516)
<i>Entegramente, posermos, directo</i>	(Testamento de Afonso II, 1214)
<i>Escoreção</i>	(Demanda do Santo Graal, século XIV)
<i>Creado</i>	(Camões – Os Lusíadas)

Mesmo que os dados descritos sejam somente da escrita, é possível verificar que as vogais altas /i/ e /u/ foram alternadas para as médias altas /e/ e /o/ na grafia encontrada nos documentos elencados por Fernandes (1982) e descritos por Amaral (1996).

Como fundamentação teórica, Amaral utilizou os parâmetros estabelecidos pelos trabalhos que trataram do abaixamento em médias, como os supracitados. O autor explica que “o abaixamento é processo semelhante no sentido de que é a modificação do parâmetro relativo à ‘altura’ ou ao ‘ponto de articulação’ da vogal, e que, justamente, por isso, deve apresentar contextos e regras semelhantes.” (AMARAL, 1996, p. 19).

Neste trabalho, tomo como ponto de partida para a descrição do abaixamento as indicações de Amaral, acreditando que, embora as duas investigações trabalhem com *corpora* diferenciados, em algum momento elas possam dialogar, e também me respaldo nas gramáticas históricas, fontes de pesquisas etimológicas genuínas, uma vez que os manuscritos analisados são do século XIX.

Neste capítulo, procurei descrever, de forma ampla, a história da língua portuguesa, desde a sua origem latina, passando pelo português arcaico até chegar ao moderno. A constituição do português em solo brasileiro propicia a compreensão de algumas especificidades nessa variedade, entendendo o processo de mudança como inerente ao sistema. Iniciando o percurso que deve ser trilhado neste estudo, voltado à variação do quadro vocálico, descrevi a mudança ocorrida através dos séculos, enfatizando o contexto pretônico, foco desta investigação, pautada nos postulados de Tarallo (1990) e Câmara Júnior (1995). Os processos fonológicos envolvidos na variação desse sistema foram relatados em conformidade com os estudos de Câmara Júnior (1953), Bisol (1981), Viegas (1987, 2001) e Amaral (1996), autores que tratam principalmente dos fenômenos temáticos desta dissertação: alçamento e abaixamento.

Partindo das considerações sobre a constituição da língua e dos processos fonológicos que agem sobre ela, no capítulo seguinte, são descritas as teorias que alicerçam esta pesquisa, a Linguística Histórica e a Teoria Variacionista e, também nesse momento do

texto, são apresentados dois modelos distintos que procuram explicar a implementação da mudança linguística: o neogramático e o da difusão lexical.

CAPÍTULO 2

OS APORTES TEÓRICOS

Este capítulo traz algumas considerações sobre as teorias que embasam esta dissertação, como a epistemologia da Linguística Histórica e da teoria Variacionista, de William Labov. Primeiramente, destaco a vertente sócio-histórica da Linguística Histórica, em seguida, passo pelo estruturalismo de Saussure, considerado o pai da Linguística Moderna, para então chegar aos fundamentos da teoria da mudança linguística, de Weinreich, Labov e Herzog (2006). Também apresento os dois modelos teóricos que são considerados quando se fala em implementação da mudança sonora: o dos neogramáticos e o dos difusionistas.

2.1 OUVIR O INAUDÍVEL³⁰

Neste trabalho, é imprescindível a aliança entre os preceitos variacionistas e os da linguística histórica. Desta forma, são tomados os preceitos da Linguística Histórica sócio-histórica *stricto sensu*, a qual, segundo Mattos e Silva (2008b, p. 10), considera fatores intralinguísticos e extralinguísticos ou sociais, e é dependente, diretamente, da filologia, “uma vez que tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os *corpora* indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração.”

Utilizo as palavras de Santiago-Almeida et al. (2009, p. 69) para delimitar filologia como “o estudo da língua em toda a sua plenitude – linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico etc. – no tempo e no espaço, tendo como objeto o texto escrito, literário e não-literário [manuscrito e impresso].”

Silveira Bueno (1967, p. 9) faz uso das palavras do alemão Schleicher³¹ para conceituar a filologia como “ciência histórica”. O mesmo autor postula que o trabalho do

³⁰ Metáfora de Roger Lass, utilizada por Mattos e Silva (2008b) no subtítulo do livro “Caminhos da Linguística Histórica”. Como os linguistas históricos somente dispõem de dados escritos para a descrição de uma provável língua em uso no passado, é preciso “ouvir o inaudível”, uma vez que não há acesso nem a falantes, nem a gravações.

³¹ August Schleicher, linguista da metade do século XIX, tinha orientação fortemente naturalista. Inspirado nas ideias de Darwin, o pesquisador tomava a língua como um organismo vivo, tendo sua existência fora dos falantes, ou seja, realizada invariavelmente. Propôs uma tipologia das línguas e uma classificação das línguas indo-europeias a partir da fala e não de textos - um grande passo metodológico para os estudos linguistas. (FARACO, 2007).

filólogo é árduo e está voltado, sobretudo, para a hermenêutica³² e para a crítica textual, pois os documentos que retratam a memória passada devem ser estudados de acordo com os pressupostos da verdade e da autenticidade.

Cambraia (2005, p. 18) também designa o trabalho filológico como essencial ao crítico-textual, pois é “o estudo global de um texto, ou seja, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto: lingüístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc.”

Diante desse trabalho filológico, muitos são os descaminhos e as dificuldades enfrentados pelos pesquisadores que se lançam na árdua tarefa de descrever a língua portuguesa no seu estágio pretérito. Primeiramente, por não haver registro oral dessa época, as conclusões teóricas são sempre aproximativas e, se não houver um tratamento científico apropriado e cuidado no manuseio dos dados, o resultado do trabalho pode não ser confiável.

A esse respeito, Labov (1981), no clássico *Building on empirical foundations*, expõe o seu ponto de vista:

The traditional treatment of variation in historical linguistics is not very different from the traditional treatment in synchronic analysis. A successful analysis eliminates variation: if not by stating the environmental distributions that completely determine the occurrence of variants, then by labeling some variants as borrowings, others as scribal errors. Many historical texts show less variation in their edited and published form than in the original manuscripts, through changes made by editors who followed this line of thinking³³. (LABOV, 1982, p. 34).

Segundo, porque essa “língua do papel” nem sempre apresenta condição satisfatória para transcrição e edição dos dados registrados. E, ainda, um terceiro empecilho (para não me estender demais) está na precariedade e, muitas vezes, indisponibilidade do

³² Etimologicamente, o termo hermenêutica provém do verbo grego *hermeneuein*, e dentre seus significados está o de interpretar ou esclarecer. O filólogo hermeneuta crítico deve ser capaz de esclarecer, interpretar, compreender e comunicar os possíveis pontos difíceis de elucidação assegurando a fidedignidade dos textos estudados. Kincheloe e Mc Laren (2006, p. 287) em consonância com Silveira Bueno (1967) postulam que “o ato hermenêutico da interpretação envolve o entendimento daquilo que foi observado de forma a comunicar a compreensão.”

³³ “O tratamento tradicional da variação em linguística histórica não é muito diferente do tratamento tradicional em análise sincrônica. Uma análise bem-sucedida elimina variação: se não pelas indicações contextuais que determinam completamente a ocorrência de variantes, ou então rotulando algumas variantes como empréstimos, outras como erros de escribas. Muitos textos históricos mostram menos variação em sua forma editada e publicada que nos manuscritos originais, devido a alterações feitas por editores que seguiram esta linha de pensamento” (tradução nossa).

material para consulta e pesquisa. Por isso, o trabalho em linguística histórica consiste em fazer “bom uso de maus dados” (LABOV, 1994).

Apesar dos percalços, são esses documentos remanescentes que vão “falar”, resgatar a memória de uma tradição linguística e permitir o acesso aos aspectos passados de costumes, lugares. Essa tradição pode ser recuperada, também, por meio das gramáticas históricas, porém, o registro ali compilado se remete ao uso artificial da língua, ou seja, literário, não retratando o uso vivo (TONIOLO, 2007). Esta pesquisa se respalda nas gramáticas históricas de Madureira Feijó (1734), Leão (1784), Coutinho (1969). Também no dicionário de Morais Silva (1949) e na obra etimológica de Cunha (1986).

Sem dúvida, se a Linguística Histórica é a linguística da escrita, há que se considerar que sem fala, não há escrita (MATTOS E SILVA, 2008b), e que não há outro meio de descrever fatos linguísticos de séculos anteriores ao XX, senão por meio desse riquíssimo material que a história, por cuidado caprichoso³⁴, legou aos pesquisadores. Mattos e Silva (2008b, p. 21) comenta que:

Sendo a documentação escrita que permanece e sendo ela uma representação convencional da fala, teremos o reflexo da fala, que permite tirar conclusões, até certo ponto seguras, no nível morfofônico, já que, não havendo uma normatização, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz, ou seja, da língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo. Também a ausência de controle normativo faz com que no texto medieval³⁵ a variação seja constante, fato que também pode ser indicador de usos variáveis da fala. (MATTOS E SILVA, 2008b, p. 21).

Porém, ainda assim, as investigações histórico-filológicas precisam ser revestidas de prudência, uma vez que a escrita pode refletir a voz dos antepassados, mas não em sua totalidade. Os textos escritos, por excelência, são imbuídos de preceitos formais que fogem à língua falada, “mesmo os manuscritos produzidos durante o período chamado ‘fonético’ da ortografia portuguesa não reproduziam com rigor certas distinções fonológicas – e muito menos as fonéticas” (TONIOLO, 2007, p. 21). Além dos aspectos ortográficos, há que se considerar “a pena” de quem escreveu esses documentos. Variações nos registros de algumas palavras podem demonstrar conhecimento maior ou menor dos preceitos gramaticais vigentes no século XIX, ou ainda alguma erudição por parte do escriba, refletida em

³⁴ “[...] the fragments of the literary record that remain are the results of historical accidents beyond the control of the investigator.” (LABOV, 1982, p. 20). “os fragmentos da documentação escrita que permanecem são o resultado de acidentes históricos para além do controle do investigador.” (tradução de MATTOS E SILVA, 2001, p. 29).

³⁵ O mesmo pensamento está sendo considerado, nesta investigação, para a análise de textos do século XIX.

flutuações que remetem às etimologias latinas. Por isso, o apuro sobre a genealogia dos signatários é muito relevante neste tipo de investigação, bem como o contexto histórico-social e o linguístico no qual estavam inseridos. De acordo com Faraco:

Não é adequado no trato das mudanças das línguas falar em lei em sentido absoluto, porque a história das línguas não está submetida apenas a princípios gerais, constantes e necessários, mas – sendo produto da atividade humana – está antes submetida às contingências e vicissitudes da própria vida concreta dos falantes, da história peculiar de cada grupo e de cada sociedade humana. (FARACO, 2007, p. 57).

2.2 A PEDRA ANGULAR³⁶

Ao desenvolver um estudo no âmbito linguístico, seja em qual vertente se dê, é imprescindível mencionar os postulados estruturalistas de Saussure e da primeira escola funcionalista, ou seja, do Círculo Linguístico de Praga, ocorrido em 1926. Por mais que o legado saussureano ainda demande questões sobre a sua pertinência, é inegável a autoridade deste autor para os linguistas, seus esforços para criar uma ciência autêntica da linguagem, até então embasada em abordagens históricas, pelos comparatistas, no final do século XIX.

Na década de 60, contrapondo em muitos aspectos a visão de Saussure, William Labov encontra na heterogeneidade linguística o seu porto seguro. A partir dos trabalhos na comunidade de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, e sobre a estratificação do inglês nova-iorquino, nos quais evidenciou mudanças fônicas, desenvolveu um modelo de interpretação dos fenômenos linguísticos alternativo à linha estruturalista com o objetivo de associar língua e sociedade, vendo a variação linguística como algo inerente do sistema heterogêneo. Estes trabalhos fundamentaram uma nova reflexão para os estudos históricos, proposta em 1968, por Labov, Herzog e o orientador de ambos, Weinreich.

³⁶ A pedra angular em uma construção é considerada a pedra fundamental sobre a qual se alinha toda a edificação. Nos estudos linguísticos, é imprescindível considerar as teorias saussureanas como angulares, uma vez que nelas se basearam todas aquelas que vieram posteriormente. Também, tal como os pressupostos de Saussure, os princípios labovianos são as pedras angulares nas propostas de descrição de dados, fundamentadas na ideia de que a língua é uma estrutura ordenadamente heterogênea e as variações não são entendidas como arbitrárias, pelo contrário, devem ser incorporadas sistematicamente à descrição e à teoria linguística, posto que são partes integrantes do sistema. (LÓPEZ MORALES, 1993).

2.2.1 Estruturalismo Funcionalista³⁷

É inegável o nome de Ferdinand de Saussure no âmbito linguístico. Mesmo sem ter escrito de seu próprio punho o *Curso de Linguística Geral*, em 1916, foram as suas ideias que se perpetuaram nos estudos acadêmicos, ora levantando questões críticas a respeito do seu legado, ora como uma introdução à disciplina Linguística. Não há como iniciar qualquer trabalho relacionado à linguagem sem conhecer os pressupostos teóricos que a constituíram, em sua essência cientificamente fundamentada.

Relacionando os fundamentos saussureanos aos que interessa a esta dissertação, deixando de lado importantes apontamentos que sustentam a linguística moderna, mas não os relegando, vou me ater às contribuições herdadas pela linguística histórica.

Mattos e Silva (2008b) explica que tendo estabelecido a *langue* como um sistema autônomo, homogêneo, que preexiste ao indivíduo, Saussure lançou as bases para os estudos sincrônicos, nos quais os fatos linguísticos são vistos como estáticos, imanentes, contemporâneos, sem apresentar interesse pelo tratamento diacrônico, e assim criou um impasse para a mudança linguística, transferindo à *parole* essa tarefa. Saussure não negou a existência da mudança, apenas não se preocupou em estudá-la, uma vez que seu intuito maior era a solidificação de uma nova ciência, lançada sobre base segura, o que só um sistema imutável poderia proporcionar. Segundo Faraco, o modelo estruturalista de Saussure se baseia numa visão atomista da mudança, isto é, o autor “entendia que as mudanças das línguas no tempo não se constituíam num complexo sistema de dependências recíprocas, mas apenas alteravam o valor de elementos do sistema tomados isoladamente.” (FARACO, 2007, p. 156).

Essa dedicação à *langue* e ao estudo sincrônico foi cultivada por alguns estruturalistas americanos. Os europeus, ao contrário, viam na língua um sistema vulnerável a mudanças intrínsecas, lançando as bases para uma fonologia diacrônica. (MATTOS E SILVA, 2008b).

Em 1926, no Círculo Linguístico de Praga, os russos Nikolai Trubetzkoy e Roman Jakobson estendem o método estrutural saussureano ao estudo histórico da língua. Foram eles que, baseados nas ideias de Saussure, elaboraram os fundamentos da fonologia. Esses autores acreditavam, fundamentalmente, na proposta teleológica, na qual se aceita que a mudança degenera o equilíbrio do sistema linguístico e o próprio sistema busca a regeneração

³⁷ Termo utilizado por Mattos e Silva (2008b) para designar o trabalho de Roman Jakobson que, no Círculo Linguístico de Praga, juntamente com Nikolai Trubetzkoy, lançou as bases para o funcionalismo, a partir das ideias estruturalistas de Saussure. Assim, a língua passa a ser considerada no seu contexto social, unem-se sistema e função na explicação dos fatos linguísticos.

por meio de novas mudanças. Então, a mudança tem uma finalidade: restabelecer o equilíbrio. (FARACO, 2007).

O Círculo Linguístico de Praga foi importante para os estudos fonológicos, acrescentando ao método estrutural o estudo histórico da língua, conforme explica Mattos e Silva (2008b). Jakobson foi quem primeiro lançou os *Princípios de Fonologia Histórica*, em 1931, apenso ao tratado de Trubetzkoy – *Princípios de Fonologia*, publicado em 1949, em Paris. Assim, esse autor é considerado o pai da fonologia, ao lançar o primeiro manual teórico básico da fonologia desenvolvido anos mais tarde. (MATTOS E SILVA, 2008b).

Nas famosas *Teses de 1929*, apresentadas no Círculo Linguístico de Praga, citadas por Faraco, lê-se:

A concepção da língua como sistema funcional deve ser levada também em consideração no estudo dos estados lingüísticos passados, que se trate de reconstruí-los, quer se trate de constatar sua evolução. [...] Se, em linguística sincrônica os elementos do sistema da língua são considerados do ponto de vista das suas funções, também as mudanças sofridas pela língua não podem ser julgadas sem que se tenha em conta o sistema afetado por tais transformações. Seria um erro supor que as mudanças lingüísticas constituem apenas ataques destrutivos que se produzem ao acaso e que são, do ponto de vista do sistema, heterogêneos. (FARACO, 2007, p. 156-157).

Jakobson, em 1931, já mencionava a questão da harmonia entre os elementos fônicos, dizendo que é ela a responsável pelo equilíbrio do sistema. Porém, é Martinet quem vai estabelecer as bases sólidas para o estudo da fonologia diacrônica, explorando os conceitos de função, estrutura e economia³⁸. Para esse autor, o aspecto fonético é considerável, uma vez que a assimetria do aparelho fonador pode acarretar mudança. Dessa forma, alia fatores internos a externos como condicionantes de mudanças linguísticas, uma vez que o sistema lingüístico, embora bem estruturado, via de regra, apresentará algum ponto latente favorecedor da mudança. De acordo com Faraco (2007, p. 162), a crítica ao trabalho de Martinet repousa no fato de que “os fatores externos ao sistema na interpretação dessas mudanças só são aceitos depois de esgotados todas as possibilidades de condicionamentos internos”, o que acarreta uma visão reducionista da questão.

³⁸ Mattos e Silva (2008b, p. 38) explica que a função refere-se à distinção dos fonemas. É necessário que esses fonemas sejam distintos para que a comunicação aconteça. Em relação à função, a autora escreve que “concebendo a estrutura fonológica, de certo modo, como uma hierarquia de subsistemas e especificando-a do menos amplo para o mais amplo em pares de correlações, Martinet demonstra que quanto mais integrado, nesses feixes, correlações e pares opositivos, mais estável é o fonema. Assim tenderá a não mudar”. Sobre a economia, refere-se à antiga lei do menor esforço.

Levando em consideração os estudos dialetológicos do final do século XIX, que já apontavam nas diferenças dialetais (geográficas) relações com a vida e a história das sociedades, e também as inovações trazidas pela Sociolinguística, acrescentando ao contexto geográfico a dimensão social como fator de variação no sistema, entra em cena uma teoria que une a perspectiva imanentista (estrutural) às perspectivas histórica e social para o estudo da mudança linguística.

2.2.2 A Mudança Linguística: Weinreich, Labov E Herzog

Desde os primórdios das investigações sobre a mudança linguística, os estudiosos procuram entender esse processo. Ao longo do tempo, a forma de apreensão e caracterização dessa mudança diverge, quer focando o parentesco entre as línguas ou seu estágio evolutivo, quer abstraindo-a do foco de análise. Porém, o estudo da variação de formas flutuantes, entendida como início de mudança gradual, só foi incorporado com o modelo variacionista. De acordo com Bisol:

[...] quando se fala em variação inerente, o tema são as formas variantes de uma regra categórica, presentes nos idioletos que constituem o corpus da descrição real de uma determinada língua. Descrivê-la por uma metateoria que se libertou das amarras de uma sincronia oposta à diacronia foi o objeto da Teoria da Variação que lhe deu formato de regra probabilística, cuja operabilidade funcional ao processo da mudança contínua de uma língua pode ser predita. (BISOL, 1981, p. 23).

As dicotomias de Saussure vigoraram durante algum tempo no campo de pesquisas linguísticas, privilegiando dados sincrônicos da *langue* em detrimento dos diacrônicos da *parole*. Pesquisadores que se associavam a essa ideia simplesmente ignoravam a questão sócio-histórica da linguagem, preocupados com os argumentos internos do sistema e deixando esquecidos os aspectos cruciais do funcionamento linguístico: a heterogeneidade e mudança.

Em 1965, o americano William Labov escreveu o artigo *On the Mechanism of Linguistic Change*³⁹ para o 16º Encontro Anual na Universidade de Georgetown. Nesse artigo, o autor já predizia uma nova forma de interpretação dos dados linguísticos, voltada, sobretudo, para a heterogeneidade da realidade linguística. Esse novo modo de encarar os

³⁹ Mattos e Silva (2008b), “O mecanismo da mudança linguística” (tradução nossa).

fatos da língua relaciona as variações inerentes a todas as línguas a fatores externos, tanto geográficos quanto sociais, entrando em cena a Sociolinguística.

Faraco (2007) ressalta que dentro dos aspectos sociais, os sociolinguistas perceberam a relação entre uma determinada variante e a faixa etária do indivíduo, e a predominância de uma variável entre os jovens ou entre os idosos que poderia indicar mudança em progresso, com uma variante sobressaindo a outra. Dessa forma, estaria introduzida a dimensão histórica no estudo da variação, mesmo que ainda somente no tempo aparente. Afirma o autor:

Com esse tipo de estudo, a sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes, estratificadas social e estilisticamente, coexistem e fases em que elas entram em concorrência, ao cabo da qual uma termina por vencer a outra, podendo, por vicissitudes do processo, subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá. (FARACO, 2007, p. 186-187).

O método ideal seria aquele que comportasse a frequência da sistematicidade das ocorrências de variáveis, ou seja, a mensuração da variabilidade. (FARACO, 2007). O autor ainda explica que nessas pesquisas, o fenômeno da variação não se dá de forma aleatória, mas sistematicamente, ou seja, há organização na heterogeneidade.

Do estruturalismo homogeneizante sincrônico de Saussure até a heterogeneidade inerente de Labov vão-se 49 anos. A evolução teórica precisou retroceder aos trabalhos dos dialetólogos⁴⁰, em fins do século XIX, para ultrapassar as noções de sistema imutável e chegar a um estágio no qual se reconhece que sistematicidade e variabilidade não se excluem, e sim, complementam-se.

Os professores da *Columbia University*, de Nova Iorque, Weinreich, Labov e Herzog juntaram suas reflexões advindas de trabalhos anteriores e elaboraram uma nova diretriz para os estudos históricos. O trabalho escrito conjuntamente, *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, foi apresentado no Simpósio *Direções para a Linguística Histórica*, que ocorreu no Texas, em 1966. Os autores propunham ultrapassar a primazia sincrônica nos estudos linguísticos e resgatar para a Linguística Histórica uma posição de centralidade nas pesquisas, bem como renová-la teórica e metodologicamente.

⁴⁰ De acordo com Faraco (2007), os dialetólogos perceberam que os dialetos não apresentavam regularidade e uniformidade e que essas são características de qualquer variedade de língua.

(FARACO, 2006⁴¹). Segundo Mattos e Silva (2008b, p. 25), “estava lançada no campo a teoria da variação e mudança da sociolinguística americana.”

Essa teoria tem como princípio uma revisão crítica dos modelos estruturalistas anteriores, e dos neogramáticos. Os primeiros excluía as variações dos estudos linguísticos, uma vez que não se acometiam da *parole*, e os segundos isolavam o idioleto como objeto principal do estudo linguístico. Dessa forma, os autores ultrapassam os paradoxos introduzidos pelos adeptos da concepção homogeneizante de língua, e aliam os preceitos dialetológicos e sociolinguistas utilizando seus fundamentos empíricos para refletir sobre a heterogeneidade natural das línguas vivas, unindo estrutura e história, sincronia e diacronia, para conceber o processo de mudança linguística, contrariando os velhos ditos saussureanos. Segundo os autores, em uma comunidade complexa, a língua sempre vai ser heterogênea e “a ausência dessa heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 36).

Weinreich, na introdução do ensaio, sugere que o modelo ideal para uma teoria de mudança linguística deve acomodar fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos e que:

Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 35).

Por fim, os autores, agora na “pena” de Labov⁴², sugerem cinco achados empíricos, ou problemas a serem tratados por qualquer teoria que busque a sistematização das mudanças linguísticas: (i) os fatores condicionantes; (ii) a transição (iii) o encaixamento; (iv) a avaliação e a (v) implementação.

Em (i), a questão é “determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança; na medida em que tal programa deriva de um estudo minucioso de mudanças em progresso, acreditamos que é possível avançar.”⁴³ O problema (ii) está relacionado aos estágios observados de uma mudança em progresso, ou seja, definir a “trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B.” Em (iii), os autores afirmam que

⁴¹ Apresentação do livro “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, (2006), de Weinreich, Labov e Herzog, tradução de Marcos Bagno.

⁴² Weinreich morreu antes de a obra ser publicada, porém os coautores deixam claro que “a perspectiva histórica, especialmente as seções sobre Paul e Saussure, é exclusivamente dele e a introdução também é obra de Weinreich, bem como a revisão do esboço final até a seção 2.4.” Deste momento em diante, é obra do segundo coautor. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 31).

⁴³ Para evitar a repetição da obra, a referência das páginas é colocada somente no final do parágrafo.

não há discordância entre os estudiosos de que as mudanças estão encaixadas no sistema, o desafio é definir se estão encaixados na estrutura interna ou na estrutura social. O problema (iv) diz respeito à avaliação do falante perante a mudança, uma vez que o “nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança que tem de ser determinada diretamente.” E, por fim, em (v), os autores ressaltam que o processo de mudança pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua, por isso, a teoria deve considerar o porquê de determinada variação ser implementada naquele determinado lugar e naquele determinado tempo. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 122-124).

Neste trabalho, procuro seguir os passos estabelecidos pela teoria da mudança linguística sugeridos pelos autores. Os fenômenos estudados são descritos de acordo com os ambientes fonológicos já preditos pelos estudiosos que desenvolveram pesquisas relacionadas. Para deprender as variações na grafia dos manuscritos oficiais, delimito o século XIX, procurando entender se nesse momento da história a escrita indicava a recorrência desses fenômenos. Como os documentos são notariais e, conseqüentemente, a escrita é, por excelência, uma modalidade mais regrada, talvez seja possível relacionar o ambiente formal à pressão que a oralidade exerce sobre a estrutura linguística.

Muitos são os campos a serem explorados em um trabalho histórico. Em relação à mudança linguística, o nível fonológico se destaca entre os estudiosos. Faraco (2007) admite que, devido a essa preferência, as descrições de fenômenos que abarcam esse nível partem de metodologias mais refinadas e há um vocabulário técnico razoável para ser utilizado como referência.

Quando se menciona o estudo da implementação da variação fonético-fonológica, logo sobressaem dois modelos teóricos que, embora distintos, contribuem potencialmente para os estudos de variação e mudança linguística: neogramático e difusão lexical. O que basicamente diferencia um modelo de outro é a unidade básica que controla a mudança, sendo o fonema para os neogramáticos, e a palavra para os difusionistas.

2.3 MODELO NEOGRAMÁTICO

O cerne da teoria neogramática é estabelecer leis gerais. Desde o final do século XVIII, estudiosos europeus buscam respostas sobre a mudança de formas linguísticas no tempo. Esse conjunto de pesquisadores tinha uma missão especial: chegar à primeira constituição de língua existente: a protolíngua. O método utilizado baseava-se em

comparações entre línguas para se verificar o possível parentesco entre as chamadas línguas indoeuropeias. No início de 1808, Schlegel publicou, na Alemanha, o texto considerado o ponto de partida dos estudos comparativistas, *Sobre a língua e a sabedoria dos hindus*. Nesse texto, o autor reforçava o parentesco lexical e gramatical entre o sânscrito, o latim, o grego, o germânico e o persa. (FARACO, 2007). Após Schlegel, Franz Bopp buscou o aparato interno dos sistemas linguísticos em detrimento do histórico, criando o método comparativo. Jacob Grimm, na segunda metade do século XVIII, primou pela importância do percurso histórico, por isso o método passou a se chamar histórico-comparativo. Faraco (2007, p. 135) explica que esse comparativista “interpretou a existência de correspondências fonéticas sistemáticas entre as línguas como resultado de mutações no tempo”, estabelecendo, assim, a sucessão histórica das formas cotejadas.

O comparativismo histórico foi criticado e superado por um grupo de estudiosos de Leipzig, na Alemanha, interessado em demonstrar “a ação e o princípio da regularidade da mudança linguística.” (TARALLO, 1990, p. 44). Os alemães Herman Osthoff, Karl Brugmann, August Leskien e Hermann Paul ficaram conhecidos como *Junggrammatiker*, ou jovens gramáticos⁴⁴.

Mattos e Silva (2008b) menciona o ano de 1878 como a data inicial do movimento, com a publicação do manifesto neogramático, de Osthoff e Brugmann, cujo teor trazia uma nova metodologia para os estudos históricos. Segundo os autores, esses estudos deveriam estar voltados para os mecanismos de mudança e não apenas descrever estágios remotos das línguas. O primeiro grande embate com a metodologia comparativista estava relacionado ao objeto de investigação. Enquanto os comparatistas se debruçavam sobre o papel, ou seja, a língua registrada nos documentos escritos, os neogramáticos se propuseram a investigar a língua do indivíduo, o idioleto.

Para os neogramáticos, a implementação da mudança se dá por meio do fonema. Labov (1981, p. 268) menciona um trecho do manifesto que expõe o pensamento desses estudiosos: “*that sound change is conditioned only by phonetic environments, and not by grammatical or semantic factors.*”⁴⁵ Os neogramáticos também acreditavam que as mudanças são condicionadas por fatores fonéticos que não admitem exceções, por isso, foneticamente graduais e lexicamente abruptas. Trata-se das famosas leis fonéticas. Nas

⁴⁴ Faraco (2007) comenta que esse título foi visto com tom depreciativo, por isso a designação “neogramáticos” prevaleceu, porém não é a correta tradução.

⁴⁵ “a mudança de som está condicionada apenas por ambientes fonéticos, e não por fatores gramaticais ou semânticos.” (tradução nossa).

palavras de Tarallo (1990), foneticamente gradual, porque a mudança ocorre por meio de etapas imperceptíveis e lexicalmente abruptas, porque afeta todas as palavras, sem exceção.

Esse momento dos estudos históricos é considerado por Tarallo (1990) como um divisor de águas, por caracterizar um novo modelo metodológico com rigor científico:

Sob o princípio da regularidade absoluta das leis fonéticas, ficaram excluídas da ciência lingüística interpretações casuais, fortuitas, para as irregularidades: os lingüistas se viram forçados a formular com precisão as tais leis ou, em último caso, a fornecer interpretações satisfatórias para as palavras que não haviam mudado conforme as leis, embora aparentemente preenchessem as condições para tanto. (FARACO, 2007, p. 143).

O autor salienta que quando as mudanças não pudessem ser explicadas pelas leis fonéticas, ou seja, quando fugissem às interpretações puramente fonológicas, os neogramáticos recorriam à interferência do plano gramatical no fônico, entendida como analogia⁴⁶, ou ainda relegavam-nas aos empréstimos lingüísticos (mistura de dialetos).

No fim do século XIX, a teoria neogramática atingiu seu ápice, sendo dominante entre os estudiosos da língua, com a publicação do manual que serviu de referência para as investigações diacrônicas do século XX, *Princípio da história das línguas*, de Herman Paul. Segundo Faraco (2007), Paul pregava uma linguística puramente histórica, vendo nos estudos a-históricos métodos incompletos de análise, e centrou seu foco na língua individual.

Ao fazer um minucioso percurso histórico sobre os modelos neogramático e difusionista, Viegas (2001) explica que Paul diferenciava alteração de alternância fonética, ressaltando seu interesse pelas alterações, ou seja, pelas mudanças já consumadas (não o processo em si) e causadas por fatores fonéticos, apenas. A autora ainda salienta que os neogramáticos “reconheciam alguns tipos de exceções, mas argumentavam que essas não aconteciam na maioria dos casos e que não invalidavam o modelo.” (VIEGAS, 2001, p. 30).

Assim, o conceito de lei fonética foi, de certo modo, relativizado. Para Bloomfield, segundo Faraco (2007), as leis não poderiam ser tomadas de forma absoluta, por tratar de fenômenos históricos e que a noção de irregularidade era tomada pelos neogramáticos como meio inexato de negar os fatores não fonéticos no processo de mudança.

Porém, não demorou muito para que esse método fosse duramente criticado, primeiramente, por não admitir irregularidades na implementação da evolução lingüística e,

⁴⁶ Segundo Bisol (1981, p. 18), a analogia era interpretada como “uma atividade mental que se opunha ao processo mecânico da mudança fonética, desvirtuando-lhe caminhos naturais.”

segundo, por aceitar “o nível fonético como único argumento para a mudança de uma língua.” (BISINOTTO, 2011, p. 21).

Para a análise dos fenômenos do alçamento e abaixamento, o modelo neogramático encontra seguidores no Brasil, como Bisol que entende o alçamento de pretônica como uma regra natural do português brasileiro. Segundo a autora, “as etnias e outros fatores sócio-culturais podem dar conta da gradação de uso, mas as forças imanentes que provocam essas flutuações devem ser encontradas nos princípios que regem o sistema lingüístico.” (BISOL, 1981, p. 32). A autora ratifica sua posição em estudo de 2009, *O alçamento da pretônica sem motivação aparente*, sobre o português do sul do Brasil, afirmando que a “a harmonização vocálica, no português brasileiro, de vivência remota, já atingiu grau de regularidade, manifestando-se como uma variação sistemática e estável.” (BISOL, 2009, p. 87). A autora ainda enumera trabalhos que corroboram tal afirmação, como Silva (1989) e Callou, Leite e Moraes (2002), entre outros.

Como uma crítica à aceitação de que a mudança propaga-se por meio do som e de que não há irregularidade no processo de evolução, surgiu em 1977, na China, os trabalhos de Wang e Cheng, defendendo uma visão oposta a dos neogramáticos. São os chamados difusionistas.

2.4 MODELO DIFUSIONISTA

Inspirados pela influência dialetológica e sociolinguista, a principal questão levantada pelos estudiosos da difusão lexical está relacionada ao modo como se processa a mudança sonora: se de forma abrupta, abrangendo todas as palavras ao mesmo tempo ou, de forma gradual, atingindo-as progressivamente.

Os difusionistas, sem negar a existência das leis fonéticas, foram além dos pressupostos imanentes e introduziram a noção de que:

[...] uma unidade sonora pode mudar de maneira diferente duma palavra para outra, o que significa que a expansão das mudanças é lenta, progressiva e diferenciada tanto no espaço geográfico, quanto no interior do vocabulário, sendo isso decorrência do fato de as condições de uso em que cada palavra se encontra não serem idênticas. (FARACO, 2007, p. 150-151).

Assim, a realidade da mudança é vista de forma mais ampla pelos difusionistas, ou seja, levando em consideração as condições concretas em que determinada palavra foi usada que, sem dúvida, invalida qualquer perspectiva homogênea.

Em 1977, os linguistas sino-americanos Wang, Chen e Cheng divulgaram um estudo referente à evolução de dialetos chineses, contrariando, principalmente, os postulados neogramáticos da regularidade e da unidade básica da mudança. Esses pesquisadores concluíram que a mudança propaga-se por meio da palavra e não do som, portanto, são consideradas foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Instaurou-se uma nova forma de explicar as irregularidades nas mudanças fonológicas. Nesse modelo, as mudanças podem ser explicadas por fatores fonológicos, gramaticais e semânticos, sem negar a importante posição do nível fonético na implementação dessas mudanças, sugerindo que “*exceptions to regular sound change might be caused by the over lapping operation of two rules in a bleeding relationship*”⁴⁷ (LABOV, 1981, p. 269). Tarallo (1990) comenta que, dessa forma, o desequilíbrio no sistema da língua acarretado pela mudança propicia novas mudanças regulares até restabelecer o equilíbrio, e não seria apenas explicado pela analogia.

Os difusionistas enfatizam o papel do léxico na mudança. Para eles, a palavra determina a sua história, independentemente dos contextos fonético-fonológicos do sistema. Para esses linguistas, toda mudança sonora é vista como mudança, e não somente as regulares; e as exceções não são apreendidas como um problema, pois, na seleção lexical, os itens vão ter comportamentos diferentes, sendo atingidos um a um, e não abruptamente, permitindo a associação de valores sociais no complexo entendimento do processo, no qual podem atuar fatores internos e externos. Além disso, a origem da palavra deve ser considerada (VIEGAS, 2001).

A partir de pesquisas realizadas sobre o Inglês falado na Filadélfia, Labov (1981) concilia ambos os modelos, apresentando um estudo no qual alguns processos de mudança sonora puderam ser explicados por meio da teoria neogramática, enquanto outros, pela difusão lexical.

The brief observations made of other changes in the history of English suggest that, in general, we can look for lexical diffusion in these shifts across subsystems, i.e. changes of abstract features, and Neogrammarian change within the subsystems⁴⁸. (LABOV, 1981, p. 299).

⁴⁷ “Exceções à mudança fonológica regular podem ser causadas pela operação sobreposta de duas regras em uma relação sangrenta.” (tradução nossa).

⁴⁸ “As breves observações feitas sobre outras mudanças na história do Inglês sugerem que, em geral, podemos olhar para a difusão lexical nesses deslocamentos entre sistemas, ou seja, mudanças de características abstratas e mudança neogramática dentro dos subsistemas” (tradução nossa).

Tarallo (1990), ao analisar o quadro exposto por Labov (1981, p. 74) sobre as alterações consonantais e vocálicas no quadro linguístico do inglês da Filadélfia, expõe que no processo de mudança vocálica, “há mais chance de a difusão lexical ocorrer com alongamentos e abreviamentos de vogal. Nas mudanças consonantais, a difusão lexical deve ser mais previsível quando se tratar de casos de mudança no ponto de articulação.” Alguns autores criticam os critérios utilizados por Labov para caracterizar os dois modelos, como Oliveira (1991)⁴⁹ e Kiparsky (1995 apud VIEGAS, 2001), no entanto, para esta investigação, aceito o postulado laboviano de conciliação entre as abordagens neogramática e difusionista, apreendendo-as como complementares no exame do fenômeno em questão.

Viegas (1987, 2001) e Oliveira (1997) adotam a perspectiva difusionista em suas investigações. Oliveira, ao reanalisar (por sugestão de Labov) os dados referentes ao cancelamento do /r/ em final de sílaba em português, discutidos em sua tese de doutoramento, os quais foram categoricamente explicados sob a ótica lexical naquele momento, expõe em seu artigo de 1997:

Embora as análises de inclinação neogramática privilegiem o efeito fonético na implementação de uma mudança sonora, enquanto que as análises de inclinação difusionista privilegiam um controle lexical, não podemos dizer que nenhuma análise séria, independentemente de seu sabor neogramático ou difusionista, ignore as razões do modelo oposto. (OLIVEIRA, 1997, p. 35).

O autor explica que por mais neogramática que seja uma análise da mudança linguística não há como escapar da constatação de que nem todas as palavras vão ser alteradas ao mesmo tempo e, do mesmo modo, a visão difusionista não pode negar que há condicionamentos fonéticos que atuam na mudança, coincidentes ou não. Oliveira (1997) conclui que a principal diferença entre os modelos reside na escolha do elemento controlador da mudança que, para os neogramáticos é o nível fonético e, para os difusionistas, o lexical, porém, ambos trabalham secundariamente com os dois níveis.

Viegas, em sua pesquisa de mestrado (1987), na qual investigou o alçamento de médias pretônicas na região de Minas Gerais, verificou que algumas palavras alçavam mais do que outras, mesmo em ambientes fonéticos iguais. A autora comenta que Phillips (1984) encontrou argumentos para tal evidência: as palavras mais frequentes são atingidas primeiramente, se fisiologicamente motivadas. Se não houver o aspecto fisiológico

⁴⁹ Porém, em estudo de 1992, o autor já adota uma postura mais conciliadora afirmando que o caráter fonético não pode ser abstraído da variação.

envolvido, as primeiras a serem atingidas são as menos frequentes, uma vez que a frequência de uso está relacionada a fatores externos, como o grupo e a época.

Viegas (1987), utilizando os postulados de Malkiel (1967), assume a posição de que cada palavra tem a sua história. Como por exemplo, *b[u]nito* e *m[i]nina*, com ambiente favorecedor de harmonização vocálica, sempre alçam, porém, *b[o]nina* e *m[e]ninge*, nem sempre. Ainda é possível constatar que os primeiros alçam mais porque são mais frequentes, enquanto que com os últimos acontece o contrário, assim, “o uso modifica a língua” (VIEGAS, 2001, p. 43). Entretanto, não há explicação para o alçamento de *s[i]mestre*, sendo que *s[e]mana* e *s[e]mente* não tem a vogal elevada. A autora, então, passa a considerar a história da palavra em sua relação com a sociedade. O conteúdo semântico parece influenciar o alçamento de *p[i]ru* (ave) em detrimento do topônimo *P[e]ru*, decorrente do prestígio linguístico que há no nome do país, escrito com letra maiúscula. Ou seja, palavras prestigiadas socialmente alçam menos, independentemente de o ambiente ser favorecedor ou não da regra de alçamento, o que pode acarretar casos de hipercorreção, entendidos, neste estudo, como abaixamentos como em *pr[e]vilégio*<*privilégio*, *g[e]nicologista*<*ginecologista*, *[o]rina*<*urina*⁵⁰.

Em sua tese de doutorado, Viegas (2001) ratifica sua visão de 1987, afirmando que o modelo difusionista explica melhor o fenômeno do alçamento, pois aceita a inclusão do postulado neogramático em alguns tipos de mudança, sem deixar de lado os aspectos históricos e sociais. O processo mecânico postulado pelos neogramáticos pode atuar, porém a seleção lexical e questões sociais determinarão se a mudança se implementará ou não. Sempre por meio da seleção lexical.

Neste capítulo retomei a base fundamental dos estudos linguísticos na figura de Saussure, que lançou os primeiros aportes na criação de uma ciência, propriamente dita, linguística. Abstraindo as dicotomias, que tanto permeavam suas investigações, à medida que o tempo foi avançando, novos modelos teóricos foram se corporificando e ocupando espaços importantes, ampliando o foco científico. As contribuições dialetológicas, anteriores a Saussure, juntamente com a perspectiva sociolinguística demandou num modelo teórico preocupado com a estrutura, sem deixar de considerar a história e a sociedade na investigação da mudança linguística.

Quando se fala em implementação de mudança sonora, dois modelos teóricos são invocados: o mais tradicional, neogramático, do final do século XIX e, mais

⁵⁰ Exemplos extraídos de Viegas (2001, p. 43).

recentemente, o difusionista, da segunda metade do século XX. Essas são as fundamentações teóricas que embasam este trabalho, na medida em que me aproprio das contribuições de ambas nos estudos variacionistas contemporâneos para descrever os casos de flutuação de vogais médias e altas em pauta pretônica.

O capítulo seguinte descreve alguns trabalhos de cunho diacrônico que, de forma direta ou indireta, tratam do abaixamento e alçamento de médias, principalmente das investigações que corporificam os estudos realizados no PHPP⁵¹. Também dou especial atenção aos trabalhos que, focalizando o estudo em questão, utilizam de dados orais paranaenses. Considerando o nível nacional, sublinho as pesquisas que foram ou estão sendo desenvolvidas e que se assemelham a esta em seus propósitos teóricos e metodológicos.

⁵¹ Projeto em desenvolvimento na Universidade Estadual de Londrina – *Para a história do Português Paranaense*, sob a coordenação da professora doutora Fabiane Cristina Altino.

CAPÍTULO 3

O CAMINHO TRILHADO PELOS ESTUDOS HISTÓRICOS

Neste capítulo, apresento um relato da gênese dos trabalhos que abarcam a historicidade da língua portuguesa, desde sua proposta na Bahia, em 1991. Procuro mostrar a trajetória desses estudos, focalizando, principalmente, aqueles realizados no Paraná, mais especificamente, na Universidade Estadual de Londrina. Em seguida, descrevo algumas investigações que compõem o projeto *Para a História do Português Brasileiro* - PHPB, no qual esta dissertação se ancora, e também alguns trabalhos diacrônicos correlatos, que estão sendo, ou foram, desenvolvidos em nível nacional.

3.1 PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Apesar dos óbices apontados para os trabalhos com manuscritos, muitas pesquisas têm sido realizadas buscando delinear, por meio de documentos remanescentes, aspectos e características de uma língua em seu uso latente. Em 1991, após o recesso da investigação diacrônica, estudiosos baianos, motivados pela nova teoria postulada por Weinreich, Labov e Herzog, que alia estrutura e história nos estudos linguísticos, iniciaram o PROHPOR – *Para a História do Português*, lançando a semente no produtivo terreno investigativo da descrição e análise dos estágios posteriores da língua portuguesa em sua variedade brasileira e portuguesa. Pesquisadores mineiros, catarinenses, paulistas, cariocas, paraibanos, paranaenses foram sendo motivados a ingressar em tal campanha.

Como resultado de projetos individuais, em 1997, o professor Dr. Ataliba Teixeira de Castilho e a professora Dr^a. Rosa Virgínia de Mattos e Silva coordenaram o *I Seminário para a História do Português Brasileiro*, que aconteceu na Universidade de São Paulo (USP), com o intuito de empreender uma ideia coletiva e coordenada de investigação diacrônica. Assim, nascia o PHPB – *Para a história do português brasileiro*, formado por equipes regionais, atualmente, de Alagoas, Bahia, Ceará, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará-Oeste, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo⁵².

⁵² Extraído do site do PHPP, disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>.

No ano de 2001, a professora Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera coordenou o projeto *Para a história do português paranaense: nas veredas do Atlas Linguístico do Paraná*, vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da UEL - Universidade Estadual de Londrina, cujo interesse voltava-se para o vocabulário rural paranaense, subsidiado pelos dados do Boletim do Archivo Municipal de Curitiba (NEGRÃO, 1908), do *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR* (AGUILERA, 1990), e do Projeto do *Atlas Toponímico do Paraná - ATEPAR*, também desenvolvido na UEL.

Esse projeto motivou a constituição, em 2006, do PHPP – *Para a história do português paranaense: estudos diacrônicos em manuscritos dos séculos XVII a XIX*, inicialmente coordenado pela professora Dr^a. Joyce Elaine de Almeida Baronas. O trabalho da equipe de pesquisadores docentes e discentes rendeu duas publicações, em 2007: *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina*, a partir de manuscritos setecentistas e oitocentistas; e *Scripturae na Villa de Pernagoa*, resultado de investigações em documentos setecentistas. Em 2010, sob a coordenação da professora Dr^a. Fabiane Cristina Altino, o projeto passou a ser intitulado *Para a História do Português Paranaense: estudos diacrônicos em Manuscritos dos Séculos XVII a XIX - Fase II*, que agora, em 2013, passou a se chamar – *Para a História do Português Paranaense*.

O intuito do PHPP, em suas diferentes fases, é a descrição, edição e análise dos manuscritos dos séculos XVII, XVIII e XIX, para a compreensão da história do português brasileiro, em sua variedade paranaense. Desde o início dos trabalhos até agora, esse projeto contabiliza o montante de 1494 manuscritos⁵³, pertencentes a antigas vilas paranaenses, como Paranaguá, Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Vila Nova do Príncipe e Castro, que vieram a constituir municípios do Estado do Paraná. Os manuscritos são, em sua maioria, de cunho oficial, como requerimentos, cartas, atas, listas e certidões⁵⁴, e foram coletados nos próprios municípios de onde são originários, e também no Arquivo Público do Estado de São Paulo. O PHPP já conta com trabalhos interessantes que fundamentam, incentivam e fomentam pesquisas que visam à reconstrução do português brasileiro, concentradas em aspectos fonéticos-fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Dentre eles, é imprescindível citar, entre as dissertações:

⁵³ Muitos deles já foram transcritos, editados e estudados, porém, ainda uma boa parcela desse montante espera por pesquisadores interessados na busca pela história da língua portuguesa em solo brasileiro.

⁵⁴ Também fazem parte desse acervo documentos jurídicos e pessoais, como cartas familiares.

- Edição de manuscritos de Paranaguá do século XVIII: um percurso filológico. (2006), de Celciane Alves Vasconcelos.
- Edição semidiplomática de manuscritos de Antonina: traçando caminhos da filologia. (2008), de Cláudio de Assis da Cunha.
- Ensino de língua portuguesa no Paraná: Um olhar diacrônico. (2009), de Juliana Fogaça Sanches Simm.
- Perspectivas para o ensino escolar da história do português brasileiro: manuscritos paranaenses do século XVIII. (2012), de Silvane Luceli de Andrade Alves.

E, a defendida em 2013:

- A Escrita de manuscritos paranaenses e portugueses do século XIX e a relação com o português brasileiro, de Vanessa Lini.

Entre as teses, as mais recentes são:

- Manuscritos da Vila Nova de Castro: um estudo filológico de documentos dos séculos XVIII e XIX. (2007), de Ênnio José Toniolo.
- O vocabulário em documentos escolares de Morretes oitocentista no Paraná: um percurso filológico. (2011), de Elvira Barbosa da Silva.
- O léxico em documentos produzidos no Paraná – Brasil (século XVIII e XIX): uma abordagem lexicográfica. (2013), de Cláudio de Assis da Cunha.
- Estudo semântico-lexical do vocabulário setecentista em Paranaguá. (2013), de Celciane Alves Vasconcelos.

Esta pesquisa também está inserida na proposta do projeto PHPP e descreve cientificamente documentos oficiais inéditos do século XIX, de acordo com os princípios que delimitam a Linguística Histórica, na busca pela recuperação do patrimônio linguístico contido nesses manuscritos. Assim, pretendo contribuir para o resgate da história da formação

do português em solo brasileiro⁵⁵, ao descrever dois aspectos fonológicos que permeiam o sistema vocálico desse idioma – o alçamento e o abaixamento, especificamente focalizando, na ortografia, a utilização das vogais altas /i/ e /u/ e das médias altas /e/ e /o/, na pauta pretônica, procurando, ao final, traçar um paralelo entre os resultados sincrônicos investigados na oralidade contemporânea e os resultados diacrônicos evidenciados por este estudo.

Além dos trabalhos já citados no decorrer do texto, vários estudos brasileiros, vinculados ao projeto *Para a História do Português Brasileiro*, buscam, nos documentos remanescentes, *corpus* para a descrição do português. Entre os estudos paranaenses, destaco as dissertações de Mestrado de Lini (2013), Kailer (2003) e a tese de Toniolo (2007).

3.2 ESTUDOS CORRELATOS

3.2.1 LINI, V. A. **Escrita de manuscritos paranaenses e Portugueses do Século XIX e a Relação Com o Português Brasileiro**. 2013. 124f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013..

Em sua investigação, Lini faz um cotejo dos fatos linguísticos presentes em documentos brasileiros e portugueses do século XIX, com o objetivo de apontar características de ambas as variedades no que tange aos aspectos fonéticos, sintáticos e morfológicos, buscando, assim, a compreensão da sincronia diacrônica presente no português de aquém e além mar. A autora afirma que “tanto Brasil quanto Portugal utilizam a mesma língua, porém, uma língua sujeita à variação, que independe apenas da localidade, mas também de outros fatores relacionados a seus usuários e ao contexto linguístico das diferentes comunidades de fala desse idioma.” (LINI, 2013, p. 34-35). Dessa forma, Lini expõe sua aceitação pela corrente teórica que vê na deriva da língua algumas respostas às diferenças dialetais entre as variedades brasileira e portuguesa.

O *corpus* conta com documentos oficiais paranaenses e portugueses datados de 1800 a 1820. Dentre eles, sete manuscritos paranaenses pertencentes à cidade de Curitiba, que compõem o banco de dados do projeto PHPP, já transcritos e editados. Em relação aos manuscritos portugueses, também sete documentos, considerando data, localidade e assunto, provenientes de Lisboa e coletados junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a qual

⁵⁵ De acordo com Cambraia (2005, p 33), “o desenvolvimento dos estudos diacrônicos tem contribuído para a formação de uma visão mais realista e abrangente da história das línguas.”

mantém um acervo intitulado *Coleção Portugal*, transcritos e editados pela autora, seguindo as normas semidiplomáticas com reprodução justalinear.

Lini (2013) descreve exemplos de alçamento e abaixamento de ambos os *corpora*. Nos documentos paranaenses, o alçamento totaliza sete ocorrências, enquanto nos portugueses, apenas três. O abaixamento totaliza nove ocorrências nos documentos paranaenses, e oito nos portugueses. Lini (2013) também registra acontecimentos de aférese e metátese nas duas variedades, numa escala menor de frequência. Como características próprias do português paranaense do século XIX, a autora elenca casos de monotongação, síncope e epêntese.

No nível sintático, mostra casos de ausência de concordância nominal e a utilização do verbo haver no sentido de existir, tanto em Portugal quanto no Brasil. Interessante ressaltar que, contemporaneamente, o verbo haver praticamente inexistente na fala, com tal significado, sendo preferido o *ter*.

Por fim, a autora afirma a relação entre o PB e o Português europeu, no século XIX, com ênfase no nível fonético, e espera que os resultados sejam úteis para a compreensão das características dialetais que existem entre as variedades brasileira e lusitana, estendendo sua consideração às reflexões voltadas ao ensino de língua materna no Brasil.

Além dessa pesquisa, de cunho diacrônico, é imprescindível sublinhar os trabalhos sociolinguísticos realizados por Kailer (2003, 2008), nos quais investiga o fenômeno do alçamento, na pauta pretônica, a partir de dados extraídos do Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994). Em seguida, descrevo a pesquisa de mestrado da autora.

3.2.2 KAILER, D. A. **O Uso do /o/ Pretônico no Falar Rural Paranaense**. 2003. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, 2003.

Os trabalhos de Kailer são especialmente importantes neste estudo por investigarem o sistema vocálico do português, focalizando o comportamento das vogais médias na pauta pretônica, utilizando dados paranaenses.

Em sua dissertação de mestrado, fazendo o uso dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista Quantitativa, a autora sublinha o uso do /o/ pretônico na fala rural de 60 informantes, do sexo masculino e feminino, com idade entre 25 a 60 anos, moradores de 30 municípios do Paraná. Os dados de Kailer são provenientes do Arquivo Sonoro do ALPR – *Atlas Linguístico do Paraná* (1994), até então inédito, coletados por Vanderci de Andrade Aguilera e sua equipe.

Nesse estudo, a autora estabelece como foco de sua investigação o alçamento da vogal posterior /o/ em dados coletados na área rural do Paraná.

As variáveis independentes linguísticas consideram o contexto precedente e seguinte, a vogal da sílaba seguinte, atonicidade, nasalidade, contiguidade, vogal da sílaba tônica, homorganicidade e classe morfológica das lexias. As variáveis independentes extralinguísticas avaliam o uso da variável de acordo com as especificidades sociais: sexo, idade, escolaridade e localização do município.

A investigação de Kailer, além de mostrar o comportamento da vogal média posterior arredondada /o/, também busca averiguar se os resultados obtidos de acordo com os contextos condicionantes favoráveis ou inibidores seguem na direção daqueles já descritos para a vogal média alta anterior /e/. Para isso, Kailer (2003) promove, no mesmo sentido deste trabalho, o cotejo dos seus resultados com dados de estudos variacionistas já realizados, como o de Bisol (1984), Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991), Bortoni, Gomes e Malvar, (1992), Schwindt (1997, 2002), Pontes (2000), Pontes e Kailer (2001), entre outros.

O *corpus* contabiliza a presença de 4674 ocorrências da pretônica /o/, em 588 palavras, mesmo após restringir os dados de acordo com as especificidades delimitadas pela autora. Após as rodadas no programa GOLDVARB 2001 (*for windows*), Kailer conclui que “o uso do [o] pretônico é regido por uma regra variável, e que os fenômenos linguísticos são os principais responsáveis pela sua aplicação, enquanto as variáveis extralinguísticas foram pouco relevantes.” (KAILER, 2003, p. 125).

Os resultados linguísticos apontam que a nasalização e a contiguidade não se mostram fatores expressivos na aplicação da regra de alçamento. No contexto precedente, as labiodentais /f/ e /v/ são favoráveis, juntamente com as velares /k/ e /g/. Nesse mesmo contexto, as alveolares se mostram inibidoras do processo. Outro condicionante que desfavorece é a vogal /o/ ser precedida de outra vogal. Porém, a autora explica que os dados encontrados não são relevantes para categorizar esse contexto como sendo totalmente inibidor. Nos dados de Kailer, o início de palavra também desfavorece o alçamento, mesmo que apresente outros condicionantes favoráveis, como a presença de vogal alta na sílaba seguinte, e a vogal ser seguida de /s/.

No contexto seguinte, as consoantes bilabiais e palatais são favorecedoras do processo, bem como a variável ser seguida de outra vogal, sendo a /i/ a mais saliente, seguida da alta posterior /u/. As consoantes labiodentais apresentam comportamento neutro à aplicação da regra. Ainda nesse contexto, as velares e linguodentais quase inibem o processo.

Ao final do trabalho, Kailer (2003) realiza o cotejo dos dados obtidos e constata que há divergências na aplicação da regra entre as anteriores e posteriores. Enquanto que para o /e/, o contexto de início de palavra e a nasalidade são altamente favorecedores, para o /o/ são quase inibidores. Em relação às consoantes, as labiais e labiodentais favorecem para o /o/ e inibem para o /e/.

Em relação às variáveis extralinguísticas, Kailer (2003) explica que os resultados foram próximos da neutralidade, não evidenciando caráter significativo ao final do estudo. Porém, assinala que entre os informantes, as mulheres, os mais escolarizados e os mais velhos alçam menos, enfatizando que “este fato pode revelar um certo prestígio à manutenção do /o/ nesta variedade.” (KAILER, 2003, p. 7).

Em relação à análise morfológica das lexias, a autora propõe discutir a questão da Difusão Lexical, que assinala a palavra como determinante da mudança linguística. Neste sentido, os dados obtidos não evidenciam relevância, uma vez que o fenômeno se manifesta preponderantemente nos pronomes e nas conjunções, indo de encontro ao esperado pela autora – os verbos. Dessa forma, voltando-se mais para os preceitos neogramáticos, Kailer explica que:

O alto índice de favorecimento estabelecido por essas duas classes morfológicas talvez possa ser explicado, primeiro, pelo fato de que esses vocábulos iniciam-se com uma velar e uma bilabial, fatores bastante favorecedores do alçamento em contexto precedente, segundo, no caso de [ko'migo], além de velar precedente, há também uma vogal alta em sílaba seguinte. (KAILER, 2003, p. 111).

A autora finaliza o trabalho afirmando que há ainda muito a ser investigado neste amplo campo de estudo, como por exemplo, a questão étnica e estilística, que pode retratar algum tipo de estigmatização quanto ao uso alçado do /o/.

Kailer (2008) dá continuidade a essa pesquisa, investigando, em sua tese de doutoramento, o comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ em tempo real e em tempo aparente, confrontando dados coletados entre 2006 e 2007 com os resultados que compuseram o estudo de 2003, já mencionados⁵⁶.

A tese de Kailer (2008) é composta de dois *corpora*: o primeiro decorrente de dados coletados por Aguilera (1994) nas regiões de Pato Branco e Foz do Iguaçu, regiões oeste e sudoeste do Paraná, respectivamente, para a elaboração do ALPR - *Atlas Linguístico do Paraná*. O segundo é composto por dados coletados por Kailer nos anos de 2006 e 2007,

⁵⁶ Optei por descrever a dissertação neste momento do texto e referenciar a tese no decorrer da análise.

nas mesmas regiões. A tese de doutoramento se concentra no estudo em tempo aparente. Nesta dissertação, o cotejo retoma os resultados referentes ao segundo *corpus*, de 2006 e 2007.

Em relação aos trabalhos diacrônicos realizados no Paraná, é salutar mencionar a pesquisa de Toniolo (2007).

3.2.3 TONIOLO, E. J. **Manuscritos da Vila Nova de Castro: Um Estudo Filológico de Documentos dos Séculos XVIII e XIX.** 2007. 433 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

O trabalho de Toniolo é caro para mim, por também trazer como *corpus* documentos castrenses. Esse estudo considera o uniformitarismo de Labov como condição mestra, ao procurar no passado algumas respostas para os fatos linguísticos do presente.

O autor faz um minucioso trabalho filológico explorando elementos ortográficos e fonéticos, tecendo análises grafemáticas e ortográficas relacionadas às marcas de oralidade presentes nos manuscritos, sempre em cotejo com as gramáticas e ortografias vigentes no período que, provavelmente, embasaram os escribas, como Lima (1736), Lobato (1770) e Madureira Feijó (1734). Também levanta considerações morfossintáticas e descreve os topônimos e os antropônimos a partir de 62 documentos, compostos por atas, cartas, certidões, listas, mapas, pareceres, portarias e relações, dentro do recorte temporal de 1776 a 1841, provenientes da então Vila Nova de Castro, e coletados junto ao Arquivo do Estado de São Paulo. Ao final do trabalho, Toniolo elabora um glossário contendo 120 palavras de difícil entendimento ao leitor do manuscrito, facilitando, também, o acesso aos estudiosos da língua.

Como objetivo principal de sua tese, o autor transcreve e edita o *corpus* de acordo com as normas semidiplomáticas, com reprodução justalinear, que mantém, tanto quanto possível, a forma original dos registros, para, segundo Toniolo (2007, p. 20), “constituir-se num material confiável onde se possa pesquisar.”

Na análise da escrita registrada nos manuscritos, o pesquisador detalha e cataloga as peculiaridades ortográficas que caracterizam os períodos descritos por Coutinho (1969), como etimológico (contendo palavras com pseudoetimologia) e simplificado. Toniolo (2007, p. 66) justifica que pela “impossibilidade de um cotejo com textos jornalísticos paranaenses publicados nas décadas em que foi redigido o *corpus*, as oscilações gráficas foram verificadas mediante a comparação dos manuscritos entre si.” Entre os dois primeiros

períodos, constata que a ortografia etimológica se sobressai à pseudoetimológica, com uma vantagem sobressalente, 90,6% contra 9,4%, respectivamente. Em relação à escrita simplificada, o autor conclui que há uma adesão maior a esse tipo de escrita a partir de 1821, o que o leva a conjecturar “uma difusão maior dos princípios etimologizantes [...]” ou ainda a hipótese de esses manuscritos terem “sido produzidos por autores mais instruídos” que os anteriores a esse período. (TONIOLO, 2007, p. 74).

As 14 ocorrências de abaixamento são descritas considerando-as, em especial, na pauta do ditongo /ay/, na qual o iode poderia ser grafado como /i/, /e/, /y/ ou /j/. Alguns casos desse fenômeno são registrados por Madureira Feijó (1734, p. 6) em sua ortografia: “Todos os nomes, que no singular acabaõ em al, no plural acabaõ em aes agudo”. Na lista de Toniolo, encontram-se, entre outras palavras, *anima[e]s*, *oficia[e]s*.

Em consonância com Lini (2013), registram-se casos de epêntese, monotongação e metátese, além de rotacismo. Outros aspectos fonéticos e morfossintáticos são descritos, perfazendo uma meticulosa apreciação da ortografia oitocentista e novecentista paranaense.

Não se pode deixar de mencionar a apresentação genealógica dos personagens inscritos nos documentos. Como o *corpus* desta dissertação também é composto de manuscritos castrenses, e do mesmo recorte temporal, muitos desses personagens são reincidentes, uma vez que os documentos, igualmente, são originários de instituições oficiais, corroborando a predição de Toniolo (2007, p. 189): “Verifica-se que um *corpus* como o presente, de natureza predominantemente oficial, encerra uma notável riqueza antroponímica, a ser aproveitada em futuros estudos.”

Dessa forma, o autor alcança seu objetivo, ao final, contemplando aos futuros estudiosos da língua um riquíssimo material de pesquisa, o banco de dados do projeto PHPP com documentos inéditos, transcritos e editados e, os trabalhos sobre a origem do português brasileiro, em especial, paranaense, com sua produtiva análise, de natureza ortográfica, das características da língua em uso dos séculos XVIII e XIX.

Para além das fronteiras paranaenses, alguns trabalhos de importante relevância para os estudos diacrônicos são descritos a seguir.

3.2.4 MAGALHÃES, J. S. O Subsistema Vocálico Pretônico do Português Brasileiro: Fotografia Histórica. In: HORA, D. da.; SILVA, C. R. **Para a História do Português Brasileiro**: Abordagens e Perspectivas. João Pessoa: UFPB, 2010. v.3. p. 88-91.

José Sueli de Magalhães, professor da Universidade Federal de Uberlândia, descreve o subsistema vocálico, na pauta pretônica, utilizando documentos oficiais e pessoais, dos séculos XVIII e XIX, disponibilizados eletronicamente⁵⁷ pelo PHPB, elaborados por Afranio Gonçalves Barbosa, Célia Regina dos Santos Lopes e Dinah Maria Isensee Callou, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Como o trabalho ainda está em fase de elaboração, apenas o resumo expandido encontra-se publicado no livro supracitado.

Partindo desse resumo e de uma apresentação em mesa redonda, de Magalhães, no GELNE⁵⁸, em 2012, é possível predizer a rica investigação que, segundo o próprio professor, será publicada, na íntegra, no próximo livro do PHPB. De acordo com o autor, “este capítulo procurará, a partir de cartas pessoais e de documentos oficiais dos séculos XVIII e XIX, observar variações gráficas para buscar conclusões acerca das realizações das vogais pretônicas do português naquele período.” (MAGALHÃES, 2012⁵⁹).

Segundo o professor, muitos trabalhos contemporâneos ainda investem na primazia sincrônica dos estudos linguísticos, no que tange o sistema vocálico. Mas o que dizer desse sistema, do ponto de vista histórico? Esse é um dos questionamentos apontados por Magalhães. O autor não descarta a dificuldade de se empreender um estudo fonológico utilizando dados da escrita, e embasa seus apontamentos nos postulados, dentre outros, de Oliveira (1536) e Marroquim (1934).

Como a investigação ainda está em andamento, os dados previamente compilados incitam questionamentos sobre a realização, na escrita, do alçamento e do abaixamento nos séculos XVIII e XIX. Nos *corpora* do século XVIII, tanto o composto de cartas pessoais quanto o de documentos oficiais, houve a ocorrência da elevação e do abaixamento de vogais, na pauta pretônica. Os dados registrados por Magalhães apontam para uma maior frequência dos fenômenos em cartas pessoais, em detrimento dos documentos oficiais, todavia não se pode aventar tal afirmação, uma vez que os dados ainda estão sendo levantados e analisados. O autor conclui, prometendo aos interessados leitores, “tecer

⁵⁷ Site citado pelo autor: <http://www.lettras.ufrj.br/phpb-rj/index.htm>

⁵⁸ “As vogais pretônicas na fonologia histórica do Português Brasileiro”. Texto ainda no prelo, encaminhado via e-mail pelo autor: Magalhães (2013).

⁵⁹ “As vogais pretônicas na fonologia histórica do Português Brasileiro”. Texto não publicado, concedido pelo autor, via e-mail.

conclusões sólidas acerca do subsistema das vogais pretônicas do português fotografando-o historicamente.” (MAGALHÃES, 2010, p. 90).

Sob outra ótica, na UNESP, *campus* de Araraquara, a professora Gladis Massini-Cagliari e o professor Luiz Cagliari coordenam o grupo de pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*, formado em 2000. Partindo de uma abordagem gerativista (Fonologia não-linear e a Teoria da Otimalidade) o grupo descreve aspectos fonológicos da Língua Portuguesa no período arcaico, trovadoresco (séculos XII ao XIV) e também do português contemporâneo. De acordo com as informações fornecidas pelo grupo no site do CNPq, esses pesquisadores investigam os “fenômenos segmentais e suprasegmentais do português, pretendendo chegar à descrição do componente fonológico da língua, em épocas passadas e atuais.⁶⁰” Os frutos desse trabalho têm repercutido positivamente dentro e fora do país, sobretudo em Portugal e na Inglaterra, justamente por resultarem de novas metodologias, enfatizando a observação das rimas, do acento, ritmo, estruturação silábica e processos dela dependentes, nos estudos históricos, principalmente do período arcaico, a partir das cantigas trovadorescas.

Um produto desse grupo é a dissertação de mestrado de Juliana Simões Fonte, defendida em 2010.

3.2.5 FONTE, J. S. O Sistema vocálico do português arcaico visto a partir das Cantigas de Santa Maria. 2010. 238 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2010.

Nesse trabalho de Fonte (2010), também publicado pela editora UNESP, com o título *Rumores da escrita, vestígios do passado – Uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval* em 2010, o sistema vocálico do português arcaico é descrito, nas pautas pretônica, tônica e postônica final, levando-se em consideração a rima e a grafia das palavras que compõem as *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X⁶¹*, um dos primeiros registros da poesia religiosa escrita em língua portuguesa, no século XIII. A autora, utilizando duas metodologias na descrição das vogais: em relação às

⁶⁰ Extraído do site <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhepesq.jsp?pesq=0692054922396098>.

⁶¹ Mattos e Silva (2001, p. 32) informa que essa lírica religiosa, ou cancionero mariano, é composto de 427 Cantigas de Santa Maria, ou em louvor a Santa Maria, de autoria ou compilação de Afonso X, rei de Leão e Castela, falecido em 1284. Não há consenso entre os estudiosos sobre a autoria das cantigas. Há suposições de que muitas delas sejam de autoria do próprio rei Afonso, porém, considerando sua laboriosa ocupação no reino, há grande possibilidade de que muitas delas, inclusive dezenas, sejam de autorias aleatórias.

pautas tônica e postônica final, mapeia todas as rimas presentes e, na inexistência de rimas, busca informações sobre “a realização fônica das vogais portuguesas, em um momento passado da língua, que não possui registros orais.” (FONTE, 2010, p. 9). Na pauta pretônica, atenta para as flutuações na grafia das vogais médias e altas.

Fonte explica que os trabalhos que visam à descrição do sistema vocálico português apenas o fazem no sentido histórico, de natureza diacrônica, baseados, geralmente, em documentos notariais, como o de Maia (1997), e justifica sua investigação no fato de buscar uma “descrição sincrônica de um momento passado da língua”, pontualmente o período arcaico, utilizando documentos poéticos (*apud* FONTE, 2010, p. 14).

Embora a autora se valha de edições já realizadas por Mettmann (1986-1989) das Cantigas de Santa Maria⁶², não deixa de consultar os microfilmes dos manuscritos originais.

Na falta de gramáticas anteriores ao século XVI, Fonte percorre trabalhos específicos sobre o período arcaico, como o de Maia (1986), Mattos e Silva (2006) e Ramos (1985), bem como as Gramáticas Históricas do Português.

Em consonância com os trabalhos que se debruçam sobre documentos remanescentes de épocas pretéritas, Fonte também se ancora no conceito de uniformitarismo de Labov, e procura nos registros linguísticos passados explicações para os fenômenos fonológicos hodiernos e vice-versa:

Em determinados momentos da pesquisa, foi indispensável o recurso aos dados do PB atual para interpretar os dados do PA⁶³, obtidos a partir das rimas das CSM⁶⁴, sobretudo no que diz respeito à relação entre os grafemas e os fonemas referentes às vogais médias da época. Quando os dados do PB atual não foram suficientes para interpretar essa relação entre os grafemas e os fonemas do PA, fez-se necessário o recurso à etimologia das palavras que causaram problemas de interpretação. (FONTE, 2010, p. 84).

Especificamente, sobre a pauta pretônica, utilizando os postulados de Mattos e Silva (2006), Fonte atribui a oscilação do sistema vocálico, mais precisamente o alçamento das vogais médias, à oralidade refletida na escrita, provavelmente devida à variação fonética. Assim, seu ponto de vista vai de encontro ao de Massini-Cagliari (1998) que não considera a grafia dos cancioneiros como representações da fala da época. Porém, Fonte argumenta que não havendo convenções ortográficas no período arcaico, os poetas

⁶² A autora explica essas cantigas são compostas de quatro códices: “o *códice de Toledo* (To), o *códice rico de El Escorial* (T), o *códice de Florença* (F) e o *códice dos músicos* de El Escorial (E).” (FONTE, 2010, p. 17).

⁶³ Português Arcaico.

⁶⁴ Cantigas de Santa Maria.

teriam maior liberdade gráfica e, conseqüentemente, seria provável a transposição da oralidade e as variações fonéticas da fala para o texto escrito. Dessa forma, a autora expõe seu objetivo: “investigar, nas CSM, essas ‘formas da língua falada’ que ‘escaparam na transcrição’ do documento, obtendo, assim, informações sobre a língua falada no século XIII, a partir da análise da grafia do *corpus* considerado”, sem pressupor a escrita como mera transposição da fala, tendo a consciência de que esse não é o caso. (FONTE, 2010, p. 90).

Em suas conclusões, a autora fornece uma preciosa contribuição a esta dissertação. De acordo com sua investigação, o quadro vocálico pretônico do português arcaico é composto de cinco vogais, apresentando flutuação gráfica entre as médias e as altas. Nos dados analisados, o contexto fonético-fonológico que mais propicia o alçamento das médias é a presença de uma alta na sílaba contígua, denominado de harmonia vocálica, constatando a atuação desse processo no século XIII.

Os casos de abaixamento da vogal alta são atribuídos à grafia etimológica, como em *v[e]gia*, *ff[e]gura*, *ff[o]gir*, *b[o]lir*. Segundo a autora, provavelmente, na fala do século XIII, devido à harmonização vocálica, essas construções poderiam variar para *v[i]gia*, *ff[i]gura*, *ff[u]gir*, *b[u]lir*, e foram sendo “incorporadas pela fonologia e pela ortografia da língua, ao logo da história do português, em detrimento das variantes como vogal média etimológica.” (FONTE, 2010, p. 191). Destarte, a investigação de Fonte permite estabelecer pertinentes reflexões sobre a forma fonética, etimológica, ortográfica e de base das palavras registradas nas *Cantigas de Santa Maria*, bem como possibilita a relação entre os dados sincrônicos e diacrônicos, da fala e da escrita, contribuindo para o enriquecimento dos estudos que investigam a constituição do quadro vocálico português, e também daqueles que se debruçam sobre seu comportamento contemporâneo.

No nordeste, o professor da Universidade Federal da Paraíba, Dermeval da Hora, coordena o projeto PHPPB – *Para a História do Português da Paraíba*, iniciado em 2003. Utilizando os pressupostos da teoria da mudança e variação, de Weinreich, Herzog e Labov, da Linguística Histórica e do Funcionalismo Linguístico, os pesquisadores que integram o projeto intentam a compreensão dos fenômenos sincrônicos, obtidos no *corpus* do VALPB⁶⁵, por meio de fatos diacrônicos, registrados em documentos de séculos passados.

⁶⁵ Variação Linguística no Estado da Paraíba, coordenado pelo professor Dermeval da Hora, que visa que visa a pesquisar a realidade linguística da comunidade de João Pessoa.

3.2.6 HORA, D. da; TELLES, S. As Vogais: Estudo Diacrônico. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N.; (Orgs). **Para a História do Português Brasileiro**. Novos Dados, Novas Análises. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 459-467. v. 6, t.1.

Nesse trabalho, Hora, em parceria com Telles, descreve os casos de alçamento e abaixamento, nas posições átonas, pretônica e postônica, presentes em manuscritos dos séculos XVIII e XIX, pertencentes a Pernambuco e a Paraíba. Os documentos de Pernambuco fazem parte do acervo da Universidade Federal, e os da Paraíba foram coletados junto ao Arquivo Histórico da Paraíba. Os autores, utilizando os pressupostos da teoria variacionista, de Weinreich, Labov e Herzog (2006), mais a metodologia da Linguística Histórica sócio-histórica, procuram “hipotetizar motivações fonológicas plausíveis para o entendimento dos processos verificados, por meio da observação de regularidade das variações em meio a variações não relevantes (estritamente da escrita).” (HORA; TELLES, 2006, p. 459).

Hora e Telles (2006) acreditam que os óbices da investigação em documentos históricos podem dificultar o trabalho do linguista, por exemplo, no que tange às irregularidades gráficas, uma vez que podem evidenciar fatos etimológicos, sem, necessariamente, estarem relacionadas a prováveis realizações fonéticas do período. Também, alguns traços da fala, devido a limitações gráficas, não são registrados pela escrita, como a abertura das vogais médias; por isso, dizem eles, “claro está, que a evidência das alternâncias fonéticas das vogais (mesmo considerando as vogais altas e baixas), a partir de textos históricos, ao passo que parece incontestado, é ao mesmo tempo tarefa de singular desafio.” (HORA; TELLES, 2006, p. 460).

Os autores discutem os casos de alçamento e de abaixamento focalizando, sobretudo, os processos de assimilação e dissimilação. A assimilação se mostra, consideravelmente, mais frequente do que a dissimilação, sendo computadas 24 ocorrências daquela (*c[u]stuma, s[i]ntiraõ, chr[e]standade, d[e]fecultando*) em detrimento de 10 ocorrências desta (*d[i]spois, s[i]rventia, pr[e]zioneiros, n[a]cessaria*).

Na posição pretônica, os dados revelam alta frequência dos fenômenos analisados motivados por assimilação, predominantemente regressiva, do traço alto da sílaba seguinte, em posição pretônica ou tônica, considerando o timbre da vogal seguinte e o seu ponto de articulação.

Os dados de dissimilação são atribuídos a motivações lexicais, corroborando os estudos de Viegas (2001). Segundo Hora e Telles (2006, p. 463), “a evidência desses fatos,

portanto, naturalmente confirma o processo evolutivo em geral presente em gramáticas históricas, que reflete o estágio arcaico da língua quando transplantada para o além-mar.” Desse modo, os autores consideram que a grande diversidade de povos estabelecidos na região da Capitania de Pernambuco, à época em que esse *corpus* foi produzido, possivelmente levava à variação no registro ortográfico, principalmente devido à falta de uma norma prescritiva e da riqueza dialetal. Esse pensamento leva a crer que a variação vocálica registrada na escrita refletiria a variação fonética, instituindo a relação fala-escrita, também justificada, segundo os autores, pela ocorrência de grafias diferentes de uma mesma palavra.

Por fim, Hora e Telles (2006) afirmam não terem encontrado condicionamentos regulares que motivassem a assimilação ou dissimilação das vogais, e as generalizações propostas são atribuídas a regras pós-lexicais, tanto nos dados diacrônicos, quanto nos dados observados do português atual. Uma constatação interessante refere-se à variação postônica, no cotejo com a pretônica. Segundo os autores, “se a variação na pretônica acontece tanto em nível da fala como da escrita, o mesmo não podemos dizer em relação às postônicas, cujas evidências na fala não se confirmam no texto manuscrito, pelo menos nos documentos analisados.” (HORA; TELLES, 2006, p. 466). Os autores analisam que suas conclusões são insipientes, devido ao caráter restrito do *corpus*, entretanto, significativos e promissores no que tange à variação do sistema vocálico do português brasileiro.

3.2.7 HORA, D. da; SANTIAGO, S. Vogais Pretônicas no Norte do Brasil: O Falar de Macapá. In: Jânia Ramos. (Org.). **Estudos Sociolinguísticos: os Quatro Vértices do GT da ANPOLL**. Belo Horizonte: Ed. Faculdade de Letras - UFMG, 2007. p. 21-36.

A partir de um estudo sobre as vogais pretônicas na região de Macapá, Hora e Santiago discutem a clássica divisão linguística de Nascentes (1960, p. 25), que divide os falares brasileiros em duas grandes áreas: os do norte, e os do sul. Segundo esse autor, o que caracteriza esses dois grupos é, basicamente, a abertura das vogais médias /e/ e /o/ para /^he/ e /^ho/ em alguns contextos, em posição pretônica. Para Nascentes, os falares do norte e do nordeste seriam equivalentes, no que tange a essa abertura.

Delimitando os condicionantes sociais, sexo, escolaridade e faixa etária nos dados de Macapá-AP, os autores constatam que o falar dessa região se assemelha mais às características sulistas do que nordestinas, contrariando a divisão de Nascentes, e que a elevação das vogais médias não é particularidade de determinada região, mas traço que perfaz

todos os falares brasileiros. Segundo os autores, “falantes de norte a sul podem, em certas circunstâncias, tender a elevar as médias pretônicas, mas, em certas circunstâncias também, os falantes do nordeste tendem a manter a média de segundo grau como os falantes do sul e do sudeste.” (HORA; SANTIAGO, 2007, p. 26).

Neste capítulo, apresentei, em linhas gerais, alguns trabalhos que investigam o português a partir de dados diacrônicos, principalmente do século XIX, e que também se dedicam à descrição do quadro vocálico, em pauta pretônica, focalizando, de maneira especial, os fenômenos que tematizam esta dissertação: alçamento e abaixamento.

Em um primeiro momento, listei dois estudos ligados ao projeto do qual faço parte – o PHPP: a dissertação de Lini (2013), por levantar questões pertinentes sobre a ocorrência desses fenômenos tanto no PB quanto no português europeu; e a tese de Toniolo (2007), por, principalmente, realizar um trabalho filológico com manuscritos pertencentes à mesma cidade e época daqueles que compõem esta investigação.

Ainda em solo paranaense, descrevi a pesquisa de mestrado de Kailer (2003), por tratar do fenômeno do alçamento a partir de dados paranaenses. Além de descrever o comportamento fonético-fonológico da vogal média posterior, a autora faz o cotejo dos seus resultados com dados de outros autores, elencando convergências e divergências nas regras que favorecerem ou inibem a elevação das vogais médias. Dos trabalhos mineiros, descrevi o trabalho, ainda em andamento, realizado pelo professor Magalhães, da Universidade Federal de Uberlândia, que explora os casos de alçamento e abaixamento a partir de *corpora* formal e informal. Não pude deixar de registrar a pesquisa realizada por Fonte (2010), no estado de São Paulo. A autora descreve o sistema vocálico do português arcaico nas pautas tônica, pretônica e postônica a partir das *Cantigas de Santa Maria*, do século XIII. Por fim, relatei das regiões norte e nordeste, duas investigações empreendidas por Dermeval da Hora, uma em parceria em 2006 com Telles e outra com Santiago em 2007. Em ambos os trabalhos, os autores procuram compreender fenômenos linguísticos evidenciados no português contemporâneo a partir das análises dos registros ortográficos dos séculos XVIII e XIX.

No capítulo seguinte entra em cena a história. No primeiro momento, faço um relato sobre a língua portuguesa no século XIX, para então passar à descrição da sociedade castrense oitocentista, sublinhando os personagens que ficaram registrados nos manuscritos que compõem o *corpus* deste trabalho e legaram à história possíveis marcas linguísticas do português utilizado nesse período. Alguns eventos narrados nos livros históricos pesquisados puderam ser, muitas vezes, corroborados pelos registros deixados nos manuscritos.

CAPÍTULO 4

A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E A HISTORICIDADE SOCIAL CASTRENSE NO SÉCULO XIX

Neste capítulo, inicio a apresentação do contexto sociocultural do século XIX, principalmente no que tange aos fatos históricos relativos, de forma ampla, à língua portuguesa e, de maneira mais restrita a alguns episódios que marcaram a sociedade castrense oitocentista.

Antoine Meillet, francês, discípulo de Saussure, no final do século XIX, já apontava a importância da união entre a história da língua e a história da sociedade nos estudos linguísticos; porém, o autor, ao ver na Linguística uma ciência social, creditava as variações e mudanças no sistema somente ao aspecto social, em detrimento do linguístico, o qual seria apenas uma consequência do social (FARACO, 2007).

Faraco (2007) explica que os estudos empíricos passados e presentes têm mostrado a importância de promover a interação entre a história interna e a externa da língua, como diretriz básica para os estudos históricos. Como nos capítulos 1 e 2 a perspectiva estrutural foi descrita, o próximo passo é caminhar pelas veredas sócio-históricas.

4.1 A ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA HISTÓRIA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

No Brasil, o século XIX foi bastante conturbado, e fortemente marcado por profundas transformações políticas (o país passa do regime monárquico ao republicano), e literárias (início do Romantismo e da afirmação do elemento brasileiro). Foi nesse momento que a língua passa a ser considerada como reflexo da sociedade e patrimônio nacional. Esse pensamento é fruto da independência, em 1822, e da primeira Constituição, em 1824. Também, na primeira metade desse século, as escolas de primeiras letras são criadas em todas as cidades, vilas e lugarejos. Como afirmam Fávero e Molina (2006, p. 32), “surgia uma nação tentando escrever sua própria história.”

Como os documentos contemplados neste estudo datam do início do século (1828) até o final (1894), é possível inferir que os escribas, pelo menos da primeira metade do século, são remanescentes do pensamento linguístico do final do século XVIII e, supondo que tivessem um razoável conhecimento ortográfico, devido ao cargo que ocupavam - escreventes oficiais, muitos deles poderiam ter suas bases fundamentadas em compêndios lusitanos.

Porém, nessa época, nem mesmo em além-mar havia consenso sobre a ortografia de algumas lexias, característica do período etimológico⁶⁶, que vai do século XVI até 1904. Madureira Feijó registra em sua *Orthographia, ou Arte de escrever, e pronunciar com acerto a Lingua Portugueza*, de 1734, a incerteza quanto à escrita de algumas palavras, que ora eram grafadas seguindo a pronúncia, ora com formas etimológicas:

Mas tendo muitas as Orthografias, que tem sahido a luz, e nos ensinaõ regras para os *accentos*, para a *pontuação*, e *divisaõ*, que se reduzem a preceitos certos; ainda naõ sahio huma, que nos ensinasse a escrever com certeza as letras, de que se devem compor as dicçoens, ou palavras na nossa lingua Portugueza; porque ja nos dizem, que devemos observar a *analogia*, e *etymologia* das palavras, imitando nas letras aquellas, donde tiveram a sua origem [...] Mas muito se desviaõ destas regras em muitas palavras, que naõ escrevem, nem por analogia, nem por etymologia; dizendo, que assim escrevem os doutos na nossa lingua. Ja nos dizem, que a melhor Orthografia he aquella, que mais se acomoda com a recta pronunciaçaõ das palavras. (MADUREIRA FEIJÓ, 1734, p. 2-3, itálicos do autor).

Lendo as reflexões de Madureira Feijó, é possível perceber a inquietude em relação à língua falada e escrita em Portugal, na ânsia de afirmá-la mais portuguesa do que latina. Nesse período, escrita e pronúncia se confundiam e não se sabia, ao certo, qual a verdadeira pronúncia ou qual a correta ortografia, conforme reflete o autor:

Todos dizem, que devemos escrever como pronunciamos; mas nenhum ensina como devemos pronunciar, para assim escrevermos. Quem naõ sabe, que toda causa de innumeraveis erros na Orthografia, he a multidaõ dos erros, que andaõ introduzidos na pronunciaçaõ? E eu dissera, que mais facil he escrever com acerto, do que pronunciar sem erro; porque na Orthografia poderiamos imitar aos melhores Authores, que escreveraõ na nossa lingua; porque vemos como eles escreviaõ. Esta queixa faziaõ ja os antigos Grammaticos no seu tempo, dizendo: que tinhaõ as oraçoens de Cicero para aprenderem a compor, e escrever como elle; mas que naõ tiveraõ a fortuna de o ouvirem orar, para saberem como elle pronunciava a lingua latina. (MADUREIRA FEIJÓ, 1734, p. 2).

Após o compêndio de Madureira, seguiram-se os de Frei Luís do Monte Carmelo (1767) e de Francisco Félix Carneiro Sotomaior (1783), entretanto, como são posteriores, é possível considerar a influência do primeiro sobre os dois últimos (AGUIAR, 2007). Importante mencionar, também, a obra anterior às citadas, *Vocabulario Portuguez e*

⁶⁶ É importante salientar que esse período ortográfico também é denominado por Coutinho (1969) de pseudoetimológico, caracterizado pelo respeito, tanto quanto possível, das letras originárias, ou seja, do étimo. Esse período culmina com a obra de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, “Ortografia Nacional”, de 1904, cujo objetivo principal é o da simplificação ortográfica.

Latino, do padre Raphael Bluteau, de 1712. Além de ser uma obra monumental, Gonçalves (2006, p. 205) assinala sua grande importância ao dicionarizar “uma parte do léxico brasileiro dos inícios do século XVIII, incluindo muitas palavras relativas ao Brasil (“brasileirismos”) no seu *Vocabulario*, assinalando-as com uma marca lexicográfica própria.”

Fávero e Molina (2006) comentam que, no século XIX, os livros ainda eram importados de Portugal e a sociedade era fortemente conservadora, principalmente fora dos meios urbanos. Provavelmente, a língua do início desse período também refletia certo conservadorismo, sobretudo na primeira metade. As gramáticas compiladas neste momento eram, ou de orientação lógico-metafísica, ou psicológica, como a obra de Antônio de Moraes Silva, de 1813, *Epítome da Gramática Portuguesa*, e o *Compêndio de Língua Nacional*, de Antônio Pereira Coruja, de 1835.

O final desse século, marcado pelo cientificismo, culmina na elaboração de gramáticas como a de Júlio Ribeiro, em 1881, e de João Ribeiro, em 1887, ambas seguindo os moldes histórico-comparatistas, todavia, como o documento mais antigo que compõe o *corpus* deste estudo data de 1894, não há como prever influência desses gramáticos na pena de tais escribas.

No final do século XVIII e início do XIX, obras lexicográficas procuravam compilar os vocábulos da língua e, dessa forma, poderiam orientar os consulentes quanto à grafia das palavras. Em 1789, Moraes Silva inicia a composição do que viria a ser o melhor dicionário do Português Clássico, o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, conforme afirma Castilho⁶⁷. A obra é composta de 10 volumes, que datam de 1789 a 1949. De acordo com Telmo Verdelho (2013), lexicógrafo da Universidade de Aveiro, esse dicionário se tornou referência de padronização do léxico português.

Durante as buscas pelos manuscritos do arquivo municipal, na Casa da Cultura de Castro, onde se encontra, além de boa parte dos documentos remanescentes castrenses, um numeroso acervo de livros e, dentre eles, a coleção de Moraes Silva, editada em 1813, já bem desgastada pelo efeito do tempo, na prateleira da biblioteca. Talvez seja possível conjecturar que essa coleção tenha pertencido aos órgãos oficiais de Castro e, dessa forma, a ferramenta utilizada pelos escribas dessa época. Sem dúvida, não há como afirmar tal suposição.

Além da perspectiva linguística, marcada pela flutuação do sistema ortográfico da língua, devido ao período etimológico que, muitas vezes, levava a uma

⁶⁷ Texto publicado no site do Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz, já mencionado anteriormente.

pseudoetimologia, a perspectiva sócio-histórica também é considerada neste estudo, vindo na forma e na tradição fontes para a compreensão dos fenômenos linguísticos registrados no século XIX.

Por isso, não se pode deixar de investigar, na medida do possível, a genealogia de quem escreveu os documentos em análise. Tarefa não muito fácil, uma vez que a maioria dos documentos é composta de requerimentos e, formalmente, nessa tipologia, o signatário não precisa coincidir com o escriba. Outro obstáculo fica por conta dos dados históricos disponíveis para tal investigação. Mais um árduo impasse que os linguistas históricos precisam contornar.

4.2 UMA VISÃO HISTÓRICA DE CASTRO

A cidade de Castro foi escolhida para servir de contexto aos estudos fonológicos contemplados nesta dissertação. A justificativa é simples: além de ser a cidade natal da autora, Castro é intitulada como histórica, por ter sido a primeira cidade criada pela província do Paraná, em 1857⁶⁸. Entretanto, sua povoação data, provavelmente, do primeiro quartel do século XVIII⁶⁹, provinda de tropeiros e viandantes⁷⁰ a caminho de Sorocaba que, devido à cheia do Rio Iapó precisavam acampar em suas margens, “com tropas e boiadas, a espera da baixa das águas.” (BORBA, 1986, p. 8). Ainda no começo desse século (o XVIII), uma família de latifundiários paulistas, tendo como seu patriarca o Capitão-Mor Pedro Taques de Almeida, requereu à Coroa a concessão de sesmarias nas terras que hoje pertencem aos municípios de Jaguariaíva, Piraí do Sul, Castro e parte de Ponta Grossa. Antes mesmo do deferimento, que só ocorreu em 1709, a família Taques passou a povoar as terras à margem do Rio Iapó “nos melhores lugares com gado, currais e plantações”. (BORBA, 1986, p. 15). A imensa extensão territorial, a boa localização geográfica e as propícias condições agropastoris acabaram atraindo outras abastadas famílias de São Paulo, sendo os primeiros habitantes documentados de Castro “homens de grandes posses e das principais famílias paulistas [...]” (ROSAS, 1993, p. 25).

Dom Luiz Antônio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus, governador e capitão-geral da capitania de São Paulo, elevou o pouso do Iapó em Freguesia de Sant’Ana, em 1774 que, segundo Rosas (1993, p. 18) já “possuía regular número de

⁶⁸ Curitiba e Paranaguá foram criadas pelo governo de São Paulo. (BORBA, 1986).

⁶⁹ Rosas (1993) e Borba (1986) apontam a data de 19 de março de 1704.

⁷⁰ De acordo com Houaiss (2001): “que ou o que viaja; viajante, viajero, peregrino”.

moradores, companhia de cavalaria, fazendas povoadas, comércio promissor e sobretudo, uma capela paramentada, com seu vigário, e já se ufanava em ser freguesia.”

Em 24 de janeiro de 1789, o General Bernardo José de Lorena autorizou o Ouvidor da Comarca de Paranaguá, Francisco Leandro de Toledo Rendon, que fosse passada à vila a então freguesia de Sant’Ana, com o nome de Vila Nova de Castro, em homenagem ao Ministro dos Negócios Ultramarinos de Portugal, Martinho de Mello e Castro⁷¹, inteiramente desmembrada e independente da vila de Curitiba. (BORBA, 1986).

4.3 O CONTEXTO CASTRENSE OITOCENTISTA E OS PERSONAGENS CONTIDOS NOS MANUSCRITOS

De acordo com os historiadores consultados, o século XIX marca um período bastante conturbado na história de Castro, oscilando entre momentos fortuitos de grande desenvolvimento comercial e pecuário, aumento populacional e épocas repreensivas de ordem religiosa e política, como por exemplo, a ideia do vigário José Loureiro de Almeida, em 1802, de cobrar uma taxa “arcaica e extorsiva para a época, sem efeito canônico e jurídico, denominada ‘taxa da conhecença de pé de altar pela desobriga da quaresma’” (ROSAS, 1993, p. 25). Segundo as fontes históricas, o vigário Loureiro, mesmo tendo tomado essa atitude em razão do encargo que lhe fora atribuído de construir a igreja matriz, passou a ser um grande vilão, por exigir dos paroquianos o pagamento de quantia que representava “uma sangria desalmada”, e levando à prisão os impossibilitados de recolherem tal tributo. (ROSAS, 1993, p. 25). Malgrado esse e outros episódios narrados pelo autor citado, a vila de Castro, à margem de suas autoridades administrativas, “sobrevivia apenas, alimentada pelo seu comércio ativo e crescente.” (ROSAS, 1993, p. 26).

Um longo período sucedeu em meio a grandes transformações, como a passagem do Brasil à categoria de Reino, em 1815, e a coroação de D. João VI, em 1817, festejada pelos moradores. (ROSAS, 1993, p. 27).

Após esses episódios, a Câmara expede um alvará mandando fechar um campo que era destinado ao pouso das tropas que passavam pelo lugar. Nesse momento, surge

⁷¹ Rosas (1993) contesta a atribuição de homenagem ao ministro, uma vez que, para esse autor, o nome foi dado em decorrência de uma promessa feita por Manoel Gonçalves Guimarães, capitão e possuidor de territórios na freguesia, enriquecido no contrabando de ouro. Em visita à prisão política de Portugal, Mello de Castro teria encontrado Manoel Guimarães que o teria feito uma proposta: o ministro o livraria da prisão e ele voltaria ao Brasil e trabalharia para elevar a freguesia à condição de vila com o nome do ministro. E Martinho Mello teria aprovado tal ideia. Para Borba (1986, p. 27) essa história é fantasia, considerando-a “um serviço gratuito deprimente.”

à cena a figura do Capitão-mor da vila, José Carneiro Lobo⁷², não aceitando tal determinação. A figura de Lobo vai, repetidamente, preenchendo de história os fólios analisados. Fontes históricas relatam que esse capitão era conhecido e temido pelos moradores da região por abusar do poder. Nomeado capitão-mor por ser de boa linhagem e obedecer aos requisitos impostos pela lei, após reformado, solicitou, em 1829, a posse de terrenos que pertenciam ao rocio da vila, porém, após ser dada a posse ao capitão-mor, a mesma foi embargada pelo Fiscal Antonio Domingues Garcia⁷³.

Em 1820, Castro recebe a visita do naturalista francês Augusto François Cezar Provençal de Saint-Hilaire, “julgando a terra e os homens a partir de sua visão européia – como era natural. Descreve a vila de Castro muito menos favoravelmente do que sua paisagem.”. Porém, engrandece o percurso percorrido, atribuindo aos Campos Gerais⁷⁴ uma das mais belas regiões da América. (TONIOLO, 2007, p. 47; SAINT-HILAIRE, 1995, p. 13).

Em 1821, não só o povo de Castro, mas do Brasil, estava polvoroso com a volta de D. João VI a Portugal, e a iminente independência. Em setembro de 1822, encontrava-se na vila o então governador de São Paulo, Antonio Joaquim da Costa Gavião que, junto dos moradores e da tropa, deram vivas de alegria, sobressaindo a figura do tenente coronel, também juiz de paz, Joaquim José Borges⁷⁵. (ROSAS, 1993, p. 28).

⁷² Signatário nos documentos de número 02, 05, 07. Requerente no manuscrito número 12.

⁷³ Esse episódio consta documentado no *corpus*, sob o número 03, e data de 11 de setembro de 1829. Domingues Garcia também é citado no documento número 01.

⁷⁴ Saint-Hilaire (1995, p. 11-12) descreve o território: “Os *Campos Gerais*, assim chamados devido à sua vasta extensão, não constituem uma comarca nem um distrito; trata-se de um desses territórios que, independentemente das divisões políticas, se distinguem em qualquer região pelo seu aspecto e pela natureza de seus produtos e de seu solo; onde deixam de existir as características que deram à região um nome particular – aí ficam os limites desses territórios. [...] Suas terras são menos planas, não tendo pois a monotonia das nossas planícies de Beauce, mas as ondulações do terreno não chegam a ser tão acentuadas que limitem o horizonte. Até onde a vista alcança, descortinam-se extensas pastagens; pequenos capões, onde sobressai a valiosa e imponente *Araucaria*, surgem aqui e ali nas baixadas, o matiz carregado de sua folhagem contrastando com o verde claro e viçoso do capinzal. De vez em quando apontam rochas à flor da terra nas encostas dos morros, de onde se despeja uma cortina de água que se precipita nos vales; inúmeras águas e bois pastam pelos campos e dão vida à paisagem; vêem-se poucas casas, mas todas bem cuidadas [...] O céu ali não é tão luminoso quanto na zona dos trópicos, mas talvez convenha mais à fragilidade da nossa vista.” (itálicos do autor).

Thereza Cristina de Bourbon, em carta, de 1880, à amiga, moradora e fundadora da primeira pré-escola de Castro, Emília Erichsen, assim descreve os Campos Gerais “Pelos jornais ade ter sabido que no fim de mez de Maio fomos ver a Provincia do Paraná que muito gostei; e tudo differente das outras tem campinas extensas a perder de vistas, não são chatas tem ondulações e de tempos em tempo tem capões de arvores magníficas o que da parencia de uns parques O clima e mais fresco que do Rio em Curitiba vi neve uma manha e o thermometro marco 2grao abaixo zero.” (A versão do manuscrito está publicada em Roman e Bençal, 2012).

⁷⁵ Citado por José Carneiro Lobo no documento número 12. Ainda citado nos manuscritos números 01, 13, 17, 19, 28 e assina como Fiscal no manuscrito número 38, como Joaquim Borges de Macedo. (conforme TONIOLO, 2007, p. 154, apresenta na sua genealogia, inclusive como primeiro prefeito de Castro.) Rosas (1993, p. 32) informa que Joaquim Borges elegeu como subprefeito Manoel Moreira Garcês, também citado nos documentos 01, 08, 12 e assina no de número 25.

Em fevereiro de 1833, a vila de Castro foi integrada à 5ª Comarca de São Paulo, sendo o 2º distrito de paz, tendo como seu primeiro juiz-municipal Joaquim Gonçalves Guimarães, como segundo Balduino de Almeida Taques⁷⁶ e, como juiz de órfãos, José Joaquim de Andrade e Silva⁷⁷. (ROSAS, 1993, p. 29).

O ano de 1834 marcou a vila e a memória do povo. O advogado e também Alferes das Guardas Nacionais, Antonio José da Cunha Viana, segundo Rosas, moveu uma luta denunciando os arroubos cometidos por José Carneiro Lobo, e outros infratores⁷⁸, fazendo os moradores se dividirem em dois partidos. Carneiro Lobo atraiu para si o apoio de três moradores, Jacinto de Medeiros, Antonio Moreira Jujú⁷⁹ e Luiz Pessoa da Silva, que o representavam em juízo⁸⁰, ao mesmo tempo em que promoviam a desordem na vila, ameaçando o povo. Em 09 de janeiro de 1834, em casa de Antonio Domingues Garcia, Viana foi assassinado com golpes de espada, facadas e um tiro (BORGES, 1986; ROSAS, 1993).

Em 19 de dezembro de 1853, com o empenho do barão de Antonina, a 5ª Comarca é elevada à categoria de Província do Paraná, com sede em Curitiba, sendo Castro o segundo maior núcleo populacional, com 5.899 habitantes (BORBA, 1986, p. 82). Rosas (1993, p. 33) escreve que o primeiro presidente, Zacarias de Góes e Vasconcelos, teve como seu primeiro ato mandar que fossem feitas eleições para o senado e para a Câmara, a fim de se formar a Assembleia Provincial. O colégio eleitoral castrense elegeu deputados para os anos de 1854 e 1855, os comendadores Manoel Inacio do Canto e Silva⁸¹, Francisco de Paula Ferreira Ribas⁸² e José Joaquim Marques de Souza⁸³, nomes que se destacaram pelo comprometimento em elevar a vila de Castro à condição de cidade. O intento dos representantes não foi alcançado, porém, em 1854, concretizaram a criação da Comarca de Castro, tendo o Dr. José Antonio Vaz de Carvalhais como seu primeiro juiz de Direito. (ROSAS, 1993, p. 33):

⁷⁶ Citado na ata de eleição da instalação da mesa paroquial, documento número 01. Nomeado chefe de Legião da Guarda Nacional dos municípios de Curitiba, Castro e Lapa, em 1842. Rosas (1993, p. 32) também assinala o acontecimento do ano de 1838, quando a guerra civil no Rio Grande do Sul havia tomado vulto e as forças imperiais haviam sido derrotadas. Prevendo a invasão do sul, o governo provincial tomou atitude para reprimir qualquer desordem. Esse episódio está registrado no documento número 24.

⁷⁷ Citado nos documentos números 01, 12, 23 e 44.

⁷⁸ Denúncia de suborno em eleição de juiz ordinário no documento número 10.

⁷⁹ Suplicante no documento número 18.

⁸⁰ Como mostram os documentos números 13, 14 e 15.

⁸¹ Citado no documento número 34 e 35.

⁸² Signatário do manuscrito número 25.

⁸³ Assina os documentos números 23 e 28.

O ano de 1854 foi de intensa atividade organizativa em toda a Província, como não podia deixar de ser, pois tínhamos agora, um Governo, com Assembléia funcionando em Curitiba. [...] As casas passaram a ter numeração, as praças, ruas e travessas seus nomes. Foram apelidadas as Ruas de Alegre, do Comércio⁸⁴, das Flôres, da Ladeira, da Aparição, do Fogo, da Matriz, do Porto, São Tomaz, do Rosário⁸⁵.” (BORGES, 1986, p. 87-88).

O autor também registra que no ano seguinte foi aberto o primeiro concurso para o magistério, direcionado ao sexo masculino, nas vilas de Paranaguá, Morretes, Príncipe⁸⁶ e Castro. E também foi promulgada a resolução para aferição de pesos e medidas e proibição de enterros nos templos, sob pena de multa e prisão por oito dias. Essa resolução consta no *corpus*, documento número 58.

Como o pedido para a elevação da Comarca à categoria de Cidade já estava transitando pelas comissões, neste mesmo ano (o 1854), o presidente da Província, Zacarias de Góes e Vasconcelos decidiu se certificar se realmente a vila (então Comarca) obedecia aos requisitos pretendidos para sua elevação. O presidente, mesmo tendo uma boa impressão de Castro, não apressou a elevação. Entretanto, realizadas as eleições para o próximo biênio – 1856 e 1857, sendo eleitos os nomes de prestígio, Padre Damaso José Correia, Dr. Laurindo Abelardo de Brito e do Comendador Francisco de Paula Ribas⁸⁷ para representarem a Comarca, não demorou para que, no dia 21 de janeiro de 1857, Castro ascendesse à categoria de cidade (ROSAS, 1993).

A segunda metade do século XIX foi marcada por acontecimentos marcantes no país, na província e em Castro. No país, em 1865, a vitória da Guerra do Paraguai, a proclamação da República, em 1889, e a Revolução Federalista, em 1893. Na Província, o início da construção da estrada de ferro ligando a capital da Província ao litoral.

Em 1875, o quadro urbano castrense contava com Matriz, Cadeia e praças arborizadas. Havia ensino obrigatório, tendo como mestre Pedro Saturnino de Oliveira Mascarenhas.⁸⁸ (BORGES, 1986).

Borges (1986) relata a passagem de D. Pedro II por Castro no ano de 1881, após sua presença nos festejos que deram início à construção da estrada de ferro, instaurando o progresso, com o estabelecimento da linha de telégrafo. Em 1883, José Francisco da Rocha

⁸⁴ Ratificado pelos documentos números 37, 38 e 44.

⁸⁵ Ratificado pelos manuscritos número 23 e 38.

⁸⁶ Atualmente, Lapa.

⁸⁷ Assina o documento de número 25.

⁸⁸ Assina os requerimentos de número 29 e 30, a rogo dos suplicantes.

Pombo fundou o primeiro jornal, o *Éco dos Campos*, sendo formalmente saudado pela Câmara, conforme está registrado no documento número 107 do *corpus*. (BORGES, 1986).

A década de 90 foi conturbada: a dissipação da Câmara, a instalação de uma intendência, e a tomada do poder pelos “maragatos”. Em 1894, os federalistas ocuparam e governaram a cidade, instalando, provisoriamente, a capital do Estado para Castro, permanecendo assim por três meses, de 18/01 a 18/04/1894, período em que Curitiba esteve em poder dos revolucionários (IBGE, 2013).

Atualmente, Castro divisa com os municípios de Tibagi, Piraí do Sul, Doutor Ulysses, Cerro Azul, Rio Branco do Sul, Itaperuçu, Campo Largo e Ponta Grossa. (IPARDES, 2012).

4.4 OS ESCRIBAS – PERSONAGENS DOS MANUSCRITOS

Um dos principais obstáculos enfrentados pelos linguistas que se aventuram no universo histórico das pesquisas é, muitas vezes, saber com exatidão de quem foi a mão que pegou “a pena” e escreveu determinado manuscrito. Por mais que um escriba assine um documento, não há como, verdadeiramente, afirmar que aquele nome seja mesmo do autor e portador de tal ortografia. Não há como negar então, que, neste caso, a pesquisa fica à margem da rigorosa cientificidade.

Diante disso, neste trabalho, tomo como possível “autor” do manuscrito a assinatura cujo traço coincida com a letra contida no corpo do documento, desde que haja somente uma assinatura. Quando há mais de uma, todos os nomes são tratados como “signatários” ou, em caso dos requerimentos, “suplicantes”.

Outro percalço, porém necessário, é a busca genealógica dos possíveis autores. Concordo com Oliveira (2001, p. 19) e Toniolo (2007, p. 23) para quem a análise dos itinerários das famílias que inscreveram sua história na memória documental ao longo dos séculos pode orientar um trabalho mais seguro acerca desses personagens. Para isso, alguns caminhos foram aventados:

- Buscar no livro de batismos da igreja. Este seria um rumo profícuo se, além do nome de quem escreveu o documento, houvesse a informação etária. Além disso, é preciso considerar que os livros do século XIX que ainda constam arquivados não se encontram em bom estado de conservação, e o manuseio repetitivo pode causar danos ao objeto

histórico. Acrescentado a isso, ainda há o fato de que não há garantias de que o nome conste nos registros.

- Examinar obras que elencam genealogias. Este é o método mais sensato, todavia é sabido que nenhum trabalho é exaustivo, por isso, muitos nomes não são encontrados. Dessa forma, toda investigação é passível de ser complementada por outros pesquisadores.

Nesta dissertação foram consultadas as seguintes obras:

BORGES, Oney Barbosa. **Os iapoenses**. Curitiba: Lítero-técnica, 1986.

DINIZ, João Maria Ferraz *et al.* **Castro antiga: Cronologia**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia Paranaense**. Reedição da Imprensa Oficial do Estado do Paraná. v. 1, Curitiba, 1926; v. 2, Curitiba, 1927; v. 3, Curitiba, 1928; v. 4, Curitiba: Imprensa Paranaense, 1929; v. 5, Curitiba: Imprensa Paranaense, 1946; v. 6, Curitiba, 1950.

ROSAS, José Pedro Novaes. **A fundação da cidade de Castro**. 2. ed. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1993.

TONIOLO, Ênio José. **Manuscritos da Vila Nova de Castro: um estudo filológico de documentos dos séculos XVIII e XIX**. 2007. 219 f. 1 pte. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

Como neste estudo não utilizo os critérios paleográficos como técnica de averiguação da escrita contida nos manuscritos, foi por meio de um olhar mais apurado que eu, juntamente com a minha orientadora e colaboradores⁸⁹, presumimos possíveis vestígios de autoria de alguns escribas.

Toniolo (2007, p. 151) faz uma compilação de antropônimos que figuraram no *corpus*⁹⁰ de sua tese. Dentre os nomes que subscreveram os documentos ou que neles foram mencionados, coincidiram com os desta dissertação os seguintes:

⁸⁹ Agradeço, em especial, aos participantes do projeto PHPP.

⁹⁰ Conforme já exposto, o *corpus* de Toniolo (2007) é composto de manuscritos castrenses dos séculos XVIII e XIX. Assim, muitos personagens elencados pelo autor coincidem com os que constam nos documentos investigados neste estudo.

Almeida, Antônio Corrêa de: Natural de Baependi-MG. Casou-se com Maria Nazareth, em 1790, em Curitiba. Filho de Antônio Corrêa Leme, nascido em Pindamonhangaba, e de Francisca de Almeida, de Taubaté. Seus avós maternos eram paulistas.

Borges (de Macedo), Joaquim José: Filho do capitão Cirino Borges de Macedo e sua primeira mulher, Rosa Maria da Silva. Indicado para capitão da 3ª Companhia das Ordenanças, em 1819. Foi capitão em 1822, ano em que, por ocasião da Independência, queimou o tronco e derrubou o pelourinho. Em 1832 foi Juiz de Paz e Presidente da Mesa Paroquial. Primeiro prefeito de Castro, em 1835, ano em que seu irmão José Borges ocupava o mesmo cargo em Curitiba.

Camargo, Verissimo Duarte de. Compunha a Intendência após a dissolução da Câmara pelo Governador do Estado, em 1890.

Garcia, Antônio Domingues: Natural de Sorocaba, nascido entre 1782 e 1786, casado com Ana Delgada. Após o falecimento da esposa, casou com Francisca de Paula Pereira, filha de Manuel Pereira dos Santos e de Maria do Nascimento. Tinha negócio de secos e molhados. Vereador em 1812. Fiscal da Câmara, em 1829. Faleceu em Castro, a 12 de setembro de 1841.

Lobo, José Carneiro: Filho de Luciano Carneiro Lobo, que é considerado o “fundador de Jaguariaíva”, famoso por sua fortuna e boas maneiras. José foi vereador em 1803 e 1820 e eleito capitão-mor em 1821, “por concorrerem nele os requisitos da Lei [...] de boa linhagem.” (BORGES, 1986, p. 61). Foi o anfitrião de Saint-Hilaire quando o naturalista passou pela cidade, sendo por ele elogiado: “me recebeu com certo constrangimento, que eu tomei como frieza no princípio; mas não tardei a reconhecer que se tratava de um homem excelente, eu não saberei como louvar as gentilezas com que ele me cumulou durante minha estada em Castro.” (SAINT-HILAIRE, 1995, p. 80).

Lobo, Hermógenes Carneiro. Filho de Joaquim Carneiro Lobo, que foi presidente da Câmara em 1821, natural de Taubaté. Hermógenes foi Alferes

da 3ª Companhia das Ordenanças, em 1819, indicado para o posto de capitão. Fez parte da expedição chefiada pelo Coronel Pedro de Siqueira Côrtes, reclamando a propriedade de Palmas.

Penteado, João Baptista. Vereador em 1799. Juiz Criminal em 1833. Faleceu em 1847. Foi casado com Maria Floriana de Almeida, falecida em 1845.

Outros nomes que não constaram na compilação de Toniolo (2007):

Garcez, Manoel Moreira. Subprefeito em 1835. Natural de Pennafiel-Portugal. Casado com Constança Maria de Almeida, natural de Itapetininga.

Leão, Agostinho Ermelino. Nascido na Bahia, foi Juiz de Fôra em Paranaguá e, mais tarde, Desembargador. Exerceu a profissão em Castro, em 1834. Assumiu o posto em um momento violento da história castrense, segundo Borba (1986), “devido aos atos de violência praticados pelo capitão-mor José Carneiro Lobo”. Casado com Maria Clara Pereira de Leão, em 1826.

Mascarenhas, Pedro Saturnino de Oliveira. (vulgo Pedro Castiçal – Rosas, 1993, p. 113). Filho de Pedro Saturnino Rangel e de D. Maria Candida de Oliveira Mascarenhas. Como seu pai, também foi professor da cadeira do sexo masculino da escola da vila de Castro, em 1863. Seu cargo foi impugnado pela Câmara, com a alegação de que “o nomeado não possui suficiente capacidade e morigeração necessária”. Foi substituído em 1869. Rosas acresce:

Não prevalecendo a impugnação feita e continuando Pedro Saturnino, embora não possuísse as qualidades de um bom professor, foi entretanto, esforçado e dedicado ao ensino, lecionando mais por amor ao ensino do que auferir vantagem financeira. (ROSAS, 1993, p. 113).

Mathilde, José Ferreira de Miranda. Vereador em 1884.

Medeiros, Antonio Jacinto de. Segundo Rosas (1993, p. 30), “ora representava José Carneiro Lobo em juízo, ora chefiava grupos atrevidos, que invadiam a Vila, em pleno dia, atirando, ameaçando.” Tabelião em 1832.

Peixoto, Joaquim Teixeira. Ouvidor e autoridade máxima da Comarca, em 1829.

Reis, Emidio Leite dos. Presidiu a comissão orçamentária da vila em 1841 para a construção da ponte do Rio Iapó. O orçamento consta no documento número 27.

Viana, Antonio José da Cunha. Procurador da Câmara e Alferes das Guardas Nacionais, gozava de grande influência na Corte. Foi assassinado no dia 09 de janeiro de 1834, na casa de Antonio Domingues Garcia, a mando de José Carneiro Lobo, de acordo com as fontes históricas consultadas.

Tristão, José de Araújo. Casado com Carolina dos Santos Araújo. Nascido em 17 de dezembro de 1909.

Esses foram os nomes encontrados nas obras consultadas. Infelizmente, não foi possível elencar todos os personagens que, supostamente, assinam os manuscritos. Deixando tal empreendimento a cargo de futuras pesquisas.

Imprescindível frisar que, geralmente, as biografias, por serem provenientes de obras históricas e não, necessariamente, genealógicas, não trazem a naturalidade do nome consultado, apenas nomes dos pais e o cargo que exercia, dificultando, assim, a identificação do signatário ou autor do manuscrito como brasileiro ou português. Mesmo assim, um dos personagens é descrito genealógicamente como natural de Portugal: Manoel Moreira Garcez.

Neste capítulo, fiz um relato sobre os aspectos linguísticos do século XIX, ilustrando alguns compêndios ortográficos portugueses até culminar nas primeiras gramáticas, de Júlio e João Ribeiro, no final do século. Também descrevi o contexto historiográfico contemplado nesta pesquisa – a cidade de Castro -, desde seu primeiro povoamento, em 1704, elevação como cidade, em 1857, até o final do século XIX. Ressaltei os episódios históricos

corroborados pelos documentos que compõem o *corpus*, bem como aqueles em que os personagens são autores ou signatários nesses manuscritos. Terminei com a genealogia de algumas dessas figuras.

No capítulo seguinte, inicio o tratamento metodológico dos dados, as etapas seguidas desde a composição do *corpus* até o método de análise contemplado.

CAPÍTULO 5

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este é o capítulo que trata especificamente do *corpus*. Nele, descrevo os primeiros passos deste estudo, desde a motivação à pesquisa até os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados no recorte dos dados. Parto da constituição do *corpus* e suas características, como o número de documentos e fólios analisados, datação e as tipologias às quais pertencem. Passo pelo tratamento dos manuscritos, a forma de edição até chegar à delimitação do objeto de estudo, às variáveis linguísticas investigadas e o método de análise utilizado.

5.1 O CORPUS

Conforme já mencionado na introdução deste trabalho, o rico acervo histórico do Museu do Tropeiro, em Castro, motivou a pesquisa em documentos remanescentes de séculos passados.

Num primeiro momento, cartas pessoais do século XIX serviram de escopo para descrever e apresentar reflexões sobre as características da língua nesse século⁹¹, no que tange à ortografia. Porém, como o arquivo municipal comporta documentos que registram fatos linguísticos e sociais do passado, considerei que um olhar mais atento sobre o material disponibilizado possibilitaria um vasto campo de pesquisa; assim, lancei-me no desafiador intento, acreditando que esses documentos são capazes de fornecer dados para a descrição do léxico, podendo apontar traços linguísticos “na reconstrução diacrônica no interior das estruturas da língua portuguesa em direção ao português brasileiro.” (MATTOS E SILVA, 1998, p. 40).

Atualmente, uma grande parte dos documentos notariais se encontra arquivada na Casa da Cultura Emília Ericksen, em Castro. Muitos deles estão disponibilizados para pesquisa acadêmica, porém, não há condições práticas suficientes para sua realização. Os manuscritos encontram-se arquivados em caixas e, muitos deles, acomodados em livros do tipo brochura, não favorecendo a digitalização de forma satisfatória. Como os responsáveis do arquivo não permitem a retirada dos livros do local de pesquisa, a compilação do *corpus* foi

⁹¹ Trabalho publicado na Revista Línguas & Letras vol. 13, nº. 24, de autoria de Roman e Bençal (2012), com o título *O Português brasileiro do século XIX nas cartas da Baronesa de Guaraúna e da Imperatriz Thereza*.

dificultada pela falta de equipamento apropriado para a digitalização do material. O acervo está guardado em uma sala que não comporta os cuidados que esses documentos necessitam. Muitos já estão deteriorados pelos efeitos do tempo e da negligência com relação à conservação. De 127 documentos digitalizados, esta dissertação conta com 50, que realmente permitiram uma reprodução fac-símile condizente com o estudo científico.

Os manuscritos que compõem o *corpus* desta investigação são inéditos e foram por mim digitalizados e transcritos, de acordo com as normas semidiplomáticas⁹², com a reprodução justalinear do fac-símile⁹³, contribuindo para a sua transmissão e preservação, intencionando torná-los públicos e acessíveis ao público leitor (CAMBRAIA, 2005).

Por conta da inexperiência, dois documentos⁹⁴ tiveram um dos fólios cortados (sempre o último!), ou seja, houve a ideia errônea de digitalizar o documento até onde havia algo escrito.

5.2 A EDIÇÃO DE MANUSCRITOS

Imprescindível buscar, neste momento, o aparato da filologia e seu exercício, entendida como ciência histórica, dependente de documentos históricos. Fundamentado no postulado de Silveira Bueno (1967), este estudo busca na filologia uma possível compreensão do momento social e linguístico castrense oitocentista, tendo como instrumento principal o estudo da língua registrada nos manuscritos.

Após a coleta do material, na Casa da Cultura, foi realizada uma seleção dos documentos, de acordo com a qualidade da digitalização. Muitos deles, conforme já dito, foram descartados, pois, devido à brochura, alguns manuscritos tiveram parte do fólio sombreada ou mesmo cortada. O segundo passo foi iniciar a edição dos 50 documentos em condições satisfatórias.

⁹² Publicadas em *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina – Manuscritos e Oitocentistas* (AGUILERA; BARONAS, 2007, p. 9). De acordo com Cambraia (2005) na edição semidiplomática, paradiplomática ou diplomático-interpretativa, há um grau médio de intervenção na reprodução do manuscrito, uma vez que realiza modificações para tornar o texto mais acessível a um leitor menos especializado, como desenvolvimento de sinais abreviativos, inserção ou supressão de elementos por conjectura, entre outras.

⁹³ O fac-símile é a imagem testemunho do documento transcrito e editado que a acompanha. De acordo com Santiago, é a “reprodução da imagem do texto por meios mecânicos: digitalização escaneada/escanerizada, fotografia, microfilme, xerografia e outros.” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009b, p. 225).

⁹⁴ Os manuscritos de números 02 e 38.

Castilho (1998, p. 14-15) comenta que, com relação à transcrição, é “necessário que se deixem bem claras as intervenções do leitor – reduzindo-as ao mínimo possível”.

Concordando com o autor, como diretriz a ser seguida, utilizo os critérios para a edição semidiplomática, com o intuito de deixar o texto acessível a outros estudiosos interessados em trabalhos diacrônicos, e editar os textos da forma mais fiel possível, com poucas intervenções editoriais. Cambraia (2005, p. 31-32) adverte que alguns trabalhos críticos acabam por editar os manuscritos atentando para correções gramaticais, fato que acaba tendo “efeitos nefastos” no estudo diacrônico.

Segundo os ensinamentos de Mattos e Silva:

Não se pode nem se deve utilizar qualquer edição de texto do passado para a análise histórico-diacrônica: a edição tem de ter sido feita com rigor filológico e com o objetivo claro de servir a estudos linguísticos; há edições úteis ao historiador ou ao estudioso da literatura ou ao chamado grande público, mas que, contudo, não devem ser usadas para estudos de história linguística. (MATTOS E SILVA, 2008b, p. 15).

A edição semidiplomática, acompanhada da reprodução fac-similar, foi escolhida por manter a fidedignidade às características ortográficas, bem como de acentuação e pontuação. Apesar de ser conservadora, permite algumas intrusões do editor, com vistas a deixar o documento mais fácil de ser lido pelo público leitor. Santiago-Almeida explica que esta forma de edição:

Consiste no desenvolvimento das abreviaturas dentre outras possíveis interferências do editor. Tanto quanto a terminologia, o grau de interferência é variável, principalmente no que diz respeito à fronteira vocabular, ao emprego de maiúscula e minúscula, à justalinearidade, à eliminação de partes tachadas, às emendas (por conjectura) dos erros evidentes e das lacunas provocadas por deterioração de natureza diversa. Encontra-se concordância apenas no que se refere à manutenção de aspectos do nível linguístico (sintaxe, incluindo a pontuação; morfologia; semântico-lexical) e ortográfico, incluindo a acentuação gráfica. Por isso mesmo, nesse tipo de reprodução, são aspectos possíveis de estudos, além do histórico. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 228).

Dentro da edição semidiplomática, as normas seguidas e exploradas para a transcrição dos manuscritos foram baseadas na proposta elaborada pelo projeto ao qual este trabalho está inserido – o PHPP, fundamentadas em Megale *et al.* (2001, p. 553-555) e

publicadas em *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina – Manuscritos e Oitocentistas* (AGUILERA; BARONAS, 2007, p. 9). São elas:

1. As abreviaturas, alfabéticas ou numéricas, foram desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas nas abreviaturas: *Fev.^{ro}> Fevereiro, 9^{bro}>Novembro*, obedecendo aos seguintes subcritérios:
 - a) respeitou-se a grafia do manuscrito, ainda que revelassem idiossincrasias ortográficas de quem escreveu, como no caso da ocorrência *munto*, que leva a abreviatura *m.^{to}* transcrita como *munto*;
 - b) no caso da variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, optou-se pela forma mais próxima da atual, como no caso de ocorrências *Deos* e *Deus*, que levam a abreviatura: *D.^s* transcrita como *Deus*.
2. Manteve-se a grafia dos manuscritos no que se refere à presença ou ausência de fronteiras de palavras. Exemplos: *notesiarnos, quereçebendo, sô mente, introduçaõ, taõ bem* ou *tam bem*.
3. A pontuação original foi mantida.
4. A acentuação original (presença ou ausência do diacrítico) também foi rigorosamente mantida. Exemplos: *comercio, camerâ, naõ hã, há, he, hé, hê*.
5. O emprego de maiúsculas e minúsculas também foi respeitado como se apresenta no original. As variações gráficas resultantes de fatores cursivos não foram consideradas relevantes e a comparação do traçado da mesma letra propiciou a melhor solução.
6. Os atestados e eventuais equívocos do escriba ou copista, como inversões e duplicações silábicas e repetições de palavras ou frases, foram mantidos: *fallecidade, fugiram, o gentio Payaguâ*, e remetidos para as notas subsequentes, onde se deixa registrado o erro, com indicação da respectiva linha. Exemplos: 1: *facellidade*, ms: *fallecidade*, 4: *fugiram*, ms: *fugigiram*, 13: *o gentio Payaguâ*, ms: *o gentio Payaguâ Payaguâ*.
7. As supressões feitas pelo escrevente no original também foram suprimidas, mas, da mesma maneira, remetidas para as notas subsequentes, onde foram tachadas, com indicação da respectiva linha. Exemplo: 8: *todos os presentes*, ms: *todos ~~ninguém~~ dos presentes*.

8. As inserções feitas pelo escriba ou copista nas entrelinhas ou nas margens laterais, superior ou inferior entraram na edição entre díples < >, no local indicado. Exemplo: *Capitania <e letrados> por nesta haver falar delles.*
9. As intervenções escritas de terceiros no documento original foram evidenciadas entre colchetes duplos [[1752]]; os sinais públicos, como carimbos, aparecem nos comentários que compõem a descrição do manuscrito.
10. As leituras por conjectura, sem probabilidade de erros, das lacunas existentes por deterioração do documento, foram colocadas entre colchetes. Exemplo: *e tambem de que ne[[lla se con]cervem para sempre os ditos petrechos.*
11. As lacunas existentes por deterioração do documento, sem possibilidade de lição segura por conjectura ou inferência, foram indicadas com ilegível e entre colchetes. Exemplo: *Como expomos [ilegível] deraõ no Real Decreto de 22 de Mayo de 1753.*
12. As linhas, na edição de cada fólio, foram numeradas de cinco em cinco à margem direita da mancha, ou à esquerda do editor.
13. A divisão das linhas do documento original foi preservada ao longo do texto (formato justaposição). A mudança de fólio recebeu a marcação com o respectivo número na sequência. Fol. 1r, fol. 1v, fol. 2r.
14. As assinaturas simples ou rubricas de punho de quem assina foram sublinhadas. Exemplo: Bernardo Jose de Lorena. As assinaturas de difícil leitura foram colocadas entre parênteses.
15. A grafia dos nomes próprios foi atualizada na ficha e mantida nos demais casos.
16. A edição de cada fólio vem precedida de uma ficha contendo: Número do documento, Composição, Tipologia, Assunto/Resumo, Datação e Autores⁹⁵.

Além dos critérios padronizados pelo PHPP, nesta dissertação, adotei também:

⁹⁵ Conforme já mencionado, neste estudo são considerados: autores, signatários e suplicantes.

17. Quando a palavra não pôde ser decodificada, devido ao desenho da letra ou à abreviatura indefinida, foi utilizada a palavra [incompreensível] entre colchetes.
18. O *s* floral, ou seja, o *♣*, foi transcrito como *s* normal.
19. Na ficha de descrição do fôlio, foi adotada a nomenclatura “signatário”. Esse termo foi utilizado quando não havia consonância entre a letra do corpo do texto e a letra da assinatura do texto, ou quando havia mais de uma assinatura. O termo “autor” foi usado nos casos em que a letra do corpo do texto coincidiu com a letra da assinatura, ou, ainda, quando houve a ratificação no interior do manuscrito como em *O secretario Nicolaú Tolentino Marques á escrevi*.
20. Na ficha que precede a transcrição, os nomes próprios foram atualizados. Por exemplo: Lourenso > Lourenço/Joze > José.

Esses são os critérios que embasam a edição e transcrição dos manuscritos que compõem este estudo⁹⁶.

5.3 AS PROPRIEDADES DO *CORPUS*

Os 50 manuscritos que constituem o *corpus* pertencem às seguintes tipologias: (i) 1 ata; (ii) 2 atestados ; (iii) 1 auto; (iv) 8 cartas oficiais; (v) 2 cartas de sesmaria; (vi) 1 carta⁹⁷; (vii) 3 certidões; (viii) 1 contrato; (ix) 1 declaração; (x) 1 orçamento; (xi) 5 pareceres; (xii) 1 prestação de contas; (xiii) 1 regimento; (xiv) 21 requerimentos; (xv) 1 resolução.

A relação completa dos documentos, de acordo com o número de fôlios e datação, é a seguinte:

⁹⁶ Todos os documentos transcritos e editados, com reprodução fac-similar, encontram-se no Apêndice da dissertação.

⁹⁷ O documento não foi categorizado como “carta oficial” por não ser remetido a autoridade.

Quadro 10- Relação dos fólhos que compõem o *corpus*

NÚMERO DO DOCUMENTO	FÓLIO	TIPOLOGIA	DATAÇÃO
01	1r	Acta de eleição	1828
	1v	Acta de eleição	1828
	2r	Acta de eleição	1828
02	1r	Carta Oficial	1829
	1v	Carta Oficial	1829
	2r	Carta Oficial	1829
03	1r	Atestado	1829
04	1r	Requerimento	1829
	1v	Requerimento	1829
05	1r	Carta Oficial	1830
	1v	Carta Oficial	1830
06	1r	Carta Oficial	1830
	1v	Carta Oficial	1830
	2r	Carta Oficial	1830
07	1r	Carta Oficial	1830
08	1r	Parecer	1830
09	1r	Regimento	1830
10	1r	Carta Oficial	1832
11	1r	Requerimento	1832
	1v	Requerimento	1832
12	1r	Requerimento	1832
	1v	Requerimento	1832
	2r	Requerimento	1832
13	1r	Requerimento	1832
14	1r	Certidão	1832
15	1r	Certidão	1832
16	1r	Atestado	1833
17	1r	Auto de Corpo de delito	1833
	1v	Auto de Corpo de delito	1833
18	1r	Requerimento	1833
19	1r	Certidão	1833
	1v	Certidão	1833
20	1r	Carta Oficial	1834
21	1r	Carta Oficial	1834
22	1r	Parecer	1836
23	1r	Parecer	1836
24	1r	Parecer	1838
	1v	Parecer	1838
25	1r	Carta Oficial	1839
26	1r	Prestação de contas	1839
	1v	Prestação de contas	1839
27	1r	Orçamento	1841
28	1r	Resolução	1855
29	1r	Requerimento	1869
30	1r	Requerimento	1869
31	1r	Requerimento	1869
32	1r	Requerimento	1872
33	1r	Requerimento	1875

Continua...

Continuação...

34	1r	Requerimento	1876
35	1r	Requerimento	1876
36	1r	Requerimento	1876
37	1r	Requerimento	1876
38	1r	Requerimento	1877
39	1r	Requerimento	1877
40	1r	Requerimento	1877
41	1r	Requerimento	1878
42	1r	Declaração	1879
43	1r	Carta	1883
	1v	Carta	1883
44	1r	Parecer	1884
45	1r	Requerimento	1885
46	1r	Carta de sesmaria	1886
	1v	Carta de sesmaria	1886
47	1r	Contrato	1888
	1v	Contrato	1888
48	1r	Carta de sesmaria	1890
49	1r	Requerimento	1894
	1v	Requerimento	1894
50	1r	Requerimento	1894
TOTAL: 50	TOTAL: 69		

A classificação dos documentos é baseada na proposta de Belloto (2002):

- **Ata:** documento diplomático testemunhal de assentamento. Registro resumido das ocorrências de uma reunião, assembleia ou sessão, assim como das decisões tomadas por seus membros. Se for de eleição, resume o seu desenrolar. (p. 48).
- **Atestado:** documento diplomático testemunhal de assentamento, notarial ou não. Declaração, por autoridade governamental, civil, militar, eclesiástica ou notarial, a partir de uma realidade ou de um fato constatado. É, em geral, a favor de uma pessoa e confeccionado a seu pedido. (p. 48).
- **Auto:** documento diplomático testemunhal de assentamento, horizontal. Relato pormenorizado de um acontecimento com a finalidade, em geral, de conduzir um processo a uma decisão. (p. 49).
- **Carta Oficial:** documento não-diplomático, mas de desenho mais ou menos padronizado, informativo, ascendente, descendente, horizontal, conforme o caso. (p. 51). Neste estudo, as cartas que são dirigidas a autoridades são denominadas oficiais. Há apenas uma carta que não

endereçada à Câmara, tendo sido caracterizada apenas como carta, mesmo tendo sido redigida pelos camaristas.

- **Carta de sesmaria:** documento diplomático testemunhal comprobatório, descendente. Diploma passado por autoridade suprema ou delegada, em geral governadores e capitães gerais, quando possuir esse direito fixado em regimento, para conceder datas de terra. (p. 53).
- **Certidão:** documento diplomático testemunhal comprobatório. Documento emanado de funcionário de fé pública, mediante o qual se transcreve algo já registrado em documento de assentamento, elaborado segundo as normas notariais ou jurídico-administrativas. (p. 57).
- **Contrato:** documento diplomático dispositivo pactual, horizontal. Registro de acordo pelo qual duas ou mais pessoas físicas ou jurídicas estabelecem entre si algum(uns) direito(s) e/ou obrigação(ções). (p. 60).
- **Declaração:** documento diplomático ou não, segundo sua solenidade, enunciativo, descendente. Manifestação de opinião, conceito, resolução ou observação, passada por pessoa física ou por um colegiado. (p. 62).
- **Orçamento:** documento não-diplomático informativo. Previsão de receita e despesa de pessoa física ou jurídica ou cálculo para se fazer uma obra ou um serviço. (p. 77).
- **Parecer:** documento diplomático opinativo ou não diplomático e, dependendo da instância, ascendente ou horizontal. Opinião técnica ou científica sobre um ato, servindo de base para a tomada de decisão. (p. 78).
- **Prestação de contas:** documento não-diplomático testemunhal de assentamento. Conjunto padronizado de documentos que comprovam o gasto de numerário exatamente de acordo com a finalidade inicialmente proposta. (p. 80).
- **Regimento:** documento diplomático dispositivo normativo, descendente. Na administração colonial: manifestação da vontade do rei. Representa o conjunto de normas disciplinantes de uma entidade, estabelecendo direitos e obrigações e regendo finalidades dos tribunais e de outros órgãos. (p. 84).
- **Requerimento:** documento diplomático informativo, peticionário, ascendente. Instrumento que serve para solicitar algo a uma autoridade

pública e que, ao contrário da petição, está baseado em atos legais ou em jurisprudência. (p. 86).

- **Resolução:** documento dispositivo normativo, descendente. Ato emanado de órgão colegiado registrando uma decisão ou uma ordem no âmbito de sua área de atuação. O ato está fundado na própria atribuição conferida ao órgão ou representante. (p. 87).

5.4 DELIMITAÇÃO DO OBJETO INVESTIGADO

Este estudo tem como foco o comportamento das vogais médias altas anterior /e/ e posterior /o/ que podem, também na escrita, alternar para as altas /i/ e /u/, respectivamente, caracterizando o fenômeno do alçamento. Como *em conf[e]ri>conf[i]ri* e *aut[o]ridades>aut[u]ridades*.

Neste sentido, o processo contrário também será pesquisado, ou seja, o comportamento das vogais altas anterior /i/ e posterior /u/, que podem se realizar como médias altas /e/ e /o/, na escrita⁹⁸, denominado de abaixamento. Conforme os exemplos: *cert[i]fico>cert[e]fico* e *doc[u]mento>doc[o]mento*. Além desses processos, também será considerada, nesta pesquisa, a manutenção das vogais médias altas realizando-se como /e/ - *dif[e]rente*, e /o/ - *enc[o]ntrado*; e das vogais altas, realizando-se como /i/ - *[i]nteira*, e /u/ - *l[u]gar*. Foram excluídas da análise, as ocorrências da vogal central /a/ antecedendo a tônica, como em *m[a]neira* e *l[a]vr[a]dores*.

Devido ao baixo número de ocorrências de ditongos, sem a possibilidade de alçar ou abaixar (*r[o]bado*, *T[e]xeira*), de epêntese (*ob[i]ter*, *ad[e]ministrar*) e de palavras com vogal média baixa na pretônica (*s[]mente*), essas incidências foram descartadas da análise.

Os prefixos **des** e **en** em início de palavra foram considerados, embora, de acordo com os estudos de Bisol (1981), Viegas (1987) e Kailer (2003, 2008), o alçamento seja categórico. O *des-* foi codificado como coda em /S/ na variável Trava Silábica, e como alveolar na variável Consoante Adjacente Seguinte. O *en-* foi tratado como travamento nasal. O contexto de travamento silábico em rótico [ʁ, “, r], tratado categoricamente como inibidor

⁹⁸ Neste estudo, como o objetivo está centrado no estudo diacrônico da ortografia contida nos documentos remanescentes do século XIX, as demais realizações das vogais médias e altas não serão consideradas. A vogal posterior média [o] pode alternar para [ɔ], [u] e [ʊ]. A vogal anterior [e] para [ɛ], [ɛ̃] ou [i]. (KAILER, 2008, p. 92). A vogal alta anterior [i] pode abaixar para [e], [ɛ̃] e [ɛ̃] e a posterior [u] para [o], [ɔ] ou [ʊ].

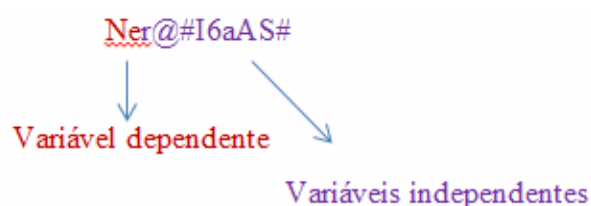
da elevação das médias, também é analisado nos dados, por meio do programa de análise estatística (GOLDVARB X⁹⁹), para testar a caracterização desse ambiente como contexto categórico¹⁰⁰.

5.5 O TRATAMENTO DOS DADOS

Após a edição e transcrição dos manuscritos, os 50 documentos foram agrupados em um único texto-base, eliminando-se a ficha catalográfica, as palavras incompletas e os algarismos. As palavras coladas foram separadas e as separadas, juntadas, de acordo com as fronteiras de palavras. O texto-base foi salvo em formato bloco (txt.) para, então, ser computado pela ferramenta léxico 3, versão 3.45.01, da Universidade Paris 3, que possibilita quantificar a frequência de ocorrência de determinada palavra em todo o *corpus* analisado. A utilização desse programa possibilitou o agrupamento ágil das palavras com contexto pretônico em médias altas e altas contidas nos documentos.

Após organizar e catalogar as palavras com vogais em contexto pretônico, seguiu-se à codificação¹⁰¹, de acordo com as especificidades estabelecidas neste estudo: variável dependente e variável independente linguística, cujas definições serão expostas nos itens 5.6 e 5.7. A codificação auxilia na classificação e análise computacional feita por meio do programa estatístico. O procedimento adotado para esta etapa seguiu o seguinte critério: realização ou não do alçamento ou abaixamento > variável dependente > variáveis independentes. Por exemplo, a palavra *presidente* ficou codificada assim:

Figura 3 – Exemplo de codificação



Fonte: A autora.

⁹⁹ O Goldvarb X é a última versão do pacote estatístico computacional VARBRUL (1988/1992). De acordo com Scherre (2012, p. 4) “tem funcionamento amigável, sem limites conhecidos de fatores em cada variável independente e sem limites de células (conjuntos de contextos idênticos codificados), mas não possui ainda um módulo de análise de três, quatro ou cinco variantes (análise multinomial) em termos de pesos relativos.”

¹⁰⁰ De acordo com Kailer (2008, p. 93), “os contextos categóricos ocorrem quando não há variação, ou seja, a regra é aplicada em 100% ou 0% das ocorrências.”

¹⁰¹ A relação total de palavras se encontra no apêndice da dissertação.

5.6 VARIÁVEL DEPENDENTE

A variável dependente controlada nesta investigação focaliza a alternância das vogais médias /e/ e /o/ para /i/ e /u/, como acontece em *af[e]riçaõ>af[i]riçaõ* e *apr[o]ntar>apr[u]ntar*; e das vogais altas /i/ e /u/ para /e/ e /o/, conforme os exemplos *const[i]tuição>const[e]tuisaõ* e *c[u]ltura>c[o]ltura*, sempre no contexto pretônico, caracterizando os processos de alçamento e abaixamento, respectivamente.

5.7 VARIÁVEIS OPERACIONAIS¹⁰²

Para buscar a compreensão dos ambientes favoráveis e desfavoráveis à aplicação da regra de alçamento e abaixamento, de acordo com os estudos fonético-fonológicos e variacionistas referenciados¹⁰³, foram elencadas nove variáveis linguísticas. Deixei para a continuação desta pesquisa o aspecto extralinguístico, não esquecendo as palavras de Labov (2008, p. 20): “nenhuma mudança acontece num vácuo social”, portanto, esta parte da análise está sendo relegada para o próximo momento da investigação. No entanto, o caráter sociolinguístico ainda permanece em tal estudo, uma vez que os documentos que compõem o *corpus* pertencem a uma determinada região do Paraná (Castro) de um determinado período de sua história (século XIX).

5.7.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas se referem à estrutura da palavra. Neste estudo, essas variáveis foram analisadas considerando (i) a vogal presente na sílaba pretônica; (ii) a vogal presente na sílaba tônica; (iii) vogal da sílaba seguinte; (iv) vogal da sílaba anterior; (v) localização da pretônica; (vi) trava silábica; (vii) o ponto de articulação das consoantes adjacentes precedentes e seguintes às pretônicas; (viii) caráter morfológico das lexias e (ix) classificação da palavra quanto à posição da sílaba tônica.

¹⁰² Também me refiro a estas variáveis como independentes.

¹⁰³ Bisol (1981), Viegas (1987, 2001), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Amaral (1996), Silva (1989), Kailer (2003, 2008, 2012).

Vogal presente na sílaba pretônica

Conforme já especificado anteriormente, somente as vogais médias altas /e/ e /o/, e as altas /i/ e /u/ são analisadas nesta investigação, sendo excluídas do banco de dados a vogal baixa central /a/ e suas variantes.

Alçamento: *c[o]stume>c[u]stume*¹⁰⁴
lib[e]rdade>lib[i]rdade

Abaixamento: *v[i]rtude>v[e]rtude*
l[u]gar>l[o]gar

A análise dessa variável pode ratificar ou ir de encontro aos estudos realizados, como o de Bisol (1981), Amaral (1996), Kailer (2008), Avelheda e Batista da Silveira (2011), Avelheda (2013), nos quais as vogais anteriores apresentam maior relevância nos resultados.

Altura da vogal presente na sílaba tônica

Com esta análise, é possível depreender se um segmentoônico alto, como uma vogal anterior /i/, atua como favorecedor do processo de alçamento das vogais médias /e/ e /o/, em contexto contíguo ou não, e qual vogal possibilita maior ocorrência da regra de abaixamento de altas. Neste sentido, algumas vogais inibidoras dos processos também podem ser descritas.

Para a análise dessa variável foram elencados os seguintes fatores¹⁰⁵:

Alçamento

- Vogais altas: *comprehend[i]do, comfir[i], congrat[u]la, post[u]ras*
- Vogais médias altas: *proced[e]r, sol[e]ne, rigor[o]zo, entended[o]r*
- Vogais médias baixas: *en[ɨ]rgicas, acont[ɨ]çe, confl[ɨ]rme, escript[ɨ]rio*

¹⁰⁴ Os exemplos dessa variável seguem a seguinte ordem: palavra grafada conforme consta no manuscrito seguida da forma atualizada. Todos os exemplos citados na descrição das variáveis são retiradas da amostra investigada.

¹⁰⁵ Inicialmente, os fatores elencados neste grupo consideravam cada vogal separadamente. Após a primeira análise, optei por amalgamá-los em fatores considerando a altura da vogal e, em relação às nasais, em apenas um fator: vogais nasalizadas. O mesmo procedimento foi adotado para as variáveis: Vogal da sílaba seguinte e Vogal da sílaba precedente.

- Vogal baixa: *conform[a]vaõ, mor[a]da*

Em relação ao fator vogais nasalizadas, é necessário esclarecer que este trabalho se remete à proposta estruturalista de Mattoso Câmara Junior em 1970, que entende a vogal nasal como um grupo formado de dois fonemas que se combinam na mesma sílaba – vogal e elemento nasal (vogal + N)¹⁰⁶.

- Vogais nasalizadas: *negoci[ã]te, compet[ẽ]te, seg[ĩ]te, rep[õ]do, seg[ũ]do*
- Ditongo nasal: *populaç[ã]o, nomeass[õ]s*
- Ditongos orais: *port[e]ra, sism[e]ro, tempor[a]s*

Abaixamento

- Vogais altas: *un[i]r, conduz[i]das, sub[u]rbio, circ[u]lla*
- Vogais médias altas: *diz[e]rem, igr[e]ja, escrutad[o]res, procurad[o]r*
- Vogais médias baixas: *succ[ess]o, fiz[ic]ça, inf[er]me, difficult[ies]zas*
- Vogal baixa: *ultrapass[a]raõ, inn[a]ta*
- Vogais nasalizadas: *import[a]ncia, suplic[a]te, impr[e]sa, juram[en]to*
- Ditongos nasais: *infrinj[ã]o, sertid[ã]o, atribuis[õ]s*
- Ditongos orais: *prim[e]ro, anunci[õ]s*

Altura da vogal da sílaba seguinte

A elevação ou abaixamento das pretônicas são associados, principalmente, ao processo de harmonização vocálica por assimilação regressiva, que tem como motivação a vogal da sílaba seguinte contígua. De acordo com Bisol (1981), a vogal alta anterior /i/ influencia o processo de alçamento tanto para a anterior /e/ quanto para a posterior /o/,

¹⁰⁶ No português há dois tipos de nasalidade: uma meramente fonética, como se observa em *cama, cena, unha*, na qual as vogais assimilam regressivamente a nasalidade da consoante que inicia a sílaba seguinte. Já, a nasalidade fonológica é outra, e demanda interpretação, como acontece em *bomba, minto*, que resultam em pares opositivos. De acordo com Câmara Júnior (1995, p. 47), “é preciso assinalar, portanto, que uma nasalidade como a de *junta*, oposto a *juta*, ou de *cinto*, oposto a *cito*, ou de *lenda*, oposto a *leda*, e assim por diante, não se deve confundir com uma pronúncia levemente nasal da primeira vogal de *ano*, ou de *cimo*, ou de *uma*, ou de *tema* etc., em que o falante tende a antecipar o abaixamento do véu palatino, necessário à emissão de consoante na sílaba seguinte, e emite já nasalada a vogal precedente.”

enquanto a vogal posterior /u/ favorece apenas a elevação de /o/, por questões articulatórias. O estudo de Kailer (2008) corrobora essa afirmação. Amaral (1996) destaca a importância das vogais médias baixas na sílaba seguinte como favorecedoras do abaixamento. Neste estudo, as vogais da sílaba seguinte são investigadas quanto à altura tanto para os casos de alçamento quanto para os de abaixamento.

Alçamento

- Vogais altas: *tab[e]lliaõ, s[e]guimento, c[o]mmunicações, c[o]stumada*
- Vogais médias altas: *g[o]vernar, n[o]meação, c[o]ronel, [e]mcontrei*
- Vogais médias baixas: *[o]ffertas, r[e]cebe, r[e]posta*
- Vogal baixa: *c[o]ntracto, emc[o]ntrado*
- Vogais nasalizadas: *sem[e]lhantes, p[o]rtanto, rev[e]rendo, [o]fendido, pr[o]longamento*
- Ditongos nasais: *s[e]ssaõ, [e]mtão*
- Ditongo oral: *[e]nbaixo, desc[o]briu*

Abaixamento

- Vogais altas: *atrib[u]ição, insuf[i]ciente, j[u]stissa, long[i]tude*
- Vogais médias altas: *l[i]berdade, circ[u]nferência, ouv[i]dorea, per[i]gozo*
- Vogais médias baixas: *Alb[u]querque, [i]mperio, glor[i]oza*
- Vogal baixa: *occ[u]pados, ap[u]rasaõ*
- Vogais nasalizadas: *ofic[i]ando, us[u]rpando, doc[u]mentos, [u]rgente, c[i]rcunstances*
- Ditongos nasais: *s[u]põem*
- Ditongo oral: *[i]ntuito, ofiç[i]ei*

Altura da vogal da sílaba anterior

Com os estudos sobre a variedade gaúcha, Bisol (1981) concluiu que a harmonização se configura como um processo de assimilação regressiva, ou seja, quando a

pretônica assimila o traço de altura da vogal a sua direita. Amaral (1996), analisando o abaixamento das vogais altas explica que foi necessário verificar se havia a possibilidade de ocorrer assimilação progressiva, ou seja, assimilação do traço da altura da sílaba anterior. O autor argumenta que Vieira (1994) apresenta a assimilação progressiva comum às postônicas, corroborando a ideia de que a assimilação parte da sílaba tônica em direção aos extremos da palavra. Neste estudo, devido à aparente ocorrência do abaixamento com média anterior, esta variável é analisada para verificar se há a influência tanto da vogal seguinte quanto da anterior na produtividade dos fenômenos.

Alçamento

- Vogais altas: *concid[e]ração, delibl[e]ração, Juvv[e]nal, rig[o]rozo, disp[o]sição*
- Vogais médias altas: *intell[e]ctual, nesss[e]sarias, nomn[e]ado, coll[o]car, cor[o]nel*
- Vogal baixa¹⁰⁷: *carrr[e]ador, comparar[e]cimento, Dag[o]berto, par[o]chial*
- Contexto nasal: *antnt[e]cedentes, compmp[e]tencia, intnt[e]rino, circunnf[e]rência, emx[o]via, inf[o]rmasão, convnv[o]cados*
- Ditongo oral: *auzz[e]nto, outr[o]sim*
- Ausência: *[ve“]dadeiro, [re]ferido, [fo]rrada, [do]ente*
- Fronteira silábica: *#[e]nglobado, #[o]fficiaes*

Abaixamento

- Vogais altas: *verifif[i]car unn[i]formamente, sitit[u]ação, lucrl[u]braços*
- Vogais médias altas: *termrm[i]nado, provpv[i]dências, prejpr[u]iso, prodpd[u]sir*
- Vogal baixa¹⁰⁸: *desmoralal[i]zar, prevarvr[i]cações, actct[u]al, Satst[u]rnino*
- Contexto nasal: *providencnc[i]arem, indnd[i]viduo, longng[i]tude, instrstr[u]soens, condnd[u]zidas*
- Ditongo oral: *reunun[i]ão, ouvuv[i]dor¹⁰⁹*

¹⁰⁷ Não foram encontradas palavras com vogais médias baixas nas sílabas anteriores às pretônicas na amostra analisada para o alçamento. Vale lembrar que as palavras com vogais médias baixas em contexto pretônico foram excluídas da amostra.

¹⁰⁸ Não foram encontradas palavras com vogais médias baixas nas sílabas anteriores às pretônicas na amostra analisada para o abaixamento.

- Ausência: [pi]lhou, [mi]nuciosamente, [su]plicante, [Cu]ramento
- Fronteira silábica: #[i]nfracção, #[u]ltimar

Localização da pretônica: inicial ou medial

Nesse ambiente, é analisada a posição em que os processos de alçamento e abaixamento acontecem com maior frequência no interior da palavra. De acordo com Avelheda e Batista da Silveira (2011), o ambiente mais sensível à aplicação dos processos é o inicial. Avelheda (2013) e Kailer (2003, 2008) tratam dessa questão em outros trabalhos referindo-se à “contiguidade”. As autoras, então, discutem a presença de sílaba tônica ou átona contígua à pretônica, investigação que não foi levada em questão neste estudo.

Bisol (1981) aborda essa variável como “distância”. No decorrer das análises, a autora constata que os valores para as posições eram aproximados, porém, sugere que quanto mais afastada a pretônica da tônica, maior a probabilidade de aplicação da regra de alçamento.

Amaral (1996), ao examinar a mesma variável, também constatou que a distância em relação à tônica favorece o abaixamento de ambas as vogais altas.

Neste trabalho, são investigadas as posições inicial, medial e fronteira silábica da pretônica, sem correspondência com a sílaba tônica.

Alçamento

- Sílaba Inicial: s[e]nhorita, b[o]ndade
- Sílaba Medial: resp[e]ctivos, comf[o]rmidade
- Fronteira silábica: #[e]leisaõ, #[o]rdinária

Abaixamento

- Sílaba Inicial: l[i]cença, d[u]sentos
- Sílaba Medial: qual[i]dades, seg[u]rança
- Fronteira silábica: #[i]mitação,#[u]nido

¹⁰⁹ Não foi encontrado exemplo de ditongo oral antecedendo a vogal alta /u/ na amostra analisada.

Trava Silábica

Parece haver consenso entre os linguistas que estudam o fenômeno do alçamento de que o contexto nasal, em relação à vogal anterior, é favorecedor da aplicação da regra.

Câmara Júnior (1970) aponta quatro tipos de travamento silábico: /R/, /S/, /N/ e a lateral /l/.

A coda em /l/ foi desconsiderada neste estudo, uma vez que, segundo Brandão e Cruz (2005), analisando o falar amazonense, "ora ocorre ditongo – [□♦] ou [●♦] – por conta da vocalização de /l/, [...], ora monotongo – [□] ou [●], isto é, redução do ditongo, o que parece justificar a não ocorrência da variante alta." Esse é o caso da variedade castrense, investigada neste estudo, como no exemplo *coltura*, sendo transcrito foneticamente como [ko ♦ tu ♦].

Segundo Bisol (1981), a vogal anterior nasalizada é altamente propícia à elevação, enquanto a posterior parece ter comportamento inverso, e ser mais propensa à elevação quando em contexto oral. Já, nos dados de Kailer (2008), a vogal posterior possui o mesmo percentual de alçamento em contexto nasal e oral. No trabalho realizado por Avelheda (2013), a variável “trava silábica” demonstrou uma porcentagem maior de alçamento em sílabas com travamento em /S/, seguidas do travamento em sílabas livres¹¹⁰, nasais e, por fim, em hiato. Nos dados da autora, os róticos não se mostraram relevantes à produtividade do alçamento.

Amaral (1996) levanta a questão da relevância da nasalidade como contexto favorecedor do abaixamento de altas. Em suas análises, esse fator se mostrou positivo à aplicação da regra para a vogal /i/ e demonstrou um índice muito grande de erro no que concerne à vogal /u/¹¹¹. O autor argumenta que os resultados possam ser decorrentes de o abaixamento de /u/ acontecer geralmente em palavras com o mesmo radical (*f[lo]nciona*,

¹¹⁰ Sílabas que terminam em vogal.

¹¹¹ Amaral (2006) explica que o nível de significância ficou em 0.26, considerado alto para o tipo de análise estatística empreendida. Nas investigações quantitativas, nas quais se usa o pacote estatístico Varbrul, há a possibilidade de se medir a significância de um fator dentro da variável independente, ou seja, verificar se a variável “oferece a seus fatores pesos relativos indicativos do maior ou menor favorecimento com relação à aplicação da regra” (BRESCANCINI, 2002, p. 35). Quando isso não ocorre, diz-se que a hipótese desse fator exercer efeito na aplicação da regra é nula – hipótese nula. É esse o papel do nível de significância. Para que um fator seja considerado significativo, seu valor deve ser pequeno, menor do 0,05 ou 0,01. (GUY; ZILLES, 2007). Brescancini (2002) explica que o número de *significance* deve ser próximo a 0,000.

f[on]cionário). Porém, deixa registrado em sua dissertação que o ambiente nasal para a vogal anterior apresentou probabilidade significativa para a aplicação da regra.

O travamento em /R/ demonstrou ser categoricamente inibidor do fenômeno de alçamento também nos estudos de Kailer (2003, 2008). Já, para Bortoni, Gomes e Malvar (1992) e Callou (1986), a trava silábica em róticos parece ser favorecedora do abaixamento de médias. Como houve a ocorrência desse processo no *corpus* analisado, tanto em contexto de elevação quanto de abaixamento, essa variável é analisada.

Alçamento

- /R/: *ap[e]rtadas, f[on]ncimento*
- /S/: *mag[e]stade, m[on]straraõ*
- /N/: *s[on]tença, resp[on]dera*

Abaixamento

- /R/: *v[er]tude, pert[ur]bar*
- /S/: *ast[is]feito, s[us]tento*
- /N/: *p[ri]ncipal, preg[un]tando*

Contexto adjacente consonantal

Avelheda (2013) comenta que inicialmente os casos de alçamento eram definidos pela assimilação do traço de altura da vogal seguinte. Bisol (1981) postula que o processo de elevação da pretônica se dá por harmonia do traço de altura da vogal seguinte, tônica ou não, mas reconhece que “as consoantes podem exercer influência sobre as vogais com que vizinham.” (BISOL, 1981, p. 43-44). De acordo com as pesquisas que investigam os processos de alçamento e abaixamento, o contexto consonantal adjacente tem papel importante no favorecimento ou desfavorecimento na produtividade desses fenômenos. Bisol explica que:

[...] as vogais altas, as mais convexas, são produzidas pelo levantamento do corpo da língua, seja em direção ao palato mole (u) seja em direção ao palato duro (i). Então, presume-se que as consoantes produzidas por articulação semelhante venham a favorecer o processo assimilatório em pauta, tanto a

velar, articulada com o dorso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com todo o corpo da língua levantado. Ao contrário, a alveolar, cuja articulação se faz com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique um pouco levantada, tenderia a não favorecer o processo de harmonização, por não ter pontos de semelhança com a vogal assimiladora. (BISOL, 1981, p. 93).

Amaral (1996) também associa o abaixamento das altas à presença da consoante adjacente seguinte e assinala que o ponto de articulação parece ter relevância na investigação do fenômeno, tanto para a anterior /i/ quanto para a posterior /u/.

Assim, essa variável é analisada, principalmente, de acordo com o ponto de articulação, investigando as mesmas consoantes para ambos os processos. Conforme explica Amaral:

Embora as conclusões se refiram à elevação, deve-se ter em conta que o abaixamento é processo semelhante no sentido de que é modificação do parâmetro relativo à ‘altura’ ou ao ‘ponto de articulação’ da vogal, e que, justamente por isso, deve apresentar contextos e regras semelhantes. (AMARAL, 1996, p. 19).

Dessa forma, os contextos precedente e seguinte são examinados de acordo com o ponto de articulação, padronizado pelo IPA – *International Phonetic Association*. As consoantes contempladas seguem as descritas nos trabalhos de Kailer (2003, 2008).

CONTEXTO PRECEDENTE¹¹²

Alçamento

- Velares [k, g, x]: [k]oberta, ri[g]oroço, enca[x]egar
- Labiodentais [f, v]: a[f]ogado, [v]ereda
- Bilabiais [p, b, m]: [p]orem, [b]ondade, [m]edido
- Alveolares [t, d, n, l, z, s, r]: [t]esouro, [d]emora, [n]omeado, [l]egumes, p[ʔ]ezentar, [s]eguir
- Alveopalatais [ʃ, ʧ]: [ʃ]gado, ma[ʧ]stade,
- Palatal [ʎ]: co[ʎ]cimento

¹¹² Como se trata de *corpus* escrito, e não havendo material sonoro de séculos passados disponível para consulta, a transcrição fonética das consoantes seguiu a pronúncia que atualmente se pratica na cidade de onde os manuscritos são provenientes.

- Ausência (vogais em ditongo ou hiato¹¹³): *compr[e]endido*

Abaixamento

- Velares [k, g, x]: *[k]izeçe, difi[k]ultozas [g]uimaraens*
- Labiodentais [f, v]: *edi[f]icar, [f]unsoens, [v]igário*
- Bilabiais [p, b, m]: *[p]unido, atri[b]uiçaõ, deter[m]inado*
- Alveolares [t, d, n, l, z, s, r]: *cos[t]umada, com[d]uzis, [n]ullidades, [l]ugar, ofi[s]ial, he[z]itar*
- Alveopalatais [ʈ, ʈ*, tʈ, dʈ]: *coa[dʈu]tor [ʈu]star, pa[tʈi]faria, juri[dʈi]çoens*
- Palatal [ɲ]: não houve ocorrência na amostra
- Início de palavra: #*[i]zençaõ*
- Ausência (vogais de ditongo ou hiato): *atrib[u]içaõ*

CONTEXTO SEGUINTE

Alçamento

- Velares [k, g, x]: *re[k]orra, fre[g]uesia, de[x]ogará*
- Labiodentais [f, v]: *re[f]erida, go[v]ernar*
- Bilabiais [p, b, m]: *de[p]onha, rece[b]i, so[m]ando*
- Alveolares [t, d, n, l, z, s, r]: *pro[t]estos, ante[s]edentes, te[n]ente, repe[l]ir, de[z]eja, pare[s]er*
- Alveopalatais [ʈ, ʈ*, tʈ, dʈ]: *des[eʈ]ando, [eʈ]ovia, esp[edʈ]icaõ, d[etʈ]irminar*
- Palatal [ɲ, ɲ*]: *s[eɲ]ora, m[eɲ]oria*

Abaixamento:

- Velares [k, g, x]: *verifi[k]ar, ri[g]or, i[x]adiar*

¹¹³ Esses dois contextos não foram contemplados nesta investigação por não se mostrarem recorrentes no *corpus* analisado.

- Labiodentais [f, v]: *di[v]ersas, di[f]icultozas*
- Bilabiais [p, b, m]: *partici[p]ar, su[b]lime, desenvolv[i]mento*
- Alveolares [t, d, n, l, z, s, r]: *Eleu[t]erio, resi[d]encia, crimi[n]ozo, vigi[l]anciã, qui[z]eçe*
- Alveopalatais [C^* , t \blacklozenge , d C^*]: *s[u C^*]eito, pos[it \blacklozenge]ivas, [i D d C^*]isposto*
- Palatal [ʃ]: *d[i ʃ]eiró*

Classe morfológica

Esta pesquisa se insere nas investigações que analisam os processos do alçamento e abaixamento com vistas não somente ao aspecto estrutural, mas unindo-o à história da palavra. Assim, o condicionamento lexical é considerado, levantando a discussão que emerge entre os seguidores do modelo neogramático e do difusionista. Viegas (1987, 2001) acredita que, categoricamente, o fenômeno do alçamento vai além da descrição de regras variáveis, mas se processa gradualmente no léxico, conforme os preceitos difusionistas. A autora assinala que os trabalhos anteriores, como o de Bisol (1981), que se basearam em regras categóricas, como sublinham os neogramáticos, sofrem restrições.

Em um artigo sobre a variação das médias pretônicas em Brasília, Bortoni, Gomes e Malvar (1992) seguem a mesma linha de Bisol, argumentando a favor da interpretação neogramática, embora encontrando evidências de difusão lexical em alguns itens presentes na análise.

Assim, nesta investigação, considero que tanto o fonema quanto a história da própria palavra podem desencadear a implementação da mudança linguística. Seguindo o postulado de Oliveira (1997):

Não podemos dizer que nenhuma análise séria, independentemente de seu sabor neogramático ou difusionista, ignore as razões do modelo oposto. Por exemplo, por mais neogramática que seja a análise, ninguém irá dizer, seriamente, que todas as palavras de uma determinada classe de palavras tenham sido alteradas ao mesmo tempo por uma regra do tipo $\text{X} \rightarrow \text{Y} / _ \text{Z}$ ¹¹⁴.(OLIVEIRA, 1997, p. 35).

¹¹⁴ Segundo Avelheda e Batista da Silveira (2011, p. 476), essa equação pode ser lida como “X realiza-se como Y em contexto Z, que indica que o contexto fonético Z demonstra-se favorecedor do processo sob análise. No caso do fenômeno de alçamento das vogais pretônicas, pode-se escrever uma equação do tipo /e/ \rightarrow [i] / #_, por exemplo, que deve ser lida como: /e/ realiza-se como [i] em contexto inicial do vocábulo.”

Dessa forma, além do aspecto estrutural, a trajetória da lexia também é considerada, perfazendo os caminhos etimológicos no processo de mudança da língua.

As classes contempladas são:

- Substantivo: *isenção, despacho*
- Adjetivo: *desditozos, restrito*
- Verbo: *conhece, sobornou*
- Advérbio: *sucesivamente, demais*
- Conjunção: *enquanto, entretanto*
- Pronome: *ninguem, diversos*
- Numeral: *segundo, cinquenta*

Tipo de palavra quanto à posição da sílaba tônica

Neste contexto, esta dissertação analisa os fenômenos do alçamento ou do abaixamento tendo como hipótese a maior ocorrência desses processos em palavras paroxítonas. Essa averiguação testa a produtividade dos processos de acordo com a posição da sílaba tônica na lexia (oxítona, paroxítona, proparoxítona). Nenhum dos trabalhos consultados considera essa variável, justificando a sua investigação neste estudo.

- Oxítonas: *apruntar, asestir.*
- Paroxítonas: *conveniências aozentes.*
- Proparoxítonas: As proparoxítonas apresentaram apenas 14 ocorrências em todo o *corpus* e em nenhuma delas houve alçamento ou abaixamento. São elas: *benemeritos, energicas, Escolastica, espirito, excelentissimo, Hermogenes, illustrissimo, legitimo, municipes, patriotica, propozito, teriamos, unanime, Verissimo.*

5.8 MÉTODO DE ANÁLISE¹¹⁵

Para a apreciação dos dados, foi utilizada a mais recente versão do programa GOLDVARB, o GOLDVARB X (3.0b3), que faz parte do pacote VARBRUL, desenvolvido por Rousseau e Sankoff, em 1978 (PINTZUK, 1988 apud KAILER, 2008). Scherre (2012)

¹¹⁵ Neste momento do trabalho, é imprescindível mencionar, e agradecer, o solícito e importante acompanhamento da professora Dirce Aparecida Kailer, que tão prontamente orientou e conduziu as análises, sugerindo os caminhos que poderiam ser trilhados para que a pesquisa atingisse seu objetivo.

comenta que o VARBRUL é a ferramenta estatística mais utilizada nos últimos 40 anos, ela “mede o efeito relativo dos fatores das variáveis independentes ou grupo de fatores, projetando pesos relativos associados a cada fator de cada variável independente em sucessivas análises [...]” (SCHERRE, 2012, p. 4).

O GOLDVARB X é um programa computacional que possibilita ao pesquisador obter em dados estatísticos o grau de variabilidade do fenômeno pesquisado e sua produtividade de acordo com cada contexto especificado, bem como a relevância que cada fator tem ao inibir ou favorecer a aplicação de determinada regra, ou das formas que podem alternar em determinado contexto variável.¹¹⁶

Embora esse programa seja um facilitador do pesquisador variacionista, há que se tomar algumas precauções, conforme explica Scherre:

[...] é importante salientar que todas as ferramentas estatísticas utilizadas têm subjacentes testes de significância estatística, mas estas ferramentas não devem nem podem ser usadas de forma ingênua, senão corremos o risco de estarmos usando números sem nenhum significado linguístico. Mais do que isto, as ferramentas estatísticas, como o próprio nome diz, são apenas ferramentas e elas não falam por si. As hipóteses linguísticas, baseadas em teorias pertinentes, são imprescindíveis e, sem elas, o entendimento do fenômeno linguagem não avança e nada faz sentido (SCHERRE, 2012, p. 7).

O programa tem um modelo operacional parecido com o modelo de 2001, com alguns pontos positivos e negativos. Um ponto positivo é a disposição dos resultados. Na janela *.res*, à medida que o pesquisador vai fazendo as rodadas, os resultados vão sendo acumulados, um abaixo do outro, sem a necessidade de arquivar vários resultados. Um passo que, talvez, venha a dificultar a utilização do GOLDVARB X, é a incorporação dos grupos de fatores, um a um, na janela secundária do *TKN*, mas que não vem a ser um problema.

Primeiramente, é necessário copiar os dados codificados para o programa, na janela principal *UNTITLED.TKN*. Na janela secundária são colocados o número de variáveis analisadas e os códigos de cada fator. Ao gerar os fatores específicos solicitados (*GENERATE FACTOR SPECIFICATIONS*), o programa mostra se há algum equívoco de digitação ou codificação na amostra, tendo por base os dados digitados na etapa anterior. Não é possível passar dessa etapa antes da retificação dos tokens.

¹¹⁶ Texto “Manual do Godvarb X”, produzido por Corrêa e Alves (2009) para apresentação no curso de extensão “Pesquisa e ensino de Língua Portuguesa: questões de variação e mudança em foco” – UFRJ – Setor Cultural da Faculdade de Letras. Disponibilizado por e-mail.

Após a correção, pode-se realizar a primeira rodada, clicando em *NO RECODE*. A janela de condições se abre (*cnd*). De acordo com Scherre (2010¹¹⁷), “o arquivo de condições deve ser editado e criteriosamente conferido pelo pesquisador, também pode ser modificado diretamente”, por isso “o pesquisador deve ter domínio claro de todas as recodificações que deseja fazer.” Para obter o primeiro resultado (*.res*), basta solicitar ao programa que carregue as células (*LOAD CELLS TO MEMORY*) da janela *TKN*. Então, os primeiros números e dados percentuais referentes às variáveis dependente e independente são disponibilizados. De acordo com Brescancini (2002, p. 24), nessa etapa “o papel dos condicionantes linguísticos no condicionamento da variável dependente [...]” é medido, atribuindo, assim, um valor numérico a cada um dos fatores estabelecidos na pesquisa, “o que o programa faz é tomar um conjunto de dados linguísticos e organizá-lo, de acordo com a variável dependente, em “ambientes possíveis” do ponto de vista lingüístico e extralingüístico.” (BRESCANCINI, 2002, p. 25).

Quando os dados são lançados no programa estatístico, na primeira rodada, o *GOLDVARB X* aponta alguns fatores que não apresentam variação para o fenômeno estudado, ou seja, a amostra dentro do grupo de determinada variável tem 0% ou 100% de aplicação do fenômeno em análise. O programa aponta, nesses casos, o *knock-out* dos dados. Então, novamente, essa amostra deve ser rodada, desconsiderando tais fatores.

Para excluir os nocautes, basta gerar novas condições de análise na função *RECODE SETUP*, copiando os fatores, desconsiderando-os ou amalgamando-os e, novamente, pedir para o programa ler as células.

Para o método de análise binomial, que fornece os resultados em pesos relativos, é necessário solicitar, na janela principal *TKN* a função *BINOMIAL, UP AND DOWN*. Se houver a necessidade de cruzar as variáveis, basta escolher a opção *CROSS TABULATION*, na janela principal, no menu *CELLS*.

Como os dados alçados ou abaixados registrados no *corpus* são, relativamente, baixos, alguns fatores apresentaram nocaute, ou seja, 0% de ocorrência, e precisaram ser excluídos da rodada binomial. Os fatores que apresentaram apenas uma ocorrência do fenômeno estudado também foram removidos da análise estatística, por não apresentarem evidência de que há variação.

¹¹⁷ Guia rápido de utilização do *GOLDVARB X*, produzido por Scherre, Cardoso e Lucca (2010), que pode ser acessado no blog do Grupo de Estudos Avançados em Sociolinguística (GEAS), da Universidade de Brasília. Sem paginação Disponível em <<http://geasunb.blogspot.com.br/>>.

Neste capítulo, descrevi o aporte metodológico que cerca esta investigação. Desde o primeiro tratamento do *corpus*, sua origem, propriedades, até a edição dos fólhos. Detalhei o objeto de pesquisa, delimitando a variável dependente e as independentes que são analisadas. Em seguida, expus a ferramenta que auxilia a sistematização dos dados, bem como o método de análise contemplado.

No capítulo seis os dados são analisados, discutidos e confrontados com resultados de outros trabalhos que trazem como tema principal os fenômenos aqui investigados.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo são expostos os resultados a que esta pesquisa chegou após o processo elencado anteriormente. No início, descrevo o total de palavras que constam nesta investigação e os primeiros impasses constatados ao submetê-las ao programa estatístico. Em seguida, passo a relatar, analisar e comentar os resultados referentes a cada variável dependente e independente consideradas. Ao mesmo tempo, são cotejados dados provenientes de outras pesquisas, na intenção de procurar entender se a recorrência de palavras alçadas ou abaixadas constatada na oralidade cotidiana e informal do século XXI está em consonância com os dados escritos do século XIX, registrados em manuscritos oficiais, que, portanto, apresentam certo grau de formalidade exigida pela situação. A partir dessas análises, talvez seja possível encontrar alguns vestígios de uma oralidade novecentista da língua utilizada em Castro, imortalizada pela pena de personagens que figuraram no cenário social castrense. O objetivo maior é contribuir na incessante e instigante busca pela língua portuguesa em uso, talvez falada, em séculos passados, podendo, assim, ir ao encontro de dados linguísticos passados que possam iluminar a interpretação de fatos linguísticos do presente (LABOV, 2001, p. 65).

6.1 PRIMEIROS RESULTADOS

Antes de iniciar a descrição dos resultados, é importante salientar que os fenômenos aqui estudados foram escolhidos por aparecerem recorrentemente em todos os manuscritos, mesmo não apresentando números tão expressivos. Instigou-me o fato de que, na grafia, em contexto oficial, houve relativa frequência de palavras com alteração das vogais médias altas e altas, diferentemente do que ocorre em textos formais atuais. Dessa maneira, ainda que os valores estatísticos não tenham se mostrado bastante significativos, é preciso considerar a situação na qual os manuscritos estão inseridos – dados escritos em situações formais. Como os documentos provenientes de órgãos oficiais são, em sua maioria, em formatos padronizados, uma característica inerente da escrita contida nesses manuscritos é o apuro gráfico e a utilização de palavras que não são comumente utilizadas na oralidade. Dessa maneira, a ocorrência de palavras escritas com características próprias da fala, como a

flutuação das médias pretônicas, chamou-me a atenção, uma vez que podem remeter a uma provável língua em uso na realidade novecentista castrense.

Referindo-me ao cotejo dos resultados com dados orais, é salutar mencionar que os trabalhos diacrônicos, que analisam os fenômenos do alçamento e abaixamento, geralmente trazem a descrição das ocorrências e dos fenômenos que podem estar atuando na elevação ou no abaixamento de médias pretônicas. Acredito que isso acontece justamente por haver poucos dados. No entanto, mesmo sabendo dos percalços que poderiam acometer a minha investigação no decorrer da análise, lancei-me no caminho ainda pouco trilhado, no intuito de empreender uma forma de descrição e análise com estratégias e procedimentos diferentes, buscando resultados estatísticos dos fenômenos contemplados.

Os dados que são descritos na sequência, em números gerais, valor de aplicação dos fenômenos do alçamento e abaixamento e pesos relativos, não são comumente encontrados em pesquisas que investigam dados diacrônicos, o que pode justificar, mesmo não apresentando números altos, a realização dessa escolha teórica e metodológica. Para obter resultados mais consistentes, os dados serão ampliados, assegurando a continuidade desta pesquisa.

Após a codificação, os dados foram lançados no programa GOLDVARB X, para que se procedesse à análise quantitativa, considerando o apontamento de Kailer (2008):

É importante que se proceda a uma análise acurada, pois, do contrário, teremos apenas uma pesquisa quantitativa, e o intuito deste estudo (fonético-fonológico) não é apenas apresentar números, mas compreender o porquê de termos certos valores para determinadas variáveis, e também verificar qual é, de acordo com seu percentual ou peso relativo, a influência de cada variável para a aplicação da regra de alçamento¹¹⁸. (KAILER, 2008, p. 111).

Ao gerar os resultados para as vogais médias /e/ e /o/, em contexto pretônico, considerando a variável dependente E (alçamento), o programa apontou alguns nocautes e palavras que apresentaram apenas um caso de aplicação da regra. Quando houve 0% de aplicação ou o fator apresentou apenas um caso de variação, ele foi descartado da análise quantitativa. Optei por desconsiderar dos grupos de análise todos os fatores que trouxeram apenas um caso de variação da forma (quase) categórica, entendendo que apenas um uso alçado ou abaixado em determinado contexto, utilizado por um escriba, não é expressivo para o estudo em questão.

¹¹⁸ Tomo a mesma consideração para o abaixamento.

Na sequência são listados os fatores excluídos da análise binomial por terem apresentado nocaute dos dados (0% ou 100% de variação). Também não foram considerados os fatores que registraram apenas um caso de variação no *corpus*.

- **Vogal anterior /e/**

1. Vogal da Sílabla Tônica: Neste grupo, o fator médias altas apresentou apenas uma ocorrência de alçamento (*d[i]speza*), de um total de 292 dados (0,3%). Assim, esse fator foi abandonado da análise estatística.

2. Vogal da Sílabla Seguinte: Nesta variável não houve nocaute dos dados. Entretanto, os contextos de médias baixas /ɐ/ e /ə/ e ditongo nasal foram excluídos dos dados analisados por apresentarem apenas um caso de variação, cada um. No primeiro, apenas *r[i]porto* alçou (2%). No segundo, apenas *conc[i]ssao* teve a vogal /e/ elevada (3,3%).

3. Vogal da Sílabla Anterior: O fator ditongo oral apresentou nocaute dos dados (0%). Dos quatro vocábulos desse fator, nenhum teve a vogal anterior alçada. As vogais altas na sílabla anterior registraram apenas um caso de alçamento (*lib[i]rdade*), ou seja, 2,8%. Esses fatores foram excluídos da análise.

4. Consoante adjacente precedente: As consoantes bilabiais apresentaram apenas o alçamento em *lib[i]rdade* (0,4%). As palatais, da mesma forma. Apenas *conh[i]cimento* teve a vogal média elevada (6,7%). O fator ausência também foi eliminado, juntamente com os demais, por apresentar nocaute (0%).

5. Consoante adjacente seguinte: Neste grupo, a consoante palatal não apresentou nenhuma ocorrência de alçamento, gerando nocaute. No contexto ausência de consoante, apenas *repr[i]endendo* alçou (2,5%). Ambos foram eliminados da análise estatística. Neste momento é importante salientar que os contextos de ditongo e hiato não foram considerados nesta investigação em consequência do baixo número de palavras encontradas no *corpus* na primeira avaliação. No entanto, no decorrer das análises, esses contextos indicaram a necessidade de incluí-los na sequência que será dada a esta pesquisa.

6. Classe Morfológica: Os advérbios e numerais não apresentaram nenhum caso de alçamento da média anterior. O primeiro deles computou 32 palavras e, o segundo, apenas oito vocábulos no *corpus*. Dentre as 17 conjunções, apenas *[i]ntanto* alçou (5,9%). Dessa forma, esses fatores foram descartados da análise.

7. Classificação da Palavra quanto à Sílabas Tônica: As palavras proparoxítonas não apresentaram nenhum caso de aplicação da regra de alçamento. Mesmo tendo computado 39 ocorrências, essa classe foi eliminada da etapa binomial.

- **Vogal posterior /o/**

1. Vogal da Sílabas Tônica: Neste grupo, o fator vogal média baixa /ə/ e /ɔ/ não mostrou relevância, uma vez que não apresentou nenhuma ocorrência de alçamento. Da mesma forma, os ditongos nasais, com 0% de produtividade. Assim, ambos foram excluídos da análise.

2. Vogal da Sílabas Seguinte: O fator vogais médias baixas e ditongo nasal foram eliminados dos dados por apresentarem nocaute (0%). Os fatores ditongo oral e vogais médias /e/ e /o/ na sílabas seguinte apresentaram apenas um caso de variação, cada um. Em relação ao ditongo oral, apenas *g[i]ntio* alçou (0,6%), e ao fator vogais médias altas, apenas *s[u]cego* teve a vogal posterior alçada (0,5%). Os quatro fatores não constaram na rodada binomial.

3. Vogal da Sílabas Anterior: Depois da leitura dos dados, pelo GOLDVARB X, essa variável foi abandonada. Todos os fatores, com exceção do ausência de vogal, apresentaram apenas um caso de variação da vogal média posterior. No fator da vogal baixa /a/ somente *apr[u]ntar* alçou (1,4%). A presença de ditongo oral na sílabas anterior, apresentou apenas *aut[u]ridades* com a vogal elevada (6,7%). No fator das vogais nasalizadas somente *inch[u]via*¹¹⁹ (2,9%) teve a vogal média alçada. Dentre os dados contendo vogal média baixa na sílabas anterior, apenas *des[u]cupar* alçou (0,7%). A produtividade (3,8%) foi baixa em relação às vogais altas /i/ e /u/, com um único caso de alçamento em *disc[u]brio*.

¹¹⁹ Enxovia: parte térrea ou subterrânea das prisões, úmida e escura, que, outrora, abrigava os presos por crimes graves ou de alta periculosidade/ quarto, recinto insalubre, mal arejado, escuro e sujo. (HOUAISS, 2001).

Por fim, o fator fronteira silábica apresentou nocaute dos dados, com 0% de aplicação da regra. Somente o fator ausência apresentou 14 casos de alçamento, ou seja, (2,2%). Como o intuito dessa variável foi testar a produtividade dos contextos alto e baixo na sílaba anterior, esse fator também foi abandonado e, conseqüentemente, todo o grupo.

4. Trava Silábica: O fator coda em /R/ apresentou apenas um caso de alçamento (*F[u]rtunato*), 1%, o que levou à sua exclusão.

5. Consoante Adjacente Precedente: Nesta variável, com exceção das consoantes alveolares e velares, todas as demais foram excluídas. As palatais, o contexto de início de palavra, e o fator ausência apresentaram apenas casos de manutenção da vogal média. As consoantes labiodentais computaram apenas alçamento em *F[u]rtunato* (1,5%). Entre as bilabiais, somente em *p[usturas]* a vogal posterior alçou (0,8%). As alveopalatais registraram apenas o alçamento em *inch[u]via* (1%). Assim, esses seis fatores foram descartados da análise binomial.

6. Consoante Adjacente Seguinte: Foram excluídos os fatores: velar, labiodental, palatal e alveopalatal, restando somente as alveolares, as bilabiais e o contexto de ausência para serem testados. A consoante velar apresentou apenas a aplicação da regra em *des[u]cupar* (1,5%). As labiodentais também computaram baixa produtividade, 1,4%, com apenas um caso de alçamento: *inch[u]via*. As palatais e alveopalatais registraram nocaute por não apresentarem nenhum caso de elevação. Dessa forma, os contextos descritos foram abandonados na rodada estatística.

7. Classe Morfológica: Os advérbios apresentaram 10 ocorrências; os numerais 19 ocorrências e, entre as conjunções, 31 ocorrências no *corpus*, no entanto, em nenhuma delas houve registro de alçamento. Por isso, essas classes não foram analisadas na rodada binominal.

8. Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílaba Tônica: As proparoxítonas mostraram 0% de produtividade, sendo registradas em apenas duas ocorrências e em nenhuma houve aplicação da regra.

O mesmo critério de análise adotado para as vogais médias altas /e/ e /o/ serviu para as vogais altas /i/ e /u/. Ao gerar os resultados, considerando a variável dependente A (abaixamento), o programa apontou alguns nocautes, que foram, em seguida, descartados da análise:

- **Vogal anterior /i/**

1. Vogal da Sílabla Tônica: O fator médias altas registrou apenas o alçamento em *m[e]leçia* (2,6%), sendo, assim, foi excluído da análise binomial.

2. Vogal da Sílabla Seguinte: Neste grupo, dois fatores foram excluídos: vogais médias baixas, por apresentar apenas a palavra abaixada *Fer[e]gotti* (1,6%); e o fator vogais nasalizadas, que somente registrou palavras com a vogal alta mantida.

3. Vogal da Sílabla Anterior: O fator vogal baixa apresentou apenas um caso de aplicação da regra: *as[e]stir* (0,8%). Dos vocábulos contendo vogal alta na sílabla anterior, apenas *prensip[e]araõ* foi produzido com a variante abaixada (5,8%). O fator ditongo oral foi excluído por não apresentar nenhuma ocorrência de abaixamento no *corpus*.

4. Trava Silábica: Apenas a coda em /R/ foi excluída, por registrar apenas a palavra *v[e]rtude*, com a vogal alta anterior abaixada (7,1%).

5. Consoante Adjacente Precedente: O fator alveopalatais, o contexto de ausência e o fator consoantes velares foram excluídos desta análise. O primeiro e o segundo, por nocaute de dados, sempre mantendo a vogal alta; o terceiro, por registrar apenas um caso de abaixamento (*requ[e]zitar*)¹²⁰, 3,6%.

6. Consoante Adjacente Seguinte: Apenas o fator consoantes palatais foi abandonado. Todos os registros com esse contexto mantiveram a vogal alta na posição pretônica.

7. Classe Morfológica: A classe das conjunções não apresentou nenhuma ocorrência no *corpus*. Dentre os 23 numerais e dois pronomes, nenhum apresentou

¹²⁰ O dígrafo qu é simbolizado foneticamente pela velar [k].

abaixamento. Entre os advérbios houve somente uma aplicação do processo em *[e]mediatamente*. Todos os fatores listados foram excluídos da análise binomial.

8. Classificação da Palavra quanto ao Acento: Apenas o fator proparoxítonas foi excluído, por não computar casos de aplicação da regra.

- **Vogal posterior /u/**

1. Vogal da Sílabla Tônica: O fator médias baixas apresentou apenas a palavra *Ele[o]terio* abaixada (6,7%). Não houve aplicação da regra em nenhuma palavra contendo ditongo nasal na sílabla tônica. Ambos os fatores foram excluídos da análise.

2. Vogal da Sílabla Seguinte: Dois fatores foram excluídos: os ditongos nasais, por nocaute (0%), e o fator médias baixas, com aplicação da regra apenas na palavra *Ele[o]terio* (6,7%).

3. Vogal da Sílabla Anterior: Neste grupo, quatro fatores apresentaram nocaute por manterem a vogal alta na pretônica e foram excluídos da investigação binomial. São eles: vogal baixa, vogais altas, vogais nasalizadas e contexto de fronteira silábica.

4. Localização da Pretônica: O fator fronteira silábica manteve a vogal alta em todas as ocorrências registradas no *corpus*.

5. Trava Silábica: Não houve ocorrência de aplicação da regra em dois fatores: coda em /R/ e coda em /S/, assim, foram descartados da análise quantitativa.

6. Consoante Adjacente Precedente: Os fatores consoantes alveopalatais, labiodentais e o contexto em início de palavra apresentaram apenas ocorrências com a vogal alta posterior mantida, por isso descartados da análise binomial.

7. Consoante Adjacente Seguinte: Duas palavras com consoante labiodental seguindo a pretônica (22,2%) tiveram a vogal alta abaixada; no entanto, essas duas aplicações se referem ao mesmo vocábulo: *s[o]ficiente*. Assim, optei por excluir essas consoantes da

análise. Os fatores consoantes palatais e alveopalatais apresentaram nocaute dos dados com a manutenção da vogal alta.

8. Classe Morfológica: Os pronomes e as conjunções não apresentaram ocorrências na amostra. O fator numerais apresentou cinco ocorrências da mesma palavra (*dusentos*), sendo excluído da análise. Dos nove advérbios, nenhum teve a vogal alta abaixada, gerando nocaute.

9. Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabla Tônica: O fator proparoxítonas foi excluído, por não apresentar nenhum caso de abaixamento nos dados analisados.

Após eliminar todos esses fatores, os dados foram rodados novamente. Desta vez, ao submeter a amostra à análise *Binomial up and down*, o próprio programa descartou os grupos não favoráveis à produtividade dos fenômenos investigados e forneceu os resultados em pesos relativos. Neste trabalho, sigo a interpretação apontada por Brescancini (2002, p. 47): “se o peso relativo [dentro da variável] de um fator for superior a 0,5, este é considerado como favorável à aplicação da regra; se for inferior a 0,5, é pouco favorável; e se for exatamente 0,5, é neutro.”

Na rodada multivariada, o programa selecionou os grupos que são mais relevantes para a aplicação da regra em relação às vogais médias altas¹²¹ e altas.

Para o ALÇAMENTO, as variáveis, em ordem de seleção, são:

Vogal média anterior /e/:

- Consoante Adjacente Precedente.
- Vogal da Sílabla Seguinte.
- Vogal da Sílabla Anterior.
- Consoante Adjacente Seguinte.

Vogal média posterior /o/:

- Trava Silábica.
- Consoante Adjacente Precedente.
- Vogal da Sílabla Seguinte.

¹²¹ Doravante médias.

- Localização da Pretônica

Para o ABAIXAMENTO, as variáveis, em ordem de seleção, são:

Vogal alta anterior /i/:

- Vogal da Sílabla Seguinte.
- Classe Morfológica.
- Localização da Pretônica.
- Consoante Adjacente Precedente.
- Vogal da Sílabla Anterior.
- Consoante Adjacente Seguinte.

Vogal alta posterior /u/:

- Classificação da Palavra quanto à Posição na Sílabla Tônicla.
- Vogal da Sílabla Seguinte.
- Consoante Adjacente Precedente.
- Localização da Pretônica.
- Consoante Adjacente Seguinte.
- Vogal da Sílabla Tônicla.

Os resultados desses grupos são descritos, analisados e cotejados com trabalhos correlatos no decorrer do texto. Inicialmente, exponho os dados gerais, relacionados ao número total de dados, porcentagem de aplicação dos fenômenos estudados e apresentação dos resultados referentes às vogais-alvo desta investigação, seguindo a ordem: médias altas /e/ e /o/ e, em seguida, altas /i/ e /u/.

6.2 ANÁLISE ESTRUTURAL E COTEJO DOS DADOS

Os 50 manuscritos castrenses do século XIX contabilizaram um total de 11.255 dados, sendo 4537 deles em contexto pretônico. Desse montante, 3016 apresentam contexto de vogal anterior /e/ e /i/, e 1521, contexto posterior /o/ e /u/. Em relação à altura das vogais, obtive 2818 palavras contendo vogais médias altas (doravante médias) e 1719 contendo vogais altas.

Tabela 1- Total de ocorrências e percentual de vogais analisadas presentes no *corpus*

Vogais Médias			Vogais Altas		
/e/	1778	63,1%	/i/	1238	72,1%
/o/	1040	36,9%	/u/	481	27,9%

Fonte: A autora.

Analisando o total de alçamentos e manutenção das vogais médias, obtive o seguinte resultado:

Tabela 2- Total de alçamentos e manutenção de vogais médias

Alçamentos e Manutenção de Vogais Médias					
Alçamentos			Manutenção		Exemplos
Vogal	Total	%	Total	%	
/e/	43	2,4%	1735	97,6%	<i>Af[i]rição/ Pr[i]zidente</i>
/o/	19	1,8%	1021	98,2%	<i>Aut[u]ridades/ C[u]stumados</i>

Fonte: A autora.

Do total de 1778 palavras com vogal anterior na pretônica, apenas 43 alçaram (2,4%), em detrimento de 1735 (97,6%) de manutenção da média. Em relação às posteriores, o número foi ainda mais baixo. De 1040 vocábulos contendo a vogal /o/ no contexto pretônico, apenas 19 (1,8%) alçaram, e 1021 (98,2%) mantiveram a média. O número de dados da escrita, sem dúvida, é baixo, comparado com a expressividade percentual encontrada em trabalhos que tratam da oralidade contemporânea. Entretanto, a justificativa deste trabalho se debruça sobre a existência, embora pequena, de palavras contendo oscilação de vogais médias e altas em registros formais escritos.

Embora a contagem de dados seja baixa, os números gerais desta análise corroboram os trabalhos de Bisol (1981), Viegas (1987), Kailer (2008) e Avelheda (2013) no que tange à recorrência de alçamentos nas vogais anteriores em detrimento das posteriores.

Bisol (1981) contabilizou 5743 contextos de vogal /e/ e 5261¹²² de vogal /o/ nos dados provenientes de entrevistas gravadas com 44 informantes no estado do Rio Grande do Sul. Viegas (1987) conta o total de 3931 dados, sendo 2190 da vogal anterior e 1741 da posterior, coletados por meio de entrevistas gravadas com 16 informantes na região de Belo

¹²² A autora não fornece esses dados em valores quantitativos e percentuais em relação à aplicação da regra para cada uma das vogais analisadas.

Horizonte. Desse total apresentado por Viegas, 40% apresentaram alçamento, sem distinção de vogal.

Kailer (2008) expõe números relativos a dados levantados em 2006 e 2007, decorrentes de entrevistas com 32 informantes do estado do Paraná. Nas 9698 ocorrências de pretônicas, 5961 são da vogal /e/ e 3737 da vogal /o/. Em relação às anteriores, a autora descreve 1898 ocorrências de alçamento e 4063 casos de manutenção da média. Em relação às posteriores, foram contabilizados 765 vocábulos alçados e 2972 mantendo a vogal média.

Avelheda (2013) analisou a fala presente em três gerações distintas na região de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro. A autora encontrou o total de 6236 palavras com contexto pretônico anterior, tendo 5198 vocábulos com a vogal /e/ mantida e 977 ocorrências alçadas. Sobre a vogal posterior, Avelheda (2013) relacionou 4671 pretônicas, sendo 3877 com a vogal /o/ mantida e 734 alçadas.

Os dados arrolados neste estudo, juntamente com os supracitados, mostram a maior probabilidade de a vogal anterior ser alçada, em detrimento da posterior, corroborando a hipótese inicial desta investigação.

Para obter os pesos relativos referentes às vogais-alvo, rodei os dados referentes ao alçamento, ou seja, referentes às vogais médias /e/ e /o/, e depois os dados referentes ao abaixamento, vogais altas /i/ e /u/.

Em relação aos dados do alçamento, na análise binomial, o programa apontou a vogal média anterior presente na sílaba pretônica como ambiente produtivo ao alçamento. De um total de 62 alçamentos registrados nos manuscritos do século XIX, a vogal anterior alçou 43 vezes, computando o peso relativo de 0,590 nesta amostra, ou seja, favorável à produtividade do fenômeno. A vogal posterior, com o peso relativo de 0,350, e aplicação em 19 palavras, mostrou-se desfavorável à aplicação da regra, conforme mostra a tabela:

Tabela 3 – Resultados totais para a variável dependente: Vogal da Sílabla Pretônica

Vogal Presente na Sílabla Pretônica				
Fatores/vogais	Peso	Apl./Total	%	Exemplos¹²³
médias	relativo			
/e/ anterior	0,590	43/1778	2,4	<i>R[e]zidencia/ D[i]volutos</i>
/o/ posterior	0,350	19/1040	1,8	<i>Des[o]rganizado/S[u]cego</i>
<i>Input 0.008</i>				<i>Significance 0.023</i>

Fonte: A autora.

Nos dados de Kailer (2008), ao ser analisada a nasalização da pretônica, a autora contabiliza também dados orais. Segundo sua amostra, as vogais posteriores são mais produtivas no contexto oral, em detrimento das anteriores. Esses resultados vão de encontro aos computados nesta investigação, conforme mostra a tabela 3.

Para o abaixamento e manutenção das vogais altas, ao comparar com os dados das médias, o resultado não mostra um consistente decréscimo para a vogal anterior, porém, razoável para a posterior:

Tabela 4 – Total de abaixamentos e manutenção de vogais altas

Abaixamentos e Manutenção de Vogais Altas					
Abaixamentos			Manutenção		Exemplos
Vogal	Total	%	Total	%	
/i/	54	4,4%	1184	95,6%	<i>Cert[e]fico/ D[e]vide</i>
/u/	24	5%	457	95%	<i>C[o]ltura/ L[o]gar</i>

Fonte: A autora.

Em relação ao alçamento, o abaixamento de altas apresentou um ligeiro acréscimo de ocorrências, porém, sempre prevalecendo a vogal anterior e com um número maior de manutenção da alta. De um total de 1238 vocábulos contendo a vogal anterior no ambiente pretônico, apenas 54 deles, ou 4,4%, abaixaram. Para a posterior, o número foi ainda mais baixo: de 481 palavras, 457 (95%) mantiveram a alta, enquanto 24 tiveram a vogal alta abaixada (5%).

Os dados referentes às vogais altas /i/ e /u/ mostram que a vogal anterior é, como ocorre com o alçamento, mais suscetível à aplicação da regra do abaixamento. Das

¹²³ Um exemplo se refere à vogal média mantida e o outro da vogal média alçada, evidenciando os dados totais e de aplicação da regra.

1719 ocorrências de palavras contendo vogais altas na amostra analisada, houve a ocorrência de 78 palavras abaixadas, sendo 54 (4,4%) delas com a vogal anterior. As outras 24 (5%) ocorrências se deram com a vogal posterior. A porcentagem das posteriores é mais expressiva em decorrência do baixo número de palavras contendo vogais posteriores em todo o *corpus*.

A análise binomial não apontou o grupo da vogal pretônica como relevante para a produtividade do abaixamento. As porcentagens obtidas por meio do GOLDVARB X não revelaram alteração do peso relativo para além do ponto neutro para a vogal anterior /i/, nem para aquém do ponto neutro para a vogal posterior /u/.

Amaral (1996), investigando os abaixamentos de altas na fala gaúcha, não contabiliza o total de ocorrências relacionadas com a anterior ou a posterior. O autor prefere descrever os dados já especificando a variável em exame. Ao analisar a influência da nasalidade das vogais-alvo (/i/ e /u/) na produtividade do fenômeno, descreve também os dados orais. Segundo a amostra do autor, tanto as vogais anteriores quanto as posteriores orais não são favorecedoras do abaixamento, em detrimento das nasalizadas.

Avelheda e Batista da Silveira (2011) apresentam um resultado proveniente de *corpus* escrito, dos séculos XVIII e XIX, no qual analisam o alçamento e o abaixamento de pretônicas em contexto de travamento nasal. De 49 palavras pretônicas, apenas três delas alçaram e nenhuma ocorrência de abaixamento foi encontrada no século XIX.

A análise das autoras endossa a hipótese deste estudo, ao evidenciar que dados escritos são menos suscetíveis às flutuações de médias e altas, mas não deixa de confirmar que algumas alterações existem na grafia registrada em documentos de séculos anteriores, provenientes, talvez, de descuido ou desconhecimento gráfico, apuro etimológico ou reflexo de uma possível oralidade.

Diferentemente do que mostra o estudo de Avelheda e Batista da Silveira (2011), os casos de aplicação das regras foram relativamente mais expressivos nesta amostra:

Tabela 5 – Total de alçamentos e abaixamentos

Alçamentos e Abaixamentos				
Total de palavras	Alçamentos		Abaixamentos	
	Total	%	Total	%
4537	62	2,2%	78	4,5

Fonte: A autora.

Em seguida, passo à descrição das variáveis independentes que foram selecionadas como relevantes à produtividade da regra de alçamento de médias e abaixamento de altas na pauta pretônica.

6.3 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

Os resultados descritos na análise são cotejados principalmente com dados orais, a fim de verificar se os fatores estruturais condicionantes do alçamento e do abaixamento que operaram no passado, neste caso, o século XIX, são os mesmos que atuam no presente.

Ao lançar no programa as vogais individualmente, os resultados mostraram os grupos mais produtivos à aplicação dos fenômenos estudados, indicando o peso relativo relacionado a cada fator da variável.

Para não deixar de fora nenhum grupo investigado, optei por descrever os resultados das variáveis que foram selecionadas para cada vogal pelo GOLDVARB X no corpo do texto. Os grupos que não mostraram relevância para a aplicação da regra, relacionados a cada vogal, terão os resultados absolutos, de aplicação e percentuais apresentados em forma de tabela no apêndice desta dissertação.

Para a apreciação dos resultados, optei por não separar as vogais em análise, mas descrever os valores de ambas dentro do grupo de variáveis. A ordem de descrição para cada fenômeno segue a seleção de relevância indicada pelo programa estatístico, para as vogais anteriores, indicando, sempre, qual foi a posição selecionada para a posterior, de um mesmo grupo. Quando os grupos selecionados coincidirem para ambas as vogais, os resultados serão apresentados, inicialmente, para a vogal anterior e, na sequência, para a posterior. Caso o grupo tenha sido selecionado para apenas uma das vogais, os resultados dessa vogal serão descritos em peso relativo no corpo do texto, e os resultados da vogal não selecionada, no apêndice.

Antes, porém, não posso deixar de salientar que os dados analisados nesta pesquisa, provenientes de manuscritos, são em número reduzido, o que leva à repetição dos exemplos que são descritos no decorrer do texto. Para a análise dos fenômenos, foram considerados valores baixos de aplicação, afirmando a necessidade de ampliação do *corpus* para que os resultados desta investigação possam assegurar um determinado contexto favorecedor ou não das regras do alçamento e abaixamento.

6.4 ALÇAMENTO

O alçamento, conforme já descrito, é um processo comumente encontrado na oralidade do português brasileiro, atestado pelos inúmeros trabalhos que se dedicam à descrição desse fenômeno na pauta pretônica. Em contrapartida, uma boa justificativa para a realização desta pesquisa está no fato de que não são comuns os trabalhos que visam à abordagem diacrônica. Muitos estão em andamento, como o do professor Magalhães (2010), da Universidade de Uberlândia, que descreve o sistema vocálico dos séculos XVIII e XIX a partir de documentos que compõem o PHPB¹²⁴, e como os trabalhos de Dermeval da Hora (2006, 2007¹²⁵), entre outros, desenvolvidos pelos pesquisadores que compõem o projeto em nível nacional. Todas essas investigações descrevem o quadro vocálico registrado em documentos remanescentes de séculos passados, mas não fornecem dados estatísticos. Destaco, também, a pesquisa realizada por Avelheda e Batista da Silveira (2011), por me fornecer dados diacrônicos referentes ao alçamento e ao abaixamento em valores numéricos.

Vale lembrar que os grupos selecionados pelo GOLDVARB X como relevantes à aplicação da regra para a vogal anterior /e/ foram: (i) Consoante Adjacente Precedente; (ii) Vogal da Sílabla Seguinte; (iii) Vogal da Sílabla Anterior e (iv) Consoante Adjacente Seguinte.

Os contextos para a vogal posterior /o/, em ordem de seleção são: (i) Trava Silábica; (ii) Consoante Adjacente Precedente; (iii) Vogal da Sílabla Seguinte e (iv) Localização da Pretônica.

O primeiro grupo a ser descrito e analisado foi considerado o mais relevante para a aplicação da regra para a vogal anterior /e/: Consoante Adjacente Precedente.

6.4.1 Consoante Adjacente Precedente

Esta variável foi considerada relevante à aplicação da regra¹²⁶ para as duas vogais, classificada em primeiro lugar para a vogal anterior, e em segundo para a posterior. Essa seleção vai de encontro ao que preconizam os trabalhos como o de Bisol (1981), Viegas (1987), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), entre outros, que afirmam ser a vogal da sílabla seguinte o primeiro fator responsável pelo alçamento das vogais médias pretônicas,

¹²⁴ Trabalho descrito no capítulo 3 desta dissertação.

¹²⁵ Trabalho descrito no capítulo 3 desta dissertação.

¹²⁶ Neste trabalho, entendo regra como a regularidade recorrente de determinado contexto linguístico na aplicação dos fenômenos em estudo.

caracterizando o processo de harmonização vocálica, no qual a vogal da sílaba pretônica assimila o traço alto da vogal contígua.

Para Bortoni, Gomes e Malvar (1992) e Bisol (1981), o contexto consonantal seguinte é o terceiro, antecedido pelo caráter da vogal átona candidata à regra. Como o segundo grupo apontado na hierarquia das autoras não é contemplado neste estudo, a consoante adjacente desempenha esse papel. Bisol escreve:

A mudança $\underline{o} > \underline{u}$ e $\underline{e} > \underline{i}$ pode ocorrer em contextos em que todos os fatores menos um sejam desfavoráveis, sendo o resultado apenas, por exemplo, da vogal alta na sílaba imediata. Pode ser o resultado de ação conjugada de fatores, por exemplo, da vogal alta da sílaba seguinte imediata e da consoante velar que precede a vogal em questão. (BISOL, 1981, p. 258).

Os resultados estatísticos para a vogal /e/, no que se refere à variável Consoante Precedente seguem na tabela¹²⁷:

Tabela 6- Resultados da variável Consoante Precedente para a vogal /e/¹²⁸

Consoante Adjacente Precedente				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Alveolar	0,403	14/843	1,7	<i>C[i]miterio/Pr[i]vinido</i>
Labiodental	0,779	8/115	7	<i>Emf[i]llis/Cony[i]niente</i>
Velar	0,311	2/238	0,8	<i>R[i]caírem/R[i]porto</i>
Alveopalatal	0,985	12/30	40	<i>D[i]bitado/G[i]ntio</i>
<i>Input: 0.006</i>				<i>Significance: 0.000</i>

Fonte: A autora.

Nos dados analisados, as labiodentais e as alveopalatais registraram pesos relativos favoráveis à aplicação da regra, em detrimento dos números das velares e alveolares.

Neste estudo, optei por separar as consoantes bilabiais [p, b, m] das labiodentais [f, v], seguindo a tabela fonética de Cristófarro Silva (2003). E, como a maioria dos trabalhos se refere a essas consoantes como “labiais”, mencionando o ponto de articulação, considero os apontamentos sobre labiais pertinentes às labiodentais e bilabiais.

¹²⁷ A ordem de distribuição dos fatores nas tabelas segue também aquela disposta nos resultados disponibilizados pelo GOLDVARB X.

¹²⁸ As informações a respeito dos fatores excluídos da análise binomial são encontrados nas páginas 121 a 126.

As labiodentais registraram o percentual de 7% de produtividade, e peso relativo de 0,779. De 115 ocorrências, oito alçaram (*af[i]rida*, *af[i]rição*, *comf[i]ri*, *cony[i]niente* (duas ocorrências¹²⁹), *cony[i]niencias*, *emf[i]llis*, *F[i]lisberto*), todos os casos com vogal alta na sílaba contígua. Assim, não se pode atribuir a elevação da média à presença da labiodental no contexto precedente, senão à força que a harmonização vocálica exerce na pretônica.

Para Bisol (1981), as consoantes labiais, por não terem relação com a altura da língua, aspecto fundamental para a assimilação de traços, são indiferentes na produtividade do alçamento. No entanto, os dados da autora mostram que as labiais favoreceram a elevação de /o/, em qualquer contexto, por conter o traço de labialidade, mas desfavoreceram o alçamento da anterior. A afirmação, entretanto, não foi corroborada por Viegas (1987), que obteve números pouco expressivos relacionados às labiais tanto com a anterior quanto com a posterior.

Para Klunck (2007) e Kailer (2008), o fator labial não interfere na modificação ou preservação das vogais médias, com pesos relativos girando em torno da neutralidade. Na amostra de Avelheda (2013), a labial se mostrou como contexto fonológico mais relevante à aplicação da regra para a vogal anterior. A autora, entretanto, ressalta que:

Há, dentre os vocábulos que apresentam consoante labial precedente à pretônica anterior, aqueles que alteiam em todas as suas ocorrências, como *menino* (82 oc.), e aqueles que jamais alteiam, não havendo variação de realização do vocábulo pelos diversos falantes, como *melhorar* (29 oc.¹³⁰). No entanto, há também aqueles que permitem uma realização variável da vogal pretônica, como é o caso de *melhor*, que ora se concretiza pela variante alta (5 oc.), ora pela variante média (97 oc.) (AVELHEDA, 2013, p. 104).

Nesta investigação, as consoantes [♠, ♣] associadas ou não às alveolares [t] e [d] são nomeadas de alveopalatais¹³¹.

O contexto alveopalatal precedente à vogal analisada favoreceu o alçamento de 12 palavras (*de[t♠i]rminar*, *[d♣i]bitado*, *[d♣i]liberação*, *[d♣i]scubrio*, *[d♣i]senvolvimento*, *[d♣i]speza*, *[d♣i]voluto*, *[♣i]ntio*, *em[d♣i]nizar*, *in[t♠i]rino*, *po[d♣i]ria*), o que levou à expressiva porcentagem de 40%. Em comparação aos demais

¹²⁹ Doravante, oc.

¹³⁰ Oc: ocorrências.

¹³¹ Conforme a tabela fonética consonantal de Cristóvão Silva (2003).

fatores, obteve o maior peso relativo do grupo, 0,985. Dentre essas ocorrências, sete delas apresentam a vogal alta na sílaba seguinte, contribuindo para o processo de harmonização.

Na palavra [*dʒi*]*scubrio*, a vogal /e/ parece ter sido influenciada pelo traço de altura da posterior alta /u/, mesmo que essa vogal não seja tão suscetível a favorecer o alçamento da vogal média anterior, por questões articulatórias, conforme explica Bisol (1981). Acrescido a isso, o morfema *des-* é favorável à aplicação da regra, conforme coloca Viegas (2001, p. 80): “os itens com *des* (morfema ou não) também são quase sempre alçados”. Talvez esse apontamento possa explicar a elevação em [*dʒi*]*speza* e [*dʒi*]*senvolvimento*. No entanto, a questão da palatalização apontada por Avelheda (2013) e Cruz (2010) também pode explicar o alçamento do /e/ nesses casos e, por conseguinte, da palavra [*dʒi*]*voluta*.

Avelheda (2013) apresenta resultados pouco significativos para o alçamento de vogal pretônica precedida por alveopalatais, nomeadas pós-alveolares pela autora. Para o contexto de sílaba livre, essas consoantes se mostraram relevantes à aplicação da regra para a vogal posterior, todavia, inibidoras para a vogal /e/. No contexto de hiato, as alveopalatais não registraram pesos relativos significativos para ambas as vogais-alvo. Avelheda (2013) utiliza Freitas (2003) e Lemos (2003) para comentar que, quando uma alveolar /t/ ou /d/ favorece o alçamento da anterior, esse fonema realiza-se pelos alofones [t^h] e [d^h] na maioria dos estados brasileiros, e esses alofones favorecem a aplicação da regra, e “o que ocorre, na verdade, é um comportamento inverso: é a ocorrência da vogal alta anterior [i] que propicia a ocorrência da [...] palatalização de [t, d]”. (FREITAS, 2003 apud AVELHEDA, 2013, p. 103).

Cruz (2010) realizou uma pesquisa sobre o alçamento sem motivação aparente com dados do português falado em Porto Alegre, partindo de dois *corpora*: 88-89 e 07-09. Na amostra de 88-89, as alveopalatais, nomeadas de palatais, aparecem muito produtivas para a vogal /e/, porém, desfavoráveis para a vogal /o/. O autor concorda com Avelheda (2013) em relação à palatalização e, fundamentado em Bisol (1986), explica:

Quanto ao fator *palatal*, deve-se considerar o processo de palatalização característico da região metropolitana, conforme Bisol (1986), já que as ocorrências concentraram-se em vocábulos como *futibol* e em vocábulos iniciados pela sequência *des*, ou seja, vocábulos que apresentam oclusivas coronais diante de vogal anterior alta, resultado da aplicação do processo de elevação – contexto propício à formação da africada palato-alveolar ou da oclusiva palatalizada. Sendo assim, as ocorrências que indicaram papel favorecedor para o fator *palatal*, são na verdade, indicativos do fator *coronal*. (CRUZ, 2010, p. 101).

Segundo Bisol (1981): “Certos fatores tendem a desempenhar o papel de impedir o funcionamento da regra. Desses os mais notáveis são: a palatal precedente, cuja função dissimiladora é claramente na regra de o.” No entanto, a presença da vogal anterior /i/ diante das alveolares [t, d] pode contribuir para a palatalização destas consoantes, cujo comportamento parece ter restrições no dialeto gaúcho, em detrimento dos dialetos de vários estados brasileiros. Na região de Castro, as alveolares [t, d] se comportam ora palatalizadas e elevando a vogal média, como em [*dʒi*]speza, ora mantendo a vogal média, como em [*de*]liberação.

Os resultados aqui obtidos buscam um diálogo com os trabalhos cotejados. Ao que parece, não há uma regra categórica para a consoante alveopalatal. Nesse sentido, limito-me a afirmar que o peso favorável (0,985) para /e/ dialoga com o total de aplicação da regra, em número de 12. Concordando com Avelheda (2013) e Cruz (2010), acredito que a vogal alta /i/ impulsiona a palatalização da alveolar.

Nos dados retirados dos manuscritos castrenses, o contexto velar apresentou apenas dois casos de alçamento, *r[i]cairem* e *r[i]porto*¹³², e registrou peso relativo desfavorável de 0,311, com 0,8% de produtividade. No entanto, de acordo com Bisol, as consoantes velares, por terem a articulação alta “o seu ajuste, seja com /i/, seja com /u/, naturalmente se faz sob a influência do condicionador da regra de harmonização” (BISOL, 1981, p. 98).

O contexto alveolar, em relação à vogal anterior, teve aplicação da regra em 14 palavras registradas no *corpus*, 1,7%, indicando o peso relativo de 0,403, portanto, desfavorável para o processo. O baixo peso dialoga com a análise individual dos dados. Dessas 14 palavras, cinco se referem ao vocábulo *c[i]miterio*, comprometendo, assim, a regularidade da regra. Das nove palavras remanescentes, seis delas (*ac[i]guindo*, *atr[i]viria*, *pr[i]sidente*, *pr[i]vinido*, *s[i]guro* e *s[i]rviço*) possuem ambiente de harmonização vocálica.

¹³² A opção por considerar o arquifonema /R/ como uma fricativa velar decorre da observação empírica da autora desta dissertação, bem como da maioria dos falantes contemporâneos da cidade de Castro/PR.

Apenas os vocábulos *s[i]smeiro*, *repr[i]endendo* e *conc[i]ssaõ* não apresentaram vogal alta na sílaba seguinte. O primeiro exemplo parece ter sido favorecido pela sequência *es-*, de *sesmeiro*; no segundo, a vogal pretônica está em contexto de hiato, ambiente altamente favorecedor da elevação de /e/. Segundo Bisol (1981), Fernão de Oliveira já havia notado o caráter variável da vogal posta em contato com outra e, com o passar dos anos, essa flutuação se tornou uma regra categórica, pelo menos no dialeto gaúcho, fato que levou a autora a não incluir esse contexto em suas análises.

Em *concissaõ* parece haver um condicionamento diferente do fonológico. Entretanto, como o item aparece registrado apenas uma vez no *corpus*, o alçamento nesse contexto não pode ser considerado como regra variável.

Kailer (2008) separa as alveolares em vibrantes [r] e demais [l, z, s, ʃ]. Para a autora, o contexto vibrante foi quase categórico na manutenção do /e/, favorecendo apenas dois casos de alçamentos: *r[i]vista*, na fala de um único informante; nos demais casos, a altura do /e/ foi preservada. Porém, as demais alveolares se mostraram favoráveis ao alçamento da anterior.

Para a vogal posterior, apenas as consoantes velar e alveolar foram submetidas à análise binomial. Os resultados seguem na tabela:

Tabela 7 – Resultados da variável Consoante Precedente para a vogal /o/

Consoante Adjacente Precedente				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Velar	0,455	9/321	2,8	<i>C[u]adjuto/Disc[u]brio</i>
Alveolar	0,569	7/207	3,4	<i>S[u]ada/Des[o]cupar</i>
<i>Input: 0.034</i>				<i>Significance: 0.030</i>

Fonte: A autora.

Os resultados estatísticos revelaram que as velares se mostram desfavoráveis à aplicação da regra para ambas as vogais. Em relação à posterior, o *corpus* registrou nove palavras alçadas (2,8%), e o peso relativo foi de 0,455. São elas: *c[u]adjutor*, *c[u]mprimto* e *c[u]stume* (duas oc. cada), *c[u]stumados*, *disc[u]brio* e *r[u]cio*. A repetição de palavras afeta a regularidade do processo e a base estatística aqui utilizada. Dentre as palavras citadas, apenas *cuadjutor* não possui vogal alta contígua, e será analisada na seção etimológica deste estudo. Os exemplos *custumados* e *custume* remetem-se ao português

arcaico, século XIII, estendendo seu uso pelos séculos XIV, XV e XVI (VIEGAS, 2001) e, como se pode verificar empiricamente, até os dias de hoje.

A amostra de Bisol (1981) revelou o contexto velar como segundo na hierarquia de importância (do mais forte para o mais fraco) para o alçamento da posterior no ambiente seguinte e, para a anterior, o primeiro, em ambos os ambientes. A autora explica que o movimento articulatorio da língua é responsável pelo favorecimento da velar:

[...] as vogais altas, as mais convexas, são produzidas pelo levantamento do corpo da língua, seja em direção ao palato mole (u) seja em direção ao palato duro (i). Então, presume-se que as consoantes produzidas por articulação semelhante venham a favorecer o processo assimilatório em pauta, tanto a velar, articulada com o dorso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com o dorso da língua levantado. (BISOL, 1981, p. 93).

Viegas (1987) concorda com afirmação relacionada à vogal anterior, mas discorda sobre a posterior, por não ter encontrado exemplos nos dados por ela analisados. Também nos dados de Bortoni, Gomes e Malvar (1992), as velares foram improdutivas para o alçamento da vogal /o/, não apresentando nenhum caso.

Na amostra de Klunck (2007), que realizou uma pesquisa sobre o alçamento sem motivação aparente com dados do português falado na região de Porto Alegre, as velares tiveram aproveitamento somente precedendo as vogais posteriores. No entanto, a autora comenta que esse resultado pode estar comprometido devido à escassez de dados.

Para Kailer (2008), a velar se mostrou pouco favorável à aplicação da regra para /o/ e desfavorável em relação à vogal anterior. Nos dados de Avelheda (2013), em sílabas livres, a velar precedente foi o contexto mais relevante para as vogais posteriores, porém, entre as anteriores, a produtividade foi muito baixa.

Os resultados da análise binomial mostram a consoante alveolar relevante à aplicação da regra para a vogal /o/, com peso relativo de 0,569 e produtividade de 3,4%. De 207 vocábulos, sete alçaram, ou seja, 3,4%: (*apr[u]ntar*, *aut[u]ridades*, *des[u]cupar*, *D[u]mingues*, *D[u]mingus*, *s[u]ada*, *s[u]cego*). Dentre eles, *apr[u]ntar*, *s[u]ada* e *s[u]cego* não possuem ambiente de harmonização vocálica.

De acordo com Bisol (1981), as consoantes com ponto de articulação alto, como as velares e as palatais, tendem a favorecer o processo assimilatório com a vogal da sílaba seguinte, amparadas pela lei do menor esforço. Não é o que acontece com as alveolares, “cuja articulação se faz com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique um pouco levantada, tenderia a não favorecer o processo de harmonização, por

não ter pontos de semelhança com a vogal assimiladora” (BISOL, 1981, p. 93). Nesse caso, a tendência é que a consoante preserve a vogal média, devido à semelhança no ponto de articulação.

Nos dados de Bortoni, Gomes e Malvar (1992) e Kailer (2008) as alveolares não tiveram resultados significativos na produtividade do alçamento para as vogais anteriores e posteriores.

Em relação às alveolares, os resultados desta investigação corroboram os supracitados em relação à vogal anterior, mostrando ser contexto desfavorável à aplicação da regra do alçamento. No entanto, os resultados para a vogal posterior não convergem com os dados da oralidade.

A próxima variável a ser descrita, de acordo com a ordem de seleção do GOLDVARB X, para a vogal anterior, é Vogal da Sílabla Seguinte.

6.4.2 Vogal da Sílabla Seguinte

Bisol (1981) afirma que o alçamento é decorrente da harmonização vocálica, ocasionado pela assimilação regressiva do timbre de altura da vogal imediatamente seguinte. Ao serem computados os dados no programa estatístico, esse contexto foi selecionado em segundo lugar, para a vogal anterior, e em terceiro para a vogal posterior.

Os para a vogal anterior /e/ são:

Tabela 8 – Resultados da variável Vogal da Sílabla Seguinte para a vogal /e/

Vogal da Sílabla Seguinte				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Vogais nasalizadas	0,506	3/236	1,3	[I]ntanto/Ac[i]guindo
Vogais altas /i/ e /u/	0,856	28/407	6,9	Conh[i]cmento/S[i]guro
Vogais médias altas /e/ e /o/	0,285	3/613	0,5	D[i]speza/D[i]volutu
Vogal baixa /a/	0,423	4/293	1,4	[I]mbarasarmos/Lib[i]rdade
Ditongo oral	0,373	3/146	2,1	G[i]ntio/S[i]smeiro
Input: 0.006			Significance: 0.000	

Fonte: A autora.

A aplicação da regra de alçamento com vogais altas na sílabla seguinte foi a mais expressiva dentre os fatores (28), registrando o peso relativo favorável de 0,856, e

percentual de 6,9% de produtividade. Algumas palavras que apresentaram esse contexto foram: *af[i]riçaõ*, *af[i]rída*, *atr[i]viria*, *c[i]mítério* (cinco oc.), *comf[i]ri*, *conh[i]cimento*, *conv[i]niências*, *conv[i]niente* (duas oc.), *det[i]rminar*, *d[i]bitado*, *d[i]liberação*, *d[i]scubrio*, *emf[i]llis*, *end[i]nizar*, *F[i]lisberto*, *H[i]nrique*, *int[i]rino*, *[i]nchuvia*, *pod[i]ria*, *pr[i]sidente*, *pr[i]vinido*, *s[i]guro*, *s[i]rviço*.

O fator vogais nasalizadas se mostra neutro para a aplicação da regra, com o peso relativo de 0,506. Das 236 palavras com esse contexto presentes no *corpus*, apenas três alçaram (1,3%): *[i]ntanto*, *ac[i]guindo* e *d[i]senvolvimento*. No vocábulo *aciguindo*, há o contexto de harmonização vocálica.

As vogais médias /e/ e /o/ apresentaram o percentual de 0,5%. Isso se deve ao alto número (613) de vocábulos com esse contexto. Devido à baixa produtividade, esse contexto não foi considerado favorável à aplicação da regra, registrando o peso relativo de 0,285 e apenas três casos de elevação da vogal anterior: *repr[i]endendo*, *d[i]volutu* e *d[i]speza*. O item *d[i]volutu* precisa ser averiguado etimologicamente, uma vez que não possui ambiente favorável para o alçamento da vogal /e/. Em *d[i]speza*, o morfema *des-* parece ter contribuído. Em *repr[i]endendo*, o contexto de hiato precisa ser testado.

Os resultados para esse fator vão ao encontro dos dados de Kailer (2008). Para a autora, o contexto vocálico seguinte contendo uma vogal média /e/ é desfavorável ao alçamento da anterior. No entanto, na amostra de 88-89 analisada por Cruz (2010), as vogais médias em sílaba seguinte são ambientes favoráveis para ambas as vogais.

Os ditongos orais, embora incluídos na análise binomial para a vogal anterior, não mostraram resultados significativos. De 146 vocábulos com esse contexto (2,1%), apenas *g[i]ntio*, *s[i]smeiro* e *t[i]ria* alçaram, computando o peso relativo de 0,373. Em *g[i]ntio* e *t[i]ria*, a semivogal /i/ no ditongo contribui para a elevação da média pretônica. O item *s[i]smeiro* precisa ser testado em outros ambientes.

Por fim, o fator da vogal baixa /a/, com 1,4% de produtividade e aplicação da regra em quatro vocábulos: *[i]mbarasar*, *[i]nbarasarmos*, *lib[i]rdade* e *r[i]cairem*. Esse contexto obteve o peso relativo de 0,423. Das palavras alçadas, as duas primeiras possuem o mesmo paradigma com ambiente nasal iniciando vocábulo¹³³, considerado favorecedor do processo. *R[i]cairem* possui contexto consonantal velar antecedendo a vogal pretônica. O termo *lib[i]rdade* precisa ser mais bem averiguado.

A tabela que segue ilustra os valores para a vogal posterior /o/:

¹³³ De acordo com Viegas (1987), a trava nasal só favorece o alçamento de /e/ se estiver em início de palavra, e desfavorece totalmente o alçamento de /o/.

Tabela 9 – Resultados da variável Vogal da Sílabla Seguinte para a vogal /o/

Vogal da Sílabla Seguinte				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Vogais nasalizadas	0,450	2/87	2,3	<i>D[u]mingues/D[u]mingus</i>
Vogais altas /i/, /u/	0,632	11/260	5	<i>C[u]stumados/P[u]sturas</i>
Vogal baixa /a/	0,342	4/189	1,1	<i>C[u]adjutor/Apr[u]ntar/S[u]ada¹³⁴</i>
<i>Input: 0.034</i>				<i>Significance: 0.030</i>

Fonte: A autora.

Sem dúvida, os dados referentes à vogal anterior, por apresentarem índice maior de ocorrência no *corpus*, 1778 palavras, em detrimento da posterior, 1040, mostraram resultados mais consistentes para a análise estatística, embora ainda fiquem à margem de dados relacionados à língua oral.

Os resultados desta pesquisa apontam para a presença de uma vogal alta na sílabla imediatamente seguinte como fator produtivo para a aplicação da regra de alçamento também para a vogal posterior, com o peso relativo de 0,632. Dentre as ocorrências registradas para essa vogal estão: *aut[u]ridade*, *c[u]mprimento* (duas oc.), *c[u]stumados*, *c[u]stume* (duas oc.), *des[u]cupar*, *F[u]rtunato*, *p[u]sturas*, computando apenas 5% de produtividade.

Bisol postula que “por razões fonéticas de ordem articulatória a vogal u tem menor probabilidade do que i de causar a elevação de e. [...] Na mudança o > u, os fatores de ação positiva mais forte são os seguintes: as vogais altas i e u [...]” (BISOL, 1981, p. 263). A autora explica que o assimilador por excelência da vogal /e/ é a alta /i/, enquanto para a posterior /o/, tanto a vogal /i/ quanto a /u/ desempenham esse papel.

Os dados investigados neste estudo corroboram essa afirmação: *inch[u]via*, *c[u]mprimento* *aut[u]ridades*. No entanto, nas palavras *d[i]scubrio* e *s[i]guro*, a vogal alta posterior parece ter cumprido o papel, mesmo que a probabilidade de a vogal anterior assimilar o timbre da vogal posterior não seja alta. Outra explicação é a de que no primeiro caso, o morfema *des-* possa ter contribuído para a aplicação da regra e, no segundo, a consoante velar no contexto seguinte.

Nos dados orais de Kailer (2008), a presença das vogais altas anterior /i/ e posterior /u/ no contexto seguinte foram favoráveis à aplicação da regra.

¹³⁴ Soada: rumor confuso, proveniente de música ou canto longínquo. (HOUAISS, 2001).

A vogal baixa, com apenas quatro palavras alçadas (*s[u]ada*, *apr[un]tar*, *c[u]adjutor* (duas oc.)), e percentual de 1,1% de produtividade no *corpus*, foi considerada desfavorável também ao alçamento da vogal /o/, com peso relativo de 0,342.

Kailer (2008) discute a relevância da presença da vogal baixa /a/ na produtividade do alçamento em contexto de hiato. De acordo com os resultados da autora, a vogal posterior alçou 28 vezes. No entanto, ao excluir o contexto de hiato desse fator, restou apenas um caso de elevação. *C[u]adjutor* e *s[u]ada* possuem esse ambiente.

Já em *apr[un]tar*, o que pode ter propiciado a elevação do /o/ é o caráter permanente da átona, considerado como favorável à aplicação da regra por autores como Bisol (1981). A investigação sobre a natureza da atonicidade da pretônica é assunto para a sequência desta investigação.

Em relação ao fator vogais nasalizadas, dos 87 dados (2,3%), apenas o nome *D[um]ingus* alçou. Disso resulta o baixo peso relativo de 0,450, considerado desfavorável.

A próxima variável a ser descrita se refere ao contexto vocálico precedente.

6.4.3 Vogal da Sílabas Anterior

Essa variável foi selecionada apenas para a vogal anterior /e/, em terceiro lugar.

O contexto vocálico que antecede a pretônica não é um ambiente comumente considerado em trabalhos que tratam do alçamento de médias altas. Essa variável foi testada por ser relevante para o abaixamento de altas.

Para Bisol (1981), a harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva, no qual a vogal média /e/ ou /o/ assimila o traço de altura da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, harmonizando-se com ela. Assim, o movimento de assimilação acontece da direita para a esquerda, uma vez que a vogal assimiladora – que assimilará os traços – se localiza à esquerda da vogal assimilada; o contrário do que se propõe analisar nesse grupo, pois o movimento de assimilação progressivo se dá da esquerda para a direita, e a vogal assimiladora – que assimilará os traços – se localiza à direita da vogal assimilada.

Os resultados obtidos da amostra para a vogal anterior /e/ são:

Tabela 10 – Resultados da variável Vogal da Sílabla Anterior para a vogal /e/

Vogal da Sílabla Anterior				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Vogal baixa /a/	0,747	4/87	4,6	<i>Ac[i]guindo/ Atr[i]viria/Af[i]riçaõ/Af[i]rida</i>
Vogais médias altas /e/ e /o/	0,198	3/324	0,9	<i>Pod[i]ria/det[i]rminar/ Repr[i]endendo</i>
Vogais nasalizadas	0,816	9/120	7,5	<i>Comf[i]ri/Conv[i]niente</i>
Ausência + Fronteira Silábica	0,537	26/1207	2,3	<i>Pr[i]sidente/S[i]smeiro #[I]ntanto/#[I]nchuvia</i>
<i>Input: 0.006</i>				<i>Significance: 0.000</i>

Fonte: A autora.

O apuro analítico individual não revelou produtividade desta variável para a regra do alçamento, embora tenha sido selecionada pelo GOLDFARB X. Como o intuito desse grupo é verificar qual a influência que a altura da vogal da sílabla anterior exerce na aplicação do fenômeno, os contextos ausência e fronteira silábica foram amalgamados. De 1207 dados contendo esses fatores, 26 alçaram (2,3%), indicando o peso relativo favorável de 0,537. Desse total, 22 ocorrências se referem ao contexto ausência de sílabla anterior e apenas quatro ao fator da fronteira silábica. Os vocábulos alçados que compõem esse fator trazem outro contexto que desempenha papel importante para a aplicação da regra, como, por exemplo, a vogal alta na sílabla seguinte: *pr[i]sidente*, *s[i]rviço*, *d[i]bitado*, entre outras. As palavras sem a presença da vogal alta, como *r[i]cairem*, *d[i]senvolvimento*, *d[i]speza*, podem ser encaixadas em outras regras fonológicas. Na primeira, a presença da consoante precedente velar, e nas outras duas, o morfema *des-* parece ter contribuído para o alçamento da média anterior. Os vocábulos que compõem o fator da fronteira silábica, *[i]nchuvia*, *[i]ntanto*, *[i]mbarasar* e *[i]nbarasarmos*, possuem o travamento nasal, considerado muito favorável à elevação da vogal anterior /e/, conforme explicações de Naro (1971), Bisol (1981) e Viegas (2001).

De acordo com Bisol (1981), a elevação do /e/ diante de /N/ ou /S/ é fato consagrado, porém, os princípios que regem o alçamento de uma vogal em início de sílabla não se identificam com aqueles que regem uma vogal interna, mas devem estar em concordância. Viegas (2001) explica que “para o /e/, o início de palavra parece ser favorecedor em sílabla travada em nasal ou ficativa. Estas palavras têm origem, na maioria dos casos, em [s] inicial ou processo de derivação com a preposição *em* (lat. *i*ñn).” (VIEGAS, 2001, p. 129).

Viegas (2001) concorda com Naro (1971) sobre a origem arcaica da ocorrência de flutuação entre as médias em início de palavra travada por nasal:

Other archaisms which may be cited are the change of initial *e-* and *en-* to *in-* and the vocalic assimilation rule as a part of standard speech. The first-mentioned change, reflected in the Caipira examples *inzemplo* < *exemplo*, *imprego* < *emprego* (Amaral, 23-4), are quite common in pre-16th century texts and also in certain continental dialects.[...] Barreto (270) explicitly lists *-in* as a mistake for *en-* in the form *ingenho* (see Williams 1962, sec. 92.3B), while Lião (1576:70v) condemns the back formation *estormento* for *instrumento*. (NARO, 1971, p. 624).¹³⁵

As vogais nasalizadas apresentaram o total absoluto de 120 ocorrências, mas apenas nove casos de aplicação (7,5%), ocorrendo em palavras como *conc[i]ssaõ*, *comf[i]ri*, *emf[i]llis*, *int[i]rino*, *end[i]nizar*, *conv[i]niencia* (duas oc.), *conv[i]niente*. O peso relativo de 0,816 foi o mais alto da variável. É importante destacar a presença de vogal média em todos os contextos nasalizados, com exceção da palavra *int[i]rino*, que apresenta a vogal alta /i/.

O fator da vogal baixa /a/, com produtividade de 4,6% e aplicação da regra em quatro palavras (*ac[i]guindo*, *atr[i]viria*, *af[i]riçaõ*, *af[i]rida*), registrou o peso relativo favorável de 0,747. No entanto, as palavras alçadas apresentam vogal alta na sílaba seguinte e duas possuem o mesmo radical, o que pode, também, comprometer os resultados.

De um total de 324 ocorrências de palavras com vogal média não nasalizada na sílaba anterior, apenas três alçaram (*pod[i]ria*, *det[i]rminar*, *repr[i]endendo*), indicando o percentual de 0,9%, e peso relativo desfavorável de 0,198 para esse contexto. O baixo índice estatístico pode estar associado ao número total de ocorrências. Ao analisar as palavras, é possível verificar que duas apresentam o ambiente de harmonização vocálica (*pod[i]ria*, *det[i]rminar*), e uma contexto de hiato (*repr[i]endendo*), considerado ambiente categórico, conforme já foi exposto.

Embora, comumente, os trabalhos que averiguam o alçamento de médias não trate desse contexto, Klunck (2007) e Cruz (2010) disponibilizam resultados da variedade falada em Porto Alegre para este grupo de fatores. Os valores atribuídos aos dados desta investigação corroboram os resultados de suas pesquisas, em relação ao fator vogais médias em contexto precedente.

¹³⁵ “Outros arcaísmos que podem ser citados são as mudanças do *e-* inicial e do *en-* pelo *-in* e a regra de assimilação vocálica como parte da língua padrão. A primeira mudança mencionada refletida nos exemplos Caipiras *inzemplo* < *exemplo*, *imprego* < *emprego* (Amaral, 23-4), bastante comuns em textos anteriores ao século XVI e também em certos dialetos continentais. [...] Barreto (270) explicitamente lista *-in* como um erro para *-en* na forma *ingenho* (ver Williams 1962, sec. 92.3B), enquanto Lião (1576:70v) condena a formação antiga *estormento* para *instrumento*.” (Tradução nossa).

Klunck (2007, p. 70) constata que “as sílabas que apresentam vogais médias [...] diante de /e/ apresentam valores próximos ao ponto neutro, e quando antepostas a /o/ apresentam valores muito baixos, o que nos permite dizer que estes fatores não oferecem motivação para a elevação em estudo”.

Os resultados de Cruz (2010) dialogam com os de Klunck (2007). O autor realiza um trabalho em tempo aparente (88-89, 07-09) e, em ambas as amostras, os resultados corroboram os de Klunck (2007).

O resultado do fator vogais altas, que apresentou apenas uma ocorrência de aplicação da regra (*lib[i]rdade*) e, portanto, foi excluído da análise binomial, não corrobora o estudo de Vieira (1994). A autora analisou a neutralização das vogais médias postônicas em quatro áreas sociolinguísticas do Rio Grande do Sul e constatou que as vogais altas /i/ e /u/ contribuem para a elevação das vogais /e/ e /o/, em contexto postônico. Segundo a autora, “em palavras como *vizinho* e *índice*, as vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica elevam com mais facilidade do que em palavras que não contêm vogal alta. Configura-se, em princípio, um processo de assimilação progressiva de traços das vogais altas por parte das vogais médias” (VIEIRA, 1994, p. 55).

Na amostra de Klunck (2007), esse grupo de fatores também não se mostrou relevante. Apesar de obter peso relativo favorável para a presença de vogal alta antecedendo a pretônica anterior /e/, a autora comenta que esse número está comprometido devido à repetição da palavra *futibol*, ao invés de *futebol*.

Partindo das análises empreendidas neste grupo, é possível constatar que os fatores analisados não mostram relevância para a elevação da média anterior e da média posterior.

O grupo a ser descrito e analisado na sequência é o Consoante Adjacente Seguinte, considerado relevante para a produtividade do alçamento apenas da vogal anterior /e/.

6.4.4 Consoante Adjacente Seguinte

Na ordem de seleção do programa, essa variável ficou em último lugar.

Tabela 11 – Resultados da variável Consoante Seguinte para a vogal /e/

Consoante Adjacente Seguinte				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Velar	0,586	4/226	1,8	<i>R[i]cáirem/S[i]guro</i>
Alveolar	0,406	24/1050	2,3	<i>Pr[i]sidente/Emf[i]llis</i>
Bilabial	0,903	9/124	7,3	<i>R[i]porto/D[i]bitado</i>
Labiodental	0,686	3/127	2,4	<i>Pr[i]vinido/D[i]volutu</i>
Alveopalatal	0,333	2/81	2,5	<i>G[i]ntio/[I]nchuvia</i>
<i>Input: 0.006</i>				<i>Significance: 0.000</i>

Fonte: A autora.

Segundo os resultados estatísticos fornecidos pelo GOLDVARB X para a amostra aqui analisada, a consoante que mais favorece a elevação das médias pretônicas no contexto fonológico seguinte é a bilabial, com peso relativo de 0,903 e percentual de produtividade de 7,3%. Dentre os nove vocábulos alçados, a palavra *c[i]míterio* foi registrada cinco vezes. Assim, o resultado alto de probabilidade de essa consoante contribuir tão expressivamente para o alçamento ficou comprometido. Restam *d[i]bitado*, *r[i]porto* e os contextos nasais *[i]mbarasar* e *[i]nbarasarmos*. O contexto nasal antecedido de silêncio já foi citado no decorrer da análise como altamente favorecedor da elevação de /e/, explicado por fatores históricos. Em *d[i]bitado*, a vogal alta pode ter contribuído para a harmonização da pretônica. Já em *r[i]porto*, a consoante velar precede a vogal anterior e, como visto anteriormente, ela é altamente favorecedora do alçamento da vogal /e/, segundo o resultado de Bisol (1981), embora contrariando os resultados desta amostra.

Para Bisol (1981), as labiais inibem o alçamento de /e/ e contribuem para a realização do alçamento de /o/ no contexto seguinte. Os resultados de Klunck (2007) contrariam os índices de desfavorecimento do contexto vogal anterior seguida de bilabial. Nos dados da autora, essas consoantes contribuem para a elevação de /e/ e mostram uma leve tendência ao alçamento de /o/.

Na amostra do dialeto carioca analisado por Avelheda (2013), as consoantes bilabiais têm comportamento diversificado. No contexto de sílaba livre, essa consoante atua como inibidora do processo de alçamento do /e/, e como favorecedora na elevação de /o/. Corroborando o apontamento de Klunck (2007), os dados para o contexto nasal mostram as labiais como fortemente favorecedoras da elevação de /e/.

Nesta pesquisa, as labiodentais registraram três casos de alçamento no *corpus*: *atr[i]yiria*, *pr[i]yinido* e *d[i]yoluto*. O total de dados computados para essa consoante foi de 127 (2,4%) e peso relativo favorável de 0,686. Entretanto, em duas das três palavras, há uma vogal alta na sílaba seguinte.

Kailer (2008) promove a distinção entre os resultados das bilabiais e das labiodentais. Os dados da autora mostram que as consoantes labiais não contribuem para o alçamento da vogal anterior. Conforme os resultados de sua investigação, em contextos sem outro fator que favoreça a elevação da vogal /e/, a pretônica mantém a vogal média. E os casos alçados possuem uma vogal alta na sílaba contígua, ou estão em início de palavra.

O contexto labiodental, ainda nos dados de Kailer (2008), é o mais desfavorável para a vogal /e/, só perdendo para as retroflexas e alveolares.

A produtividade de 2,3% para a alveolar corroborou o peso relativo de 0,406 e não mostra esse ambiente como favorável nos dados registrados nos manuscritos castrenses. Acredito que o total percentual é inexpressivo devido à quantidade de palavras apresentando esse contexto no *corpus*: 1050. Dentre os 24 casos de alçamento, muitos já foram analisados no decorrer do texto. Alguns possuem ambiente favorecedor do processo, como o da vogal alta na sílaba seguinte. São eles: *af[i]rida*, *af[i]rição*, *comf[i]ri*, *conv[i]niente* (duas oc.), *conv[i]niências*, *conh[i]cimento*, *det[i]rminar*, *d[i]liberação*, *emf[i]llis*, *end[i]nizar*, *F[i]lisberto*, *pod[i]ria*, *pr[i]sidente*, *s[i]rviço*, *t[i]ria*. As demais ocorrências podem ter sido favorecidas por outros fatores, como início de palavra em contexto nasal (*#[i]↓t*anto).

Outras, no entanto, não apresentam qualquer ambiente favorável à aplicação da regra, como as palavras *conc[i]ssaõ*, *s[i]smeiro* e *lib[i]rdade*. Vale lembrar que a coda em /S/ é configurada como ambiente que contribui para a elevação de /e/, segundo os estudos de Kailer (2008) sobre o dialeto paranaense. Assim, restam os vocábulos *concissaõ* e *libirdade*, que são analisados na pauta etimológica. No entanto, não há como prever alguma regra variável para palavras que tiveram apenas uma ocorrência de elevação no *corpus*. Vale lembrar que estou trabalhando com dados provenientes de manuscritos, o que restringe a recorrência dos fenômenos estudados em comparação aos dados de pesquisas que tratam da oralidade.

O contexto alveolar precedente e seguinte é, por excelência, ambiente desfavorável à aplicação da regra do alçamento, segundo Bisol (1981), por questões articulatórias, uma vez que a língua fica em posição razoavelmente plana e a vogal alta não tem pontos semelhantes com essa consoante.

Para Kailer (2008), as alveolares foram separadas em linguoalveolares [s, z, l, ʒ] e a retroflexa [ʂ]. Segundo a autora, desde o início das análises, notava-se a diferenciação do comportamento das retroflexas. Excluindo do *corpus* os casos de ambiente com vogal alta na sílaba seguinte e casos em que o [e] é início de palavra, o peso relativo das linguoalveolares foi próximo da neutralidade. Kailer (2008) frisa que esse resultado se deve exclusivamente a essas consoantes, e não aos demais contextos favoráveis. O contexto com alveolar retroflexa em coda silábica não apresentou nenhum caso de alçamento, deixando ainda sem uma explicação a questão do alçamento em *lib[i]rdade*.

Na amostra de Avelheda (2013), essa consoante não se mostrou favorável em contexto de sílabas livres e nasal para ambas as vogais-alvo.

As consoantes velares apresentaram o menor percentual de produtividade (1,8%) na amostra aqui analisada, porém, o peso relativo de 0,586 as coloca como favoráveis ao alçamento de /e/. Das quatro aplicações nesse fator, três possuem vogal alta na pauta seguinte (*ac[i]guindo*, *H[i]nrique*, *s[i]guro*). Apenas *r[i]cárem* não apresenta esse ambiente.

Guy e Zilles (2007) discutem essa questão. Segundo os autores, o peso relativo é uma “representação abstrata dos efeitos de contexto independentemente dos níveis gerais de uso de um processo” (GUY; ZILLES, 2007, p. 2012). Quando ocorre divergência de valores nos cálculos quantitativos, é mais aconselhável acreditar nos pesos do que nos percentuais, pois, segundo os autores (2007, p. 213), “eles [os pesos relativos] é que vão dar uma avaliação mais precisa dos efeitos dos fatores”.

Para Bisol (1981), a consoante velar favorece a harmonização com a anterior nos dois contextos e, com a posterior, apenas no precedente. Nos resultados de Klunck (2007), as consoantes dorsais aparecem como favorecedoras do alçamento de /e/, porém, inibidoras em relação ao /o/. Kailer (2008) exhibe resultados que corroboram os estudos supracitados.

Nos dados desta pesquisa, as alveopalatais não foram produtivas neste contexto. De um total de 81 palavras (2;5%), apenas duas alçaram: *g[i]n[tʃi]o* e *[i]n[ʃu]via*. Contudo, em *g[i]ntio*, existe a harmonização com a vogal seguinte e, em *[i]nchuvia*, o ambiente nasal em início de sílaba também favorece o alçamento. O peso relativo de 0,333 corrobora a análise individual, e não revela essa consoante como favorável à elevação de /e/.

Após a descrição e cotejo dos dados desta pesquisa com todas as supracitadas, ainda não se pode apontar os elementos que propiciaram as elevações de *concissão* e *libirdade*, delegando à pesquisa etimológica uma possível resposta.

Partindo dessa análise, os resultados mostram que as consoantes precedentes e seguintes exercem papel secundário na elevação de /e/ e de /o/, uma vez que o contexto mais produtivo nos dados desta investigação foi a presença da vogal alta na sílaba seguinte, embora o GOLDVARB X não o tenha selecionado em primeiro lugar, para nenhuma das vogais analisadas.

Aceito a proposição de que o alçamento é causado por um conjunto de fatores, sendo o primeiro deles o timbre alto da vogal seguinte e, em segundo plano, a consoante adjacente.

O próximo grupo a ser descrito foi selecionado somente para a vogal posterior /o/: Trava Silábica.

6.4.5 Trava Silábica

Nesse ambiente, os dados foram analisados somente em relação aos travamentos nasal, /S/ e em /R/. A coda em /l/ foi desconsiderada, conforme exposto na metodologia. Os demais fechamentos silábicos foram codificados no fator ausência. Portanto, os 11 casos de alçamento incluídos nesse fator não entraram na análise desta variável.

Este grupo de fatores ocupou o primeiro lugar na ordem de seleção do GOLDVARB X para a vogal posterior. Os resultados fornecidos pelo programa estatístico seguem na tabela:

Tabela 12 – Resultados da variável Trava Silábica para a vogal /o/

Trava Silábica				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
/N/	0,456	3/216	1,4	<i>Apr[u]ntar/C[u]mprimento</i>
/S/	0,907	4/23	17,4	<i>C[u]stumados/P[u]sturas</i>
Ausência	0,495	11/704	1,6	<i>P[o]cível/Ad[o]ptada</i>
<i>Input: 0.034</i>			<i>Significance: 0.030</i>	

Fonte: A autora.

Nesta pesquisa, o percentual do fator /S/ (17,4%) foi o mais alto dentre os analisados, e também o peso relativo de 0,907. Quatro palavras, de um total de 23, foram atingidas pelo processo: *c[u]stume* (duas oc.), *c[u]stumados*, *p[u]sturas*. Todavia, esse valor

de aplicação é comprometido pela repetição do vocábulo *custume*. Além disso, a elevação da pretônica, em todas as ocorrências, está associada à harmonização vocálica.

Esse resultado corrobora a investigação de Kailer (2008), para quem o travamento em /S/ foi o mais relevante dentre os fatores, tanto para a vogal anterior, quanto para a vogal posterior.

A coda em /S/ parece ser ambiente categórico para a aplicação da regra de /e/, porém, muito pouco se encontra sobre a elevação de /o/. De modo geral, como expõe Avelheda (2013), é fato empiricamente observado o alçamento do /o/ em palavras como *custume*, e a não aplicação da regra em verbos como *gostar* e *mostrar*.

Bortoni, Gomes e Malvar (1992) discutem a questão da coda em /S/ na palavra *vestibular*. Para as autoras, as ocorrências de palavras semelhantes como *vestido/vestir*, tiveram as vogais médias anteriores alçadas *v[i]stido/v[i]stir*, mostrando o contexto de travamento em /S/ + presença de vogal alta na sílaba seguinte ser favorável à elevação, porém, a palavra *vestibular* não alçou em nenhuma das 13 ocorrências no *corpus* analisado. A partir desse exemplo, as autoras comentam que podem estar “diante de evidência de condicionamento lexical, uma vez que não se identifica qualquer explicação neogramática para este fenômeno” (Bortoni *et al.*, 1992, p. 19). Em toda a amostra das pesquisadoras, o segmento seguinte em /S/ teve o maior percentual para /e/, em detrimento do percentual para a vogal /o/.

Em relação à coda nasal, dentre as três ocorrências (1,4%), duas delas são da palavra *c[u]mprimento* (de medida), e uma da palavra *apr[u]ntar*. Em *cumprimento*, conforme postula Câmara Júnior (1995, p. 35), “a distinção entre *comprido* <longo> e *cumprido* <executado> é, por exemplo, praticamente gráfica, pois a pronúncia corrente, por causa da harmonização no primeiro vocábulo, é nos dois vocábulos /kuNpri^hdu/.” Esse fator obteve o peso relativo de 0,456, mostrando ser desfavorável à elevação de médias, quase atingindo a neutralidade.

Na amostra de Kailer (2008), o travamento nasal não apresentou resultados expressivos para a vogal posterior, portanto, foi considerado improdutivo para a aplicação do processo. Cruz (2010) expõe dados que vão de encontro aos de Kailer (2008). Na primeira amostra do autor (88-89), a nasalidade foi favorável à elevação da vogal anterior e da posterior. Já na segunda amostra (07-09), esse contexto foi considerado favorável para /o/ e desfavorável para /e/.

Devido à escassez de dados para a análise estatística, não é possível considerar esta variável como relevante para o alçamento das vogais analisadas.

O próximo grupo a ser descrito e analisado refere-se à Localização da Pretônica.

6.4.6 Localização da Pretônica

Pela ordem estabelecida pelo programa estatístico, este grupo foi o último considerado produtivo para o alçamento da vogal /o/. Esta variável não foi elencada pela rodada multivariada para a vogal anterior /e/.

Os resultados decorrentes dos dados da posterior seguem na tabela:

Tabela 13 – Resultados da variável Localização da Pretônica para a vogal /o/

Localização da Pretônica				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Medial	0,576	5/286	1,7	<i>Des<u>[u]</u>cupar/Inch<u>[u]</u>via</i>
Inicial + Fronteira	0,471	14/754	1,9	<i>C<u>[u]</u>stume/S<u>[u]</u>cego</i>
Silábica				
<i>Input: 0.034</i>			<i>Significance: 0.030</i>	

Fonte: A autora.

A fronteira silábica não apresentou nenhuma ocorrência da vogal /o/ alçada, mesmo tendo 110 dados com esse ambiente (10,6%). Assim, os fatores fronteira silábica e inicial foram amalgamados, computando, juntos, 754 palavras, sendo 14 delas alçadas (1,9%). Algumas palavras alçadas na sílaba inicial são: *c[u]adjutor* (duas oc.), *c[u]mprimeto* (duas oc.), *c[u]stumados*, *c[u]stume* (duas oc.), *D[u]mingues* (duas oc.), *F[u]rtunato*, *p[u]sturas*, *r[u]cio*, *s[u]ada* e *s[u]cego*. Mesmo após amalgamar os contextos de início de palavra e de fronteira silábica, o peso relativo do fator continuou desfavorável, 0,471.

Para o contexto medial, os números são ainda inferiores: de um total de 286 ocorrências, apenas cinco alçaram (1,7%). Além daquelas já expostas na tabela, as demais são: *apr[u]ntar*, *disc[u]brio* e *aut[u]ridades*. Mesmo com produtividade inferior a do fator início + fronteira, esse contexto se mostrou favorável ao alçamento da posterior, com peso relativo de 0,576.

O que chamou a atenção foi o valor relativo dos contextos inicial e medial. Enquanto o número total de dados para o contexto inicial + fronteira silábica é de 754 dados e produtividade de 1,9%, o fator do contexto medial apresenta o índice de aproveitamento de

1,7%, e apenas 286 palavras. No entanto, o peso relativo de 0,576 revela o ambiente medial como favorável, e o do ambiente inicial + fronteira, de 0,471, como desfavorável.

Novamente, recorro ao que dizem Guy e Zilles (2007). Quando ocorre divergência de valores nos cálculos quantitativos, é mais aconselhável acreditar nos pesos do que nos percentuais.

A maioria dos trabalhos que investiga a posição da sílaba pretônica no item lexical, foca a questão da contiguidade da pretônica em relação à vogal tônica e da qualidade fonética da átona. Bisol (1981) analisou a distância da pretônica em relação à sílaba tônica. Para isso, atribuiu quatro valores, da menor à maior aproximação da tônica: (1) perigo; (2) jornalista; (3) comentarista; e (4) procuradoria. A autora comenta que os resultados foram aproximados para todos os fatores desse grupo, tendo a quarta posição uma pequena vantagem em relação às outras, porém, devido às exceções e ao número escasso de dados, essa variável foi abandonada.

Klunck (2007) analisou esse contexto e encontrou resultados diferentes para as vogais anterior e posterior. Para a vogal /e/, a distância 1¹³⁶ se mostra como melhor contexto para a aplicação da regra; para a vogal /o/, a distância 2 foi a mais relevante.

Em artigo de 2011, no qual analisaram os fenômenos do alçamento e do abaixamento, Avelheda e Batista da Silveira comentam que a ausência de segmento fonológico precedente é um contexto fortemente produtivo para os dois fenômenos. Segundo as autoras, “o predomínio de aplicação da regra variável de alteamento em contexto inicial pode ser justificado, ainda, pelo fato de ser menos passível de a tonicidade incidir sobre a primeira sílaba do vocábulo, o que a faz ser mais suscetível à atuação do processo.” (AVELHEDA; BATISTA DA SILVEIRA, 2011, p. 474).

Considerando as discussões em torno de ser a vogal alta tônica ou a vogal alta mais próxima da pretônica a responsável pelo processo de harmonização vocálica, Avelheda (2013) analisou seis possibilidades de localização da pretônica no interior da sílaba e, em seus resultados, a posição mais próxima à tônica atingiu o percentual de 51,7% de aplicação da regra.

Os resultados expostos na sequência referem-se ao fenômeno de abaixamento das altas /i/ e /u/.

¹³⁶ Conforme os critérios estipulados por Bisol (1987), descritos anteriormente.

6.5 ABAIXAMENTO

O fenômeno do abaixamento de altas, diferentemente do alçamento de médias, não é tão comum na oralidade, tampouco na escrita, salvo em casos de aquisição¹³⁷. Talvez o escasso número de pesquisas sobre esse processo corrobore tal afirmação. Os trabalhos que o analisam, normalmente, consideram o abaixamento das vogais médias altas /e/ e /o/ em direção às médias baixas /ɛ/ e /ɔ/, fenômeno comum no dialeto baiano, descrito por Silva (1989), pouco significativo no carioca, analisado por Callou, Leite e Coutinho (1991) e também existente no território do Distrito Federal, conforme expõe o estudo de Bortoni, Gomes e Malvar (1992).

Realmente, não é comum encontrar na oralidade ou escrita a flutuação no sentido inverso ao do alçamento, como em *d[e]ferente*, ou *l[o]gar*, em detrimento de *d[i]ferente* e *l[u]gar*. Em contrapartida, os trabalhos que se debruçam sobre a flutuação no sistema vocálico do português diacrônico encontram dados expressivos de abaixamento de altas, como em *of[e]c[e]al* em vez de *of[i]c[i]al*, *p[e]ns[e]pal* por *pr[i]nc[i]pal*, *m[e]ll[e]cia*, por *m[i]ll[i]cia*, para citar apenas alguns exemplos.

Avelheda e Batista da Silveira (2011), respaldadas por dados diacrônicos dos séculos XVIII e XIX, da cidade do Rio de Janeiro, conjecturam que o alto índice de abaixamentos na escrita diacrônica se deve:

À hipótese de o alçamento ser um fenômeno bastante difundido já nos séculos XVIII e XIX, visto que esse comportamento se daria provavelmente por ser o texto escrito mais monitorado que a fala, o que resulta num processo de hipercorreção, fazendo com que se grafie com <en> palavras que são escritas com <in>. (AVELHEDA; BATISTA DA SILVEIRA, 2011, p. 472).

Hora e Telles (2006) veem nos abaixamentos e alçamentos presentes nos documentos históricos casos de assimilação e dissimilação. Registros como *c[u]stume*, *r[i]qu[i]rimentos*, *d[e]ff[e]cultando* e *m[o]lher*¹³⁸ são explicados pelo processo assimilatório de harmonização em decorrência do grau de abertura das vogais, enquanto palavras como *d[i]spois*, *pr[e]zioneiros*, *p[i]quena*, estariam mais propensas à motivação lexical, ou seja, ao percurso histórico de cada item individualmente. No presente trabalho, as considerações sobre a influência do percurso histórico são apresentadas ao final das análises.

¹³⁷ Um trabalho sobre o tema é o de Lemos (2011), “Influência da escrita na oralidade – O caso do registro ortográfico do ‘E, I, O, U’ átonos.” O autor analisa esse processo em dados de aquisição de escrita.

¹³⁸ Exemplos extraídos de Hora e Telles (2006, p. 462-463).

Embora haja profícuas investigações direcionadas ao sistema vocálico diacrônico, os resultados apresentam mais o caráter qualitativo do que quantitativo. Encontrei poucos índices estatísticos e probabilísticos de ocorrência dos processos do alçamento e abaixamento relacionados à escrita.

Os índices quantitativos relacionados ao abaixamento de altas foram extraídos da dissertação de mestrado de Amaral (1996). O autor examinou o comportamento dessas vogais na fala gaúcha e, assim, identificou os ambientes favorecedores e inibidores da produtividade desse fenômeno. Mesmo partindo de *corpora* diferenciados, os resultados de Amaral são significativos para a análise que segue.

Vale lembrar que os grupos selecionados como relevantes para a aplicação da regra em relação à vogal anterior /i/ foram: (i) Vogal da Sílabla Seguinte; (ii) Classe Morfológica; (iii) Localização da Pretônica; (iv) Consoante Adjacente Precedente; (v) Vogal da Sílabla Anterior e (vi) Consoante Adjacente Seguinte. A análise e descrição dos resultados seguem essa ordem.

As variáveis que se mostraram mais relevantes à aplicação da regra para a vogal posterior /u/ foram: (i) Classificação da Palavra quanto ao Acento; (ii) Vogal da Sílabla Seguinte; (iii) Consoante Adjacente Precedente; (iv) Localização da Pretônica; (v) Consoante Adjacente Seguinte e (vi) Vogal da Sílabla Tônica.

Na sequência, passo à descrição, análise e cotejo dos dados referentes ao abaixamento.

6.5.1 Vogal da Sílabla Seguinte¹³⁹

Essa variável foi selecionada em primeiro lugar para a vogal /i/ e em último para a vogal posterior /u/. Entre as anteriores, houve 52 casos de abaixamento, enquanto as posteriores apresentaram apenas 23 ocorrências do processo.

De acordo com os trabalhos que têm sido realizados sobre a flutuação do sistema vocálico na pauta pretônica, a alternância das vogais médias e altas é, principalmente, favorecida pela assimilação regressiva do traço de altura da vogal seguinte. Na amostra analisada nesta investigação, esse contexto deve receber especial atenção.

Os dados para a vogal anterior /i/ seguem na tabela:

¹³⁹ Como optei por descrever as duas vogais-alvo conjuntamente, para melhor visualização dos resultados e discussão, a descrição e análise das variáveis seguem a ordem de seleção do GOLDVARB X para a vogal anterior /i/.

Tabela 14 – Resultados da variável Vogal da Sílabla Seguinte referentes à vogal /i/

Vogal da Sílabla Seguinte				
Fatores	Peso relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Vogal baixa /a/	0,167	2/236	0,8	<i>Conform[e]dade/Prensip[e]graõ</i>
Vogais médias /e/ e /o/	0,704	8/109	8,3	<i>[E]ncorporar/Pr[e]nsepal</i>
Ditongo nasal	0,376	2/97	2,1	<i>[E]mpõe/Med[e]ssoins</i>
Ditongo oral	0,339	3/194	1,5	<i>[E]nteiro/Ofec[e]aes</i>
Vogais altas /i/ e /u/	0,839	37/281	13,2	<i>Cert[e]fíco/Ed[e]fícou</i>
Input: 0.029				Significance: 0.018

Fonte: A autora.

O fator com maior número de aplicação para a regra foi o das vogais altas, com 37 palavras atingidas pelo processo de abaixamento, em um total de 281 (13,2%), e também o peso relativo mais favorável (0,839). O peso relativo é corroborado pelos números totais, de aplicação e percentual. No entanto, uma vogal alta na sílabla seguinte, por questões articulatórias, deveria inibir o processo.

Para entender esse valor, elenquei as palavras com esse contexto: *as[e]stir*, *cert[e]fíco*, *const[e]tuição*, *cr[e]mina (lo)*, *d[e]ligencia (duas oc.)*, *d[e]ligenceas*, *d[e]ligencias*, *d[e]ligência*, *d[e]rigindo*, *d[e]rigiraõ*, *d[e]riji*, *d[e]strito*, *d[e]vide (duas oc.)*, *d[e]vidindo*, *d[e]visa*, *ed[e]fícada (duas oc.)*, *ed[e]fícado*, *ed[e]fícar*, *ed[e]fícou*, *[e]mcluz*, *[e]mcluso*, *[e]mfillis*, *[e]ndinizar*, *ex[e]gida*, *ex[e]gidas*, *ex[e]gido*, *Fel[e]ciano*, *m[e]licianos*, *of[e]cial*, *pr[e]nsipearaõ*, *requ[e]zitar*, *sof[e]ciente*, *s[e]rurgiaõ*, *v[e]rtude*.

Do total de 37 ocorrências, subtraindo-se as repetições, os casos de variações gráficas (*deligenceas/deligência*), e mesmo radical (*devide/devidindo/devisa*), restam 21 palavras com a vogal alta seguindo a pretônica. Desse montante, 13 apresentam contexto alveolar precedente, que é considerado favorável ao abaixamento de /i/: *as[e]stir*, *cert[e]fíco*, *const[e]tuição*, *cr[e]mina (lo)*, *d[e]ligencia*, *d[e]rigindo*, *d[e]strito*, *d[e]vide*, *ed[e]fícada*, *ex[e]gida*, *Fel[e]ciano*, *pr[e]sipearaõ* e *s[e]rurgiaõ*. Das oito restantes, uma apresenta consoante bilabial e outra consoante velar no ambiente precedente (*m[e]licianos* e *requ[e]zitar*¹⁴⁰). Esses ambientes são considerados produtivos por Amaral para a regra de /i/. Três são nasais em início de vocábulo (*[e]mclusa*, *[e]mfillis*, *[e]ndinizar*¹⁴¹), contexto que se mostrou produtivo para Amaral (1996) e Avelheda e Batista da Silveira (2011). Já os

¹⁴⁰ O dígrafo qu é representado foneticamente pelo fonema velar /k/.

¹⁴¹ Ao analisar o contexto nasal e oral da pretônica, Amaral (1996) constatou que o ambiente nasal é mais propício de abaixar ambas as vogais, em detrimento do oral.

vocábulos *of[e]cial*, *soff[e]ciente* e *v[e]rtude* apresentam consoantes labiodentais no contexto precedente, indicadas por Amaral (1996) como inibidoras do processo.

A observação mais atenta de todos os vocábulos abaixados contendo uma vogal alta na sílaba seguinte revela que a maioria deles pode ser dividida em dois blocos: (i) aqueles que possuem uma vogal média alta precedendo a pretônica (*o[f]e*cial, *soff[e]*ciente, *cert[e]f*ico), e (ii) aqueles de mesmo paradigma derivacional (*delig*encea, *delig*encias, *derig*indo, *derig*iraõ, *derig*i, *emclu*za, *emclu*so, *devid*e, *devid*indo, *devis*a).

Alguns estudos sobre o alçamento de médias altas atribuem a elevação da vogal /o/ sem contexto fonético motivador a um possível condicionamento lexical por analogia, ou seja, essas palavras se encaixariam na teoria difusionista.

Em relação aos seus dados, Klunck (2007) explica:

[...] os dados revelam que o alçamento de /e/ só ocorre esporadicamente, enquanto /o/ mostra um indício de difusão lexical ao envolver palavras do mesmo paradigma derivacional. Ao interpretar esse caso como indício de difusão lexical, poder-se-ia atribuir um papel à analogia: o alçamento da vogal sem motivação aparente estaria ocorrendo por analogia à pretônica que se torna alta por harmonização vocálica. Então, a vogal média em estudo apareceria também como alta na ausência do condutor. (KLUNCK, 2007, p. 89).

Ao que parece, nos dados analisados, tal observação pode ser estendida também aos casos de abaixamento da vogal alta anterior e, em menos escala, aos casos abaixados da posterior (*soborn*ou, *soborn*o). No entanto, para melhor averiguação dessa possibilidade, é necessário desenvolver mais estudos sobre o abaixamento de altas focando tanto a escrita quanto a oralidade.

Uma vogal alta na sílaba seguinte desfavorece o abaixamento de ambas as vogais-alvo, segundo Amaral (1996). Dessa forma, o resultado desta investigação vai de encontro ao do autor em relação à vogal anterior /i/. Nos exemplos citados por Amaral (*fel[e]*cidade, *cel[o]*rgia) houve o abaixamento, mesmo tendo uma vogal alta na sílaba contígua.

Silva (1989) aponta a presença da vogal alta na sílaba seguinte como inibidora do processo de abaixamento de médias. Para a autora, o abaixamento dessas vogais não é favorecido pela presença de vogal alta e média na sílaba subsequente, exemplificado por *c[o]rre*io e *p[i]r*igo, em que, no primeiro caso, manteve-se a média e, no segundo, houve a elevação da média para a alta.

No fator vogais médias, de 109 ocorrências, apenas oito abaixaram (8,3%), obtendo-se um peso relativo de 0,704 (*[e]ncorporar*, *[e]mediatamente*, *[e]nformação*, *[e]nformar* (duas oc.), *m[e]leçia*, *of[e]ceaes* e *pr[e]nsepal*). *Encorporar*, *enformação*, *enformar* e *presepal* possuem, ainda, o contexto nasal, que também favorece o abaixamento.

O estudo da vogal presente na sílaba seguinte teve destacada importância nos estudos de Amaral (1996), que analisou esse contexto atentando para altura das vogais e a nasalidade. Para o autor, as vogais pretônicas assimilam o traço de altura da vogal contígua, sendo, portanto, a presença de uma vogal média na sílaba seguinte o principal desencadeador do processo de abaixamento.

O contexto ditongo oral registrou 1,5% de produtividade, e peso relativo de 0,339: *[e]nteiro*, *[e]deias*, *ofec[e]aes* e *prens[e]p[a]*. No entanto, em duas ocorrências a vogal abaixada está em início de palavra (uma nasal e outra oral) e as outras duas possuem uma alveolar no contexto precedente.

Os fatores ditongo nasal e vogal baixa /a/ tiveram o mesmo valor de aplicação (2). Os pesos relativos dos dois contextos não mostram relevância na aplicação da regra: para o ditongo nasal de 0,376, e para a vogal baixa de 0,167. Em relação ao primeiro contexto, de 97 ocorrências, apenas *[e]mpõe* e *med[e]ssoins* tiveram a vogal alta atingida pelo processo de abaixamento. *Empõe* possui ambiente inicial favorecedor, ao passo que *medessoins* possui consoante alveolar precedente, considerada produtiva para o abaixamento de /i/ nos dados de Amaral (1996). Para esse autor, o traço nasal na sílaba seguinte não contribui para a aplicação da regra para ambas as vogais. Assim, este fator corrobora seus resultados, mesmo com *corpora* diferenciados (fala e escrita). Talvez a simetria de resultados possa evidenciar traços orais nos registros escritos

Sobre o fator vogal baixa, de 236 dados, somente *conform[e]dade* e *prensip[e]graõ* abaixaram. Para Amaral (1996), uma vogal baixa na sílaba seguinte desfavorece a aplicação da regra. As duas palavras, no entanto, possuem ambiente consonantal precedente considerado favorecedor.

Em seguida, passo à descrição e análise dos resultados para a vogal posterior:

Tabela 15 – Resultados da variável Vogal da Sílabla Seguinte referentes à vogal /u/

Vogal da Sílabla Seguinte				
Fatores	Peso relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Vogal baixa /a/	0,689	4/69	5,8	<i>L[o]gar/Re[o]matismo</i>
Ditongo oral	0,574	3/17	17,6	<i>B[o]eiro</i>
Vogais altas /i/ e /u/	0,406	7/304	2,3	<i>C[o]ltura/S[o]ficiente</i>
Vogais nasalizadas	0,782	2/34	5,9	<i>A[o]zentes/Doc[o]mento</i>
Vogais médias /e/ e /o/	0,595	7/33	21,2	<i>S[o]bornou/S[o]ficiente</i>
<i>Input: 0.006</i>				<i>Significance: 0.004</i>

Fonte: A autora.

Para a vogal posterior, o fator das vogais altas registrou o percentual de 2,3% de aproveitamento, e peso relativo de 0,406, mostrando ser desfavorável ao abaixamento. Os exemplos são: *Bald[o]ino*, *c[o]ltura*, *c[o]mprimento*, *C[o]ritiba* (três oc.) e *s[o]ficiente*. Em *c[o]ltura*, o contexto consonantal velar precedente parece ter contribuído para a aplicação da regra. *Coritiba* é um caso histórico, conforme exposto no item 6.6. Em *comprimento*, o contexto nasal propicia a aplicação da regra. No entanto, conforme expõe Câmara Júnior (1970), a distinção /o/ e /u/ em *comprimento*, *comprido* é meramente uma questão gráfica. A flutuação na escrita desse vocábulo indica que, em certos momentos, a oralidade é transferida para o papel. No que diz respeito à palavra *soficiente*, necessita-se de específica averiguação, como o etimológico, uma vez que esse item não possui contexto favorável.

O fator vogais médias registrou o percentual de produtividade de 21,2% e o peso relativo de 0,595, portanto, relevante para a aplicação da regra. Em decorrência da repetição do vocábulo *s[o]bornou* (cinco oc.), esses números ficam comprometidos. Restam a variante verbal *s[o]bornou* e a palavra *s[o]ficiente*. Conforme dito anteriormente, na amostra de Amaral (1996), as vogais médias são as que mais favorecem o abaixamento de altas. Nos resultados desta amostra, as médias favoreceram o processo para as duas vogais, com pesos relativos de 0,704 e 0,595, respectivamente. Os dados de Avelheda e Batista da Silveira (2011) também corroboram os de Amaral, indicando ser o contexto com vogal média na sílaba seguinte o principal desencadeador do processo.

Os ditongos não tiveram pesos relativos significativos para a amostra castrense. Em relação ao fator ditongo oral, três vocábulos foram atingidos pelo abaixamento (17,6%) da vogal posterior, indicando um peso relativo favorável à aplicação da regra, de 0,574. Todavia, também nesse fator há comprometimento de resultado, uma vez que todas as ocorrências se deram na palavra *b[o]eiro*, que possui ambiente bilabial antecedente,

considerado produtivo à aplicação da regra. Somado a isso, o dicionário Houaiss (2001) registra o uso da vogal posterior abaixada nesse vocábulo já no século XVI.

O fator da vogal baixa /a/ apresentou o peso relativo de 0,689, com 5,8% de produtividade. No entanto, das quatro palavras que sofreram abaixamento, três delas se referem à palavra *l[o]gar* e uma ao vocábulo *re[o]matismo*. Na amostra de Amaral (1996), a vogal baixa na sílaba seguinte é o fator que menos favorece a aplicação da regra tanto para a anterior, quanto para a posterior.

As vogais nasalizadas, com duas ocorrências de abaixamento (*doc[o]mento*, *a[o]zentes*), obtiveram 5,9% de produtividade e o mais alto peso relativo da variável, de 0,782. Nas duas ocorrências, a altura da vogal nasalizada parece ter contribuído para o abaixamento da vogal posterior. Em *documento*, o contexto vocálico anterior também deve ser testado. O contexto nasal não mostrou índices expressivos para Amaral (1996).

Na sequência, são descritos e analisados os resultados para a variável Classe Morfológica.

6.5.2 Classe Morfológica

Como um dos objetivos iniciais desta pesquisa é o de verificar se as flutuações no quadro vocálico pretônico para as médias e baixas são regidas mais fortemente pela perspectiva neogramática ou pela abordagem difusionista, a análise do estatuto gramatical do vocábulo pode contribuir na verificação da regularidade da aplicação da regra em determinada classe morfológica.

Partindo das descrições e análises empreendidas até o momento, os resultados desta investigação indicam que, apesar de o contexto fonético e fonológico atuar fortemente para a aplicação das regras de alçamento e abaixamento, há itens lexicais que não podem ser explicados por essas regras, dando evidências, assim, de que a história da palavra, o uso e forças lexicais atuam no sentido de favorecer o processo.

Assim, além dos contextos fonético-fonológicos, é importante verificar se há maior ocorrência de aplicação do fenômeno em uma ou outra classe morfológica.

Amaral (1996) explica que no momento da formação das variáveis linguísticas, surgiu a necessidade de estabelecer um grupo de fatores para testar a hipótese de que os abaixamentos são devidos à hipercorreção, conforme preconizam as gramáticas dirigidas ao ensino básico. Para isso, o autor formulou uma variável que controlasse o léxico da comunidade em “frequentes” e “incomuns”. No entanto, devido à dificuldade e a falta de

critérios para estabelecer esse vocabulário, essa variável foi abandonada logo após a primeira rodada no programa.

Dessa forma, nesta investigação, adoto os critérios e embasamentos dos trabalhos sobre alçamento, para testar a produtividade do processo e apontar as diferenças e semelhanças nos resultados para um e outro fenômeno.

Bisol (1981), seguindo Lemle (1974), pressupôs em suas análises que a classe dos adjetivos e os verbos da 3ª conjugação, irregulares, e também os verbos de 2ª conjugação seriam os mais propensos ao alçamento. Nos resultados, a autora constatou que os sufixos verbais (flexão) se comportam diferentemente dos nominais (derivação): enquanto os vocábulos flexionados tendem a não oferecer restrições ao alçamento, os vocábulos formados por derivação parecem fazê-lo.

Para Viegas (2001, p. 68), essa variável parece não influenciar a aplicação da regra, uma vez que:

Com relação aos verbos, o que parece favorecer o alçamento é a presença de vogal alta no paradigma. Já com relação aos adjetivos e advérbios, o que parece estar influenciando é o tipo de morfema sufixal. Tanto a vogal alta quanto os morfemas sufixais atuam também em outras classes de palavras.

Os resultados desta investigação apontam que a classe dos nomes, entendida como substantivos e adjetivos, tendem a desempenhar um caráter desfavorável ao abaixamento de altas anteriores. Os resultados estatísticos somente são descritos para a vogal /i/. Em relação à vogal /u/, os resultados absolutos, de aplicação e percentual se encontram no apêndice da dissertação, por não ter sido selecionada na rodada binomial.

Tabela 16- Resultados da variável Classe Morfológica referentes à vogal /i/

Classe Morfológica				
Fatores	Peso relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Substantivo	0,499	21/648	3,2	<i>Const[e]tuição/[E]mformação</i>
Verbo	0,779	22/197	11,2	<i>Ed[e]ficou/ Cert[e]fico</i>
Adjetivo	0,327	10/332	2,9	<i>Ex[e]gida/ Pr[e]ns[e]pal</i>
<i>Input: 0.029</i>				<i>Significance: 0.018</i>

Fonte: A autora.

A classe dos verbos teve o menor índice absoluto, 197 vocábulos, porém, o maior número de aplicação (22) e o peso relativo de 0,779 apontam essa classe como relevante à produtividade do fenômeno. Dos 648 substantivos presentes no *corpus*, 21 deles tiveram a vogal anterior atingida pelo processo (3,2%), indicando o um peso relativo de 0,499, praticamente neutro. Os adjetivos somam 332 palavras, sendo dez delas atingidas pelo abaixamento (2,9%), e o menor peso relativo dentre as três classes, de 0,327.

Para entender os números, é necessário recorrer aos dados:

Substantivos: *conform[e]dade*, *const[e]tuição*, *d[e]ligencia* (duas oc.), *d[e]ligenceas*, *d[e]ligencias*, *d[e]ligência*, *d[e]strito*, *d[e]visa*, *[e]deias*, *[e]mformaçãõ*, *Fel[e]ciano*, *Fer[e]gotti*, *med[e]ssoins*, *m[e]leçia*, *m[e]licianos*, *of[e]c[e]aes* (duas oc.), *of[e]çial*, *s[e]rurgiaõ*, *v[e]rtude*.

Como se pode verificar, dentre todas as ocorrências de abaixamento, apenas *m[e]dessoins*, *m[e]leçia* e *of[e]c[e]aes* estão relacionados com a presença de vogal baixa na sílaba seguinte, ambiente, por excelência, favorável à aplicação da regra. As demais possuem contexto consonantal que propicia o fenômeno, como alveolar no contexto precedente (*const[e]tuisãõ*, *d[e]ligencia* e suas variantes, *d[e]strito*, *d[e]visa*, *Fel[e]ciano*, *Fer[e]gotti*, *ofec[e]aes*, *s[e]rurgiaõ*), bilabial no contexto precedente (*conform[e]dade*, *m[e]licianos*). Em *[E]deias* e *[e]mformaçãõ*, a vogal está em início de palavra. As palavras *of[e]çial*, *v[e]rtude* possuem ambientes inibidores do abaixamento (vogal alta na sílaba seguinte e contexto labiodental precedente) e, mesmo assim, trazem suas vogais altas abaixadas.

Os adjetivos presentes na amostra são:

Adjetivos: *ed[e]ficada*, *[e]mcluzã*, *[e]ncluso*, *[e]mfillis*, *[e]nteiro*, *ex[e]gida*, *ex[e]gidas*, *pr[e]ns[e]pal*, *sof[e]ciente*.

Novamente, os dados revelam vocábulos com motivação para o abaixamento. *Pr[e]nsepã* possui média na sílaba seguinte. *[E]mfillis*, *[e]mcluzã*, *[e]mcluso*, *[e]nteiro* são pretônicas nasalizadas e estão iniciando palavra. *Ed[e]ficada*, *ex[e]gida* (e sua variante) e *pr[en]s[e]pal* possuem alveolar no contexto anterior. No abaixamento da vogal anterior em *sof[e]ciente* não pode ser atribuído nenhum contexto descrito como favorável por Amaral (1996).

Entre os verbos, o resultado não muda:

Verbos: *as[e]stir, cert[e]fíco, cr[e]mina (lo), d[e]rigindo, d[e]rigiraõ, d[e]riji, d[e]vide* (duas oc.), *d[e]vidindo, ed[e]ficada, ed[e]ficado, ed[e]ficar, ed[e]ficou, [e]mcorporar, [e]mpõe, [e]ndinizar, [e]nformar* (duas oc.), *ex[e]gido, pr[e]nsip[e]araõ* (duas oc.), *requ[e]zitar*.

Em relação à classe verbal, dos dez vocábulos abaixados, excluindo os casos de repetição e mesmo radical, apenas *[e]mformar* e *[e]mcorporar* possuem vogal baixa na sílaba seguinte. No entanto, todas as demais possuem contexto consonantal precedente favorável à aplicação da regra. *As[e]stir, cert[e]fíco, cr[e]mina (lo), d[e]rigindo* (e suas variantes), *d[e]vide* (e sua variante), *ed[e]ficada* (e suas variantes), *ex[e]gido, pr[e]nsipearaõ* possuem alveolar precedente. *Prensip[e]araõ*, uma bilabial, e *requ[e]zitar*, uma velar, no contexto consonantal anterior. *[E]mpõe* é nasal e início de palavra.

Avelheda e Batista da Silveira (2011) verificaram se os alçamentos e abaixamentos encontrados no *corpus* diacrônico dos séculos XVIII e XIX podiam ser explicados por regras ou se havia, realmente, um condicionamento lexical atuando favoravelmente na ocorrência desses fenômenos. Ao contabilizarem as frequências de palavras alçadas e abaixadas, as autoras constataram que os fatores que mais favoreceram a aplicação de alterações no âmbito das pretônicas são os advérbios e, em seguida, os verbos nas formas nominais. Assim, Avelheda e Batista da Silveira (2011) afirmam que parece haver um condicionamento lexical, indo ao encontro dos postulados difusionistas, uma vez que os processos iniciaram nos itens mais frequentes. No entanto, as autoras fazem a seguinte ressalva:

Cumprir destacar que, embora o alto número de hipercorreções presentes no *corpus* referente aos Séculos XVIII e XIX, que não possuem um condicionamento aparente para a aplicação do processo de abaixamento, dificulte afirmar ou negar a atuação do condicionamento lexical, parece ser no caso dos verbos de terceira conjugação que se pode verificar a atuação da variável, visto que, dos oito casos de alteamento registrados, seis processaram-se com o verbo *sentir*, vocábulo bastante frequente no *corpus*. Nos demais casos, entretanto, o condicionamento lexical não atua sozinho, mas em concorrência com outros fatores que regulam a aplicação do fenômeno [...]. (AVELHEDA; BATISTA DA SILVEIRA, 2011, p. 476).

Diferentemente do que encontraram as autoras, na amostra desta pesquisa, os advérbios tiveram baixa produtividade: das 27 ocorrências dessa classe nos dados da vogal anterior, apenas uma abaixou, [*e*]mediatamente (2,2%¹⁴²).

Em seu estudo sobre os itens lexicais, Viegas (2001), utilizando os postulados de Phillips (1998), afirma que, “para as mudanças fisiologicamente motivadas, as primeiras a serem atingidas são as palavras mais frequentes e, para as mudanças não fisiologicamente motivadas, as primeiras a serem atingidas são as palavras menos frequentes.” (VIEGAS, 2001, p. 35). No entanto, conforme ainda salienta a autora, ao tentar precisar a medida dessa frequência, antes é necessário considerar a influência dos fatores estruturais no léxico e seu uso.

Como não encontrei outros trabalhos estatísticos referentes ao abaixamento que fornecessem dados sobre esse fenômeno, utilizo os resultados sobre o alçamento para o cotejo, uma vez que o intuito deste grupo é verificar o estatuto gramatical do vocábulo, não seu condicionamento fonético-fonológico.

Kailer (2003) chegou a resultados semelhantes aos desta pesquisa. A autora explica que, inicialmente, esperava encontrar mais casos de alçamento na classe dos verbos, no entanto, a classe dos substantivos foi mais recorrente, em segundo lugar, os verbos e, em terceiro as conjunções e pronomes. Por constatar contextos fonológicos favoráveis ao alçamento nas palavras elencadas nesse grupo, a autora afirma que a classe morfológica não é relevante para o alçamento nos dados paranaenses e, conseqüentemente, o estudo da palavra não é relevante para a elevação de /o/, indo de encontro ao que sugere a Difusão Lexical.

Cruz (2010), ao realizar um estudo dos alçamentos sem motivação aparente, constatou diferentes resultados para as vogais /e/ e /o/. O autor elencou como fatores, de um lado, os substantivos, adjetivos, numerais e advérbios e, de outro, os verbos. Os resultados foram diferentes para as vogais /e/ e /o/. As duas amostras (88-89 e 07-09) convergiram nos valores. Na primeira, enquanto para a vogal anterior o alçamento é mais produtivo entre os nomes, para a vogal posterior, os verbos são mais relevantes para o processo. Na segunda amostra, a maior probabilidade de alçamento do /e/ é na classe dos nomes e, para a vogal /o/, na classe dos verbos.

O resultado da descrição e análise deste grupo de fatores evidencia que a maior parte dos itens lexicais abaixados presentes no *corpus* pode ser explicada por regras variáveis, mas há um número mínimo deles que não se explica dessa forma, indicando que, na

¹⁴² Por ter sido excluída da análise binomial, essa classe não apresenta resultado em peso relativo.

investigação sobre a flutuação de das vogais altas pretônicas, a abordagem neogramática não consegue dar conta de todas as formas abaixadas, necessitando, assim, de um olhar mais apurado para a questão histórica do vocábulo.

O próximo grupo a ser descrito, de acordo com a seleção do GOLDVARB X, para a vogal anterior, é o da Localização da Pretônica.

6.5.3 Localização da Pretônica

Esse grupo foi o terceiro selecionado pelo programa GOLDVARB X como produtivo ao abaixamento da anterior /i/, e o quarto mais relevante para a aplicação da regra na vogal posterior /u/. Os resultados para a vogal anterior /i/ seguem na tabela:

Tabela 17 – Resultados da variável Localização da Pretônica para a vogal /i/

Localização da Pretônica				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Medial	0,259	22/793	2,8	<i>Ex[e]gida/ Requ[e]zitar</i>
Inicial	0,804	20/291	6,9	<i>D[e]vidindo/Pr[e]nsipearaõ</i>
Fronteira silábica	0,940	12/155	7,7	<i>#[E]ncluso/#[E]mcorporar</i>
<i>Input: 0.029</i>			<i>Significance: 0.018</i>	

Fonte: A autora.

Para a vogal anterior, os resultados estatísticos mostraram que a posição que menos propicia o abaixamento é a medial, com 2,8% de produtividade e peso relativo de 0,259. Dos 793 itens analisados nesse contexto, 22 sofreram abaixamento. As palavras abaixadas, excluindo os casos de repetição de vocábulo e ocorrências de mesmo radical são: *as[e]stir, cert[e]fico, conform[e]dade, const[e]tuição, ed[e]ficada, ex[e]gida, Fel[e]ciano, Fer[e]gotti, med[e]ssoins, of[e]c[e]aes, prens[e]pal, requ[e]zitar e soff[e]ciente.*

De todas essas, apenas *of[e]c[e]aes* possui vogal média na sílaba seguinte. O restante possui ambiente consonantal que contribui para a atuação do processo, como uma alveolar, velar ou bilabial precedendo. Apenas *soff[e]ciente* possui uma labiodental que, no contexto anterior, é considerada inibidora do abaixamento de /e/, conforme os dados de Amaral (1996).

A posição inicial registrou o peso relativo expressivo de 0,804. Dos 291 vocábulos analisados neste contexto, 20 tiveram a vogal anterior abaixada (6,9%). Esse valor de aplicação diminuiu para 11, com a exclusão das repetições e palavras de mesmo radical: *cr[e]mina (lo)*, *d[e]lignea*, *d[e]rignando*, *d[e]strito*, *d[e]vide*, *m[e]lecia*, *m[e]licianos*, *pr[e]nsepal*, *pr[e]nsipearaõ*, *s[e]rurgiaõ*, *v[e]rtude*.

Em *m[e]lecia* e *m[e]licianos*, parece que a consoante bilabial antecedendo a vogal anterior teve maior influência no processo do que a presença de uma vogal baixa na sílaba contígua, uma vez que, mesmo com uma vogal alta na sílaba seguinte, *m[e]licianos* é registrada com a pretônica abaixada. Com exceção de *v[e]rtude*, com contexto de trava em /R/ e labiodental antecedente, considerados inibidores do processo, as demais possuem uma alveolar no contexto anterior, ambiente favorecedor à aplicação da regra.

A fronteira silábica, ou sem ataque preenchido, ambiente fortemente favorável ao abaixamento, apresentou números expressivos nesta amostra. Dos 155 vocábulos, apenas 12 tiveram a vogal anterior abaixada (7,7%); e o peso relativo de 0,940 caracteriza esse fator como o mais relevante desta variável. Excluindo as repetições, sobram: *[e]deias*, *[e]mcluza*, *[e]mcorporar*, *[e]mediatamente*, *[e]mfillis*, *[e]mformaçaõ*, *[e]mpõe*, *[e]ndinizar*, *[e]nformar*, *[e]nteiro*.

Os resultados da análise quantitativa referentes à posterior seguem na tabela:

Tabela 18 – Resultados da variável Localização da Pretônica para a vogal /u/

Localização da Pretônica				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Medial	0,161	3/144	2,1	<i>Doc[o]mento</i>
Inicial + Fronteira Silábica	0,678	21/337	6,6	<i>C[o]ltura/[U]ltimar</i>
<i>Input: 0.006</i>			<i>Significance: 0.004</i>	

Fonte: A autora.

Como o contexto de fronteira silábica não apresentou nenhum caso de abaixamento em 17 ocorrências desse ambiente, os dados foram amalgamados aos do contexto inicial.

Conforme mostram os resultados, o total de aplicação (21) e o percentual (6,6%) são expressivos para esse fator, o que é corroborado pelo peso relativo de 0,678. No entanto, dessas 21 ocorrências de abaixamento, restam nove, na exclusão de repetições e de

itens com o mesmo radical: *a[o]zentes, b[o]eiro, c[o]ltura, c[o]mprimeto, C[o]ritiba, l[o]gar, re[o]matismo, s[o]borno e s[o]ficiente*. De todas essas, apenas *l[o]gar* possui ambiente que inibe a aplicação da regra, uma velar no contexto seguinte; as demais possuem ambientes favoráveis ao abaixamento. A vogal posterior da palavra *logar* sofreu várias oscilações, no decorrer do tempo, conforme o exposto no item 6.6.

O contexto medial, com apenas três casos de abaixamento (*Bald[o]ino, doc[o]mento, Ele[o]terio*), não mostrou relevância para a aplicação do processo, com o peso relativo de 0,161.

Nos dados de Avelheda e Batista da Silveira (2011), o contexto inicial favorece a elevação de médias. Segundo as autoras, “o predomínio de aplicação da regra variável de alteamento em contexto inicial pode ser justificado, ainda, pelo fato de ser menos passível de a tonicidade incidir sobre a primeira sílaba do vocábulo, o que a faz ser mais suscetível à atuação do processo” (AVELHEDA; BATISTA DA SILVEIRA, 2011, p. 474). Parece que a regra também pode ser aplicada ao abaixamento.

Os resultados de Amaral (1996) se assemelham aos das autoras. Ao analisar a distância da vogal pretônica em relação à tônica, o autor conclui que “a distância em relação à sílaba tônica confirmou a expectativa de que, quanto mais distante do núcleo de força da palavra, maior a possibilidade de ocorrência de variação.” (AMARAL, 1996, p. 78). Na amostra gaúcha, as vogais anteriores são um pouco mais suscetíveis a essa regra.

Embora esta investigação não tenha analisado a questão da contiguidade, o escasso número de dados possibilita verificar se os abaixamentos ocorreram em sílaba contígua ou não. Sem excluir os casos de mesmo radical e variações gráficas, apenas não contabilizando as repetições, a vogal anterior registrou 27 casos de abaixamento em sílaba não contígua e 23 em sílaba contígua. Analisando somente o número de aplicação, não houve muita diferença relacionada à contiguidade.

A vogal posterior abaixou oito vezes em sílaba contígua e seis em sílaba não contígua. Assim, parece haver diferença no comportamento da posterior, embora pequena. É preciso considerar que esses números foram apenas contabilizados, sem aplicação do apuro estatístico.

Para melhor discussão sobre o contexto “distância”, primeiramente, é necessário ampliar o número de dados e, em seguida, criar a variável, elencar os fatores, e submetê-los à análise multivariada.

A averiguação da variável Localização da Pretônica se limitou apenas a descrever os contextos em que a pretônica mais abaixa, se fronteiroço, inicial ou medial. De

acordo com os resultados, os contextos inicial e de fronteira silábica são mais suscetíveis, em detrimento do medial, também nos dados provenientes do *corpus* escrito.

Na sequência, os números referentes à variável Consoante Adjacente Precedente.

6.5.4 Consoante Adjacente Precedente

Esta variável foi selecionada relevante para ambas as vogais. Para a anterior, em terceiro lugar e, para a posterior, em quarto.

Amaral (1996) explica que o principal fator responsável pelo abaixamento de altas é a vogal da sílaba contígua, mas não é o único. O contexto consonantal, precedente ou seguinte, mostra-se relevante para a produtividade do fenômeno.

Em relação ao contexto precedente, Amaral (1996) faz uma interessante discussão. Primeiramente, o autor retoma o ponto de partida do seu trabalho: analisar os mesmos condicionantes fonológicos que atuam sobre o fenômeno do alçamento, para verificar se são os que também atuam para o abaixamento. Em seguida, inicia seu postulado, formulando novos condicionantes para o processo em questão.

A primeira constatação é a de que, em alguns casos, os mesmos condicionantes que agem para o alçamento de /e/ e /o/ são produtivos para o abaixamento de /i/ e /u/. Entretanto, algumas vezes, o ambiente fonológico favorável é completamente diverso, uma vez que o movimento articulatorio tem direção oposta ao do alçamento. Fundamentado em Bisol (1981), o autor assinala a analogia de que, se as consoantes alveolares não são altas e, dessa maneira, improdutivas para o alçamento, o mesmo não deveria ocorrer para o abaixamento, por haver semelhança no traço de altura das vogais médias com as alveolares: “cuja articulação se faz com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique levantada [...] É exatamente o que ocorre” (BISOL, 1981, p. 10).

Os resultados estatísticos para a vogal anterior seguem na tabela:

Tabela 19 – Resultados da variável Consoante Precedente referentes à vogal /i/

Consoante Adjacente Precedente				
Fatores	Peso relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Alveolar	0,614	33/644	5,1	<i>D[e]ligencia/ Ofec[e]aes</i>
Labiodental	0,387	4/138	2,9	<i>Of[e]çial/ V[e]rtude</i>
Bilabial	0,710	4/93	4,3	<i>M[e]leçia/ Prensip[e]araõ</i>
Início de palavra	0,115	12/156	7,7	<i>[E]mfillis, [E]nformaçã</i>
Input: 0.029				<i>Significance: 0.018</i>

Fonte: A autora.

As alveolares foram as mais frequentes no *corpus*: de 644 palavras com essa consoante precedendo a vogal-alvo, 33 abaixaram (62,5%). Desse total, excluindo as repetições, variações gráficas (*deligencea/deligência*) e palavras com mesmo radical (*devide/devidindo*), restam 16: *as[e]stir, cert[e]fico, const[e]tuição, cr[e]mina (lo), d[e]ligencia, d[e]rigindo, d[e]strito, d[e]vide, ed[e]ficada, ex[e]gida, Fel[e]ciano, Fer[e]gotti, med[e]ssoins, ofec[e]aes, pr[e]ns[e]pal, s[e]rurgiaõ*. Apenas *med[e]ssoins* e *pr[e]nsepal* possuem vogal baixa na sílaba seguinte. O total absoluto e o total de aplicação são os maiores da amostra, o que é corroborado pelo peso relativo de 0,614, que indica esse ambiente como favorável.

As consoantes bilabiais, embora com o mesmo número de aplicação do contexto labiodental (*conform[e]dade, m[e]leçia, m[e]licianos, prensip[e]araõ*) foram consideradas produtivas, com o peso relativo de 0,710.

Os resultados da amostra vão ao encontro da constatação de Amaral (1996), para quem as bilabiais e as alveolares são os contextos mais propícios ao abaixamento de /i/.

As labiodentais apresentaram apenas quatro ocorrências em um total de 138 vocábulos (2,9%): *of[e]ceaes, of[e]çial, soff[e]ciente, v[e]rtude*. De acordo com o peso relativo de 0,387, esse contexto não pode ser considerado propício ao abaixamento. O resultado referente às labiodentais também dialogam com os dados de Amaral (1996), para quem essas consoantes são inibidoras do processo para a vogal anterior.

Nesta investigação, o contexto início de palavra não foi considerado relevante para a aplicação da regra, com o peso relativo de 0,115. Alguns exemplos de aplicação são: *[e]mpõe, [e]ndinizar, [e]nformar*. No entanto, de acordo com os resultados de Amaral (1996), a ausência de consoante pode contribuir para o abaixamento de /i/. Diz o

autor: “pode-se concluir ainda que a ausência de consoante precedente favorece a ocorrência de abaixamento, seja de /i/, seja de /u/” (AMARAL, 1996, p. 84). Nos dados do autor, o contexto ausência foi considerado o mais relevante.

Os resultados referentes ao abaixamento da posterior, relacionados às consoantes precedentes são:

Tabela 20 – Resultados da variável Consoante Precedente referentes à vogal /u/

Consoante Adjacente Precedente				
Fatores	Peso relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Velar	0,957	6/42	14,3	<i>C[o]tura/Doc[o]mento</i>
Bilabial	0,051	3/92	3,3	<i>B[o]eiro</i>
Alveolar	0,594	12/202	5,6	<i>L[o]gar/S[o]bornou</i>
Ausência	0,947	3/20	15	<i>A[o]zentes/Re[o]matismo</i>
<i>Input: 0.006</i>			<i>Significance: 0.004</i>	

Fonte: A autora.

O contexto consonantal menos favorável à aplicação da regra na amostra analisada foi o bilabial, com peso relativo de 0,051. Os casos de aplicação desse fator se deram em uma única palavra: *b[o]eiro*. Dessa forma, mesmo desfavorável, esse valor está comprometido, devido à repetição de vocábulo.

As demais consoantes indicam valores expressivos. As alveolares apresentaram o peso relativo de 0,594 e produtividade de 5,6%: dos 202 vocábulos contendo esse ambiente, 12 tiveram a vogal posterior abaixada. Todavia, excluindo as repetições e palavras com mesmo radical, restam apenas quatro: *Bald[o]ino*, *l[o]gar*, *s[o]borno* e *s[o]ficiente*. *Soborno* possui consoante bilabial no contexto seguinte, que favorece o abaixamento, segundo Amaral (1996). Os casos de hiato (*Bald[o]ino*) serão investigados na continuidade desta pesquisa. A palavra *logar* é retomada na seção etimológica. *Soficiente* precisa ser mais bem averiguado.

Para Amaral (1996), os resultados para a vogal posterior são contrários aos da anterior, revelando improdutividade das alveolares e bilabiaias. Os resultados da amostra aqui analisada dialogam em relação às bilabiaias, embora com ocorrência de aplicação da regra em apenas um item (*b[o]eiro*). Todavia, não corroboram o resultado referente às alveolares.

De 42 vocábulos com consoante velar no contexto precedente, seis sofreram abaixamento, indicando o percentual de 14,3% e o peso relativo de 0,957. Devido à repetição,

restam quatro: *c[o]ltura*, *c[o]mprimeto*, *C[o]ritiba* (três oc.) e *doc[o]mento*. Para Amaral (1996), o contexto velar é considerado relevante à aplicação da regra, para ambas as vogais.

A amostra de Avelheda e Batista da Silveira (2011, p. 474), referente a dados escritos, assinala a presença da velar oclusiva como favorecedora dos processos de abaixamento e alçamento para a vogal posterior, “o que se justifica pelo fato de tais segmentos serem produzidos na área posterolingual, a mesma em que se produz o segmento vocálico /u/, que é o mais posterior da série”.

O fator mais expressivo do grupo de /u/ se refere à ausência de consoante, com peso relativo de 0,947. Todos os casos de aplicação se deram em palavras com hiato (*Bald[o]jino*) e ditongo (*re[o]matismo*, *a[o]zentes*). O mesmo índice favorável encontrou Amaral (1996).

O próximo grupo a ser descrito é o da Vogal da Sílabla Anterior, seguindo a ordem de relevância para o abaixamento da vogal /i/, estabelecida pelo GOLDVARB X.

6.5.5 Vogal da Sílabla Anterior

O grupo da Vogal da Sílabla Anterior ocupou o quinto lugar dentre todas as variáveis selecionadas como relevante para a produtividade do abaixamento de /i/. Entretanto, não teve relevância para o abaixamento de /u/.

Os resultados individuais da vogal anterior /i/ com os fatores analisados seguem na tabela:

Tabela 21 – Resultados da variável Vogal da Sílabla Anterior para a vogal /i/

Vogal da Sílabla Anterior				
Fatores	Peso	Apl./Total	%	Exemplos
	Relativo			
Vogais médias /e/ e /o/	0,740	18/308	5,8	<i>Cert[e]fico/Ex[e]gido</i>
Nasais	0,677	2/54	3,7	<i>Const[e]tuisaõ/Prens[e]pal</i>
Ausência	0,254	20/276	7,2	<i>Cr[e]mina (-lo)/D[e]vide</i>
Fronteira silábica	0,398	12/155	7,7	<i>#[E]deias/#[E]ndinizar</i>
<i>Input: 0.029</i>			<i>Significance: 0.018</i>	

Fonte: A autora.

O fator ausência mostrou menor relevância para o abaixamento, computando o peso relativo de 0,254, seguido do fator fronteira silábica, com o peso de 0,398.

Em relação ao primeiro, do total de 276 ocorrências, 20 abaixaram (7,2%). As palavras que constam nesse fator, como *d[e]ligencea*, *m[e]leçia*, *s[e]rurgiaõ* e *v[e]rtude*, já foram examinadas no grupo Consoante Adjacente Precedente. O fator fronteira silábica registrou 7,7% de produtividade, com 12 ocorrências abaixadas (*[e]deias*, *[e]mediatamente*, *[e]ndinizar*, *[e]mfillis*, *[e]ndinizar*, *[e]mcluso*, *[e]mcluza*, *[e]ncorporar*, *[e]nformar* (duas oc.), *[e]nformaçaõ*, *[e]mpõe*). Como se sabe, de acordo com o que venho expondo até aqui, a posição de fronteira silábica é favorável ao abaixamento.

Diferentemente dos dados mencionados acima, o contexto ausência foi propício para Amaral (1996) em relação às vogais anterior e posterior.

O valor percentual de produtividade (5,8%) do fator vogais médias não foi expressivo, no entanto, o peso relativo de 0,740 indica o contexto como favorável ao abaixamento. De 308 vocábulos, 18 tiveram a vogal alta abaixada. As palavras atingidas são: *cert[e]fico*, *conform[e]dade*, *ed[e]ficada* (duas oc.), *ed[e]ficado*, *ed[e]ficar*, *ed[e]ficou*, *ex[e]gida*, *ex[e]gidas*, *ex[e]gido*, *Fel[e]ciano*, *Fer[e]gotti*, *med[e]ssoins*, *of[e]c[e]aes* (duas oc.), *of[e]çial*, *requ[e]zitar* e *soff[e]çiente*. Excluindo os casos de repetição, variação gráfica e palavras de mesmo radical, sobram 10 ocorrências. Ainda assim, um número expressivo para a amostra analisada.

De todos os casos, apenas um apresentou uma vogal média na sílaba seguinte *off[e]ceaes*, contexto por excelência favorável. Os demais possuem ambiente consonantal que propicia o abaixamento, como a alveolar precedendo (*cert[e]fico*, *ed[e]ficada*, *ex[e]gidas*, *Fel[e]ciano*, *Fer[e]gotti*, *med[e]ssoins*), ou uma velar (*requ[e]zitar*), com exceção de *soff[e]çiente*, que possui uma labiodental no contexto anterior e uma velar no seguinte, ambientes considerados inibidores por Amaral (1996). Nessa palavra, talvez a vogal média alta na sílaba anterior possa ter contribuído para o abaixamento. Nos dados de Amaral (1996) as vogais médias na sílaba anterior também tendem a favorecer o abaixamento de /i/; contudo, o mesmo não acontece para a vogal /u/.

Na análise desta variável optei por amalgamar os dados nasais (vogais nasalizadas e ditongos). Os índices quantitativos, então, mostraram relevância desse contexto para o abaixamento de altas, com o peso relativo de 0,677 e percentual de 3,7%. O resultado desse fator vai ao encontro dos de Amaral (1996), para quem o contexto precedente nasal contribui para a aplicação da regra para ambas as vogais-alvo. Nos dados aqui arrolados, houve apenas dois casos de abaixamento dentro desse contexto: *const[e]tuição* e *prens[e]pal*, ambos com consoante alveolar precedente, que, como se viu, também é ambiente favorável à aplicação da regra. Aliado a isso, as duas vogais nasalizadas são médias altas.

Este grupo de fatores foi contemplado nesta análise devido à inquietação de Amaral (1996) quanto aos postulados de Bisol (1981), para quem a assimilação regressiva é a maior favorecedora do processo de alçamento. Diante disso, o autor procurou averiguar se a direção contrária da assimilação poderia influenciar no processo do abaixamento, ou seja, haver a incidência de assimilação progressiva. Tal hipótese surgiu dos apontamentos de Vieira (1994) ao tratar das vogais postônicas no sul do Brasil. Diz a autora:

Em palavras como *vizinho* e *índice*, as vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica elevam com mais facilidade do que em palavras que não contêm vogal alta. Configura-se, em princípio, um processo de assimilação progressiva de traços das vogais altas por parte das vogais médias (VIEIRA, 1994, p. 55).

Segundo a autora, o que acontece com a assimilação é um espraiamento do traço de altura da sílaba tônica para os extremos da palavra, esquerdo ou direito. Assim, Amaral (1996) supôs ser esse um natural condicionante para os casos de abaixamento de algumas palavras. Curiosamente, nos dados do autor, esta variável foi irrelevante.

Diante dos resultados, não é possível considerar este grupo como relevante ao processo de abaixamento, uma vez que a grande maioria dos casos se concentra na ausência de contexto e, dos poucos casos com vogal média antecedendo a pretônica, apenas um não pôde ser explicado (*sofeçiente*) pelos contextos consonantais adjacentes.

A variável Consoante Adjacente Seguinte é descrita e analisada na sequência.

6.5.6 Consoante Adjacente Seguinte

Este grupo foi o último elencando como relevante à aplicação da regra para a vogal anterior /i/, e o quinto na ordem elencada pelo GOLDVARB X para a vogal posterior /u/. Os resultados para a vogal anterior seguem na tabela:

Tabela 22 – Resultados da variável Consoante Seguinte referentes à vogal /i/

Consoante Adjacente Seguinte				
Fatores	Peso relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Alveolar	0,515	23/616	4,2	<i>Fel[e]ciano/M[e]licianos</i>
Ausência	0,579	2/112	1,8	<i>Ofec[e]aes/Prensip[e]araõ</i>
Velar	0,497	4/177	2,3	<i>Fer[e]gotti/[E]cluso</i>
Bilabial	0,318	4/192	2,1	<i>Cr[e]mina (lo)/Prens[e]pal</i>
Labiodental	0,712	14/95	14,7	<i>Ed[e]ficou/D[e]visa</i>
Alveopalatal	0,443	4/39	10,3	<i>Ex[e]Gida/[E]Gnizar</i>
<i>Input: 0.029</i>				<i>Significance: 0.018</i>

Fonte: A autora.

Amaral (1996) não considera a variável Consoante Seguinte, relacionada ao ponto de articulação como relevante para o processo do abaixamento. Na análise do autor, os resultados foram pouco significativos, tanto em relação à vogal /i/ quanto à /u/.

Os resultados da amostra aqui analisada mostraram alguns pontos em comum e outros divergentes em relação aos dados de Amaral (1996).

De acordo com a amostra analisada, o ambiente consonantal seguinte menos favorável à aplicação da regra foi o das bilabiais, com peso relativo de 0,318. Dentre os 192 vocábulos com esse contexto, apenas quatro foram atingidos pelo abaixamento (2,1%): *cr[e]mina (lo)*, *[e]mediatamente*, *[e]põe* e *prens[e]pal*. Os itens *[e]mediatamente* e *[e]mpõe* possuem vogal média na sílaba seguinte e estão em início de vocábulo, ambientes favoráveis ao abaixamento.

As alveopalatais também não se mostraram relevantes, com peso relativo de 0,443. Das 39 palavras contendo esse ambiente, quatro delas tiveram a vogal anterior atingida pelo processo (*[e]Gnizar*, *ex[e]Gida* e suas variantes). A produtividade dessa consoante no *corpus* foi significativa, registrando o percentual de 10,3%, o segundo mais alto dentre as consoantes analisadas.

Dos 177 itens com consoante velar seguindo a vogal-alvo, quatro sofreram abaixamento (2,3%). As velares ficaram praticamente na margem da neutralidade, com peso relativo de 0,497. Das quatro palavras abaixadas, três estão em início de vocábulo (*[e]cluzo*, *[e]cluso* e *[e]corporar*). Resta a palavra *Fer[e]gotti*, que também possui uma alveolar no contexto antecedente. As velares são consideradas desfavoráveis também nos dados da fala gaúcha.

Os demais contextos aqui analisados foram considerados favoráveis ao abaixamento. As labiodentais indicaram o peso relativo de 0,712, com percentual de produtividade de 14,7%. Esse fator comporta a maior incidência de aplicação, registrando 14 ocorrências. Esse número pode ser reduzido para cinco, se forem excluídas as palavras repetidas e também aquelas de mesmo radical: *cert[e]ffico, d[e]vuide, ed[e]fficado, [e]fuillis e [e]fuormar. Para Amaral (1996), esse contexto é produtivo para o abaixamento das vogais /i/ e /u/.*

Os resultados mostraram o contexto alveolar com produtividade de 4,2% e peso relativo beirando a neutralidade, 0,515. Dos 616 vocábulos, 23 sofreram abaixamento. No entanto, após a exclusão das repetições e palavras com variações gráficas, restam *as[e]stir, conform[e]dade, const[e]tuisaõ, d[e]ligencia, d[e]rigindo, d[e]strito, [e]deias, [e]nteiro, Fel[e]ciano, m[e]desoins, m[e]leçia, m[e]licianos, of[e]ceaes, of[e]cial, pr[e]nsepal, pr[e]sipearaõ, requ[e]zitar, s[e]rrurgiaõ, sof[e]çiente e v[e]rtude.*

M[e]desoins, m[e]leçia, of[e]ceaes e pr[e]nsepal possuem vogais médias na sílaba seguinte. Em *[e]nteiro* e *[e]deias* a vogal abaixada inicia palavra. *Ofecial* e *sofeçiente* possuem harmonia vocálica da pretônica com a vogal anterior. Somente *vertude* não possui contexto fonológico favorecedor. Nos dados de Amaral (1996) as alveolares foram produtivas em relação à vogal /i/.

O contexto ausência apontou produtividade de 1,8% e peso relativo de 0,579, registrado em palavras como *ofec[u]aes* e *prensip[u]araõ*. Conforme já mencionei, o ambiente de hiato será testado na sequência desta investigação.

Os resultados referentes à vogal posterior /u/ com os fatores analisados seguem na tabela:

Tabela 23 – Resultados da variável Consoante Seguinte referentes à vogal /u/

Consoante Adjacente Seguinte				
Fatores	Peso relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Alveolar	0,224	6/262	2,3	<i>A[o]zentes</i>
Velar	0,993	3/26	11,5	<i>L[o]gar</i>
Ausência	0,911	4/82	4,9	<i>Bald[o]ino/B[o]eiro</i>
Labiodental	0,852	2/7	22,2	<i>S[o]feçente</i>
Bilabial	0,477	9/91	9,9	<i>S[o]borno/Doc[o]mento</i>
<i>Input: 0.006</i>				<i>Significance: 0.004</i>

Fonte: A autora.

Embora quase atingindo a neutralidade, o peso relativo de 0,477 das consoantes bilabiais não as caracteriza como favoráveis ao processo. Das 91 palavras contendo esse fator, apenas nove abaixaram (9,9%). Dessas nove, seis se referem à palavra *s[o]borno* e sua variação *s[o]bornou*. Restam *doc[o]mento*, *c[o]mprimeto* e *re[o]matismo*. As duas primeiras possuem velar no contexto anterior, o que, embora não tenha mostrado índices expressivos nesta investigação, segundo Amaral (1996), é um contexto propício ao abaixamento. Na última, o contexto de hiato precisa ser testado. No entanto, por ora, resta dizer que a ausência de consoante anterior pode favorecer a aplicação da regra. O ambiente bilabial seguindo a pretônica foi produtivo nos dados de Amaral (1996) para ambas as vogais-alvo, diferentemente do computado nesta análise.

As alveolares se mostraram inibidoras nos dados desta pesquisa, com peso relativo de 0,224 e produtividade de 2,3%. Dos 262 contextos com alveolares no *corpus*, apenas seis deles tiveram a vogal /u/ abaixada. Desses seis, três se referem à palavra *C[o]ritiba*, e as outras três são *a[o]zentes*, *c[o]ltura* e *Ele[o]terio*. *Coritiba* tem explicação histórica, discutida no item 6.6 deste estudo.

Embora o resultado de Amaral (1996) tenha indicado a consoante alveolar também como desfavorável ao abaixamento de /u/, o autor faz a ressalva de que “as consoantes líquidas no contexto fonológico seguinte, por outro lado, mostraram-se importantes para o abaixamento de /i/ e de /u/” (AMARAL, 1996, p. 88). É o que pode ter contribuído, juntamente com a velar precedente, para o abaixamento em *c[o]ltura*. As demais, *Ele[o]terio* e *a[o]zente* não possuem consoante no ambiente precedente.

O mesmo não se pode dizer das labiodentais. Com o peso relativo de 0,852, essas consoantes se mostraram favoráveis; todavia, as duas ocorrências de aplicação da regra

nesse contexto são das palavras *s[o]feçiente/s[o]ficiente*. Esse resultado corrobora o de Amaral (1996). No entanto, essa condição não deve ser considerada, uma vez que as ocorrências se referem à mesma palavra.

A consoante velar obteve o peso relativo de 0,933. Esse resultado confirma sua produtividade no abaixamento da vogal /u/. Embora o peso relativo caracterize esse contexto como favorável, todas as ocorrências se deram em uma única palavra (*logar*).

O fator ausência, com o peso relativo de 0,911, mostrou-se praticamente categórico à aplicação da regra. No entanto, a produtividade desse contexto atingiu 4,9% e das quatro aplicações da regra, três são da palavra *b[o]eiro*, e a outra ocorrência refere-se a *Bald[o]ino*. As duas palavras devem ser testadas em relação ao contexto de hiato e ditongo.

A próxima variável a ser descrita é da Classificação da Palavra quanto ao Acento.

6.5.7 Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabas Tônica

Esse grupo de fatores foi selecionado pelo GOLDVARB X como o mais relevante entre as variáveis para a vogal posterior /u/. Para a vogal anterior /i/, não foi considerado significativo.

Os resultados referentes à vogal posterior com os fatores dessa variável, oxítona e paroxítona, seguem na tabela:

Tabela 24 – Resultados da variável Classificação da Palavra quanto ao Acento referentes à vogal /u/

Classificação da Palavra quanto ao Acento				
Fatores	Peso relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Oxítona	0,096	3/208	1,4	<i>L[o]gar</i>
Paroxítona	0,881	21/233	9	<i>S[o]borno/C[o]ritiba</i>
<i>Input: 0.006</i>				<i>Significance: 0.004</i>

Fonte: A autora.

Entre as vogais posteriores, houve apenas três casos de abaixamento quando a palavra foi classificada como oxítona, de um total de 208 dados (1,4%). O peso relativo de 0,096 corrobora a análise individual: todos os casos de aplicação se concentraram na palavra *logar* (três oc.).

Em relação às proparoxítonas, dos 233 dados, foram registrados 21 casos de abaixamento (9%). Alguns casos são: *c[o]mprimento*, *c[o]ltura*, *doc[o]mento*, *s[o]feçente*, entre outros.

De acordo com os resultados, as proparoxítonas foram mais produtivas, com o peso relativo de 0,881, podendo ser caracterizadas como relevantes para a aplicação da regra. Observando os dados de perto, é possível entender os valores. Dentre as 21 palavras abaixadas, três se referem ao item *C[o]ritiba*, três ao vocábulo *b[o]eiro*, seis à palavra *s[o]borno* e sua variante *s[o]borno*, e duas ao item lexical *s[o]feçente (*s[o]fiçente)*. As demais são: *a[o]zente*, *Bald[o]ino*, *c[o]mprimento*, *c[o]ltura*, *doc[o]mento*, *Ele[o]terio*, *re[o]matismo*.*

As palavras *a[o]zente*, *b[o]eiro*, *[s]ofeçente* e *s[o]borno* possuem vogal média na sílaba seguinte. *C[o]mprimento*, *doc[o]mento* e *re[o]matismo* possuem bilabiais no contexto seguinte. Os contextos de ditongo e hiato (*Ele[o]terio* e *Bald[o]ino*) precisam ser averiguados. *C[o]ritiba* tem explicação histórica, embora tenha uma velar precedendo, considerado contexto favorável para a regra de /u/, segundo os dados de Amaral (1996). *C[o]ltura* possui uma líquida no ambiente seguinte. *S[o]fiçente* é analisada no ambiente etimológico.

Esses resultados mostram que a análise estatística sempre deve ser complementada pela análise qualitativa. Os dados averiguados com apuro estatístico refutam ou ratificam os índices quantitativos. Somente com um olhar mais atento e total conhecimento do *corpus* analisado é possível entender o que os números dizem.

O último grupo de fatores a ser descrito para as vogais altas é o da Vogal da Sílabla Tônica.

6.5.8 Vogal da Sílabla Tônica

Esse grupo de fatores foi selecionado em sexto lugar para a vogal posterior, como relevante ao abaixamento. Nas análises da anterior /i/, essa variável foi desconsiderada pelo programa estatístico.

Tabela 25 – Resultados da variável Vogal da Sílabla Tônica para a vogal /u/

Vogal da Sílabla Tônica				
Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Vogais nasais	0,197	5/125	4	<i>Doc[o]mento/S[o]ficiente</i>
Vogais altas /i/ e /u/	0,476	6/147	4,1	<i>Bald[o]ino/C[o]ritiba</i>
Ditongo oral	0,933	4/85	4,7	<i>B[o]eiro/S[o]bornou</i>
Vogal baixa /a/	0,161	3/50	6	<i>L[o]gar</i>
Vogais médias /e/ e /o/	0,859	5/27	18,5	<i>S[o]borno</i>
<i>Input: 0,006</i>				<i>Significance: 0.004</i>

Fonte: A autora.

A vogal baixa /a/ no contexto tônico mostrou a produtividade de 6%, com peso relativo desfavorável de 0,161. Os três casos de aplicação da regra se deram na palavra *l[o]gar*, em cujo abaixamento pode ter contribuído a presença de uma consoante velar no contexto seguinte .

O fator ditongo oral, com produtividade de 4,7%, registrou aplicação da regra em quatro palavras; no entanto, três delas se referem à palavra *b[o]eiro*, e uma à palavra *s[o]bornou*. As duas possuem o ambiente mais propício para a aplicação da regra: presença de vogal baixa na sílaba seguinte. O peso relativo para esse fator foi extremamente favorável, 0,933.

Avelheda e Batista da Silveira (2011), ao analisarem o contexto tônico em dados do século XVIII, constataram, como Amaral (1996), que a presença de vogal média na sílaba seguinte é favorável para o abaixamento, permitindo, assim “que tenha havido, igualmente, uma assimilação do traço de altura da vogal tônica”. No entanto, as autoras observam que “o fenômeno processa-se, independentemente da vogal presente na sílaba tônica, desde que a vogal a ser atingida encontre-se no início do vocábulo.” (AVELHEDA; BATISTA DA SILVEIRA, 2011, p. 475-476).

Os fatores vogais médias e vogais nasalizadas registraram cinco casos de abaixamento. O percentual de produtividade para o contexto nasal foi de 4%, com peso relativo considerado desfavorável, de 0,197, enquanto para o fator das vogais médias, a produtividade foi de 18,5% e peso relativo de 0,859, considerado muito favorável à aplicação da regra. Os itens abaixados com vogais nasalizadas foram: *a[o]zentes*, *c[o]mprimento* (dever), *d[o]comento* e *s[o]ficiente*.

Em *a[o]zentes* e *s[o]ficiente*, a vogal pretônica assimilou o traço de altura da vogal da sílaba seguinte. Em relação à palavra *c[o]mprimento*, é necessário me remeter ao

estudo de Câmara Júnior (1970) e de Amaral (1996). Sobre o estudo da nasalidade da vogal /u/, Amaral (1996) constata que a vogal posterior, como a anterior, tem probabilidade alta de ser abaixada se for nasalizada. Entretanto, o valor de *significance* de /u/ mostra alta probabilidade de a hipótese ser nula. Nesse sentido, utilizo, novamente, a explicação de Câmara Júnior (1970), de que a distinção /o/ e /u/ em *comprimento*, *comprido* é meramente uma questão gráfica. A flutuação na escrita desse vocábulo indica que, em certos momentos, a oralidade é transferida para o papel.

O único item abaixado com vogal média na tônica foi *s[o]borno* (duas oc.), indicado como contexto mais propício de aplicação da regra: vogal média na sílaba seguinte. Devido à repetição desse item lexical, o resultado desse fator ficou comprometido.

Por fim, o fator vogais altas, com seis abaixamentos em 147 ocorrências (4,1%); todavia, o número de aplicação é reduzido para três, pois o topônimo *C[o]ritiba* se repete três vezes. A aplicação da regra nessa palavra tem explicações etimológicas e históricas. Em *re[o]matismo*, a vogal posterior é seguida de labial e há ausência de consoante precedendo; já *c[o]ltura* possui uma líquida no ambiente fonológico seguinte, favorecedora do abaixamento de /i/ e /u/. O contexto de hiato (*Bald[o]ino*) necessita ser testado. O peso relativo de 0,476 desse fator não mostra favorecimento na aplicação da regra.

Da descrição e análise dos resultados obtidos para o grupo Vogal da Sílabla Tônica, é possível dizer que este contexto não é importante na produtividade do processo de abaixamento.

A análise empreendida até o momento centrou-se no exame estrutural dos itens alçados e abaixados, verificando no condicionamento fonológico evidências de certa regularidade nos fenômenos estudados. Todavia, conforme já foi exposto neste estudo, esse não é o único modo averiguar a flutuação no sistema vocálico pretônico. Além da análise estrutural, tomada como ponto central da análise entre os neogramáticos, é essencial que se verifique a história do vocábulo, pois é importante considerar a trajetória dos itens lexicais no decorrer do tempo. Dessa forma, alguns vocábulos foram submetidos ao exame etimológico.

6.6 UMA DISCUSSÃO ETIMOLÓGICA SOBRE OS PROCESSOS DE ALÇAMENTO E ABAIXAMENTO

No capítulo dois desta dissertação foram descritas as duas teorias que são convocadas quando o tema em questão é a implementação da mudança linguística: a neogramática e a difusionista.

A teoria neogramática, que teve seu ápice no final do século XIX, atribui ao fonema a implementação da mudança. Para os estudiosos dessa linha, a mudança ocorre condicionada por regras de forma lenta e gradual por meio de etapas imperceptíveis, atingindo todas as palavras, sem exceção. O ponto crítico desse modelo reside no fato de que a regularidade da mudança, lexicalmente abrupta e foneticamente gradual, não reconhece desvios, e todas as palavras que fogem a tal postulado são caracterizadas como analogia ou empréstimo dialetal.

Já para os difusionistas, a implementação da mudança ocorre no léxico, na palavra. Um pouco após a segunda metade do século XX, os pesquisadores Wang, Chen e Cheng, ao descreverem um dialeto chinês, constataram que a mudança se instaura por meio da palavra e não do fonema e, assim, incorporam aos estudos fatores semânticos, fonológicos e gramaticais.

É importante salientar que neogramáticos e difusionistas, em certo ponto da discussão, reconhecem que algumas palavras, no curso da mudança, são atingidas por regras condicionantes, porém, em algum momento, alguns itens não poderão ser encaixados em tais regras e somente o estudo histórico lexical individual pode esclarecer o estatuto da mudança.

O presente estudo traz uma análise estrutural e qualitativa da elevação das vogais médias altas /e/ e /o/, e do abaixamento das altas /i/ e /u/ nas palavras registradas por escreventes oficiais, no século XIX. Essa flutuação é um processo antigo no português, conforme atestam as obras de Fernão de Oliveira (1536), de Madureira Feijó (1734) e Duarte Nunes de Leão (1784), conferindo o uso, tanto na pronúncia quanto na escrita, como “erro” e “corrupção” do idioma, sendo os “vulgos” os principais responsáveis pela propagação: “mas como o vulgo he o que mais erra a pronunciaçã das palavras, e pelo uso se communica este vicio aos mais” (MADUREIRA FEIJÓ, 1734, p. 143).

Conforme já se vem traçando no decorrer deste trabalho, quando se fala em estudo da língua em um estado pretérito, logo sobressaem os diversos óbices que o pesquisador encontra pelo caminho. Um deles, sem sombra de dúvida, é o *corpus* que serve de escopo para a descrição dessa língua. Como não há outra espécie de material que sirva para

tal empreendimento, os documentos remanescentes são fontes importantes nesse tipo de pesquisa. Porém, ao utilizar manuscritos não há como afirmar que a língua que ali está registrada era realmente aquela em uso em determinado tempo, uma vez que a grafia contida pode evidenciar tanto aspectos etimológicos quanto possíveis resquícios de oralidade. Precisar esses tipos de conjecturas parece ser simplificador.

No início deste capítulo, descrevi os resultados da análise estrutural que o *corpus* proporcionou. A flutuação das vogais médias altas e altas, em muitos casos, pôde ser caracterizada como favorecida por ambientes condicionantes, descritas por trabalhos que descrevem a língua oral¹⁴³: no caso do alçamento, a presença da vogal alta na sílaba contígua, harmonizando-se com a média alta pretônica, configurando assimilação regressiva, como em *atr[i]viria*, *c[i]mítério*, *p[u]sturas*. Em segundo lugar, a presença de uma consoante labiodental precedente, como em *emffi]llis*. No caso do abaixamento, a vogal média alta na sílaba anterior teve um peso relativo favorecedor, ocorrendo em palavras como *ed[e]ficada*, *of[e]cial* e *sof[e]ciente*. No entanto, há que se considerar a consoante alveolar precedente, como em *d[e]ligencea*.

Chamou-me a atenção, como não poderia deixar de ser, a presença da vogal alta na sílaba seguinte como fortemente favorecedora dos casos de abaixamentos da vogal anterior /i/ presentes no *corpus*. Porém, esse ambiente não parece estar restrito aos meus dados. Em estudo sobre o alçamento das vogais nos séculos XVIII e XIX, José Sueli Magalhães (2013)¹⁴⁴, analisa documentos pessoais e oficiais¹⁴⁵ na busca pela descrição do sistema vocálico desse período. O autor já chama a atenção para a “total ausência de linearidade entre alçamento e abaixamento.” (MAGALHÃES, 2013, p. 8). Ao elencar os itens lexicais encontrados nos *corpora* investigados, os ambientes fonéticos condicionantes do alçamento e do abaixamento, no que tange à presença da vogal alta na sílaba seguinte foram similares tanto para o contexto informal (cartas pessoais) quanto para o formal (documentos oficiais).

Magalhães (2013) diferencia os contextos estruturais em: (i) harmonia; (ii) alçamento sem motivação aparente para os casos de alçamento e, (iii) contra-alimentação; (iv) abaixamento. Nos dados que corporificam (iii), o autor explica que são palavras nas quais a

¹⁴³ Guy e Zilles (2007) explicam que esse tipo de cotejo não é apropriado. No entanto, esses foram os únicos trabalhos encontrados que trazem resultados em porcentagens e pesos relativos em relação aos fenômenos estudados, em detrimento de alguns trabalhos diacrônicos realizados, que ilustram alguns exemplos de palavras, sem tratamento estatístico.

¹⁴⁴ Trabalho já citado no estudo da arte (capítulo 3).

¹⁴⁵ Conforme já descrito, a partir dos corpora do projeto “Para a História do Português Brasileiro”, disponibilizados *online*.

“interação opaca em que a regra esperada deixa de se aplicar, mesmo tendo presente o contexto para a aplicação: *partecipo, vezinho*;” (MAGALHÃES, 2013, p. 10). Nessa lista estão registrados itens como *aleviarei, asestido, deligência, entrigado, prencipalmente, omilde, seotilize*, no *corpus* informal; e *actevidade, deficultozo, beneficiado, derigirião, acodir, incombido*, nos dados formais. A partir da observação deste ambiente fonético, o autor conclui que:

A grande diferença com relação aos trabalhos atuais está nas numerosas ocorrências de contra-alimentação da regra de assimilação e nos demais casos envolvendo o abaixamento [...]. Poderíamos chamar todos os exemplos das colunas do lado direito [iii] de hipercorreção. Contudo, como estamos trabalhando com dados de escrita, não nos arriscamos a tamanha simplificação. (MAGALHÃES, 2013, p. 12).

Neste momento da pesquisa, algumas palavras foram elencadas para a averiguação etimológica. Para a escolha dos itens, o critério se deu da seguinte maneira: primeiro, busquei os itens que não apresentaram ambiente fonológico favorável à aplicação das regras. Em seguida, elenquei algumas palavras que foram registradas apenas uma vez no *corpus* e, mesmo assim, alçaram ou abaixaram, indo de encontro ao postulado difusionista, segundo o qual o uso frequente da lexia leva à variação.

Em relação ao alçamento, as palavras elencadas foram *s[i]smeiro, conc[i]ssaõ, lib[i]rdade* e *s[i]rviço*; as duas primeiras apresentando uma alveolar antecedendo e seguindo, contexto por excelência inibidor nos resultados provenientes da oralidade; e as outras duas com travamento silábico em rótico. Mesmo que *s[i]rviço* possua vogal alta na sílaba contígua, foi submetida à análise etimológica. Também as palavras *d[i]voluta, d[i]senvolvimento, d[i]speza*; a primeira por apresentar uma consoante labiodental no contexto seguinte; as demais para fundamentar a questão levantada na análise sobre o favorecimento do morfema *des-* no processo. Por fim, as palavras *apr[u]ntar, s[u]cego*, com alveolar antecedendo e seguindo; e *s[u]ada* e *s[i]guro* com alveolar anterior. Ainda que a primeira apresente vogal baixa em contexto de hiato, essa palavra será analisada etimologicamente, portanto, nesse momento da análise, reporto-me aos itens e sua história.

Em relação ao abaixamento, as palavras que não se encaixaram nos ambientes favorecedores do processo, de acordo com os dados cotejados, foram *s[o]ficiente, of[e]çial* e *v[e]rtude*. A flutuação histórica dos vocábulos *C[o]ritiba* e *l[o]gar* também é investigada.

Conforme visto nos dados do alçamento, segundo Freitas (2003 *apud* Avelheda, 2013), a vogal alta junto aos alveolares [t, d] provoca a palatalização dessas consoantes. Nos dados do abaixamento, o processo contrário foi evidenciado, uma vez que houve a despalatalização da alveolpalatal /dC*/, em palavras como *d[e]riji*, *d[e]lligencea*, *d[e]strito*, *d[e]visa*, o que me leva a procurar analisar a etimologia desses vocábulos. Mesmo as alveolares sendo ambientes favorecedores, segundo dados de Amaral (1996), as palavras *const[e]tuição*, *as[e]stir*, *s[e]rurgiaõ* e *s[e]rtedaõ* serão investigadas para verificar se os casos de abaixamento, além do ambiente estrutural favorável, também possuem resquícios históricos subjacentes.

Dessa forma, as palavras analisadas neste momento da investigação, em relação ao alçamento, são:

<i>Apruntar</i>	<i>Siguro</i>
<i>Conçissaõ</i>	<i>Sirviço</i>
<i>Disenvolvimento</i>	<i>Sismeiro</i>
<i>Dispeza</i>	<i>Suada</i>
<i>Divoluto</i>	<i>Sucego</i>
<i>Libirdade</i>	

E em relação ao abaixamento:

<i>Asestir</i>	<i>Devisa</i>
<i>Boeiro</i>	<i>Logar</i>
<i>Constetuiçaõ</i>	<i>Ofeçial</i>
<i>Coritiba</i>	<i>Sertedaõ</i>
<i>Deligencea</i>	<i>Serurgiaõ</i>
<i>Deriji</i>	<i>Soficiente</i>
<i>Destruto</i>	<i>Vertude</i>

As palavras acima descritas são, previamente, investigadas na obra histórica de Madureira Feijó e, em seguida, nos dicionários que trazem a etimologia de palavras, como Houaiss (2001) e Cunha (1986)¹⁴⁶.

Madureira Feijó (1734) aponta alguns itens em uso em Portugal, no século XVIII, como corrompidos. O autor elabora uma lista com emendas e erros. Algumas palavras elencadas para análise etimológica foram encontradas como erros de pronúncia, evidenciando a flutuação que havia no sistema vocálico desse século. Por outro viés, também

¹⁴⁶Os estudos referenciados ao longo desta dissertação também serão consultados, como o de Bisol (1981), Viegas (1987, 2001) e Bortoni, Gomes e Malvar (1992).

poderia ser atribuída uma expressão de sanção social na pauta do autor, uma vez que uns itens são considerados corretos, enquanto outros, corrompidos pelo uso. São elas:

ALÇAMENTO

As palavras *apruntar*, *disenvolvimento*, *dispeza*, *divoluto*, *suada* e *sucego* não foram encontradas na Ortografia de Madureira Feijó. A palavra *concissaõ* foi encontrada como *concessaõ* (p. 251). O item *libirdade* está registrado como *liberdade*, apontando como erro se grafado como *libardade* (p. 377). A palavra *sismeiro*¹⁴⁷ consta como erro, sendo a grafia correta *sesmeiro* (p. 487). *Sirviço* está registrado como *serviço*, apontando o desvio *servisso* (p. 487). O vocábulo *siguro* não foi encontrado, apenas a sua derivação verbal *segurar*, tendo como erro a grafia *sigurar* (p. 484).

A flutuação das pretônicas em *sismeiro* e *siguro* se remete ao século XVIII.

ABAIXAMENTO

As palavras *sertedaõ* e *serurgiaõ* não estão registradas em Madureira Feijó. O gramático aponta as grafias *assistir*, *diligencia* e *virtude* como corretas, em detrimento de *asestir* (p. 209), *deligencia* (p. 277) e *vertude* (p. 538) registradas como erros. Os vocábulos *constetuiçaõ* e *deriji* (verbo flexionado *derijir*) não constam. Em relação ao primeiro, foram encontrados os itens *constituente* (como erro) e o verbo *constituir*; em relação ao segundo, o particípio *dirigido* consta como correto, apontando como errada a grafia *derigido* (p. 277). O autor não registra variação para as formas *districto*, *divisa* (p. 280) e *lugar* (383), apenas as cita.

Como se pode observar, a flutuação no sistema de vogais, na pauta pretônica, já estava incorporada ao português do século XVIII, ratificado pelo documento de Madureira Feijó e, em muitos aspectos, assemelha-se ao português escrito do século XIX, conforme mostram os dados analisados nesta dissertação, pelo menos numa faceta particular, a língua portuguesa utilizada na cidade de Castro. A esse respeito, Bisol comenta:

Presumivelmente as inovações do português lusitano foram incentivadas a partir dos meados do século [o XVIII] quando se deu o choque entre o mundo clássico e o pré-romântico, dando evasão às novas formas de vida, de arte e de linguagem, enquanto a língua transportada para o Brasil prosseguia sua deriva arrastada por correntes arcaicas em direção à sua própria história. (BISOL, 1981, p. 253).

¹⁴⁷ A elevação desse item, portanto, possui raízes históricas.

Já mencionei neste texto a insegurança que havia em relação à correta ortografia de algumas palavras em Portugal, mesmo no período pseudoetimológico, conforme explica Madureira Feijó (1734), uma vez que não havia compêndios que pudessem referenciar a escrita, e as pronúncias eram as mais variadas. Sobre isso, escreve Leão:

Do que tratei em particular da força, & natureza de cada letra, podemos inferir a primeira regra da Orthographia Portuguesa: que assi hemos de screuer, como pronunciamos, & assi hemos de pronunciar como screuemos. [...] Porque sendo a nossa lingoa corrupta da Latina, & fazendo nós desta corrupção noua lingoa propria, & peculiar nossa, que pelo vso se foi deriuando, & introduzindo, não hemos de mudar, nem torcer os vocabulos do soido, & vso commum. Que as palavras saõ como as moedas, que não valem senaõ as correntes, & as que estão em vso (LEÃO, 1784, p. 175).

Viegas (1995) menciona o grande problema que há em inferir formas fonéticas por meio dos registros escritos, porém, como mesmo assinala a autora, utilizando as palavras de Labov (1994), o trabalho do pesquisador histórico é justamente fazer “o melhor uso possível de dados ruins” (LABOV, 1994, p. 11). Bisol (1981, p. 236) menciona que as palavras que trazem variações ortográficas, do século XVI ao XVII, “trazem-nos vestígios (sic) da pronúncia de então.” Para assumir tal postura, a autora utiliza os postulados de Fernão de Oliveira (1536), Nunes de Leão (1576) e Pereyra (1666), que explica:

[...] assim como os latinos dizem: Vestimentum, vestire, vestitus. Dizem vendere, venditus, venditio. Dizem gemer, gemitus, guardando sempre a proporçam dos derivados: assim os Portuguezes devemos dizer Vestidura, vestir, vestido e nam como alguns dizem vistidura, vistir, vistido. Devemos dizer vender, vendido, venda. E nam como outros vinder, vindido. Devemos dizer: gemer, gemido. E nam gimir, gimido, terceyro e não tirceyro, tesouro e nam tesouro. (PEREYRA¹⁴⁸, 1666, p. 7-8 apud BISOL, 1981, p. 238, grifo do autor).

Continuo, então, à procura de vestígios que possam explicar a escrita alçada e abaixada no século XIX. Consultando o caminho etimológico das palavras em análise, nas obras de Cunha (1986) Houaiss (2001) e Silva (2007), é possível constatar que algumas oscilavam entre vogais médias e altas, durante a passagem do latim para o português, enquanto outras mantinham as vogais inalteradas.

¹⁴⁸ Bento Pereyra, ortógrafo do século XVII e professor de retórica. As obras consultadas por Bisol (1981, p. 247) foram as edições originais de “Thesouro da Língua Portuguesa”, de 1647, e “Regras Gerais”, de 1666.

Para melhor visualização da pesquisa etimológica, primeiramente, exponho as palavras que se mantiveram inalteradas durante os séculos e, em seguida, algumas formas que trazem flutuações na sílaba pretônica. O item que primeiro consta na chamada é aquele registrado nos documentos que compõem o *corpus* da dissertação, acompanhado da forma atualizada, amalgamando itens alçados e abaixados.

Nas palavras que seguem não foram encontradas oscilações entre as vogais médias e altas na pauta pretônica, no processo de passagem do latim para o português, registradas nas obras etimológicas consultadas.

APRUNTAR/APRONTAR: originário do latim *pro* ~~o~~*mpus*, e registrado por Houaiss¹⁴⁹ e Cunha como *aprontar*, nos séculos XVIII e XIX, respectivamente.

ASESTIR/ASSISTIR: De acordo com Cunha e Houaiss, a forma latina *ad-siste* ~~re~~ (ou assiste ~~re~~) evoluiu para *assistir*, no século XVII. Ambos os autores registram o particípio *assistido*, no século XVI.

CONCISSAÕ/CONCESSÃO: A forma latina *concess* ~~io~~ ~~o~~ ~~nis~~ manteve a vogal média alta /e/ na passagem do latim para o português, sendo encontrada a forma *conçessom*, no século XV, de acordo com Houaiss e Cunha.

DESTRITO/DISTRITO: da ortografia latina medieval *districtus* não se alterou a vogal /i/, mantendo a forma *districto*, no século XVII, de acordo com Houaiss, e XVIII, conforme Cunha.

DISENVOLVIMENTO/DESENVOLVIMENTO: esse vocábulo vem da formação latina do prefixo *des* + *involto*, *is*, *volvi*, de volver. Cunha explica que o prefixo latino *des-* evoluiu do latim *dis-* que, por sua vez veio do grego *dys-*. No português efetivou-se o *des-* e a palavra *desenvolver*, e sua derivada, *desenvolvimento*, não foram atingidas por oscilações na vogal do prefixo. No século XIV, Houaiss registra as formas *desenvolver* e

¹⁴⁹ Os autores referenciados Cunha (1986), Houaiss (2001) e Silva (2007) terão apenas os nomes citados, sem a data da obra, neste momento da análise.

desenuoluere, no século XV, *desemuolluer*. Cunha aponta *des* + *envolvimento* apenas no século XIX.

DIVOLUTO/DEVOLUTO: Cunha e Houaiss registram o termo latino *devo* *lu* *tus*. No século XV, ambos os autores apontam a grafia *devolupto*.

LIBIRDADE/LIBERDADE: segundo Cunha e Houaiss, o termo vem do latim *li* *be* *rtas* *-a* *tis*. No século XIV aparece o termo *liberdade*, no XV, *lyberdade*. Cunha registra as formas antigas *livridom* e *livridõe* também do século XV. Talvez possa se conjecturar que a variação entre a vogal média /e/ e a alta /i/ seja proveniente dessas formas, do português quinhentista.

OFEÇIAL/OFICIAL: Cunha aponta a origem latina *o* *ffi* *ci* *a* *lis*. Também registra a forma *officiaes*, no século XIII e *oficial*, no século XIX.

SIGURO/SEGURO: Bisol (1981) cita o trabalho de Williams (1975) para analisar a passagem de algumas palavras do latim clássico para o português. Na lista elencada, a autora exemplifica a permanência da vogal média alta com a palavra *se* *cu* *rum*. Também Cunha e Houaiss trazem o étimo latino *se* *cu* *rus*, e a forma *sseguro*, encontrada no século XIX, conforme Houaiss.

SIRVIÇO/SERVIÇO: termo latino *se* *rvi* *ti* *um*. Cunha registra o termo *serviço*, no século XIII. Houaiss aponta as *servuyço*, *sseruyço* no século XIX, e no século XV *seruiso* e *sseruiço*. Silva somente registra o termo *serviço* como utilizado no português medieval. No entanto, Bisol (1981) encontrou o termo *sirvicio* na *Crestomatia Arcaica* de J. Nunes, de 1970.

SISMEIRO/SESMEIRO: Houaiss e Cunha explicam que este termo é formado pela raiz *sesmo* + o sufixo *eiro*, originário do latim *sexi* *mus*,

formado ainda no latim vulgar por analogia com *septimus*, no século XIII. O termo está registrado em ambas as obras como *sesma*, *seisma*, *sexma*, no século XVIII, e *sesmeiro*, no XIX, por Cunha e Houaiss, respectivamente.

SUADA/SOADA: vem do verbo latino *sonare*. No século XIII estão registrados os termos *sõa*, *soada*, por Houaiss; e, por Silva, *soada*, do português medieval.

SUCEGO/SOSSEGO: termo originário do latim vulgar *sessica*, de *sessus* – ação de sentar. Os autores Cunha e Houaiss registram as grafias: *sossego* e *soségo*, no século XIV; *sossego* e *sessego*, no século XVI. Houaiss ainda encontrou as grafias *sossego* e *socêgo*, nos séculos XVII e XVIII, respectivamente. Silva expõe as formas *assessego* e *sossego* como vocábulos utilizados no português medieval.

Os itens que seguem apresentam oscilações no quadro vocálico pretônico no decorrer dos séculos, desde a origem latina. São eles:

BOEIRO/BUEIRO: Houaiss considera a origem desse item obscura. Algumas hipóteses são: talvez de *ueiro* < latim tardio *funarius*, provavelmente usado no lugar de *funalis*, e para designar o cavalo que fica à frente dos que puxam o carro, para auxiliá-lo. O autor expõe também o termo latino *bua,ae* (água na linguagem infantil) e os que consideram a hipótese de *boiar* + *-eiro*; O item *boeiro* encontra-se registrado em 1562; e em 1570, *bueiro*.

CONSTETUIÇÃO/CONSTITUIÇÃO: Houaiss e Cunha registram a forma latina *constituere*. Porém, Cunha também encontrou a forma *costetiço*, no século XIII, e Silva aponta a grafia *constetiçom* do português medieval. Depois, no século XIV, as obras etimológicas registram *constituições*, *constituyçon* e, no século XV, Cunha expõe a forma *constituiçam*. Essa palavra apresentou apenas a alternância da vogal /e/ pela alta /i/, no português arcaico, estabelecendo-se a média nos demais séculos.

DELIGENCEA/DILIGÊNCIA: provém da forma latina *diſligentiſſima*, do verbo *diſligere*. No entanto, Houaiss registra as formas *diligença* e *deligencia* usadas no século XIII, *diligência*, no século XIV, *delligencia*, no XV, e *diligencia*, no XVI. É possível perceber a oscilação entre a média alta /e/ e a alta /i/ no decorrer dos séculos, prevalecendo, ao final, a alta.

DERIJI/DIRIGIR: o verbo flexionado no pretérito é resgatado do infinitivo *dirigere*. Cunha e Houaiss registram a forma *derigir*, no século XV. Embora os outros séculos não sejam retomados pelos autores, os dicionários modernos trazem a grafia com a vogal alta /i/, portanto, após o século XV ainda houve a alternância da vogal média alta /e/ e da alta /i/, ficando estabelecida a alta após esse período.

DEVISA/DIVISA: embora a forma latina traga a presença da vogal alta /i/ em *divisio*, *diſviſus*, e no latim vulgar em *divisare*, Silva registra a forma medieval de *visar*, como sendo proveniente do francês *déviser*. Ainda, no português do século XV, Houaiss traz as grafias *deuisa* e *diuissa*. A vogal /i/ firmou-se, assim, depois desse século.

DISPEZA/DESPESA: proveniente do verbo latino *diſpendere*, o substantivo *diſpenſa* aparece no latim tardio como *diſpenſae*, somente no século XIII, aparece o registro do vocábulo *despesa*, de acordo com Cunha. No século XIV *despenſa*, no XV, *despese* e *dispeza*, conforme consta no dicionário Houaiss. Após o século XV, a vogal média /e/ prevalece sobre a alta /i/ e o termo passa a ser registrado como *despesa*.

LOGAR/LUGAR: a oscilação entre a média /o/ e a alta /u/ também fica evidente nesse vocábulo. Do latim *locus*, de *locus*; no português arcaico foi encontrado ainda com o /o/, *logar*. Mais tarde, no século XIII, Houaiss traz os termos *lugar* e *loguar*, enquanto Cunha apenas apresenta a grafia *logar*. Houaiss ainda registra as formas *logo*, no século XIV, e *llugar*, no século XV. Dessa variação, a vogal alta /u/ prevaleceu, sendo encontrada a forma *lugar* nos dicionários contemporâneos.

SERTEDAÕ/CERTIDÃO: do latim *certitu* &di &nem, do latim tardio *certitúdo*, esse vocábulo apresenta oscilação entre a média /e/ e a alta /i/ no século XIV. Houaiss registra as formas *certidõe*, *çertidõe*, *certedu* &e, *certidões* e *certidioen* no século XIV; *certidam* e *certidão*, no século XV. Cunha expõe apenas as formas *certidões* e *çertidu* &e, no século XIV e *certidom*, no XV. Silva registra a presença do termo *certidom*, no português medieval. Provavelmente, a oscilação que houve no século XIV foi resolvida no século XV, estabelecendo a vogal /i/ após a palatal /t</p>
</div>
<div data-bbox="279 316 908 608" data-label="Text">
<p>SERURGIAÕ/CIRURGIÃO: esse termo também é marcado por significativa variação entre a vogal média e a alta. A palavra vem do latim <i>chi &rurgia &nus</i>, chegando ao português arcaico como <i>celorgião>cirurgianu</i> e, no medieval, como <i>cellorgiãaes</i>, conforme registra Silva. Cunha aponta a grafia <i>solurgiães</i>, no século XIII, enquanto Houaiss, as grafias <i>celorgiãães</i> e <i>cilurgiano</i>. No século XIV, ambos os etimólogos registram a forma <i>sirurgiães</i>. No período quinhentista, os autores divergem. Enquanto Cunha aponta a grafia <i>celorgião</i>, Houaiss expõe as formas <i>cirorgiãães</i>, <i>cirulurgiães</i>. No século XVI, apenas Houaiss registra a forma <i>solorgioens</i>. Pela pesquisa, é possível conjecturar que a oscilação aconteceu já no período arcaico, transferindo a variação aos demais séculos, prevalecendo a presença da vogal alta /i/</p>
</div>
<div data-bbox="279 638 908 731" data-label="Text">
<p>SOFICIENTE/SUFICIENTE: esse termo latino <i>ufficiens</i>, <i>entis</i> apresenta oscilação no século XIV <i>sofficientes</i>, <i>ssoficientes</i>. Já, o século XV, a vogal alta /u/ parece ter se estabelecido <i>suficienteio</i>, <i>suficientes</i>, de acordo com os registros de Houaiss (2001).</p>
</div>
<div data-bbox="279 761 908 853" data-label="Text">
<p>VERTUDE/VIRTUDE: do latim <i>vi &rtu &s -u &tis</i>, apresenta a oscilação no século XIII, <i>virtude >vertude</i>. Após esse século, estabeleceu-se a vogal alta /i/ em detrimento da média /e/, conforme registros de Cunha e Houaiss.</p>
</div>
<div data-bbox="138 885 908 927" data-label="Text">
<p>Já o termo onomástico Curitiba, que aparece nos documentos como <i>Coritiba</i> é proveniente do tupi, conforme explicam Noll e Dietrich (2010):</p>
</div>

Ao contrário do léxico, os nomes próprios de lugares, rios, praias, campos, serras e pessoas, na sua grande maioria, não têm sua origem em uma das línguas gerais da época colonial, mas foram criados mais tarde, quando a língua geral já não se falava. Neste sentido, o “tupi” é, na tradição brasileira – como o latim e o grego antigo nas ciências -, uma fonte virtual, um depósito de raízes lexicais que serve, neste caso, para formas, para não dizer construir, topônimos, hidrônimos etc. (NOLL; DIETRICH, 2010, p. 96).

Assim, ao exemplificarem os topônimos, os autores apresentam o nome *Curitiba* como proveniente do tupi *kuriy*, ‘pinheiro’, + *tyb-a*, ‘plantação + sufixo de caso’, ‘pinhal’. (NOLL; DIETRICH, 2010, p. 97). A oscilação que se deu na originária vogal alta /u/ é destacada por Ferreira (2006) na obra “Municípios paranaenses. Origens e significados dos seus nomes”. O autor comenta que Antenor Nascentes também tratou o termo como originário do tupi, denominando uma terra com pinheiros em abundância. Além disso, Ferreira (2006) também explica que, oficialmente, o termo Curitiba apresentava a vogal média /o/ na primeira sílaba, devido a uma analogia com o termo tupi *coré* (porco) + *tyba* (abundância). Segundo o autor:

A atual ortografia, Curitiba, foi oficialmente estabelecida através de Decreto-Lei, assinado em 1919, pelo Presidente do Estado do Paraná, Affonso Alves de Camargo, pois até aquela época escrevia-se o nome da cidade de duas formas *Corityba* e *Curityba*, que são étimos diferentes. (FERREIRA, 2006, p. 99).

Outra questão levantada nesta dissertação foi a provável utilização da obra de Moraes Silva (1813) pelos escribas oficiais, uma vez que encontrei uma coleção desse autor na prateleira da Casa da Cultura, de Castro, durante as buscas pelos manuscritos que serviram de escopo a esta pesquisa. Conjecturei que, talvez, essa coleção pudesse ter pertencido aos órgãos oficiais da cidade, no século XIX. Mesmo não podendo afirmar tal suposição, também procurei na obra do dicionarista os vocábulos aqui analisados, para verificar a ortografia registrada. O resultado dessa análise apontou apenas duas palavras com grafia similar à utilizada nos documentos: *devisado* (de devisa) e *virtude*. Em ambos os verbetes, Moraes Silva aponta concomitantemente as formas, *divisa* e *virtude*.

Em relação às palavras que apresentaram alternância no quadro vocálico desde sua origem latina, é possível fomentar a ideia já levantada pelos pesquisadores que seguem a teoria neogramática e considerar que a mudança linguística é regida por regras e que essas regras se repetem com o passar dos séculos, corroborada pelos compêndios ortográficos e dicionários etimológicos.

Como nesta investigação os dados escritos do século XIX são cotejados com dados orais do século XX e XXI, é possível conjecturar a veracidade do postulado laboviano, no qual prevê que as mesmas regras que atuaram no passado ainda atuam no presente, assim, muitos fenômenos atuais podem ser explicados por fatos linguísticos passados.

Bisol (1981) e Bortoni, Gomes e Malvar (1992) corroboram a hipótese neogramática, afirmando que a variação presente no sistema vocálico pretônico contemporâneo é reflexo de regras quinhentistas.

Sem dúvida, também é permitido prever que um possível conhecimento erudito por parte do escriba ou, ainda, que a falta de unificação ortográfica no século XIX tenham incidido na grafia registrada nos documentos. Verifiquei que as palavras *despesa* e *lugar*, grafadas *dispeza* e *logar* apresentavam as vogais /i/ e /o/, respectivamente, nas suas formas latinas:

Dispeza = *di* ~~dis~~*spe* ~~nde~~ ~~re~~ > *di* ~~dis~~*spensa* > *despesa*

Logar = *loca* ~~lis~~ > *lugar*

Provavelmente, a escrita que retoma a origem latina desses termos possa evidenciar certa resistência de alguns escribas que, por conhecimento da origem, mantinham em suas letras as vogais etimológicas. O uso oral alçado de *d[i]spesa*, atualmente, pode também ser um reflexo do étimo e da oscilação que houve durante a evolução ortográfica, ou ainda uma possível analogia com a palavra *dispensa*, de significado diferente do utilizado no manuscrito¹⁵⁰.

Sobre as palavras que mantiveram inalteradas as vogais médias e as vogais altas durante a passagem do latim para o português, de acordo com os manuais consultados, é possível hipotetizar que a oscilação dessas vogais nos manuscritos do século XIX seja reflexo da oralidade, talvez da variedade particular castrense, no que se refere ao alçamento; ou ainda de uma provável hipercorreção, no caso dos abaixamentos. Conforme já exposto por Avelheda e Batista da Silveira (2011), não havendo material oral disponível de séculos passados, a presença maior de abaixamentos nos textos escritos pode ser atribuída a uma hipercorreção, na tentativa de não cometer os alçamentos evidenciados na oralidade.

Pude perceber que alguns itens, mesmo sem ter ambiente fonético propício para alçar ou abaixar, permitiram a aplicação dessas regras, como os termos *apruntar* e

¹⁵⁰ No manuscrito, o significado foi de custo, gasto: “Quanto adispeza a fazer se em tal melhoramento é de parecer a comissão que não excedera elle a *quantia* de cem mil reis.” (Doc. Número 44).

conciisaõ. E que palavras, com ambientes semelhantes, não alçaram ou abaixaram, como *prontamente* e *sessãõ*. O oposto disso também foi notado, quando palavras com contexto favorável não se submeteram à aplicação da regra, como *fregu[e]sia*, que, mesmo tendo ambiente favorável à aplicação da regra (vogal alta na sílaba seguinte à pretônica + consoante velar ambiente precedente) manteve a vogal média /e/.

Fica evidente, nesses casos, que as regras não conseguem dar conta de todas as variações que acometem o sistema vocálico, não atingindo todos os vocábulos da mesma forma. Viegas (1995, p. 113) explica que tais exemplos ilustram a hipótese difusionista, pois “com todo o esforço para encaixarmos todos os itens dentro de uma regra, fica um resíduo, característico do processo de difusão lexical (a seletividade lexical)”. Com relação ao abaixamento, a mesma autora aponta que “existe, ainda, a possibilidade de estar havendo ou ter havido a influência de um processo de rebaixamento de vogais atuando competitivamente à regra de alçamento. Estes estudos precisam ser mais aprofundados [...]”. (VIEGAS, 1995, p. 116).

Nas discussões empreendidas por neogramáticos e difusionistas, depreende-se que tanto a mecanicidade das regras, quanto o funcionalismo lexical possuem sua cota de importância no processo da mudança e sua implementação. Como foi visto nesta etapa da análise, alguns itens lexicais seguiram uma “lei geral” no momento da passagem do latim para o português, e durante a evolução do português nos períodos arcaico e quinhentista. O sistema vocálico, desde sua origem latina, apresenta oscilações, conforme mostram alguns trabalhos referenciados nesta dissertação (FONTE, 2010; LINI, 2013; MAGALHÃES, 2013; entre outros).

Bisol (1981) apresenta uma lista de palavras com variações nas vogais pretônicas /e/ e /o/ retirada do *Appendix Probi*, escrito, provavelmente, no século IV d.C (*cannelam non canianus/ formica non furmica*)¹⁵¹. Viegas (2001) mostra algumas restrições quanto a legitimação de regras para a ocorrência dessa oscilação partindo de dados dos séculos XIII e XIV, uma vez que “itens com ambiente de vogal alta seguinte ora ocorrem com a vogal média, ora com a vogal alta.” (VIEGAS, 2001, p. 235).

Para Bisol (1981¹⁵²) e Bortoni, Gomes e Malvar (1992), a flutuação das vogais médias pretônicas presente no português contemporâneo, advinda de períodos remotos da língua, é resultado de uma regra variável, principalmente, de harmonização vocálica,

¹⁵¹ Magalhães (2013) fornece dados do *Appendix Probi* relacionados também ao abaixamento como *Sirena non Serena/ dimidius non demidius/ puella non poella*.

¹⁵² Bisol (1981) trabalhou com alçamentos e Bortoni *et al* (1992) com alçamentos e abaixamentos.

também sofrendo o efeito das consoantes adjacentes. Bortoni, Gomes e Malvar (1992), por sua vez, admitem que alguns grupos de palavras analisados tiveram comportamento infenso às explicações neogramáticas, apontando, nesse caso, uma possível evidência do condicionamento lexical para tais flutuações.

Viegas (1987, 1995, 2001), no entanto, acredita que o modelo difusionista explica melhor a variação das médias pretônicas justamente por incorporar a postulação de regras para alguns tipos de mudanças. Segundo autora, “as ‘exceções’ não são exceções no modelo difusionista, pois, sendo lexical a implementação da mudança, espera-se que os itens todos não tenham exatamente o mesmo ‘comportamento’.” (VIEGAS, 2001, p. 236). Além disso, a teoria da Difusão Lexical permite a associação de realidades históricas e sociais, de acordo com a produção e o uso do item, complementando a análise estrutural.

Assim, a partir das descrições realizadas nesta pesquisa, acredito que, embora muitas palavras se encaixem nos modelos mecânicos neogramáticos, muitas exceções são deixadas como resíduos para explicações temporais, históricas e sociais.

Neste capítulo, as palavras com contexto pretônico registradas na amostra desta pesquisa foram analisadas sob a ótica estrutural e histórica. Inicialmente, foram apresentados os dados estatísticos do alçamento e, em seguida, os do abaixamento. Após o exame estrutural algumas palavras foram submetidas à análise etimológica, com o intuito de verificar a trajetória histórica do item lexical e a sua relação com os fenômenos analisados. Em seguida, passo às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por não haver registro de fala anterior ao século XX, os manuscritos são grandes aliados no desafiador projeto de descrição e compreensão de sincronias passadas rumo à gênese do português brasileiro. Labov (1994, p. 11) sugere que os fatos linguísticos atuais, em grande parte, têm sua origem em estágios anteriores da língua. Por isso, trazer à tona registros de séculos passados pode elucidar fenômenos recorrentes no uso atual. Devido à limitação e aos óbices destes dados, procurei descrever as flutuações das médias /e/ e /o/ e das altas /i/ e /u/, na pauta pretônica, presentes nos manuscritos castrenses do século XIX, no que concerne aos fenômenos de alçamento e abaixamento.

O resultado do exame permitiu um cotejo com os dados disponibilizados por autores que tratam, principalmente, da variação no sistema vocálico partindo de dados orais, como Bisol (1981), Viegas (1987), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Amaral (1996), Kailer (2008), Avelheda e Batista da Silveira (2011) e Avelheda (2013). Em Avelheda e Batista da Silveira (2011), encontrei resultados estatísticos referentes a dados escritos, de séculos anteriores.

Devido à escassez de dados, um trabalho que investiga fenômenos próprios da linguagem oral em documentos escritos referentes a séculos anteriores, a partir de índices percentuais e probabilísticos, não pode ter a pretensão de se tornar conclusivo. Entretanto, os resultados desta dissertação já permitem traçar um caminho que pode ser trilhado daqui em diante.

A amostra analisada é resultado da transcrição de 50 documentos oficiais do século XIX pertencentes à cidade de Castro.

Como aspirante à pesquisadora histórica, a minha busca se concentra em uma possível descrição do passado da língua portuguesa utilizada no século XIX, mais especificamente de dois processos fonológicos que poderiam acometê-la: o alçamento e o abaixamento. Como a escrita, mesmo a mais formal, não é totalmente desprovida de subjetividade, posso acreditar que alguns resquícios de “modos de falar”, ou seja, da oralidade dessa língua, sejam legados por ela. Sendo assim, e não tendo outros meios de descrever a língua de séculos passados, a não ser por documentos remanescentes (MATTOS E SILVA, 2008b), talvez se possa aventar a hipótese de que, pelo menos no contexto castrense, havia flutuação entre as médias e altas em alguns ambientes fonético-fonológicos.

• SOBRE O ALÇAMENTO

A variável vogal da sílaba seguinte é considerada por Bisol (1981) fundamental para a alteração fonética em sílaba pretônica. Para a autora, o processo do alçamento é decorrente de assimilação regressiva do traço de altura da vogal da sílaba contígua, tônica ou átona, um processo denominado de harmonização vocálica. Em segundo lugar, dentre os apontamentos que interessam a esta pesquisa, estão as consoantes adjacentes, precedente ou seguinte.

Nos dados desta pesquisa, a variável vogal da sílaba seguinte corroborou o postulado de Bisol (1981) ao evidenciar o maior número de alçamentos realizados com uma sílaba alta contígua. A assimilação do traço de altura da vogal seguinte está diretamente relacionada com a lei do menor esforço. A autora afirma isso apoiada na observação de traços fisiológicos, como a articulação da língua. No entanto, não se pode esquecer que os dados de Bisol (1981) são provindos da fala gaúcha e na modalidade oral, naturalmente, o esforço tende a ser minimizado. Mas, o que dizer de dados escritos? Não se pode questionar o baixo número de ocorrências de médias pretônicas alçadas registrado no *corpus* escrito, no entanto, mesmo assim, não se pode ignorar que nos documentos analisados elas existiram.

A análise do alçamento contou com 2818 palavras com vogais médias altas na pauta pretônica. Desse montante, 1778 (63,1%) são ocorrências da vogal anterior e 1040 (36,9%) são da vogal posterior. A vogal /e/ apresentou 43 casos de alçamentos, em detrimento da vogal /o/, com 19 casos. Nesse sentido, os dados confirmam a hipótese de que os valores de aplicação da regra são maiores em relação à vogal anterior, em conformidade com os resultados relacionados à oralidade, o que pode configurar um indício de transposição da língua oral para a escrita em alguns momentos da redação do documento.

As variáveis linguísticas selecionadas pelo programa estatístico não coincidiram para as duas vogais em análise. Para a vogal /e/, os grupos contemplados foram: (i) Consoante Adjacente Precedente; (ii) Vogal da Sílaba Seguinte; (iii) Vogal da Sílaba Anterior e (iv) Consoante Adjacente Seguinte. No que diz respeito à vogal /o/, as variáveis selecionadas foram: (i) Trava Silábica; (ii) Consoante Adjacente Precedente; (iii) Vogal da Sílaba Seguinte e (iv) Localização da Pretônica.

Embora a vogal da sílaba seguinte não tenha sido a primeira selecionada para as duas vogais, foi possível notar um grande favorecimento do processo de harmonização vocálica. Dentre os 43 itens alçados na vogal anterior, 31 deles apresentaram vogal alta na sílaba seguinte. A vogal posterior assimilou o timbre alto da sílaba seguinte em 14 casos, de

um total de 19 ocorrências. No contexto da vogal anterior, destacaram-se, no ambiente precedente, as consoantes alveopalatais, com peso relativo de 0,985, e as labiodentais, com peso relativo de 0,779. Em relação às primeiras, é necessário salientar a questão da palatalização das alveolares [t, d] diante de uma vogal alta /i/. Dos 12 vocábulos alçados, oito deles apresentaram contexto com vogal alta na sílaba seguinte, tornando-se ambiente favorável à assimilação do traço alto e, conseqüentemente, à palatalização da consoante (*d[i]b̄itado*, *d[i]l̄iberação*, *det[i]r̄m̄inar*). Os dados desta amostra não corroboraram a hipótese de que as alveolares seriam as principais favorecedoras do alçamento de /e/, no contexto precedente, uma vez que o peso relativo de 0,403 as caracteriza como desfavoráveis, ratificado pelo número de repetições de palavras que compuseram esse grupo, como, por exemplo, o vocábulo *c[i]m̄iterio*, com cinco ocorrências, num total de 14 aplicações da regra. As labiodentais se mostraram relevantes na amostra, com peso relativo de 0,779 (*emf[i]llis*, *conv[i]niencia*). Ainda para a vogal anterior, o ambiente nasal em início de palavra se mostrou bastante significativo, com peso relativo de 0,725 (*[i]n̄chuvia*, *[i]m̄barasar*).

Em relação à vogal posterior, a variável Consoante Adjacente Precedente não foi produtiva. Dos sete fatores que a compuseram, restaram apenas dois: velares e alveolares. Entre esses dois, apenas as alveolares se mostraram relevantes, com peso relativo de 0,569, registradas em *s[u]ada*, *des[u]cupar*. Em *suada* há a questão do hiato e, em *desocupar*, a ação do prefixo *des-*.

A variável Consoante Adjacente Seguinte não foi considerada relevante para o alçamento da vogal /o/, sendo descartada da análise. Em relação à vogal anterior, as velares corroboraram a expectativa, indicando o peso relativo favorável de 0,586 (*r[i]c̄airem*, *ac[i]ḡuindo*). Também se mostraram favoráveis as labiodentais, com peso relativo de 0,686 (*pr[i]ȳinido*) e as bilabiais, com peso relativo de 0,903 (*d[i]b̄itado*). No entanto, esse alto favorecimento das bilabiais pode estar comprometido, devido à recorrência da palavra *c[i]m̄iterio* e a ocorrência de alçamento em contextos nasais em fronteira silábica, como em *[i]b̄arasar*, *[i]b̄arasarmos*.

A variável Vogal da Sílabla Anterior, selecionada para /e/ não se mostrou relevante para o fenômeno, uma vez que os casos analisados mostraram o favorecimento de outros ambientes considerados mais importantes na hierarquia tomada para esta pesquisa: vogal da sílaba seguinte e contexto consonantal. O fator das vogais nasalizadas, por exemplo, registrou o alto peso relativo de 0,843, com nove casos de aplicação da regra. No entanto, em oito delas, havia uma vogal alta na sílaba seguinte (*conv[i]niencia*, *comf[i]ri*). O mesmo aconteceu com o fator da vogal baixa /a/, que indicou o peso relativo favorável de 0,747.

Todavia, nas quatro aplicações da regra, havia uma vogal alta seguindo a pretônica (*atr[i]viria*, *af[i]rida*).

A variável Trava Silábica, somente analisada no contexto da vogal posterior, mostrou relevância somente em relação à coda em /S/, com peso relativo de 0,907. Entretanto, as ocorrências em *c[u]stume* e *c[u]stumado* se remetem ao português arcaico, século XIII, estendendo seu uso pelos séculos XIV, XV e XVI, conforme expõe Viegas (2001).

Por fim, o último grupo analisado entre as vogais médias foi o da Localização da Pretônica, selecionado apenas para a vogal posterior. Embora a produtividade do fator Inicial (*p[u]sturas*) tenha sido maior (1,9%), foi o fator Medial (*aut[u]ridades*) que registrou o peso relativo favorável, 0,576. No entanto, esse fator se limitou somente a descrever a posição em que a pretônica se localiza na palavra, não estendendo a discussão para a questão da contiguidade com a sílaba tônica – questão que deve entrar em pauta na sequência que será dada a esta pesquisa.

O número escasso de dados pode ter comprometido a análise estatística, mas a baixa recorrência da aplicação do fenômeno permitiu maior proximidade com cada item alçado. Assim, os resultados desta amostra apontam a variável Vogal da Sílaba Seguinte como principal favorecedora do processo, seguida da Consoante Precedente e Consoante Seguinte, de acordo com o que veio sendo trilhado no decorrer das análises. Todavia, vale lembrar o apontamento de Bisol (1981, p. 258): “a mudança *o > u* e *e > i* é mais frequente nos casos de ação conjugada das causas.”

• SOBRE O ABAIXAMENTO

Gramáticos históricos, como Coutinho (1969)¹⁵³, já mencionavam a ocorrência do abaixamento de altas na história do português. Amaral (1996) comenta que algumas gramáticas modernas, disseminadas no nível médio, costumam tratar desse fenômeno como hipercorreção:

Algumas das gramáticas normativas dirigidas a estudantes de 1º e 2º graus apresentam como justificativa a hipercorreção para as alternâncias camundongo : camondongo, digladiar : degladiar, silvícola : selvícola, jabuti : jaboti, eletricista : eletrecista, privilégio : previlégio, elucubração : elocubração, supetão : sopedão, Manuel : Manoel, rebuliço : reboliço, bueiro : boeiro (AMARAL, 1996, p. 103).

¹⁵³ Ver capítulo 1.

As variáveis consideradas relevantes ao abaixamento da vogal anterior /i/ foram: (i) Vogal da Sílabla Seguinte; (ii) Classe Morfológica; (iii) Localização da Pretônica; (iv) Consoante Adjacente Precedente; (v) Vogal da Sílabla Anterior e (vi) Consoante Adjacente Seguinte. Para a posterior /u/, as variáveis foram: (i) Classificação da Palavra quanto à Posição na Sílabla Tônica; (ii) Vogal da Sílabla Seguinte; (iii) Consoante Adjacente Precedente; (iv) Localização da Pretônica; (v) Consoante Adjacente Seguinte e (vi) Vogal da Sílabla Tônica.

A análise do abaixamento contou com 1719 palavras contendo vogais altas na pauta pretônica. Desse montante, 1238 (72,1%) são ocorrências da vogal anterior e 481 (27,9%) são da vogal posterior. A vogal /i/ apresentou 54 casos de abaixamentos, enquanto a vogal /u/ apresentou 24 casos. Assim, a hipótese inicial de que as ocorrências de palavras atingidas pelo abaixamento seguiria na mesma proporção das atingidas pelo alçamento se confirmou.

A variável Vogal da Sílabla Seguinte foi selecionada como relevante para as duas vogais. Em relação à anterior /i/, como não poderia deixar de ser, o fator das vogais médias /e/ e /o/ apresentou o peso relativo de 0,704, considerado relevante para o processo (*pr[e]nsepal*). Para Amaral (1996), o principal desencadeador do abaixamento, ao menos na modalidade oral gaúcha, é a presença de vogal média na sílabla seguinte.

O resultado do fator das vogais altas /i/ e /u/, na sílabla seguinte, causou certa “inquietação”, por ter computado o peso relativo de 0,839. No entanto, os casos de abaixamento desse contexto podem estar relacionados à presença da vogal média antecedente (*ed[e]ficou*), à consoante precedente: (*cert[e]fico*, *m[e]liciano*, *requ[e]zitar*¹⁵⁴) ou estão em contexto inicial de vocábulo (*#[e]mfillis*). Além disso, a recorrência de abaixamentos em palavras de mesmo paradigma deixa pistas para uma possível evidência de difusão lexical (*devide*, *devisa*).

Em relação à vogal posterior, a análise dos fatores mostrou que os valores favoráveis estão comprometidos, devido à repetição de palavras. O ditongo oral, por exemplo, se mostrou propício ao abaixamento (0,574), mas os exemplos se concentraram na palavra *b[o]eiro*. O fator vogais médias /e/ e /o/ apresentou peso relativo de 0,595; no entanto, de sete casos de aplicação da regra, restam apenas duas palavras: *s[o]borno* (e sua variante, *s[o]bornou*) e *s[o]feçiente*.

¹⁵⁴ Respectivamente, alveolar, bilabial e velar.

Bisol (1981) afirma serem as alveolares fortemente inibidoras do alçamento, em qualquer contexto, tanto em relação às anteriores quanto às posteriores. Por ter a articulação mais baixa do que as velares, por exemplo, elas tenderiam a favorecer o abaixamento. No contexto precedente, destacaram-se as consoantes alveolares e bilabiais para a vogal anterior /i/, e as velares para a posterior /u/. As alveolares registraram pesos relativos favoráveis, tanto para a anterior (0,614) quanto para a posterior (0,594). No entanto, quase todas as ocorrências de alveolares estão associadas à presença de vogal média, ou na sílaba anterior, ou na seguinte, como em *mel[e]cia*, *cert[e]fico*, *s[o]feciente*, *s[o]borno*. As consoantes velares se destacaram no contexto precedente da vogal posterior /u/, com peso relativo de 0,957 (*docomento*); e as bilabiais, da vogal anterior /i/, com peso relativo de 0,710 (*presipearaõ*).

No contexto consonantal seguinte, as labiodentais tiveram pesos relativos significativos para /i/ (0,712) e para /u/ (0,852). Algumas ocorrências estão relacionadas à vogal média precedente ou seguinte, como em *s[o]feciente* e *edeficou*. Em relação às velares, não se pode afirmar a sua condição favorável para a vogal /u/, mesmo com o peso relativo de 0,993, devido à repetição do vocábulo *l[o]gar*. O valor de 0,497 atribuído à vogal /i/ beirou a neutralidade (*Fer[e]gotti*). As alveolares mostraram a maior produtividade do grupo para a vogal /i/, com peso relativo de 0,515, e aplicação da regra em 23 vocábulos (*m[e]dessoins*, *conformedade*), um número relativamente alto para a amostra analisada.

A variável Localização da Pretônica também foi selecionada para as duas vogais e para ambas o contexto favorável foi o Inicial e Fronteira de Palavra. A ausência de consoante na posição de ataque se mostrou um ambiente fortemente propício à aplicação da regra. Para a vogal anterior, o fator inicial registrou o peso relativo de 0,804 (*d[e]vide*); o fator fronteira registrou 0,940 (*[e]mluso*). Para a posterior, ao amalgamar os fatores inicial + fronteira, o peso relativo ficou em 0,678, mas nenhum dos abaixamentos ocorreu na posição de fronteira.

O grupo Vogal da Sílaba Anterior foi selecionado somente para a vogal anterior. O único fator considerado relevante foi o das médias /e/ e /o/, com peso relativo de 0,740. No entanto, os abaixamentos podem ser também atribuídos às consoantes alveolares precedentes (*cert[e]fico*, *exegida*).

A variável Classe Morfológica também foi selecionada para a vogal /i/ e mostrou a classe dos verbos como favorecedoras do processo, com peso relativo de 0,779, em detrimento dos nomes (substantivo e adjetivo).

A variável Classificação da Palavra quanto ao Acento foi analisada em relação à vogal /u/ e o fator das proparoxítonas foi considerado favorável, com peso relativo de 0,881 (*doc[o]mento*). Por fim, o grupo Vogal da Sílabla Tônica, selecionado para a posterior, não foi considerado relevante para a aplicação da regra do abaixamento, uma vez que a repetição de palavras comprometeu a regularidade do processo em fatores considerados favoráveis, como o fator vogais médias /e/ e /o/, com peso relativo de 0,859. No entanto, todas as aplicações estão concentradas em um único item lexical (*s[o]borno*).

De acordo com os trabalhos consultados sobre alçamento, como o de Bisol (1981), Viegas (1987), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), entre outros; e sobre o abaixamento, como o de Amaral (1996), Avelheda e Batista da Silveira (2011) e Magalhães (2013), fica evidente que o alçamento de médias altas é mais perceptível na modalidade do que na modalidade escrita formal do século XIX. No entanto, é justamente porque o contexto é pouco suscetível a variações ortográficas que a recorrência de palavras atingidas tanto pelo alçamento quanto pelo abaixamento se tornou alvo desta pesquisa. De acordo com os apontamentos de Viegas (2001), os itens informais, mais frequentes na oralidade, são mais favoráveis à aplicação da regra do alçamento, enquanto os formais, encontrados em modelos padronizados, recorrentes na escrita, são desfavoráveis à regra. Porém, mesmo com poucos resultados, o que se pôde constatar é que esses processos acontecem, podendo, assim, evidenciar uma possível oralidade em uso no dialeto castrense do século XIX.

Como complementação à análise estrutural empreendida, na qual se constatou que a grande maioria das palavras possui ambiente condicionante que propicia o abaixamento das vogais altas e a elevação das vogais médias, busquei indícios de que a regularidade imposta pelos condicionantes fonológicos, em alguns casos, pode ser extrapolada por resquícios históricos, cuja explicação “tanto pode estar ligada ao fator ‘uso através dos tempos’ como ‘uso popular’ [...]” (BISOL, 1981, p. 152).

A análise individual de algumas palavras revelou que os casos de flutuações das vogais médias e altas registrados nos documentos já eram perceptíveis no século XVIII, atestados por Madureira Feijó (1734), como, por exemplo, a palavra *sesmeiro*. Esse item lexical não possui ambiente estrutural favorável para o alçamento, mas o uso *s[i]smeiro* já era apontado como corrupção da língua por Feijó. Da mesma forma, a palavra *v[e]rtude*, com labiodental no contexto precedente, ambiente inibidor do abaixamento, já era registrada como erro no século XVIII.

As variações ortográficas presentes em palavras registradas nos manuscritos reforçam a ideia de que o sistema vocálico, seja em relação às vogais médias, seja em relação

às vogais altas, flutuava no século XIX, tanto quanto na expressão latina, no século IV d.C, e no século XXI, conforme corroboram o *Appendix Probi* e os estudos sincrônicos. Em alguns casos, essa oscilação seguia uma regra variável, como a harmonização vocálica, mas tal prescrição parece não dar conta e não se submeter à regularidade, necessitando ampliar o campo de análise.

Nesta pesquisa, aceito a postura neogramática quanto ao caráter estrutural e regular do processo de abaixamento e alçamento, constatados em grande parte da amostra analisada. No entanto, o aspecto histórico (difusionista) não invalida as evidências estruturais; pelo contrário, é um importante aliado no instigante universo da mudança linguística e tanto o fonema quanto a palavra tem seu estatuto significativo no foco das análises que se debruçam sobre o tema. Aponta-se apenas um ou outro foco, a depender da investigação empreendida.

Como este trabalho se propôs à análise de palavras atingidas pelo alçamento e pelo abaixamento presentes nos manuscritos do século XIX, bem como à descrição dos aspectos estruturais e históricos subjacentes a esses dois processos, acredito que os objetivos traçados foram devidamente alcançados. Resta salientar que esta pesquisa tem caráter preliminar e não teve a intenção de esgotar todas as questões que envolvem o sistema vocálico pretônico, bem como os assuntos relacionados ao alçamento e abaixamento, mas de contribuir na incessante e estimulante busca pela língua portuguesa em uso em séculos passados.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. R. História das idéias lingüísticas no século XVIII: concepções da ortografia portuguesa. In: CONGRESSO DE LETRAS, 4., São Gonçalo. **Anais...** São Gonçalo: UERJ, 2007.
- AGUILERA, V. A. **Atlas lingüístico do Paraná**. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, 1990. 2 v.
- AGUILERA, V. de A. **Atlas lingüístico do Paraná**. [Curitiba : Imprensa Oficial do Paraná, 1994].
- AGUILERA, V. A. Para um léxico histórico do português brasileiro: metodologia e primeiros resultados. In: SEMINÁRIO DO CELLIP, 20., 2011, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2011. p. 1-10.
- AGUILERA, V. de A.; BARONAS, J. E. de A. (Org.). **Scripturae nas VILLAS de São Luiz de Goaratuba e Antonia**: manuscritos setecentistas e oitocentistas. Londrina: Fundação Araucária, 2007.
- AGUILERA, V. de A.; VASCONCELOS, C. A. **Scripturae na Vila de Pernagoa**: documentos setecentistas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.
- ALVES, S. L. de A. **Perspectivas para o ensino escolar da história do português brasileiro: manuscritos paranaenses do século XVIII**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- AMARAL, L. I. C. **O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1996.
- AVELHEDA, A. C. da. **O alteamento das vogais médias pretônicas no município de Nova Iguaçu: análise sociolinguística e acústica**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- AVELHEDA, A. C. DA; BATISTA DA SILVEIRA, E. F. Vogais médias pretônicas: uma análise pancrônica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2011. p. 465-479.
- BASÍLIO, M. O Conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara. **DELTA**, São Paulo, v.20, n. esp., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 set. 2013.
- BELLOTO, H. L. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saes/texto>>. Acesso em: 28 ago. 2013.
- BIDERMAN, M. T. C. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, José; PETER, Margarida (Org.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/USP: Pontes, 2002. p. 65-82.

BISINOTTO, A. G. **O alçamento de vogais médias pretônicas**: um estudo do falar Ituiubano. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BISOL, L. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. 1981. 335 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. Harmonização vocálica: uma regra variável. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 78/79, p. 73-96, 1984.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BISOL, L. Neutralização das átonas. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 abr. 2013.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.

BORGES, Oney Barbosa. **Os iapoenses**. Curitiba: Ed. Lítero-técnica, 1986.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, ano 1, v. 1, p. 9-29, 1992.

BRANDÃO, S. F.; CRUZ, M. L. C. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, V. (Org.) **A geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005. p. 299-318

BRESCANCINI, C. A análise de regra variável e o programa VARBRUL. In: BISOL, L. (Org.). **Fonologia e variação recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.

CALLOU, D. As vogais pretônicas no falar carioca. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 151-162, 1986.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 18, p. 71-8, 1991.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. A elevação de vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 9-24, 2002.

CAMACHO, R. G. A variação lingüística. In: SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado. **Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus**. São Paulo, 1988. p. 29-41.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1995[1970].

CÂMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria, 1976.

CÂMARA JR, J. M. **Para o estudo da fonêmica português**. Rio de Janeiro: Organização Simões 1953.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTRO, E. C. de. **As pretônicas na variedade mineira juizdeforana**. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

CAVALIERE, R. Aspectos Fonológicos do Português Contemporâneo. **Cadernos da ABF**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2004. Disponível em:<<http://www.filologia.org.br/abf/volume1/numero1/03.htm>>. Acesso em: 12 out. 2013.

COSERIU, E. **Sincronía, diacronía e história**: ell problema del cambio lingüístico. 3. ed. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica, 1978.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 2003.

CRISTÓFARO SILVA, T.; GRECO, A. Representações fonológicas: contribuições da oralidade e da escrita. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 87-93, 2010.

CRUZ, M. C. **As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS**: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, Porto Alegre, 2010.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, C. de A. da. **Edição semidiplomática de manuscritos de Antonina: traçando caminhos da filologia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

CUNHA, C. de A. da. **O léxico em documentos produzidos no Paraná – Brasil (século XVIII e XIX)**: uma abordagem lexicográfica. 2013. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

DE PAULA, A. S. **Vogais médias postônicas não finais na fala do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DINIZ, João Maria Ferraz et al. **Castro antiga – cronologia**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FARACO, C. A. Apresentação. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

FARACO, C. A. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. **As concepções lingüísticas no século XIX**: a gramática no Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FERREIRA, J. C. V. **Municípios Paranaenses**: origens e significados de seus nomes. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 2006. (Cadernos da Gente, n.5).

FONTE, J. S. **O sistema vocálico do português arcaico visto a partir das cantigas de Santa Maria**. 2010. 238 F. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2010.

FREITAS, S. N. de. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. 2001. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GONÇALVES, M. F. A marca lexicográfica “Termo do Brasil” no vocabulário poortuguez e latino de D. Rafael Bluteau. **Alfa**, São Paulo, v. 2, n. 50, p. 205-228, 2006.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolingüística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HORA, D. da; SANTIAGO, S. Vogais pretônicas no norte do Brasil: O falar de Macapá. In: RAMOS, Jânia. (Org.). **Estudos sociolingüísticos**: os quatro vértices do GT da ANPOLL. Belo Horizonte: Ed. da Faculdade de Letras, UFMG, 2007. p. 21-36.

HORA, D. da; TELLES, S. As vogais: estudo diacrônico. In: LOBO, T. et al. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006. t. 1. v. 6, p. 459-467.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HOUAISS, A. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1985.

IBGE. **Biblioteca**: catálogo: Castro, Paraná. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/castro.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

IPARDES. **Caderno estatístico município de Castro**. 2012. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=84160>>. Acesso em: 24 maio 2013.

KAILER, D. A. Alçamento da vogal pretônica /o/ em duas regiões paranaenses. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 15, p. 201-212, 2012.

KAILER, D. A. **O uso do /o/ pretônico no falar rural paranaense**. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2003.

- KAILER, D. A. **Vogais pretônicas /e/ e /o/:** um estudo em tempo aparente. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Araraquara. Araraquara, 2008.
- KINCHELOE, J. L.; Mc LAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 281-313.
- KIPARSKY, P. The Phonological Basis of Sound Change. In: GOLDSMITH, J. **The Handbook of phonological theory.** Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.
- KLUNCK, P. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Porto Alegre, 2007.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change:** internal factors. Pennsylvania: Blackwell Publishing, 1994. v. 1.
- LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, Baltimore, v. 57, n. 2, p. 267-308, 1981.
- LEMO, F. A. P. **A interferência da oralidade na escrita:** o caso do registro ortográfico do “E, I, O, U” átonos. 2001. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- LIMA, L. C. de. **Orthographia da lingua portugueza.** Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736. Disponível em:<<http://purl.pt/8>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- LINI, Vanessa. **A Escrita de manuscritos paranaenses e portugueses do século XIX e a relação com o português brasileiro.** 2013. 124f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- LOBATO, A. J. dos R. **Arte da grammatica da língua portugueza, composta e oferecida ao Illmo. e Exmo. Senhor Sebastião José Carvalho.** Lisboa: Na Regia Officina Tipografica, 1770. Disponível em:<<http://purl.pt/196/2/>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística.** 2. ed. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica. Editorial Gredos, 1993.
- LUCCHESI, D. História do contato entre língua no Brasil. In: LUCCHESI, D. BAXTER, A. RIBEIRO, I. (Org.). **O português afro-brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009.
- MADUREIRA FEIJÓ, J. de M. **Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excelentissimo Duque de Lafoens.** 2. ed. Coimbra: Na Officina de Luis Seco Ferreyra, 1734. Disponível em:<<http://purl.pt/13/3/#/40>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

MAGALHÃES, J. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX. **Revista do GELNE, UFRN**, Natal, 2013. No prelo.

MAGALHÃES, J. S. O subsistema vocálico pretônico do Português Brasileiro: fotografia histórica. In: HORA, D. da.; SILVA, C. R. **Para a História do Português Brasileiro: abordagens e perspectivas**. João Pessoa: UFPB, 2010. p. 88-91. v.3.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica**. ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008b.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008a.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português são dois**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro: algumas reflexões. **Boletim da ABRALIN**, n. 17, p. 73-85, jun. 1995.

MATTOS E SILVA, R. V. Ideias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior. In: CASTILHO, A. T. de. **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 21-52. (Primeiras ideias, v. 1).

MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. de A.; FACHIN, P. R. M. (Org.). **Caminhando Mato Dentro: documentos do Ouro do Século XVIII**. São Paulo: FAPESP, 2009.

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

MORAIS SILVA, A. de. **Grande dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1949.

NARO, A. J. The History of e and o in Portuguese: A Study in Linguistic Drift. **Language**, v. 47, n. 3, p. 615-645, 1971.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NEGRÃO, F. **Boletim do Archivo Municipal de Curytiba**: documentos para a história do Paraná. Curytiba: A.M., [1907?]. Descrição baseada em: v. 6, 1908.

NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. Curytiba: Imprensa Paranaense, 1950. 6v.

NOLL, V.; DIETRICH, W. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. (Org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 81-103.

OLIVEIRA, F. **Grammatica da linguagem portuguesa**. Lisboa: Germam Galharde, 1536.

OLIVEIRA, M. A. de. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.6, n. 2, p.31-58, 1997.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná**. Curitiba: Moinho do Vento, 2001.

PONTES, I. Tratamento estatístico de dados geolingüísticos: alçamento do [e] pretônico inicial seguido de [s,z] no falar rural do Paraná. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 29, p. 399-404, 2000.

PONTES, I.; KAILER, D. A. Alçamento do [e] pretônico na região oeste-sudoeste do Paraná: uma abordagem geo-variacionista. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 30, 2001.

ROMAN, E. C.; BENÇAL, D. R. O português brasileiro do século XIX nas cartas da Baronesa de Guaraúna e da Imperatriz Thereza. **Línguas e Letras**, Cascavel, v. 13, n. 24, 1. Sem. 2012.

ROSAS, J. P. N. **A fundação da cidade de Castro**. 2. ed. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1993.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem pela Comarca de Curitiba de 1779-1853**. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: GIL et al. **Modelos de análise linguística**. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 223-234.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; ALII, E. Lição Semidiplomática do *Corpus*. In: MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. de A.; FACHIN, P. R. M. (Org.). **Caminhando mata dentro: documentos do Ouro do Século XVIII**. São Paulo: FAPESP, 2009a. v. 1, p. 69-181.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolingüísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 4, n.1, 2012.

SCHWINDT, L. C. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista. **Graphos**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 55-65, 1997.

SCHWINDT, L.C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). **Fonologia e variação recortes do português brasileiro**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002, p. 161-181.

SILVA, E. B. da. **O vocabulário em documentos escolares de Morretes oitocentista no Paraná: um percurso filológico**. 2011. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, M. B. **As pretônicas no falar baiano**. 1989. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, J. C. da. **Dicionário da língua portuguesa medieval**. Londrina: Eduel, 2007.

SILVA NETO, S. **Fontes do latim vulgar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA NETO, S. **História da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SILVEIRA BUENO, F. da. **Estudos de filologia portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

SIMM, J. F. S. **Ensino de língua portuguesa no Paraná: um olhar diacrônico**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1996.

TARALLO, F. **Tempos Lingüísticos**. Itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. Martins Fontes, 1982. Fonte digital. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/22899347/paul-teyssier-historia-da-lingua-portuguesa>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

TONIOLO, E. J. **Manuscritos da Vila Nova de Castro: um estudo filológico de documentos dos séculos XVIII e XIX**. 2007. 433 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

VASCONCELOS, C. A. **Edição de manuscritos de Paranaguá do século XVIII: um Percorso Filológico**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

VASCONCELOS, C. A. **Estudo semântico-lexical do vocabulário setecentista em Paranágua**. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

VERDELHO, T. **Dicionários: testemunhos da história linguística**. Universidade de Aveiro. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6300.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

VIANA, V. F. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação lingüística**. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

VIANA, A. R. G. **Ortografia Nacional.: simplificação e uniformização das ortografias portuguesas**. Lisboa: Livr. Ed. Viuva Tavares Cardoso, 1904.

VIEGAS, M. C. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística**. 1987. 231 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, M. C. **O alçamento de vogais e elementos lexicais**. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

VIEGAS, M. C. O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais. **Estudos linguísticos**, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 101-123, jul/dez, 1995.

VIEIRA, M. J. B. **Neutralização das vogais médias postônicas**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

VITÓRIA, R. T. da. Transferências fonotáticas do português para a língua inglesa em situação de aquisição: a produção de *clusters* com início /S/. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**, ano 4, n. 6, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICES

RELAÇÃO DE VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARB X

Alçamento da vogal /e/

Para o alçamento da vogal anterior /e/, o programa estatístico descartou as seguintes variáveis:

(i) Trava Silábica; (ii) Localização da Pretônica; (iii) Vogal da Sílabla Tônica; (iv) Classe Morfológica e (v) Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabla Tônica.

(i)

Tabela – Resultados da variável Trava Silábica para a vogal /e/

Trava Silábica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Ausência	31/1292	2,4	<i>Al[e]vantar/Intel[e]ctual</i>
/R/	3/110	2,7	<i>Det[i]rminar/S[i]rviço/Lib[i]rdade</i>
Nasal	6/166	3,6	<i>G[i]ntio/[I]mbarasar</i>
/S/	3/210	1,4	<i>D[i]scubrio/S[i]meiro/D[i]speza</i>

Fonte: A autora.

(ii)

Tabela – Resultados da variável Localização da Pretônica para a vogal /e/

Localização da Pretônica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Medial	17/571	3	<i>Conh[i]cimento/Emf[i]llis</i>
Inicial	22/953	2,3	<i>C[i]miterio/H[i]nrique</i>
Fronteira silábica	4/254	1,6	<i>#[I]ntanto/#[I]nbarasarmos</i>

Fonte: A autora.

(iii)

Tabela – Resultados da variável Vogal da Sílabla Tônica para a vogal /e/

Vogal da Sílabla Tônica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Vogais nasalizadas	9/331	2,7	<i>Ac[i]guindo/ D[i]senvolvimento</i>
Vogais altas /i/, /u/	12/350	3,4	<i>R[i]cairem/ D[i]volutos</i>
Ditongo nasal	3/87	3,4	<i>Af[i]rição</i>
Vogal baixa /a/	6/391	1,5	<i>End[i]nizar</i>
Ditongo oral	5/246	2	<i>D[i]scubrio</i>
Vogais médias baixas /ɐ/ e /ø/	7/81	8,6	<i>C[i]miterio/ R[i]porto</i>

Fonte: A autora.

(iv)

Tabela – Resultados da variável Classe Morfológica para a vogal /e/

Classe Morfológica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Verbo	16/561	2,9	<i>Atr[i]viria/[I]mbarasar/Pr[i]vinido</i>
Substantivo	19/876	2,2	<i>Af[i]riçaõ/[I]nchuvia</i>
Adjetivo	7/284	2,5	<i>Conv[i]niente/Emf[i]llis/S[i]guro</i>

Fonte: A autora.

(v)

Tabela – Resultados da variável Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabla Tônica para a vogal /e/

Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabla Tônica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Paroxítona	33/1214	2,7	<i>D[i]speza/Pr[i]sidente</i>
Oxítona	10/525	1,9	<i>Af[i]riçaõ/Emf[i]llis</i>

Fonte: A autora.

Alçamento da vogal /o/

Para o alçamento da vogal posterior /o/, o programa estatístico descartou as seguintes variáveis: (i) Consoante Adjacente Seguinte; (ii) Vogal da Sílabla Tônica; (iii) Classe Morfológica e (iv) Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabla Tônica.

(i)

Tabela – Resultados da variável Consoante Adjacente Seguinte para a vogal /o/

Consoante Adjacente Seguinte			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Alveolar	9/571	1,6	<i>Aut[u]ridades/S[u]cego</i>
Bilabial	5/166	3	<i>D[u]mingues/Disc[u]brio</i>
Ausência	3/121	2,5	<i>C[u]adjutor/S[u]ada</i>

Fonte: A autora.

(ii)

Tabela – Resultados da variável Vogal da Sílabla Tônica para a vogal /o/

Vogal da Sílabla Tônica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Vogal baixa /a/	8/194	4,1	<i>C[u]stumados</i>
Vogais nasalizadas	4/205	2	<i>D[u]mingues</i>
Ditongo oral	2/226	0,9	<i>Disc[u]brio/R[u]cio</i>
Vogais médias /e/ e /o/	3/90	3,3	<i>S[u]cego/ C[u]adjutor</i>
Vogais altas /i/ e /u/	2/117	1,7	<i>Inch[u]via/P[u]sturas</i>

Fonte: A autora.

(iii)

Tabela – Resultados da variável Classe Morfológica para a vogal /o/

<i>Classe Morfológica</i>			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Verbo	3/213	1,4	<i>Apr[u]ntar/Des[u]cupar/Disc[u]brio</i>
Substantivo	13/627	2,1	<i>Aut[u]ridades/C[u]mprimeto/C[u]stume</i>
Adjetivo	3/140	2,1	<i>C[u]adjutor/C[u]stumados</i>

Fonte: A autora.

(iv)

Tabela – Resultados da variável Classificação da Palavra Quanto à Posição da Sílabla Tônica para a vogal /o/

<i>Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabla Tônica</i>			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Paroxítona	13/639	2	<i>C[u]stumados/P[u]sturas</i>
Oxítona	6/399	1,5	<i>Apr[u]ntar/Des[u]cupar</i>

Fonte: A autora.

Abaixamento da vogal /i/

Para o abaixamento da vogal anterior /i/, o programa estatístico descartou as seguintes variáveis: (i) Trava Silábica; (ii) Vogal da Sílabla Tônica e (iii) Classificação da Palavra quanto ao Acento.

(i)

Tabela – Resultados da variável Trava Silábica para a vogal /i/

<i>Trava Silábica</i>			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Ausência	39/1074	3,6	<i>D[e]visa/[E]deias</i>
/S/	2/48	4,2	<i>D[e]strito/As[e]stir</i>
Nasal	12/103	11,7	<i>[E]mpõe/[E]nformar</i>

Fonte: A autora.

(ii)

Tabela – Resultados da variável Vogal da Sílabla Tônica para a vogal /i/

<i>Vogal da Sílabla Tônica</i>			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Vogais nasalizadas	13/320	4,1	<i>Deligencia/D[e]vidindo</i>
Ditongo nasal	3/173	1,7	<i>[E]mformaçãõ/S[e]rurgiaõ</i>
Vogal baixa /a/	15/230	6,5	<i>Conform[e]dade/[E]mcorporar</i>
Ditongo oral	5/291	1,7	<i>Of[e]çia/ [E]nteiro</i>
Vogais médias baixas /ɐ/ e /ə/	2/69	2,9	<i>F[e]regotti¹⁵⁵</i>
Vogais altas /i/, /u/	15/117	12,8	<i>As[e]stir/[E]mcluzar</i>

Fonte: A autora.

¹⁵⁵ O sobrenome *Ferigotti* é grafado sete vezes no *corpus* e, em algumas das assinaturas, parece ter sido pelo cunho do próprio *Ferigotti*. Assim, é possível dizer que em *Feregotti* o /i/ foi abaixado.

(iii)

Tabela – Resultados da variável Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabas Tônica para a vogal /i/

Classificação da Palavra quanto à Posição da Sílabas Tônica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Paroxítona	33/701	4,7	<i>Ed[e]ficada/Cert[e]fíco</i>
Oxítona	21/499	4,2	<i>Const[e]tuição/[E]nformar</i>

Fonte: A autora.

Abaixamento da vogal /u/

Para o abaixamento da vogal posterior /u/, o programa estatístico descartou as seguintes variáveis: (i) Trava Silábica; (ii) Vogal da Sílabas Anterior e (iii) Classe Morfológica.

(i)

Tabela – Resultados da variável Trava Silábica para a vogal /u/

Trava Silábica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Ausência	23/393	5,9	<i>Bald[o]ino/L[o]gar</i>
Nasal	1/15	6,7	<i>C[o]mprimeto</i>

Fonte: A autora.

(ii)

Tabela – Resultados da variável Trava Silábica para a vogal /u/

Vogal da Sílabas Anterior			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Ausência	20/319	6,3	<i>B[o]eiro/S[o]borno</i>
Vogais médias altas /e/ e /o/	3/45	6,7	<i>Doc[o]mento</i>

Fonte: A autora.

(iii)

Tabela – Resultados da variável Classe Morfológica para a vogal /u/

Classe Morfológica			
Fatores	Apl./Total	%	Exemplos
Substantivo	20/276	6,9	<i>C[o]ltura/C[o]ritiba</i>
Verbo	1/58	3,4	<i>S[o]bornou</i>
Adjetivo	3/134	2,2	<i>S[o]feçiente</i>

Fonte: A autora.

RELAÇÃO DE PALAVRAS ANALISADAS

VOGAL MÉDIA /e/

(Eq?xM6aRV#	Aciguindo	(Nef\$xM5aAV#	Attenderaõ
(Nek@xM6lAV#	Aferido	(Neq&xM5aA%#	Attentamente
(Nef@xM6lAS*	Aferidor	(Neq&xM5aA%#	Attentamente
(Nef@xM6lAS#	Aferidores	(Nef\$gM5aAV*	Auzento
(Nek@xM6lAV*	Aferir		
(Nek@xM6lAV*	Aferir	(Neq?zM6aB%#	Bastantemente
(Een@xM6lAS*	Afirição	(Nek@bM6aGS#	Benedito
(Eek@xM6lAV#	Afirida	(Nek\$#I6bAS#	Benedito
(Nef\$xM6aAV*	Agradecer	(Nek@bM6aGS#	Benedicto
(Ned&xM6aRV#	Alegamos	(Nek@bM6aGS#	Benedicto
(Neq?xM6aBS#	Allemanha	(Nek\$#I6bAS#	Benedicto
(Ned?xM6aLV*	Alevantar	(Nek\$#I6bAS#	Benedicto
(Ned&xM6aRV#	Allegadas	(Nek@bM6aLS#	Beneficio
(Nej&gM6lAJ#	Alvenaria	(Nek@bM6aLS#	Beneficio
(Nej&gM6lAJ#	Alvenaria	(Nek\$#I6bAS#	Beneficio
(Ned&xM6bPV#	Ameace	(Nek\$#I6bAS#	Beneficio
(Ned&xM6bPV#	Ameasava	(Nek@bM6aLS#	Benefiço
(Neq?bM6aAJ#	Antecedentes	(Nek\$#I6bAS#	Benefiço
(Neq\$zM6aAJ#	Antecedentes	(Nem!bM6aBJ&	Benemeritos
(Nef@zM6aAJ*	Anterior	(Nem\$#I6bAJ&	Benemeritos
(Nef@zM6aAJ*	Anterior	(Ned&#I2bAS#	Bernardo
(Nef@zM6aAJ*	Anterior	(Ned&#I2bAS#	Bernardo
(Nef@zM6aAJ#	Anteriores	(Ned&#I2bAS#	Bernardo
(Neq?zM6aLV#	Antevendo	(Ned&#I2bAS#	Bernardo
(Ned&xM2bAJ#	Apertadas	(Ned&#I2bAS#	Bernardo
(Ned&xM6bA%*	Apezar	(Ned&#I2bAS#	Bernardo
(Ned?xM6bAV*	Appresentar	(Ned&#I2bAS#	Bernardo
(Ned&bM5aAV*	Appresentar	(Ned@#I6aLS#	Brevidade
(Ned?xM6bAV*	Apresentar		
(Ned&bM5aAV*	Apresentar	(Nef&xM6rPS*	Carreador
(Ned?xM6bAV*	Apresentar	(Nef&xM6rPS#	Carreadores
(Ned&bM5aAV*	Apresentar	(Ned&bM6rRJ#	Carregada
(Ned?xM6bAV#	Apprezentasse	(Nen%xM6rAS*	Carretoins
(Ned&bM5aAV#	Apprezentasse	(Nek@#I6aRJ#	Cegura
(Ned&bM5aAV#	Apresentaçe	(Ned\$#I6aAS#	Celebrado
(Ned?xM6bAV#	Apresentaçe	(Ned&bM6aBS#	Celebrado
(Nej\$xM5aAV*	Aprendeo	(Neq?#I6aAV#	Centrando
(Neq?xM6bAV#	Apresenta	(Nej\$#I6aRS#	Cequeira
(Neq?xM6bAV#	Apresenta	(Ned&#I2aAJ#	Cercadas
(Ned&bM5aAV#	Apresentada	(Nef\$#I2aAS#	Certeza
(Ned?xM6bAV#	Apresentada	(Ned@#I2aAV#	Certificara
(Ned?xM6bAV#	Apresentado	(Nek@#I2aAV#	Certifico
(Ned&bM5aAV#	Apresentado	(Nek@#I2aAV#	Certifico
(Ned&bM5aAV#	Apresentada	(Nek@#I2aAV#	Certefico
(Ned?xM6bAV#	Apresentada	(Eem@#I6aBS#	Cimiterio
(Ned&bM5aAV#	Apresentadas	(Eem@#I6aBS#	Cimiterio
(Ned?xM6bAV#	Apresentadas	(Eem@#I6aBS#	Cimiterio
(Ned&zM5aAV#	Apresentarmos	(Eem@#I6aBS#	Cimiterio
(Ned?xM6bAV#	Apresentarmos	(Eem@#I6aBS#	Cimiterio
(Neq?xM6bAV#	Apresentamos	(Neq?zM6lAS#	Circunferência
(Neq?bM5aAV#	Apresentamos	(Eek@zM6lAV*	Comfiri
(Ned&xM6rRV#	Arrecadem	(Nej@bM2bAS*	Commerciaes
(Nef\$xM6aLS#	Asevedo	(Neq?bM6bAV#	Commessando
(Nef\$xM6aLS#	Azevedo	(Nej\$xM6aAV*	Compareceo
(Nej\$xM5aBS#	Assemblea	(Nej\$xM6aAV*	Compareceo
(Nej\$xM5aBS#	Assemblea	(Neq@xM6aAS#	Comparecimento
(Eek@xM6aLV#	Atriviria	(Nef\$xM6aAV*	Compareser

(Neq?zM6bAS#	Competencia	(Ned&zM2aAV*	Conservassem
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Ned&zM5aBJ#	Contenplado
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Nek@zM6aPJ#	Conteudo
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Nek@zM6aPJ#	Contheudo
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Nek@zM6aPJ#	Contheudo
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Nek@zM6aPJ#	Contheúdas
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Nef\$xM5IAS#	Contraventores
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Nef\$xM5IAS#	Contraventores
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Eeq@zM6IAS#	Conviniencias
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Eeq@zM6IAJ#	Conviniente
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Eeq@zM6IAJ#	Conviniente
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Neq?bM6bAJ#	Copetente
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Nef\$bM6rAS*	Corredor
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Neq?bM3rAJ#	Correspondente
(Neq?zM6bAJ#	Competente	(Neq?bM3rAJ#	Correspondente
(Neq?zM6bAJ#	Competentes	(Neq?bM3rAJ#	Correspondentes
(Neq?zM6bAJ#	Competentes		
(Nek@zM6bGV#	Competia	(Nej\$#I6aB%#	Debaixo
(Ned&zM6bAV*	Completar	(Nej\$#I6aB%#	Debaixo
(Nek@bM5pGJ#	Compreendido	(Ned&#I6aB%#	Debarde
(Nek?zM6bPJ#	Compreendido	(Nek@#I6aAV#	Decida
(Nef\$zM6aAV*	Conceder	(Ned&#I6aRV#	Declara
(Nef\$zM6aAV*	Conceder	(Ned&#I6aRV*	Declarar
(Nef\$zM6aAV*	Conceder	(Ned&#I6aRV*	Declarar
(Nef\$zM6aAV*	Conceder	(Ned&#I6aRV#	Declarava
(Nef\$zM6aAV*	Conceder	(Ned&#I6aRS#	DeClararaõ
(Nef\$zM6aAV*	Conceder	(Ned&#I6aRV#	Declaro
(Nef\$zM6aAV#	Concederão	(Neq?bM6aAV#	Decretando
(Nek@zM6aGV#	Concedidas	(Neq\$#I6aRV#	Decretando
(Nek@zM6aGV#	Concedidas	(Nem!#I6aRS#	Decreto
(Nek@zM6aGV#	Consedida	(Nem!#I6aRS#	Decreto
(Ned&zM2aAV*	Concervar	(Nen@#I6aGS*	Dedicação
(Nen%zM6aAS*	Concessão	(Nej\$#I6aLS#	Defeitos
(Nen%zM6aAS*	Concessão	(Nef\$bM5IAS*	Defensor
(Nen&aM6aAS*	Concideração	(Nef?#I6aLS*	Defensor
(Nen&aM6aAS*	Consideração	(Nek@bM6IAJ#	Deferido
(Nen&aM6aAS*	Consideração	(Nek\$#I6aLJ#	Deferido
(Nen&aM6aAS*	Consideração	(Neq\$#I6aLS#	Deferimento
(Ned&aM6aAV#	Conciderava	(Neq\$#I6aLS#	Deferimento
(Een%zM6aAS*	Concissão	(Neq\$#I6aLS#	Deferimento
(Neq?zM6tAV#	Conhecendo	(Neq\$#I6aLS#	Deferimento
(Neq?zM6tAV#	Conhecendo	(Neq\$#I6aLS#	Deferimento
(Nef\$zM6tAV*	Conhecer	(Neq\$#I6aLS#	Deferimento
(Nek@zM6tAV#	Conhesiam	(Neq\$#I6aLS#	Defferimento
(Neq@zM6tAS#	Conhecimento	(Neq@bM6IAS#	Deferimento
(Neq@zM6tAS#	Conhecimento	(Neq@bM6IAS#	Deferimento
(Neq@zM6tAS#	Conhecimento	(Neq@bM6IAS#	Deferimento
(Neq@zM6tAS#	Conhecimento	(Neq@bM6IAS#	Deferimento
(Neq@zM6tAS#	Conhecimento	(Neq@bM6IAS#	Deferimento
(Neq@zM6tAS#	Conhecimento	(Neq@bM6IAS#	Deferimento
(Neq@zM6tAS#	Conhecimento	(Neq@bM6IAS#	Deferimento
(Eeq@zM6tAS#	Conhicimento	(Neq@bM6IAS#	Defferimento
(Nej\$zM6tAV*	Conhesio	(Neq\$#I6aLV#	Deferindo
(Nek?zM6aRC#	Conseguinte	(Neq@bM6IAV#	Deferindo
(Nek@zM5aRV#	Conseguirmos	(Nek\$#I6aLV*	Deferir
(Neq?zM6aRS#	Consequencia	(Nek\$#I6aLV*	Defferir
(Neq?zM6aRS#	Consequência	(Nek@bM6IAV*	Deferir
(Neq?zM6aRS#	Consequencias	(Nek@bM6IAV*	Defferir
(Nen&zM2aAS*	Conservação	(Nek@#I6aLV#	Defira
(Ned&zM2aAV*	Conservar	(Nek@#I6aLV#	Defiraõ
(Ned&zM2aAV*	Conservasse	(Ned&#I6aAV#	Delataçem

(Nen@#I6aAS*	Deliberação	(Ned\$#I3aAV*	Desmoralizar
(Nen&aM6bAS*	Deliberação	(Nef\$#I6aAV#	Desobedeseção
(Nek@#I6aAS#	Delicto	(Nef\$bM6bAV#	Desobedeseção
(Nek@#I6aAS#	Delicto	(Nef\$bM6aAV#	Desobedeseção
(Nek@#I6aAS#	Delicto	(Ned\$#I6aAJ#	Desorganizado
(Nek@#I6aAS#	Delicto	(Ned&#I3aAS#	Despacho
(Neq@#I6aAS#	Deliquente	(Ned&#I3aAS#	Despacho
(Nej\$#I6aB%*	Demais	(Ned&#I3aAS#	Despacho
(Nej\$#I6aB%*	Demais	(Ned&#I3aAS#	Despacho
(Nej\$#I6aB%*	Demais	(Ned&#I3aAS#	Despacho
(Nen&#I6aBS*	Demarcação	(Ned&#I3aAS#	Despacho
(Nen&#I6aBS*	Demarcasam	(Ned&#I3aAS#	Despacho
(Ned&#I6aBV#	Demarcado	(Ned&#I3aAS#	Despacho
(Ned&#I6aBV#	Demarcado	(Nek?#I3aAV*	Despaxo
(Nek@#I6aBJ#	Demittidos	(Nek?#I3aAV*	Despendi
(Nem!#I6aBS#	Demora	(Nek@bM5bGV*	Despendi
(Ned\$#I6aBV#	Demostrarem	(Nek@bM5bGV*	Despendi
(Ned\$#I6aAJ#	Denominado	(Nef\$#I3aAS#	Despesas
(Ned\$#I6aAJ#	Denominado	(Nef\$#I3bAS#	Despesa
(Ned\$#I6aAJ#	Denominado	(Nef\$#I3bAS#	Despesa
(Nej\$#I6aB%*	Depois	(Nef\$#I3bAS#	Despeza
(Nej\$#I6aB%*	Depois	(Nef&#I3aAS#	DesSabores
(Nej\$#I6aB%*	Depois	(Nek@#I3aAS#	Destino
(Nej\$#I6aB%*	Depois	(Ned@#I6aAV*	Desucupar
(Nej\$#I6aB%*	Depois	(Nek@#I3aAV#	Desviação
(Nej\$#I6aB%*	Depois	(Nek\$#I6aAV#	Determina
(Nej\$#I6aB%*	Depois	(Nek@bM3aAV#	Determina
(Nej\$#I6aB%*	Depois	(Ned\$#I6rAJ#	Determinadas
(Nej\$#I6aA%*	Despois	(Ned@bM2aAJ#	Determinadas
(Nej\$#I6aA%*	Despois	(Ned\$#I6aAJ#	Determinado
(Neq\$#I6aBV#	Deponha	(Ned\$#I6aAJ#	Determinado
(Ned\$#I6aBS#	Deprecado	(Ned@bM2aAJ#	Determinado
(Ned&bM6aRS#	Deprecado	(Ned@bM2aAJ#	Determinado
(Nej\$#I6aBV*	Deprecarei	(Ned@#I6aAV*	Determinado
(Nej&bM6aRV*	Deprecarei	(Ned@#I6aAV*	Detirminar
(Nem!#I6aBV#	Depreco	(Eed@bM2gAV*	Detirminar
(Ned@#I6aBS#	Deputado	(Neq?#I6aLV#	Devendo
(Ned\$#I6aRV*	Derrogará	(Nef\$#I6aLS*	Dever
(Ned?#I3aAV*	Descançar	(Nef\$#I6aLS*	Dever
(Ned\$#I3aAV#	Descontados	(Nef\$#I6aLS*	Dever
(Nek@#I3aAV#	Descubra	(Nef\$#I6aLS*	Dever
(Nej\$#I3aAS#	Descuido	(Nef\$#I6aLS#	Deveres
(Nem@#I3aAJ#	Desditozos	(Nef\$#I6aLS#	Deveres
(Nef\$#I6aAV#	Deseja	(Nef\$#I6aLS#	Deveres
(Neq\$#I6aAV#	Desejando	(Nef\$#I6aLV#	Devese
(Neq?bM6aGV#	Desejando	(Nek@#I6aLV#	Devia
(Ned?#I6aAV*	Desempenhar	(Nek@#I6aLV#	Deviação
(Ned\$bM5aBV*	Desempenhar	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Ned&zM6aTV*	Desempenhar	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Ned\$#I6aAJ#	Desenganado	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Ned\$#I6aAJ#	Desenganado	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Ned&bM5aRJ#	Desenganado	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Ned&bM5aRJ#	Desenganado	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Neq?#I5aAS#	Desenvolvimento	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Neq?#I5aAS#	Desenvolvimento	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Neq\$bM5aLS#	Desenvolvimento	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutio
(Neq\$bM5aLS#	Desenvolvimento	(Nek\$#I6aLJ#	Devolutos
(Nek@#I3aAV*	Desfiz	(Nef\$#I6aAV#	Dezeja
(Ned@#I6aAV#	Designados	(Neq\$#I6aAV#	Dezejamos
(Ned@#I6aAV#	Designava	(Neq?bM6aGV#	Dezejamos
(Nej@#I6aAV*	Designou	(Neq?#I6aAS#	Dezempenho

(Neq?bM5aBS#	Dezempenho	(Ned&xM6rRJ#	Emcarregado
(Nej\$#I6aAN#	Dezoito	(Ned&fF5wRJ#	Emcarregado
(Neq?#I6aAS#	Dezembro	(Ned&fF5wRJ#	Emcarregada
(Neq?#I6aAS#	Dezembro	(Ned&fF5wRJ#	Emcarregada
(Neq?#I6aAS#	Dezembro	(Ned&fF5wRJ#	Emcarregada
(Neq?#I6aAS#	Dezembro	(Ned&xM6rRJ#	Emcarregada
(Neq?#I6aAS#	Dezembro	(Ned&xM6rRJ#	Emcarregada
(Neq?#I6aAS#	Dezembro	(Ned&xM6rRJ#	Emcarregada
(Eed@#I6gBV#	Dibitado	(Ned&fF5wRJ#	Encaregada
(Neq?aM6IAJ#	Diferentes	(Ned&xM6rRJ#	Encaregada
(Neq?aM6IAJ#	Diferença	(Ned&fF5wRJ#	Encarregada
(Een@#I6gAS*	Diliberação	(Ned&xM6rRJ#	Encarregada
(Nen&aM6bAS*	Diliberação	(Ned&fF5wRJ#	Emcarregava
(Eej@#I3gAV*	Discubrio	(Ned&xM6rRJ#	Emcarregava
(Eeq?#I6gAS#	Desenvolvimento	(Nej&fF5wRV*	Emcaregou
(Neq?aM5aLS#	Desenvolvimento	(Nej&xM6rRV*	Emcaregou
(Eef\$#I3gAS#	Dispeza	(Ned?fF5wRV#	EmContrado
(Eek\$#I6gLJ#	Divolutos	(Nej?fF5wRV*	EmContrei
		(Neq@bM6bG%#	Emediatamente
(Ned\$fF6wAJ#	Edeficada	(Eek@zM6IAJ*	Emfillis
(Ned\$fF6wAV#	Edeficada	(Nek\$fF5wGS#	Emgenharia
(Ned\$fF6wAV#	Edeficado	(Nek&bM6gTS#	Emgenharia
(Ned\$fF6wAV*	Edeficár	(Nek@fF6wBS#	Emigdio
(Nej\$fF6wAV*	Edeficou	(Nek@fF6wBS#	Emigdio
(Ned@fF6wGV*	Edificar	(Nek@fF6wBS#	Emigdio
(Ned@fF6wGV*	Edificar	(Nek@fF6wBS#	Emigdio
(Nek\$fF6wLV#	Efectue	(Nek@fF6wBS#	Emigdio
(Nek@bM6IRV#	Efectue	(Nek@fF6wBS#	Emygdio
(Nej\$fF6wLS#	Efeito	(Ned@fF6wBS#	Emissário
(Nej\$fF6wLS#	Efeito	(Neq\$fF6wBS#	Emolumentos
(Nej\$fF6wLS#	Efeito	(Neq\$fF6wBS#	Emolumentos
(Nej&fF6wAJ*	Elatorial	(Ned\$fF5wBS#	Empleitada
(Nej\$fF6wAJ*	Eleitoral	(Ned\$fF5wBV*	Empleitar
(Nej\$fF6wAJ*	Eletoral	(Ned\$fF5wBJ#	Empossado
(Nef\$fF6wAV#	Elegerem	(Ned\$fF5wBS#	Empregados
(Nef\$bM6aGV#	Elegerem	(Ned\$fF5wBS#	Empregados
(Nek\$fF6wAJ#	Elegiveis	(Ned&zM6aRJ#	Empregados
(Nek\$fF6wAJ#	Elegiveis	(Ned&zM6aRJ#	Empregados
(Nek@bM6aGJ#	Elegiveis	(Ned\$fF5wBV#	Empregarem
(Nek@bM6aGJ#	Elegiveis	(Ned&zM6aRV#	Empregarem
(Nen\$fF6wAS*	Eleisaõ	(Nef\$fF5wBS#	Emprego
(Nen\$fF6wAS*	Eleisaõ	(Nem!fF5wBV#	Empreguem
(Nen\$fF6wAS*	Eleisoens	(Neq?fF5wRC#	Emquanto
(Nej\$fF6wAS#	Eleito	(Neq?fF5wRC#	Emquanto
(Nej\$fF6wAS#	Eleito	(Nen%fF5wA%*	Emtaõ
(Nej\$fF6wAS#	Eleitos	(Nen%fF5wA%*	Emtam
(Nej\$fF6wAJ#	Eleitos	(Nen%fF5wA%*	Entaõ
(Nej\$fF6wAJ#	Elleito	(Nen%fF5wA%*	Então
(Nej\$fF6wAV#	Elleito	(Ned&fF5wAV#	Emtraçim
(Nej\$fF6wAV#	Elleito	(Nej\$fF5wAV*	Emtregou
(Nef\$fF6wAS#	Eleitores	(Nej&zM6aRV*	Emtregou
(Nef\$fF6wAS#	Eleitores	(Nem!fF5wAV#	Emtregue
(Nem\$fF6wAS#	Eleoterio	(Nem!fF5wAV#	Entregue
(Nem\$fF6wAS#	Eleuterio	(Nej&fF5wGS#	Emxovia
(Nem\$fF6wAS#	Eleuterio	(Nej&fF5wGS#	Emxovia
(Nem\$fF6wAS#	Eleuterio	(Nej&fF5wB%#	Enbaixo
(Ned&fF5wBS#	Embarasso	(Ned&fF5wRV*	Encarregar
(Ned&fF5wBV#	Embarcado	(Ned&fF5wRV*	Encarregar
(Ned&fF5wRJ#	Emcaregado	(Ned&xM6rRV*	Encarregar
(Ned&xM6rRJ#	Emcaregado	(Ned&xM6rRV*	Encarregar

(Ned&fF3wAV*	Está	(Nek@zM5aGS&	Excelentíssimo
(Ned&fF3wAS#	Estado	(Nek@zM5aGS&	Excelentíssimo
(Ned&fF3wAS#	Estado	(Nek@zM5aGS&	Excelentíssimo
(Ned&fF3wAS#	Estados	(Nek@zM5aGS&	Excelentíssimo
(Nek?fF3wAS#	Estampilha	(Nek@zM5aGS&	Excelentíssimo
(Nek?fF3wAS#	Estampilha	(Nek@zM5aGS&	Excelentíssimo
(Neq?fF3wAV#	Estando	(Nek@zM5aGS&	Excelentíssimo
(Nen%fF3wAV*	Estaão	(Nek@zM5aGS&	Excelentíssimo
(Ned&fF3wAV*	Estar	(Nek\$fF3wAS&	Excelentissimo
(Ned&fF3wAV*	Estar	(Nek?bM6aAS&	Excelentissimo
(Ned&fF3wAV*	Estar	(Nek@zM5aGS&	Excelentissimo
(Ned&fF3wAV*	Estar	(Neq\$fF3wAJ#	Excellente
(Ned&fF3wAV*	Estar	(Neq?bM6aAJ#	Excellente
(Ned&fF3wAV*	Estar	(Nej?fF3wAS#	Excencias
(Ned&fF3wAV*	Estar	(Nen\$fF3wAS*	Excepção
(Ned&fF3wAV#	Estava	(Nem%bM6aBS*	Excepção
(Ned&fF3wAV#	Estava	(Neq&fF3wAV#	Exclarecendo
(Ned&fF3wAV#	Estava	(Neq?xM6aAV#	Exclarecendo
(Nek@fF3wAS#	Estima	(Nej?fF3wAV*	Excluío
(Nem\$fF3wAV#	Estorvem	(Nen@fF3wAS*	Excrivam
(Ned&fF3wAS#	Estrada	(Nek@fF6wAJ#	Exegida
(Ned&fF3wAS#	Estrada	(Nek@fF6wAJ#	Exegidas
(Ned&fF3wAS#	Estrada	(Nek@fF6wAJ#	Exegido
(Ned&fF3wAS#	Estrada	(Nef\$fF6wAV*	Exercer
(Ned&fF3wAS#	Estrada	(Nef\$bM2aAV*	Exercer
(Neq@fF6wLJ#	Evidentes	(Nek\$fF6wAS#	Exercicio
(Nem?fF6wLS#	Evangelhos	(Nek\$fF6wAS#	Exersio
(Ned&fF6wAJ#	Exacta	(Nek@bM2aAS#	Exercicio
(Neq&fF6wA%#	Exactamente	(Nek@bM2aAS#	Exersio
(Neq?fF6wAS#	Examen	(Nef\$fF3wAS#	Exforço
(Ned&fF6wAV#	Examinado	(Nem!fF3wAS#	Exforços
(Ned&fF6wAV#	Examinado	(Nek@fF6wAJ#	Exhigido
(Nej&fF6wAV*	Examinou	(Nek@fF6wAV#	Existe
(Nem!fF3wAV#	Excede	(Nek@fF6wAV#	Existe
(Nef\$fF3wAV#	Excedera	(Nek@fF6wAV#	Existe
(Nef\$bM6aAV#	Excedera	(Nej@fF6wAV#	Existia
(Neq\$fF3wAS#	Excelência	(Neq@fF6wAV#	Existindo
(Neq?bM6aAS#	Excelência	(Nek@fF6wAV*	Existir
(Neq?bM6aAS#	Exçellencia	(Nen\$fF3wAS*	Expecificaçoes
(Neq\$fF3wAS#	Exçellencia	(Nen@bM6bAS*	Expecificaçoes
(Neq\$fF3wAS#	Excellensia	(Nek\$fF3wAV*	Expedir
(Neq?bM6aAS#	Excellensia	(Nek@bM6bGV*	Expedir
(Neq\$fF3wAS#	Exsellencia	(Nek?fF3wAS#	Expendido
(Neq?bM6aAS#	Exsellencia	(Nek?fF3wAS#	Expendido
(Nek\$fF3wAS&	Excelentíssimo	(Nek@bM5bGS#	Expendido
(Nek\$fF3wAS&	Excelentíssimo	(Nek@bM5bGS#	Expendido
(Nek\$fF3wAS&	Excelentíssimo	(Nef\$fF3wAV*	Expor
(Nek\$fF3wAS&	Excelentíssimo	(Nef\$fF3wAS#	Exposto
(Nek\$fF3wAS&	Excelentíssimo	(Nem!fF3wAJ#	Expressa
(Nek\$fF3wAS&	Excelentíssimo	(Ned&fF3wAJ#	Extraordinaria
(Nek\$fF3wAS&	Excelentíssimo	(Ned&fF3wAJ#	Extraordinaria
(Nek\$fF3wAS&	Excelentíssimo	(Ned&fF3wAJ#	Extraordinaria
(Nek?bM6aAS&	Excelentíssimo		
(Nek?bM6aAS&	Excelentíssimo	(Ned&xM6rPJ#	Faqueado
(Nek?bM6aAS&	Excelentíssimo	(Nej\$xM6rPV*	Faqueou
(Nek?bM6aAS&	Excelentíssimo	(Ned&#I6IGJ#	Fechado
(Nek?bM6aAS&	Excelentíssimo	(Nen@#I6IAS*	Felicitação
(Nek?bM6aAS&	Excelentíssimo	(Neq@#I6IAS#	Feleciano
(Nek?bM6aAS&	Excelentíssimo	(Neq@#I6IAS#	Feliciano
(Nek?bM6aAS&	Excelentíssimo	(Nek@#I6IAJ*	Felis

(Nek@#I6IAJ#	Felizes	(Nef&zM6bAS*	Imperador
(Neq@#I6IA%#	Felismente	(Nef&zM6bAS*	Imperador
(Nem\$#I6IAS#	Feregotti	(Nef&zM6bAS*	Imperador
(Nek@#I6IAS#	Ferida	(Nej@zM6bAJ*	Imperial
(Nek@#I6IAS#	Feridas	(Nej@zM6bAJ*	Imperial
(Nek@#I6IAS#	Ferido	(Neq?zM6aBS#	Independencia
(Neq@#I6IAS#	Ferimento	(Neq?zM6aBS#	Independencia
(Nem@#I6IAS#	Ferrigote	(Neq?zM6aBS#	Independencia
(Nem@#I6IAS#	Ferrigote	(Neq?bM5bAS#	Independencia
(Nem@#I6IAS#	Ferrigote	(Neq?bM5bAS#	Independencia
(Nem@#I6IAS#	Ferrigote	(Neq?bM5bAS#	Independencia
(Nem@#I6IAS#	Ferrigote	(Nen&gM6aAS*	Inalteração
(Nem@#I6IAS#	Ferrigote	(Eed&fF5wBV#	Inbarasarmos
(Nem@#I6IAS#	Ferrigote	(Nek@zM6aAJ#	Interino
(Neq?#I2IAS#	Fernando	(Eek@zM6gAJ#	Intirino
(Nef\$#I2ILS*	Fervor	(Ned&zM5IAJ#	Inventariada
(Nej\$#I6ILS#	Fevreiro	(Ned&zM5IAS#	Inventario
(Nej\$#I6ILS#	Fevreiro	(Eek@fF5wGS#	Inchuvia
(Nej\$#I6ILS#	Fevreiro	(Neq@zM6aL%#	Indevidamente
(Nej\$#I6ILS#	Fevreiro	(Eeq?fF5wAC#	Intanto
(Nej\$#I6ILS#	Fevreiro	(Nej\$zM6aAJ*	Intelectual
(Nej\$#I6ILS#	Fevreiro	(Nej@bM6aRJ*	Intelectual
(Nej\$#I6ILS#	Fevreiro	(Neq\$zM6aAJ#	Interessante
(Nej\$bM6IAS#	Fevreiro	(Neq?bM6aAJ#	Interessante
(Nej\$bM6IAS#	Fevreiro	(Nef\$zM6aAS#	Interesse
(Nej\$bM6IAS#	Fevreiro	(Nef\$zM6aAS#	Interesses
(Nej\$bM6IAS#	Fevreiro	(Nen%aM5aAS*	Isenção
(Nej\$bM6IAS#	Fevreiro	(Ned&aM5aAJ*	Isentado
(Nej\$bM6IAS#	Fevreiro	(Neq?aM5aAV#	Isentando
(Nej\$bM6IAS#	Fevreiro	(Ned&aM5aAV*	Isentar
(Eem@#I6IAS#	Filisberto	(Ned&aM5aAV#	Isentaraõ
(Neq?bM6aAV#	Floreendo	(Ned&aM5aAV*	Isentar
(Nek@bM6aAV#	Fornecido	(Ned&aM5aAV#	Isentaraõ
(Neq@bM2aAS#	Fornecimento	(Neq@xM6bGS#	Itapetinga
(Nej\$#I6ARS#	Freguesia	(Nen%aM5aAS*	Izenção
(Nej\$bM6rAS#	Freguesia	(Nen%aM5aAS*	Izençoens
(Nef\$#I6gAS#	Generoso	(Nek@#I6gAS*	Jesus
(Nef\$bM6aAS#	Generoso	(Nek@#I6gAS*	Jesus
(Nej\$#I5gGJ*	Gentio	(Nek@#I6gAS*	Jezus
(Nen&#I6gAS*	Gerações	(Nej\$aM6IAS*	Juvenal
(Nej\$#I6gAJ*	Geraes	(Nej\$#I6aPJ*	Leal
(Nej\$#I6gAJ*	Geral	(Nen%#I6aPS*	Leaõ
(Nej\$#I6gAJ*	Geral	(Nek@#I6aGJ#	Legislativa
(Nej\$#I6gAJ*	Geral	(Nek@#I6aGJ#	Legislatura
(Nej\$#I6gLS#	Gevaldo	(Nek@#I6aGJ&	Legitimo
(Eej\$#I5gGJ*	Gintio	(Nek@#I6aRS#	Legumes
(Ned&bM2IAV*	Governar	(Ned\$#I6aPS#	Leonardo
(Nek@#I5wRS#	Henrique	(Neq?#I6aLV#	Levando
(Nek@#I5wRS#	Henriques	(Neq?#I6aLV#	Levando
(Nek@#I5wRS#	Henriques	(Ned?#I6aLV#	Levantado
(Eek@#I5wRS#	Hinrique	(Ned?#I6aLV*	Levantar
(Nem!#I2wAS&	Hermogenes	(Ned?#I6aLV*	Levantar
(Nem!#I2wAS&	Hermogenes	(Ned&#I6aLV#	Levaraõ
(Ned&bM6bAS#	Homenagem	(Ned&#I6aLV*	Levar
(Eed&fF5wBV*	Imbarasar	(Ned&#I6aLV#	Levarem
(Neq@zM6bGS#	Impedimento	(Nej\$#I6aLV*	Levou
(Nef&zM6bAS*	Imperador	(Nek&aM6bAS#	Liberalino
		(Nek&aM6bAS#	Liberalino

(Nek&aM6bAS#	Liberalino	(Nef\$#I2bAS*	Mercê
(Ned&aM2bAS#	Liberdade	(Nef\$#I2bAS*	Mercê
(Eed&aM2bAS#	Libirdade	(Nef\$#I2bAS*	Mercê
(Ned&xM3gAS#	Magestade	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Ned&xM3gAS#	Majestade	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej@xM6aAS*	Materiais	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej@xM6aAS*	Material	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej@xM6aAS*	Material	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej\$#I6bAS#	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej\$#I6bAS#	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej\$#I6bAS#	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej\$#I6bAS#	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej\$#I6bAS#	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej\$#I6bAS#	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej\$#I6bAS#	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Mercês
(Nej\$#I6bAS#	Medeiros	(Nek@#I6bGV*	Merçe
(Nen\$#I6bAS*	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Meti
(Nen@#I6bGS*	Medeiros	(Nef\$#I2bAS*	Morreria
(Nen@#I6bGS*	Medeiros	(Ned\$#I6aAV#	Necessaria
(Nek@#I6bGS#	Medessoins	(Ned\$#I6aAV#	Necessarias
(Nek@#I6bGS#	Medição	(Ned\$#I6aAV#	Necessário
(Nek@#I6bGS#	Medição	(Ned\$#I6aAV#	Necessário
(Nek@#I6bGV#	Medidas	(Ned\$#I6aAV#	Necessarias
(Nek@#I6bGV#	Medidas	(Ned&bM6aAV#	Necessaria
(Nek@#I6bGV#	Medido	(Ned&bM6aAV#	Necessarias
(Nek@#I6bGV#	Medido	(Ned&bM6aAV#	Necessário
(Nek@#I6bGV#	Medido	(Ned&bM6aAV#	Necessário
(Nek@#I6bGV#	Medido	(Ned&bM6aAV#	Necessarias
(Nem!#I6bT%*	Medir	(Ned&bM6aAV#	Necessidade
(Neq\$#I6bTS#	Melhor	(Ned\$#I6aAS#	Necessidade
(Neq\$#I6bTS#	Melhoramento	(Ned@bM6aAS#	Neceçita
(Neq\$#I6bTS#	Melhoramento	(Nek\$#I6aAV#	Necessita
(Neq\$#I6bTS#	Melhoramento	(Nek\$#I6aAV#	Necessita
(Ned\$#I6bTV*	Melhorar	(Nek\$#I6aAV#	Necessita
(Ned\$#I5bAS#	Mencionada	(Nek@bM6aAV#	Neceçita
(Ned\$#I5bAJ#	Mencionadas	(Nek@bM6aAV#	Necessita
(Ned\$#I5bAJ#	Mensionadas	(Nek@bM6aAV#	Necessita
(Ned\$#I5bAS#	Mencionado	(Nek@bM6aAV#	Necessita
(Ned\$#I5bAJ#	Mencionado	(Neq@#I6aRS#	Negligencia
(Ned\$#I5bAJ#	Mencionados	(Neq@#I6aRS#	Negligencias
(Nef\$#I6bAS#	Menezes	(Neq\$#I6aRS#	Negociante
(Nef\$#I2bAS*	Merce	(Nem!#I6aRS#	Negocio
(Nef\$#I2bAS*	Merce	(Nen&bM6bPS*	Nomeação
(Nef\$#I2bAS*	Merce	(Nen&bM6bPS*	Nomeação
(Nef\$#I2bAS*	Merce	(Nen&bM6bPS*	Nomeação
(Nef\$#I2bAS*	Merce	(Nen&bM6bPS*	Nomeações
(Nef\$#I2bAS*	Merce	(Ned&bM6bPJ#	Nomeada
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM6bPJ#	Nomeado
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM6bPJ#	Nomeado
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM6bPJ#	Nomeados
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM6bPJ#	Nomeados
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM6bPJ#	Nomeados
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM6bPV*	Nomear
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM6bPV#	Nomearaõ
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Nen&bM6bPS*	Nomeasoens
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Nen&bM6bPS*	Nomeasoens
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM2aAV#	Observadas
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Ned&bM2aAV#	Observado
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Neq?bM2aAS#	Observancia
(Nef\$#I2bAS*	Mercê	(Neq?bM2aAS#	Observancia

(Neq@#I6aAS#	Presidente	(Neq?#I6rAV#	Querendo
(Neq@#I6aAS#	Presidente	(Neq?#I6rAV#	Querendo
(Neq@#I6aAS#	Presidente	(Neq?#I6rAV#	Querendo
(Neq@#I6aAS#	Presidente	(Neq?#I6rAV#	Querendo
(Neq@#I6aAS#	Presidente	(Neq?#I6rAV#	Querendo
(Neq@#I6aAS#	Presidente	(Nen%#I3rAS*	Questoins
(Neq@#I6aAS#	Presidente	(Nej&#I6rPV*	Realisou
(Neq@#I6aAS#	Presidente	(Nem\$#I6rBJ#	Rebeldes
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$#I6rBS#	Reboco
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nek&#I6rRV#	ReCahisem
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Neq\$#I6rRJ#	Recalcitrante
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nem!#I6rAV#	Recebe
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$#I6rAS#	Recebedores
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$bM6aBS#	Recebedores
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$bM6bAS#	Recebedores
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$#I6rAV*	Receber
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$#I6rAV*	Receber
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$#I6rAV*	Receber
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$#I6rAV*	Receber
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$bM6aBV*	Receber
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$bM6aBV*	Receber
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$bM6aBV*	Receber
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Nef\$bM6aBV*	Receber
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq@#I6aAS#	Prezidente	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Nen&#I3aAS*	Prestações	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Ned&#I3aAJ#	Prestados	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Ned&#I3aAV*	Prestar	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Ned&#I3aAV*	Prestar	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Ned&#I3aAV*	Prestar	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Ned&#I3aAV#	Prestarem	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Nen?#I6aAV*	Pretenções	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Nen%#bM5aAV*	Pretenções	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq?#I6aAV#	Pretendendo	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Neq?#bM5aAV#	Pretendendo	(Ned\$#I6rAV*	Receberá
(Nef\$#I6aAS#	Pretexto	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Nen&#I6aLS*	Prevaricações	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Nen&#I6aLS*	Prevaricações	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Neq?#I6aAS#	Presença	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Neq?#I6aAS#	Presença	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Ned?#I6aAV*	Prezentar	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Ned&bM5aAV*	Prezentar	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Eeq@#I6aAS#	Prisidente	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Eek@#I6aLV#	Privinido	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Nef\$bM6aAV*	Proceder	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Nef\$bM6aAV*	Proceder	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Nef\$bM6aAV*	Proceder	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Nek@#bM6aRV*	Proceguir	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Neq?#bM6gRV#	Projectando	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Nef\$bM6bAV#	Prometeraõ	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Ned@aM5aAV#	Providenciadas	(Ned\$bM6aBV*	Receberá
(Neq@aM5aAV#	Providenciando	(Ned&bM6bAV*	Receberá
(Ned@aM5aAV*	Providenciar	(Ned&bM6bAV*	Receberá
(Ned@aM5aAV#	Providenciarem	(Ned&bM6bAV*	Receberá

(Nef\$#I6rRV#	Requerendo	(Nek\$#I3rAJ#	Respectivos
(Nef?bM6rAV#	Requerendo	(Nek@bM6bRJ#	Respectivas
(Nef\$#I6rRV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectiva
(Nef\$#I6rRV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectiva
(Nef\$#I6rRV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectiva
(Nef\$#I6rRV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectiva
(Nef\$#I6rRV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectiva
(Nef\$#I6rRV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectivo
(Nef\$#I6rRV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectivo
(Nef\$#I6rRV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectivo
(Nef\$bM6rAV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respectivos
(Nef\$bM6rAV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respeito
(Nef\$bM6rAV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respeito
(Nef\$bM6rAV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respeito
(Nef\$bM6rAV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respeito
(Nef\$bM6rAV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respeito
(Nef\$bM6rAV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respeito
(Nef\$bM6rAV*	Requerer	(Nek@bM6bRJ#	Respeito
(Nef\$#I6rRV*	Requeresse	(Nek@bM6bRJ#	Respeitosamente
(Nef\$bM6rAV*	Requeresse	(Nek@bM6bRJ#	Respeitosamente
(Nek\$#I6rRJ#	Requerida	(Nek@bM6bRJ#	Respondeo
(Nek\$#I6rRJ#	Requerida	(Nek@bM6bRJ#	Respondeo
(Nek\$#I6rRJ#	Requerida	(Nek@bM6bRJ#	Respondeu
(Nek\$#I6rRJ#	Requerido	(Nek@bM6bRJ#	Respondeu
(Nek\$#I6rRJ#	Requerido	(Nek@bM6bRJ#	Respondeu
(Nek@bM6rAJ#	Requerida	(Nek@bM6bRJ#	Respondeu
(Nek@bM6rAJ#	Requerida	(Nek@bM6bRJ#	Respondera
(Nek@bM6rAJ#	Requerida	(Nek@bM6bRJ#	Respondido
(Nek@bM6rAJ#	Requerido	(Nek@bM6bRJ#	Respondo
(Nek@bM6rAJ#	Requerido	(Nek@bM6bRJ#	Responda
(Nek\$#I6rRV#	Requerido	(Nek@bM6bRJ#	Responsabilidade
(Nek\$#I6rRV#	Requerido	(Nek@bM6bRJ#	Resposta
(Nek@bM6rAV#	Requerido	(Nek@bM6bRJ#	Resposta
(Nek@bM6rAV#	Requerido	(Nek@bM6bRJ#	Resposta
(Neq\$#I6rRS#	Requerimento	(Nek@bM6bRJ#	Ressebi
(Neq\$#I6rRS#	Requerimento	(Nek@bM6bRJ#	Ressebi
(Neq\$#I6rRS#	Requerimento	(Nek@bM6bRJ#	Ressebi
(Neq\$#I6rRS#	Requerimentos	(Nek@bM6bRJ#	Ressebi
(Neq@bM6rAS#	Requerimento	(Nek@bM6bRJ#	Restrito
(Neq@bM6rAS#	Requerimento	(Nek@bM6bRJ#	Resultou
(Neq@bM6rAS#	Requerimento	(Nek@bM6bRJ#	Retirado
(Neq@bM6rAS#	Requerimentos	(Nek@bM6bRJ#	Revalida
(Ned\$#I6rRV*	Requezitar	(Nek@bM6bRJ#	Revendo
(Nek@#I6rAV#	Reside	(Nek@bM6bRJ#	Revendo
(Neq@#I6rAJ#	Residente	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Neq@#I6rAJ#	Residente	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Ned@#I6rAV#	Resitado	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nef\$#I6rAV#	Resolva	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nej\$#I6rAV*	Resolveo	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nej\$#I6rAV*	Resolveo	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nek\$#I6rAJ#	Resolvido	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivas	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nek\$#I3rAJ#	Respectiva	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nek\$#I3rAJ#	Respectiva	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nek\$#I3rAJ#	Respectiva	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nek\$#I3rAJ#	Respectiva	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nek\$#I3rAJ#	Respectiva	(Nek@bM6bRJ#	Reverendo
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivo	(Nek@bM6bRJ#	Revestimento
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivo	(Nek@bM6bRJ#	Revestimento
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivo	(Nek@bM6bRJ#	Revista
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivo	(Nek@bM6bRJ#	Revistas
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivo	(Nek@bM6bRJ#	Revistos
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivo	(Nek@bM6bRJ#	Rezada
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivo	(Nek@bM6bRJ#	Rezide
(Nek\$#I3rAJ#	Respectivo	(Nek@bM6bRJ#	Rezidencia

(Nek@#I6lAS&	Verissimo
(Ned&#I6gRV#	Xegado
(Ned&#I6gRV#	Xegaraõ
(Nej§#I6gRV*	Xeguei

RELAÇÃO DE PALAVRAS ANALISADAS
VOGAL MÉDIA /o/

(Nom!xM5rAV#	Acontece	(Nof&#I6rBS#	CobraDores
(Nom!xM5rAV#	Aconteçe	(Nod@#I5rLJ#	Cõfiada
(Nod?xM5rBV#	Acompanharem	(Noq?#I6rTV#	Colhendo
(Noq@xM3rAS#	Agostinho	(Nod\$#I6rAV*	Collocar
(Nod&xM6aBV#	Adoptada	(Nod&#I6rBS#	Collocar
(Noq&xM6lAS#	Afforamento	(Noq?#I6rBS#	Comandante
(Noq&xM6lAS#	Aforamento	(Noq?#I6rBS#	Comandante
(Noq&xM6lAS#	Aforamento	(Nod&#I6rBS#	Comarca
(Noq&xM6lAS#	Aforamento	(Nod&#I6rBS#	Comarca
(Noq&xM6lAS#	Aforamento	(Nod&#I6rBS#	Comarca
(Noq&xM6lAS#	Aforamento	(Nod&#I6rBS#	Comarca
(Noq&xM6lAS#	Aforamento	(Nod&#I6rBS#	Comarca
(Noq&xM6lAS#	Aforamento	(Nod&#I6rBS#	Comarca
(Noq&xM6lAS#	Aforamento	(Nod&#I6rBS#	Comarca
(Nod&xM6lAV*	Aforár	(Non\$#I5rAS*	Comceição
(Nod&xM6lRJ#	Afogado	(Nof\$#I5rAS#	Comçelho
(Nod&xM6lRJ#	Afogado	(Nof\$#I5rAS#	Conselho
(Nod&xM6lRJ#	Afogado	(Nof\$#I5rAS#	Conselho
(Nod&xM6lRJ#	Afogado	(Nof\$#I5rAS#	Conselho
(Nod&xM6lRJ#	Afogado	(Nof\$#I5rAS#	Conselho
(Nod&xM6lAV#	Aforado	(Nof\$#I5rAS#	Conselho
(Noj\$#xM6lRV*	Afogou	(Non@#I6rBS*	Comição
(Nod&xM5bAJ#	Apontados	(Non@#I6rBS*	Comisção
(Noq&xM5bAS#	Apontamentos	(Non@#I6rBS*	Comisaõ
(Noj\$#xM5aAV*	Aprontei	(Non@#I6rBS*	Comissaõ
(Noj\$#xM5aAV*	Aprontei	(Non@#I6rBS*	Comissaõ
(Nod&xM6aLV#	Aprovavaõ	(Non@#I6rBS*	Comissaõ
(Noq\$#xM6aLV#	Aproveitando	(Non@#I6rBS*	Comissaõ
(Noq@xM6aA%#	Aproximadamente	(Non@#I6rBS*	Comissaõ
(Noq@xM6aA%#	Aproximadamente	(Non@#I6rBS*	Comissaõ
(Eod&xM5aAV*	Apruntar	(Non@#I6rBS*	Commisaõ
(Nod@gM6aAS#	Autoridade	(Non@#I6rBS*	Commisção
(Nod@gM6aAS#	Autoridade	(Non@#I6rBS*	Commisção
(Nod@gM6aAS#	Autoridades	(Non@#I6rBS*	Comissão
(Nod@gM6aAJ#	Authorizada	(Nok@#I5rLS*	Comfiri
(Noj\$#gM6aPV*	Autoei	(Nom!#I5rLC#	Comforme
(Noj\$#gM6aPV*	Autoei	(Nom!#I5rLC#	Comforme
(Noq&gM6aPS#	Autoamento	(Nom!#I5rLC#	Comforme
(Noq&gM6aPS#	Autoamento	(Nom!#I5rLC#	Comforme
(Eod@gM6aAS#	Auturidades	(Nod?#I6rBV#	Commandado
(Nod&#I5bAS#	Bondade	(Nod?#I6rBV*	Commandar
(Noq?z#M6rPN#	Cincoenta	(Noj\$#I6rBS*	Commerciaes
(Noq?z#M6rPN#	Cincoenta	(Nom\$#I6rBS#	Commercio
(Noq?z#M6rPN#	Cincoenta	(Nom\$#I6rBS#	Commercio
(Noq?z#M6rPN#	Cincoenta	(Nom\$#I6rBS#	Commercio
(Nof@#I6rPJ*	Coadjutor	(Nom\$#I6rBS#	Commercio
(Nof@#I6rPJ*	Coadjutor	(Noq\$#I6rBV#	Commessando
(Nof@#I6rPJ*	Coadjutor	(Non@#I6rBS*	Comunicações
(Eof@#I6rPJ*	Coadjutor	(Noj@#I6rBV*	Comunicou
(Eof@#I6rPJ*	Cuadjutor	(Nok&#I5rBS#	Companhia
(Eof@#I6rPJ*	Cuadjutor	(Nok&#I5rBS#	Companhia
(Nom!#I6rBJ#	Coberta	(Noj&#I5rBV*	Compareceo
(Nom!#I6rBJ#	Coberto	(Noj&#I5rBV*	Compareceo
(Noq?#I6rBS#	Cobrança	(Noq&#I5rBS#	Comparecimento
(Noq?#I6rBS#	Cobrança	(Nof&#I5rBV*	Compareser
(Nod&#I6rBV*	Cobrar	(Nom!#I5rBV#	Compete

(Nom#!15rBV#	Compete	(Nom#!15rLV#	Confissão
(Nom#!15rBV#	Compete	(Nok@#15rLS#	Conflito
(Nom#!15rBV#	Compete	(Nom#!15rLC#	Conforma
(Noq\$#15rBS#	Competencia	(Nom#!15rLC#	Conforme
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nom#!15rLC#	Conforme
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nom#!15rLC#	Conforme
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nom#!15rLC#	Conforme
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod&zM2lAV#	Conformavaõ
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod\$#15rLV#	Conformavaõ
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod\$#15rLS#	Conformidade
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod\$zM2lAS#	Conformidade
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod\$#15rLS#	Conformidade
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod\$#15rLS#	Conformidade
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod\$#15rLS#	Conformidade
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod@zM2lAS#	Conformidade
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod@zM2lAS#	Conformidade
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(Nod@zM2lAS#	Conformidade
(Noq\$#15rBJ#	Competente	(NokrRV#	Congratula
(Noq\$#15rBJ#	Competentes	(Nom#!15rTV#	Conhece
(Noq\$#15rBJ#	Competentes	(Noq\$#15rTV#	Conhecendo
(Nok\$#15rBV#	Competia	(Noq\$#15rTV#	Conhecendo
(Nod\$#15rBV*	Completar	(Nof?#15rTV*	Conhecer
(NodrBV#	Comprado	(Nok?#15rTV#	Conhesiam
(Nok\$#15rBJ#	Compreendido	(Noq?#15rTS#	Conhecimento
(Nod&zM5rLV#	Comprovava	(Noq?#15rTS#	Conhecimento
(Nod\$#15aBV#	Comprovava	(Noq?#15rTS#	Conhecimento
(NodrBV#	Comttados	(Noq?#15rTS#	Conheçimento
(Noq@#15rLV#	Comvidando	(Noq?#15rTS#	Conheçimento
(Nof\$#15rAV#	Conceda	(Noq?#15rTS#	Conheçimento
(Nof\$#15rAV#	Conceda	(Noq@#15rTS#	Conhicimento
(Nof\$#15rAV#	Concedam	(Noj\$#15rTV*	Conhesio
(Nof\$#15rAV#	Concedão	(NodrAS#	Conrado
(Nom#!15rAV#	Concede	(NodrAS#	Conrado
(Nof\$#15rAV*	Conceder	(Nok\$#15rAC#	Consequinte
(Nof\$#15rAV*	Conceder	(Nok\$#16rAV#	Consequirmos
(Nof\$#15rAV*	Conceder	(Noq\$#15rAS#	Consequencia
(Nof\$#15rAV*	Conceder	(Noq\$#15rAS#	Consequência
(Nof\$#15rAV*	Conceder	(Noq\$#15rAS#	Consequencias
(Nof\$#15rAV*	Conceder	(Non\$#15rAS*	Conservação
(Nof\$#15rAV#	Concederão	(Nod\$#15rAV*	Conservar
(Nok\$#15rAV#	Concedidas	(Nod\$#15rAV*	Conservasse
(Nok\$#15rAV#	Concedidas	(Nod\$#15rAV*	Conservassem
(Nok\$#15rAV#	Consedida	(Nom#!15rAV#	Conserve
(Nod\$#15rAV*	Concervar	(Nom#!15rAV#	Conserve
(Non\$#15rAS*	Concessão	(Nod@#15rAV*	Consignar
(Non\$#15rAS*	Concessão	(NodrAV*	Constar
(Non@#15rAS*	Concideração	(NodrAV*	Constar
(Non@#15rAS*	Consideracaõ	(NodrAV*	Constar
(Non@#15rAS*	Consideração	(NodrAV#	Constava
(Non@#15rAS*	Consideração	(NodrAV#	Constava
(Nod@#15rAV#	Conciderava	(Non\$#15rAS*	Constetuição
(Non@#15rAS*	Concissaõ	(Non@#15rAS*	Constituiçam
(Nok@#15rRV#	Conclua	(Non@#15rAS*	Constituição
(Nom#!15rRV#	Concorda	(Non@#15rAS*	Costituição
(Non@#15rGS*	Condição	(Noj@#15rGJ*	Constitucional
(Non@#15rGS*	Condicções	(Noj\$aM6pAJ*	Constitucional
(Non@#15rGS*	Condições	(Non@#15rAS*	Construção
(Non@#15rGS*	Condições	(Non@#15rAS*	Construção
(Nok@#15rAV#	Conduzidas	(Non@#15rAS*	Construção
(Nok@#15rAV*	Conduzis	(Non@#15rAS*	Construção

(Non@#I5rAS*	Construção	(Noq?#I6rRS#	Corrente
(Nok@#I5rAV*	Construir	(Noq?#I6rRS#	Corrente
(Nok@#I5rAV*	Construir	(Noq?#I6rRS#	Corrente
(Nok@#I5rAS#	Consumo	(Noq?#I6rRS#	Corrente
(Nok@#I5rAS#	Constume	(Noq?#I6rRS#	Corrente
(Noq?#I5rAV#	Contamos	(Nok@#I6rRV#	Corrigido
(Nod&#I5rAV*	Contar	(Nod@#I3rAS#	Costumada
(Noq?#I5rAS#	Contempla	(Nok@#I3rAS#	Costume
(Nod?#I5rAJ#	Contenplado	(Nok@#I3rAS#	Costume
(Nok\$#I5rAS#	Conteudo	(Nok@#I3rAS#	Costume
(Nok\$#I5rAS#	Contheudo	(Nok@#I3rAS#	Costume
(Nok\$#I5rAS#	Contheudo	(Eoq@#I5rBS#	Cumprimento
(Nok\$#I5rAS#	Contheúdas	(Eoq@#I5rBS#	Cumprimento
(Noq@#I5rGS#	Continente	(Eod@#I3rAJ#	Customados
(Noq@#I5rGV#	Continha	(Eod@#I3rAS#	Custume
(Non@#I5rGS*	Continuação	(Eod@#I3rAS#	Custume
(Nok@#I5rGV#	Continuam		
(Nod@#I5rGV#	Continuar	(Nom!xM6rBS#	Dagoberto
(Nod&#I5rAV#	Contractado	(Nod&bM2bAV#	Demostrarem
(Noq&#I5rAS#	Contractantes	(Nod@bM6aBJ#	Denominado
(Nod&#I5rAS#	Contracto	(Nod@bM6aBJ#	Denominado
(Nod&#I5rAS#	Contracto	(Nod@bM6aBJ#	Denominado
(Noq&#I5rAS#	Contradanços	(Nod&bM6rRV*	Derrogará
(Nod&#I5rAS#	Contrario	(Nod&bM5rAV#	Descontados
(Nof&#I5rAS#	Contraventores	(Noq@zM6lAS#	Desenvolvimento
(Nof&#I5rAS#	Contraventores	(Noq@zM6lAS#	Desenvolvimento
(Nom@#I5rLS*	Convier	(Nod&bM6bAV*	Desmoralizar
(Noq@#I5rLS#	Conviniencias	(Nof\$bM6aBV#	Desobedeseaõ
(Noq@#I5rLJ#	Conviniente	(Nod?bM2aAJ#	Desorganizado
(Noq@#I5rLJ#	Conviniente	(Eod@bM6aRV*	Desucupar
(Nod\$#I5rLJ#	Convocados	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Nod&zM6lRJ#	Convocados	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Noq\$#I6rBJ#	Copetente	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Noj@bM6rBV*	Copiei	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Non&#I6rAS*	Coraçoens	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Non\$#I6rRS*	Coreisam	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Nom!#I2rAS#	Cornelio	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Noj\$#I6rAS*	Coronel	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Noj\$#I6rAS*	Coronel	(Nok@bM6lAJ#	Devoluto
(Noj\$#I6rAS*	Coronel	(Nok@bM6lAJ#	Devolutos
(Noj\$#I6rAS*	Coronel	(Eoj\$aM6rBV*	Discubrio
(Noj\$#I6rAS*	Coronel	(Noq@zM6lAS#	Disenvolvimento
(Noj\$#I6rAS*	Coronel	(Noj\$aM6aAV*	Disolveo
(Noj\$#I6rAS*	Coronel	(Non@aM6bAS*	Disposiçao
(Noj\$bM6aAS*	Coronel	(Non@aM6bAS*	Disposiçoes
(Noj\$bM6aAS*	Coronel	(Non@aM6bAS*	Disposições
(Noj\$bM6aAS*	Coronel	(Nok@aM6lAJ#	Divolutos
(Noj\$bM6aAS*	Coronel	(Noq\$#I6aRS#	Documento
(Noj\$bM6aAS*	Coronel	(Noq@#I6aRS#	Documentos
(Noj\$bM6aAS*	Coronel	(Noq?#I6aPJ#	Doente
(Noj\$bM6aAS*	Coronel	(Noq?#I6aPJ#	Doente
(Noj\$bM6aAS*	Coronel	(Noq?#I6aPJ#	Doentes
(Noj\$#I6rRS#	Correa	(Noq?#I6aPJ#	Doentes
(Nof\$#I6rRS*	Corredor	(Noq?#I6aBS#	Domingos
(Noq\$#I6rRJ#	Correspondente	(Noq?#I6aBS#	Domingues
(Noq\$#I6rRJ#	Correspondente	(Eoq?#I6aBS#	Dumungus
(Noq?bM5bAJ#	Correspondente	(Eoq?#I6aBS#	Dumungus
(Noq?bM5bAJ#	Correspondente		
(Noq\$#I6rRJ#	Correspondentes		
(Noq?bM5bAJ#	Correspondentes	(Noj\$xM6aAJ*	Elatorial
(Noq?#I6rRS#	Corrente	(Noj\$gM6aAJ*	Eleitoral

(Noj\$bM6aAJ*	Eletoral	(Noq?zM2bAS#	Importância
(Nod&zM5rAV#	EmContrado	(Nod@zM6bAS#	Impossibilidades
(Noj\$zM5rAV*	EmContrei	(Nom!zM6aBV#	Intromete
(Nod\$zM2rAV*	Emcorporar	(Eok@zM6gLS#	Inchuvia
(Nod&bM5bAV*	Emcorporar	(Non&zM2IBS*	Informação
(Non&bM2IAS*	Emformação	(Non&zM2IBS*	Informasaõ
(Noq@bM6bAS#	Emolumentos	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Noq@bM6bAS#	Emolumentos	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod&zM6bAJ#	Empossado	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Noj\$zM6gLS#	Emxovia	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Noj\$zM6gLS#	Emxovia	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Noq?zM5rAV#	Encontrando	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod&zM5rAV*	Encontrar	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod&zM2IAV*	Enformar	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod&zM2IAV*	Enformar	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod&zM6aBV#	Englobado	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod&bM6rAS&	Escolastica	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nof\$bM5aAV#	Esconderão	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod@xM2pAJ#	Extraordinaria	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod@xM2pAJ#	Extraordinaria	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod@xM2pAJ#	Extraordinaria	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Noq\$#I6aAV#	Florecendo	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod&#I6IRS#	Fogaça	(Non%#I6gPS*	Joaõ
(Nod&#I6IRS#	Fogaça	(Non%#I6gPS*	João
(Nof\$#I5IAS#	Fonseca	(Non%#I6gPS*	João
(Nof\$#I5IAS#	Fonseca	(Non%#I6gPS*	João
(Nof\$#I5IAS#	Fonseca	(Non%#I6gPS*	João
(Nof\$#I5IAS#	Fonseca	(Non%#I6gPS*	João
(Nof\$#I5IAS#	Fonseca	(Non%#I6gPS*	João
(Nof\$#I5IAS#	Fonseca	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nof\$#I5IAS#	Fonseca	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nod&#I2IAS#	Formalidade	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nok\$#I2IAV#	Fornecido	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noq\$#I2IAS#	Fornecimento	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nod&#I6IRJ#	Forrada	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nod&#I6IRJ#	Forrada	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nod&#I6IRJ#	Forrada	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nod@#I2IAS#	Fortunato	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Eod@#I2IAS#	Furtunato	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nom@#I6aAJ#	Glorioza	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Goncalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonçalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonsalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonsalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonsalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonsalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonsalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonsalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonsalves	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noj\$#I5rAS#	Gonsalvez	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nod&#I6rAV*	Gosará	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nod\$#I6rLV*	Governar	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nok@#I6aAS#	Grossura	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Nod\$#I6wBS#	Homenagem	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noq?zM2bAS#	Importancia	(Noq&#I6wPS*	Joaquim
(Noq?zM2bAS#	Importancia	(Non%#I2gAS*	Jordaõ
(Noq?zM2bAS#	Importancia	(Non%#I2gAS*	Jordaõ

(Nod&#I6bAS#	Moradas	(Noj\$#I6aLS#	Novais
(Noj&#I6bAS#	Moradia	(Noq?#I6aLS#	Novembro
(Noj&#I6bAS#	Moradia	(Noq?#I6aLS#	Novembro
(Noj&#I6bAS#	Moradia	(Noq?#I6aLS#	Novembro
(Nof&#I6bAS*	Morador	(Noq?#I6aLS#	Novembro
(Nof&#I6bAS*	Morador	(Noq?#I6aLN#	Noventa
(Nof&#I6bAS*	Moradôr	(Nod&fF6wBV#	Obraraõ
(Nof&#I6bAS#	Moradores	(Nok@fF6wBV#	Obriga
(Nod&#I2bAJ*	Mordás	(Nok@fF6wBV#	Obriga
(Noj\$#I6bAS#	Moreira	(Nok@fF6wBV#	Obriga
(Noj\$#I6bAS#	Moreira	(Nok@fF6wBV#	Obriga
(Noj\$#I6bAS#	Moreira	(Non@fF6wBS*	Obrigações
(Noj\$#I6bAS#	Moreira	(Nod@fF6wBJ#	Obrigado
(Noj\$#I6bAS#	Moreira	(Noq@fF6wBV#	Obrigando
(Noj\$#I6bAS#	Moreira	(Noq@fF6wBV#	Obrigando
(Noj\$#I6bRV#	Morreria	(Noq@fF6wBV#	Obrigando
(Nok@#I6bRV#	Morrido	(Nom!bF6wBV#	Observa
(Nod&#I3bAV#	Mostraraõ	(Nod\$fF6wBV#	Observadas
(Nod&#I3bAV#	Mostrava	(Nod\$fF6wBV#	Observado
(Nok@#I6bGS#	Motivo	(Noq\$fF6wBS#	Observancia
(Nok@#I6bGS#	Motivo	(Noq\$fF6wBS#	Observancia
(Nok@#I6bGS#	Motivos	(Nom!fF6wBV#	Observaõ
		(Nod\$fF6wBV#	Observarem
(Noj\$aM6pAJ*	Nacional	(Noq?fF3wBJ#	Obstante
(Noj\$aM6pAJ*	Nasional	(Nod&fF3wBV*	Obstar
(Noq@bM6rAS#	Negociante	(Nof\$fF6wBV*	Obte
(Noj\$aM6rAS*	Nicoláo	(Nof\$fF6wBV*	Obter
(Noj\$aM6rAS*	Nicoláo	(Nof\$fF6wBV*	Obter
(Noj\$aM6rAS*	Nicolau	(Nok@fF6wBV#	Obtido
(Noj\$aM6rAS*	Nicolaú	(Non&fF6wRS*	Ocasiao
(Noj\$aM6rAS*	Nicolaú	(Non&fF6wRS*	Occazio
(Noj\$aM6rAS*	Nicolaú	(Nod@fF6wRJ#	Occupados
(Noj\$aM6rAS*	Nicolaú	(Noq@fF6wR%#	Ocultamente
(Noq&#I6aB%#	Nobramente	(Noj\$fF6wLS*	Ofeceaes
(Noj\$#I6aBV#	Nomea	(Noj\$fF6wLS*	Ofeçial
(Non\$#I6aBS*	Nomeação	(Nok?fF6wLS#	Ofendido
(Non\$#I6aBS*	Nomeação	(Nof\$fF6wLV*	Oferecer
(Non\$#I6aBS*	Nomeação	(Nom!fF6wLS#	Offertas
(Non\$#I6aBS*	Nomeações	(Noj@fF6wLS*	Officiaes
(Nod\$#I6aBJ#	Nomeada	(Noj@fF6wLS*	Officiaes
(Nod\$#I6aBJ#	Nomeado	(Noj@fF6wLS*	Official
(Nod\$#I6aBJ#	Nomeado	(Noj@fF6wLS*	Official
(Nod\$#I6aBJ#	Nomeados	(Noj@fF6wLJ*	Official
(Nod\$#I6aBJ#	Nomeados	(Noj@fF6wLJ*	Official
(Nod\$#I6aBJ#	Nomeados	(Nok@fF6wLS#	Officio
(Nod\$#I6aBV*	Nomear	(Nok@fF6wLS#	Officio
(Nod\$#I6aBV#	Nomearaõ	(Nok@fF6wLS#	Officio
(Non\$#I6aBS*	Nomeasoens	(Nok@fF6wLS#	Officio
(Non\$#I6aBS*	Nomeasoens	(Nok@fF6wLS#	Officios
(Nod&#I6aAV#	Notado	(Nok@fF6wLS#	Oficio
(Nod&#I6aAV*	Notar	(Nok@fF6wLS#	Oficio
(Nok@#I6aGS#	Noticia	(Nok@fF6wLS#	Ofiçio
(Nok@#I6aGS#	Notiçia	(Noj@fF6wLS*	Oficiais
(Nok@#I6aGS#	Noticias	(Noq@fF6wLV#	Ofiçiano
(Nod@#I6aGJ#	Notificado	(Noj@fF6wLV*	Ofiçiei
(Nod@#I6aGJ#	Notificados	(Noq?fF6wPN#	Oitenta
(Noj@#I6aGV*	Notifiquei	(Noq?fF6wPN#	Oitenta
(Noj\$#I6aLS#	Novais	(Noq?fF6wPN#	Oitenta
(Noj\$#I6aLS#	Novais	(Noq?fF6wPN#	Oitenta

(Noq?fF6wPN#	Oitenta	(Noj\$aM6aAS#	Ouvidorea
(Noq?fF6wPN#	Oitenta	(Noj@xM6aRJ*	Parochial
(Noq\$fF6wPN#	Oitocentos	(Noj@xM6aRJ*	Parochial
(Noq\$fF6wPN#	Oitocentos	(Nok@#I6bAJ#	Pocivel
(Noq\$fF6wPN#	Oitocentos	(Nok@#I6bAJ#	Pocivel
(Noq\$fF6wPN#	Oitocentos	(Nok@#I6bAJ#	Possível
(Noq\$fF6wPN#	Oitocentos	(Nof\$#I6bAV#	Podemos
(Noq\$fF6wPN#	Oitocentos	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noq\$fF6wPN#	Oitocentos	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noq\$fF6wPN#	Oitocentos	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Nof\$#I6bAV*	Poder
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Nod&bM6aAV*	Podera
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Nof\$#I6bAV#	Podermos
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Noj\$#I6bGV#	Podia
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Noj\$#I6bGV#	Podia
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Noj\$#I6bGV#	Podia
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Noj@#I6bGV#	Podiria
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Non@#I6bBS*	População
(Noj@fF6wAS#	Oliveira	(Noq?#I6bAC*	Porem
(Nok@fF6wAS#	Olvido	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Nok@fF6wBJ#	Omisso	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Nof\$fF6wBV*	Opor	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Nof\$fF6wBV*	Opor	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Non\$fF6wBS*	Opposições	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Non@bM6bAS*	Opposições	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Non&fF6wAS*	Orasaõ	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Noq&fF2wAS#	Orçamento	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Noq&fF2wAS#	Orçamento	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Noq&fF2wAS#	Orçamento	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Noq&fF2wAS#	Orçamento	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Noq&fF2wAS#	Orçamento	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Noq&fF2wAS#	Orçamento	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Noq&fF2wAS#	Orçamento	(Nof\$#I2bRC*	Porque
(Noq&fF2wAS#	Orçamento	(Noq?#I2bAC#	Portanto
(Noq?fF2wAV#	Orçamo	(Noq?#I2bAC#	Portanto
(Nod&fF2wAV#	Orçarmos	(Noq?#I2bAC#	Portanto
(Nof\$fF2wAV#	Ordeno	(Noq?#I2bAC#	Portanto
(Nod@fF2wAJ#	Ordinaria	(Noq?#I2bAC#	Portanto
(Nod@fF2wAJ#	Ordinaria	(Noq?#I2bAC#	Portanto
(Nod@fF2wAJ#	Ordinaria	(Noq?#I2bAC#	Portanto
(Nod@fF2wAJ#	Ordinaria	(Non%#I2bAS*	Portão
(Nod@fF2wAJ#	Ordinária	(Non%#I2bAS*	Portão
(Nod@fF2wAJ#	Ordinária	(Noj&#I2bAS#	Portaria
(Nod@fF2wAJ#	Ordinária	(Noj&#I2bAS#	Portaria
(Nod@fF2wAJ#	Ordinario	(Noj\$#I2bAS#	Porteira
(Nod@fF2wAJ#	Ordinario	(Noq@#I6bA%#	Positivamente
(Nod@fF2wAJ#	Ordinario	(Nok@#I6bAJ#	Positivas
(Nod@fF2wAJ#	Ordinario	(Nok@#I6bAJ#	Possiveis
(Nod@fF2wAJ#	Ordinario	(Noj\$#I6bAV*	Possue
(Nod@fF2wAJ#	Ordinário	(Nok@#I3bAS#	Posturas
(Nod@fF2wAJ#	Ordinário	(Nok@#I3bAS#	Posturas
(Nod@fF2wAJ#	Ordinário	(Nok@#I3bAS#	Posturas
(Nod@fF2wAJ#	Ordinário	(Nok@#I3bAS#	Posturas
(Nod@fF2wAJ#	Ordinários	(Nok@#I3bAS#	Posturas
(Nod@fF2wAJ#	Ordinários	(Nok@#I3bAS#	Posturas
(Nok@gM6aA%*	Outrosim	(Nok@#I3bAS#	Posturas
(Nok@gM6aA%*	Outrossim	(Nok@#I3bAS#	Posturas

(Nok@#I3bAS#	Postura	(Nof\$bM6rTV*	Reconheceraõ
(Noj\$#I6bAS#	Potreiro	(Nok\$bM6rTV#	Reconhecido
(Noj\$#I6bAS#	Potreiro	(Nof\$bM6rTV#	Reconheso
(Noj\$#I6bAS#	Potreiro	(Nod&bM5rAV#	Recontados
(Noj\$#I6bAS#	Potreiro	(Nod&bM2IAJ#	Reformado
(Noj\$#I6bAS#	Potreiro	(Nod&bM2IAJ#	Reformado
(Nom#!I6aAV#	Procede	(Nod&bM2IAJ#	Reformado
(Nof\$#I6aAV*	Proceder	(Nod&bM2IAJ#	Reformado
(Nof\$#I6aAV*	Proceder	(Nod&bM2IAJ#	Reformado
(Nof\$#I6aAV*	Proceder	(Nod&bM2IAJ#	Reformado
(Nok\$#I6aAV*	Proceguir	(Nod&bM2IAJ#	Reformado
(Nof@#I6aRS*	Procurador	(Noj\$gM6aAV*	Resolveo
(Nof@#I6aRS*	Procurador	(Noj\$gM6aAV*	Resolveo
(Nof@#I6aRS*	Procurador	(Nok@gM6aAJ#	Resolvido
(Nof@#I6aRS*	Procurador	(Noj\$bM5bAV*	Respondeo
(Noj@#I6aRS*	Procuradoria	(Noj\$bM5bAV*	Respondeo
(Noj\$xM6aAS*	Procuradoria	(Noj\$bM5bAV*	Respondeu
(Noj@#I6aRV*	Procuirei	(Noj\$bM5bAV*	Respondeu
(Nok@#I6aAV*	Produsir	(Nof\$bM5bAV#	Respondera
(Noq?#I6aPS#	Proença	(Nok@bM5bGV#	Respondido
(Noq?#I6aPS#	Proença	(Nod&bM5bAS#	Responsabilidade
(Noq?#I6aPS#	Proença	(Nof\$aM6rAJ#	Rigoroza
(Noq?#I6aPS#	Proença	(Nom!aM6rAJ#	Rigozoza
(Nom#!I6aRS#	Progresso	(Nok@#I6rAJ#	Robustos
(Nom#!I6aRS#	Progresso	(Nod&#I6rAS#	Rodagem
(Nom#!I6aRS#	Progresso	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Nok@#I6aPJ#	Prohibidos	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Noq\$#I6aGV#	Projectando	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Noq?#I6aAS#	Prolongamento	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Noq&bM5aRS#	Prolongamento	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Nod?#I6aAV*	Prolongar	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Nod&bM5aRV*	Prolongar	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Nom#!I6aBV#	Prometem	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Nof\$#I6aBV#	Prometeraõ	(Nok@#I6rAS#	Rodrigues
(Noq\$#I6aBV#	Promovendo	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Noq?bM6bLV#	Promovendo	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Noq&#I5aA%#	Prontamente	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Noq&#I5aA%#	Prontamente	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Nom#!I6aBS&	Proposito	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Nod@#I6aBS#	Propriedades	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Nod@#I6aBS#	Propriedades	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Nod@#I6aBS#	Propriedades	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Nod@#I6aBS#	Proprietário	(Nok@#I6rAS#	Rodriguez
(Nod@#I6aBS#	Proprietário	(Nok?#I6rAS*	Rolim
(Nom#!I6aAS#	Protestos	(Nod&#I6rAS#	Rosario
(Noq@#I6aLS#	Providencia	(Nod&#I6rAS#	Rosario
(Noq@#I6aLS#	Providências	(Nod&#I6rAS#	Rozario
(Noq@#I6aLS#	Providências	(Nod&#I6rAS#	Rozario
(Noq@#I6aLS#	Providências	(Nod&#I6rAS#	Rozario
(Nod@#I6aLV#	Providenciadas	(Noj\$#I6rAS*	Rosio
(Noq@#I6aLV#	Providenciando	(Noj\$#I6rAS*	Rocio
(Nod@#I6aLV*	Providenciar	(Noj\$#I6rAS*	Roscio
(Nod@#I6aLV#	Providenciarem	(Eoj@#I6rAS*	Rucio
(Eok@#I3bAS#	Pusturas		
(Nod&xM6aPJ#	Razoavel	(Noj\$bM6tAS#	Senhoria
(Nof\$bM6rTV*	Recolher	(Noj\$bM6tAS#	Senhoria
(Nok@bM6rTJ#	Recolhidas	(Noj\$bM6tAS#	Senhoria
(Nom!bM6rTV#	Reconhece	(Noj\$bM6tAS#	Senhoria
(Nof\$bM6rTV*	Reconhecer	(Noj\$bM6tAS#	Senhoria

RELAÇÃO DE PALAVRAS ANALISADAS

VOGAL ALTA /i/

(Miq&xM6gAS#	Additamento	(Mid@gM6aAV*	Auxiliar
(Mif\$xM6aAS*	Aferidor	(Mid&xM6lAV#	Avisados
(Mif\$bM6aAS#	Aferidores	(Mid&xM6lAV*	Avisar
(Min%aM6aAS*	Afirição		
(Mid&xM6aP%*	Aliás	(Mij\$xM6aAJ#	Brasileiro
(Miq&xM6aTS#	Alinhamento	(Mij\$xM6aAJ#	Brasileiro
(Mid&xM3aAV#	Alistado	(Mij\$xM6aAJ#	Brazileiro
(Mid&xM3aAV#	Alistado	(Mij\$xM6aAJ#	Brazileiro
(Miq&xM3aAS#	Alistamento	(Mid&bM6lAS#	Brevidade
(Miq&xM3aAS#	Alistamento		
(Mij\$zM6aPV*	Annunciou	(Mij\$#I6pGS#	Caixeiro
(Mif\$bM6aPJ*	Anterior	(Mid&xM6aAS#	Capacidade
(Mif\$bM6aPJ*	Anterior	(Mij\$xM6bAS*	Capital
(Mif\$bM6aPJ*	Anterior	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mif\$bM6aPJ#	Anteriores	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Miq&zM6gR%#	Antigamente	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Min%xM6aAS*	Aparição	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mid&xM6aRV*	Aplicar	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mid&xM6aRV#	Aplicarem	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Miq&xM6aB%#	Aproximadamente	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Miq&xM6aB%#	Aproximadamente	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mid&xM6rAV*	Aquilatar	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mim!xM6rAS#	Architecto	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Aik@xM3aAV*	Asestir	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mid&xM6aRV*	Asignar	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mid&xM6aAV*	Asinar	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Miq&xM6aRV#	Asignaraõ	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mij\$xM6aRV*	Asignei	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mij\$xM6aRV*	Asignou	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mij\$xM6aAV*	Assinou	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mid&xM6aAV#	Asinado	(Min%xM6bAS*	Capitão
(Mid&xM6aAV#	Asinado	(Mid&xM6aAS#	Caridade
(Mid&xM6aRV#	Assignados	(Mij\$xM5bAS#	Carpinteiro
(Mid&xM6aRV#	Assignados	(Mij\$xM5bAS#	Carpinteiro
(Mid&xM6aRV#	Assignados	(Mij\$xM5bAS#	Carpinteiro
(Mij\$xM6gAV*	Atirou	(Mij\$xM5bAS#	Carpinteiros
(Mid@xM6gLS*	Atividades	(Mij\$xM5bAS#	Carpinteiros
(Mid@xM6gLS*	Atividades	(Mij\$xM5bAS#	Carpinteiros
(Mid&aM6lAS*	Atividades	(Mij\$xM5bAS#	Carpinteiros
(Mid&aM6lAS*	Atividades	(Mij\$xM5bAS#	Carpinteiros
(Min@xM6aBS*	Atribuição	(Mid&xM6lTJ#	Cavilhares
(Min@xM6aBS*	Atribuição	(Mid@bM6gLV#	Certificara
(Min%aM6pAS*	Atribuição	(Mid&aM6lRV#	Certificara
(Min%aM6pAS*	Atribuição	(Mik@bM6gLV#	Certifico
(Min@xM6aBS*	Atribuição	(Mik@bM6gLV#	Certifico
(Min%aM6pAS*	Atribuição	(Aik@bM6aLV#	Certefico
(Min@xM6aBS*	Atribuisoens	(Min&#I6aAS*	Cidadaõ
(Min%aM6pAS*	Atribuisoens	(Min&#I6aAS*	Cidadaõ
(Mik@aM6lAV#	Atriviria	(Min&#I6aAS*	Cidadaõ
(Mid&bM6aAS#	Authority	(Min&#I6aAS*	Cidadaõ
(Mid&bM6aAS#	Authority	(Min&#I6aAS*	Cidadaõ
(Mid&bM6aAS#	Autoridades	(Min&#I6aAS*	Cidadaõ
(Mid&bM6aAJ#	Autorizada	(Min&#I6aAS*	Cidadaõ
(Mid&aM6aAS#	Autoridades	(Min&#I6aAS*	Sidadam
(Mid&aM6aPV*	Auxilia	(Min&#I6aAS*	Sidadaõ
(Mid@gM6aAV*	Auxilia	(Min&#I6aAS*	Cidadaõ
(Mid&aM6aPV*	Auxiliar	(Min&#I6aAS*	Cidadaons

(Min&#I6aAS*	Cidadaons	(Min%bM6bAS*	Comissaõ
(Min&#I6aAS*	Cidadoens	(Min%bM6bAS*	Comissaõ
(Min&#I6aAS*	Cidadoens	(Min%bM6bAS*	Comissaõ
(Min&#I6aAS*	Cidadoens	(Min%bM6bAS*	Comissaõ
(Min&#I6aAS*	Cidadoens	(Min%bM6bAS*	Comissaõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%bM6bAS*	Comissaõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%bM6bAS*	Commisaõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%bM6bAS*	Commisçaõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%bM6bAS*	Commisçaõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%bM6bAS*	Commissãõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Mij\$bM6aPS*	Commerciaes
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min&aM6aRS*	Comunicações
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Mij\$aM6aRV*	Communicou
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Miq?bM6aBS#	Comparecimento
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Miq?zM6aBV#	Comprimento
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Miq?zM6lAV#	Comvidando
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min\$zM6aAS*	Concideraçãõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min\$zM6aAS*	Consideraçãõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min\$zM6aAS*	Consideraçãõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Mid\$zM6aAV#	Conciderava
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%zM6gAS*	Condiçaõ
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%zM6gAS*	Condicções
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%zM6gAS*	Condições
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Min%zM6gAS*	Condições
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Aid&bM6bAS#	Conformidade
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Mid&bM6bAS#	Conformidade
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Mid&bM6bAS#	Conformidade
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Mid&bM6bAS#	Conformidade
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Miq?zM6aBS#	Conhecimento
(Mid&#I6aAS#	Cidade	(Miq?zM6aBS#	Conhecimento
(Mim!bM6bAS#	Cimiterio	(Miq?zM6aBS#	Conhecimento
(Mim!bM6bAS#	Cimiterio	(Miq?zM6aBS#	Conhecimento
(Mim!bM6bAS#	Cimiterio	(Miq?zM6aBS#	Conhecimento
(Mim!bM6bAS#	Cimiterio	(Miq?zM6aBS#	Conhecimento
(Mim!bM6bAS#	Cimiterio	(Miq?aM6aBS#	Conhicismo
(Miq\$#I5aAN#	Cincoenta	(Mid&zM6aRV*	Consignar
(Miq\$#I5aAN#	Cincoenta	(Ain@zM6aAS*	Constetuisão
(Miq\$#I5aAN#	Cincoenta	(Min%aM6pAS*	Constetuisão
(Miq\$#I5aAN#	Cincoenta	(Min%aM6pAS*	Constituiçam
(Mik@#I2aAV#	Circulla	(Min%aM6pAS*	Constituiçam
(Miq?#I2aAS#	Circunferência	(Min%aM6pAS*	Constituição
(Miq?#I2aAS#	Circunstansias	(Min%aM6pAS*	Constituição
(Miq?#I2aAS#	Circunstancias	(Min%aM6pAS*	Costituição
(Miq?#I2aAS#	Circunstancias	(Min%aM6pAS*	Costituição
(Miq?#I2aAS#	Circunstancias	(Mij@zM6gAJ*	Constitucional
(Miq?#I2aAS#	Circunstancias	(Miq?zM6gAS#	Continente
(Miq?#I2aAS#	Circunstantes	(Min@zM6gAS*	Continuação
(Mid&#I6aAJ#	Citado	(Mik@zM6gAV#	Continuam
(Min@#I6aAS*	Cituaçaõ	(Mid@zM6gAV#	Continuar
(Mid@#I6aLJ#	Civilisado	(Mim!zM6lPV*	Convier
(Mid@aM6lAJ#	Civilisado	(Miq?aM6aPS#	Conviencias
(Mid@aM6aAJ#	Civilisado	(Miq?aM6aPJ#	Conviniente
(Min@#I6aLS*	Civilização	(Miq?aM6aPJ#	Conviniente
(Min@aM6lAS*	Civilização	(Mij\$bM6bPV*	Copiei
(Min&aM6aAS*	Civilização	(Mik@bM6aGS#	Coritiba
(Mid&zM6lPJ#	Cõfiada	(Mik@bM6aGS#	Coritiba
(Min%bM6bAS*	Comiçaõ	(Mik@bM6aGS#	Coritiba
(Min%bM6bAS*	Comisçaõ	(Mik@aM6aGS#	Curitiba
(Min%bM6bAS*	Comisaõ	(Mik@bM6rGV#	Corrigido

(Mid&bM6bAV*	Creminá	(Mid&bM6aRV#	Designava
(Aid@#I6aBV*	Creminá	(Mij\$bM6aRV*	Designou
(Mij@#I6aBJ*	Criminal	(Mid&xM6aAV*	Desmoralizar
(Mij@#I6aBJ*	Criminal	(Mid&xM6aAJ#	Desorganizado
(Mij\$aM6bAJ*	Criminal	(Aik@#I3aAS#	Destruto
(Mij\$aM6bAJ*	Criminal	(Mid&bM6bAJ#	Determinadas
(Mif\$aM6aAJ#	Criminozo	(Mid&bM6bAJ#	Determinado
(Mif\$aM6aAJ#	Criminozo	(Mid&bM6bAJ#	Determinado
(Mif\$aM6aAJ#	Criminozo	(Mid&aM6bAV*	Detirminar
(Mif@#I6bBJ#	Criminozo	(Aik@#I6aLV#	Devide
(Mif@#I6bBJ#	Criminozo	(Aik@#I6aLV#	Devide
(Mif@#I6bBJ#	Criminozo	(Aiq@#I6aLV#	Devidindo
(Miq?zM6aBV#	Cumprimento	(Miq?bM6lGV#	Devidindo
(Miq?zM6aBS#	Cumprimento	(Aik@#I6aLS#	Devisa
(Miq?zM6aBS#	Cumprimento	(Miq?#I6gP%#	Diante
(Miq@#I6aBS#	Cypriano	(Miq?#I6gP%#	Diante
(Miq@#I6aBS#	Cypriano	(Miq?#I6gP%#	Diante
(Miq@#I6aBS#	Cypriano	(Miq?#I6gP%#	Diante
(Miq@#I6aBS#	Cypriano	(Mid&aM6bAV#	Dibitado
(Miq@#I6aBS#	Cypriano	(Mim!#I6gAV#	Diçeraõ
(Miq?aM6aPS#	Cypriano	(Miq\$#I6gLJ#	Diferentes
(Miq?aM6aPS#	Cypriano	(Miq\$#I6gLJ#	Diferença
(Miq?aM6aPS#	Cypriano	(Mid@#I6gLS#	Difficuldades
(Miq?aM6aPS#	Cypriano	(Mid@aM6rRS#	Difficuldades
(Miq?aM6aPS#	Cypriano	(Mim@#I6gLJ#	DifiCultozas
(Miq?aM6aPS#	Cypriano	(Mim@aM6lRJ#	Dificultozas
		(Mid&#I6gRS#	Dignades
(Min&bM6gRS*	Dedicação	(Miq&#I6gR%#	Dignamente
(Miq?bM6aBS#	Deferimento	(Min&#I6gRV*	Dignaraõ
(Miq?bM6aBS#	Deferimento	(Min&#I6gRV*	Dignarãõ
(Miq?bM6aBS#	Deferimento	(Min\$aM6aBS*	Diliberaçaõ
(Miq?bM6aBS#	Deferimento	(Mij\$#I6gTS#	Dinheiro
(Miq?bM6aBS#	Deferimento	(Mij\$#I6gTS#	Dinheiro
(Miq?bM6aBS#	Defferimento	(Mij\$#I6gTS#	Dinheiro
(Min\$bM6aBS*	Deliberação	(Mif\$#I6gPS#	Diogo
(Miq?bM6aGS#	Deligencia	(Mij\$#I6gAJ#	Direita
(Miq?bM6aGS#	Deligencia	(Mij\$#I6gAJ#	Direito
(Aiq@#I6aAS#	Deligencia	(Mij\$#I6gAJ#	Direito
(Aiq@#I6aAS#	Deligenceas	(Mij\$#I6gAJ#	Direito
(Miq?bM6aGS#	Deligenceas	(Mij\$#I6gAJ#	Direito
(Aiq@#I6aAS#	Deligencias	(Mij\$#I6gAJ#	Direito
(Aiq@#I6aAS#	Deligencias	(Mij\$#I6gAJ#	Direitos
(Miq?bM6aGS#	Deligência	(Mij\$#I6gAJ#	Direitos
(Aiq@#I6aAS#	Deligência	(Mik@#I6gAV#	Dirige
(Miq?bM6aRS#	Deliquente	(Mik@#I6gAV#	Dirige
(Mik@bM6bGJ#	Demittidos	(Mik@#I6gAV#	Dirigida
(Mid&bM6bAJ#	Denominado	(Mik@aM6aGV#	Dirigida
(Mid&bM6bAJ#	Denominado	(Mim!#I6gAV#	Disemos
(Mid&bM6bAJ#	Denominado	(Miq?bM6lBS#	Disenvolvimento
(Aiq@#I6aAV#	Derigindo	(Mij\$#I6gAV*	Disolveo
(Miq?bM6aGV#	Derigindo	(Miq?aI3gAS#	Dispença
(Aik@#I6aAV#	Derigiraõ	(Min%#I3gAV*	Dispõem
(Mik@bM6aGV#	Derigiraõ	(Min\$I3gAS*	Disposiçao
(Aik@#I6aAV*	Deriji	(Min%bM6aAS*	Disposiçao
(Mik@bM6aGV*	Deriji	(Min\$#I3gAS*	Disposições
(Mim!bM6gAJ#	Desditozos	(Min\$#I3gAS*	Disposições
(Miq?bM6lBS#	Desenvolvimento	(Min%bM6aAS*	Disposições
(Miq?bM6lBS#	Desenvolvimento	(Min%bM6aAS*	Disposições
(Mid&bM6aRV#	Designados	(Miq%#I3gAS#	Distancia

(Mid&#I6gAV*	Ditar	(Min&aM6lRS*	Expecificaçoes
(Mim!#I6gLJ#	Diversas	(Mid&bM6gAJ#	Extraordinaria
(Mim!#I6gLJ#	Diversas	(Mid&bM6gAJ#	Extraordinaria
(Mim!#I6gLJ#	Diversos	(Mid&bM6gAJ#	Extraordinaria
(Mik@#I6gLV#	Divide		
(Mif\$#I6gAV#	Dizerem	(Miq?xM6bPS#	Fabiana
		(Min@bM6aAS*	Felicitaçã
(Mid&bM6lRJ#	Edeficada	(Min&aM6aAS*	Felicitaçã
(Mid&bM6lRV#	Edeficada	(Aiq@bM6aAS#	Feleciano
(Aid@bM6aLJ#	Edeficada	(Miq?aM6aPS#	Feliciano
(Aid@bM6aLV#	Edeficada	(Miq?bM3aA%#	Felismente
(Aid@bM6aLV#	Edeficado	(Aim!bM6aRS#	Feregotti
(Mid&bM6lRV#	Edeficado	(Miq?bM6aBS#	Ferimento
(Aid@bM6aLV*	Edeficár	(Mim!bM6aRS#	Ferrigote
(Mid&bM6lRV*	Edeficár	(Mim!bM6aRS#	Ferrigote
(Aij@bM6aLV*	Edeficou	(Mim!bM6aRS#	Ferrigote
(Mij\$bM6lRV*	Edeficou	(Mim!bM6aRS#	Ferrigote
(Aim\$fF6wAS#	Édeias	(Mim!bM6aRS#	Ferrigote
(Mid@bM6gLV*	Edificar	(Mim!bM6aRS#	Ferrigote
(Mid@bM6gLV*	Edificar	(Mim!bM6aRS#	Ferrigote
(Mid&aM6lRV*	Edificar	(Miq?#I6lPS#	Fiança
(Mid&aM6lRV*	Edificar	(Miq?#I6lPS#	Fiança
(Aik@fF5wRJ#	Emcluza	(Mid&#I6lRV#	Ficaçe
(Aik@fF5wRJ#	Encluso	(Mid&#I6lRV#	Ficado
(Aid\$fF5wRV*	Emcorporar	(Miq?#I6lRV#	Ficando
(Aiq\$fF6wB%#	Emediatamente	(Miq?#I6lRV#	Ficando
(Miq&bM6gP%#	Emediatamente	(Miq?#I6lRV#	Ficando
(Aik@fF5wLJ*	Emfillis	(Miq?#I6lRV#	Ficando
(Ain\$fF5wLS*	Emformação	(Mid&#I6lRV*	Ficar
(Mid&bM6bAS#	Emissário	(Mid&#I6lRV*	Ficará
(Aiq@fF5wBV*	Empõe	(Mij\$#I6lRV*	Ficou
(Aid@fF5wGV*	Endinizar	(Mij\$#I6lRV*	Ficou
(Mid&aM6aAV*	Endinizar	(Mim&aM3aAS#	Filiberto
(Aid\$fF5wLV*	Enformar	(Mid&#I6lAS#	Finado
(Aid\$fF5wLV*	Enformar	(Mid&#I6lAS#	Finado
(Aij\$fF5wAJ#	Enteiro	(Mid&#I6lAS#	Finado
(Mid@bM6aBV#	Escripturados	(Mid&#I6lAS#	Finado
(Mim!bM6aBS#	Escriptorio	(Mid&#I6lAS#	Finado
(Mim!bM6aBS#	Escriptorio	(Miq\$#I6lA%#	Finalmente
(Mik@bM6aBS#	Escriptura	(Mij?#I6lAJ#	Financeiro
(Min%bM6aLS*	Escrivaõ	(Mij?#I6lAJ#	Financeiro
(Min%bM6aLS*	Escrivaõ	(Mid&#I5lAV#	Findarem
(Min%bM6aLS*	Escrivaõ	(Mij\$#I6lRV*	Fiquei
(Min%bM6aLS*	Escrivaõ	(Mij\$#I6lRV*	Fiquei
(Min%bM6aLS*	Escrivao	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Min%bM6bGS*	Espedicaõ	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Miq?bM6lAJ#	Evidentes	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Mid&xM6bAV#	Examinado	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Mid&xM6bAV#	Examinado	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Mij\$xM6bAV*	Examinou	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Min%bM6aLS*	Escrivam	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Aik@bM6aGJ#	Exegida	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Aik@bM6aGJ#	Exegidas	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Aik@bM6aGV#	Exegido	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Mik@bM6aGJ#	Exhigido	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Mij\$bM3aAV#	Existia	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Miq?bM3aAV#	Existindo	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Mik@bM3aAV*	Existir	(Mij\$#I3lAS*	Fiscal
(Min@bM6aLS*	Expecificaçoes	(Mim!#I6lAV#	Fizeçe

(Mim!#I6lAV*	Fizer	(Mik@fF6wAJ&	Ilustríssimos
(Mid&xM6aAS#	Formalidade	(Mik@fF6wAJ&	Ilustríssimos
(Miq?bM6bAS#	Fornecimento	(Mik@fF6wAJ&	Ilustríssimos
(Min%xM6lPS*	Gaviaõ	(Mik@fF6wAJ&	Ilustríssimos
(Min%xM6lPS*	Gaviaõ	(Mik@fF6wAJ&	Ilustríssimos
(Mim!bM6aPJ#	Glorioza	(Mik@fF6wAJ&	Ilustríssimos
(Min\$xM6gAS*	Gratidão	(Mik@fF6wAJ&	Ilustríssimos
(Min&#I6rBS*	Guimaraens	(Mik@fF6wAJ&	Ilustríssimos
(Min&#I6rBS*	Guimaraens	(Min@fF6wBS*	Imitação
(Min&#I6rBS*	Guimaraens	(Min&aM6bAS*	Imitação
(Min&#I6rBS*	Guimaraens	(Miq\$F5wBS#	Impedimento
(Min&#I6rBS*	Guimaraens	(Miq?bM6gBS#	Impedimento
(Miq?xM6bAS#	Habitantes	(Mif\$F5wBS*	Imperador
(Mim!fF6wPS*	Iapó	(Mif\$F5wBS*	Imperador
(Mim!fF6wPS*	Iapo	(Mif\$F5wBS*	Imperador
(Mij\$F6wAS#	Idea	(Mif\$F5wBS*	Imperial
(Mid&fF6wRS#	Ignacio	(Mij\$F5wBJ*	Imperial
(Mid&fF6wRS#	Ignacio	(Mij\$bM6aPJ*	Imperial
(Mid&fF6wRS#	Ignácio	(Mij\$bM6aPJ*	Imperial
(Mif\$F6wRS#	Igreja	(Mim!fF5wBS#	Imperio
(Mif\$F6wRS#	Igreja	(Mim!fF5wBS#	Imperio
(Mij\$F6wRJ*	Igoal	(Mim!fF5wBS#	Imperio
(Mij\$F6wRJ*	Igual	(Mim!fF5wBS#	Imperio
(Mij\$F6wRJ*	Igual	(Mim!fF5wBS#	Imperio
(Miq\$F6wR%#	Igualmente	(Mim!fF5wBS#	Imperio
(Mid@fF6wAJ#	Ilustrado	(Mim!fF5wBS#	Inperio
(Mik@fF6wAJ#	Illustre	(Miq\$F5wAS#	Independencia
(Mik@fF6wAJ#	Ilustre	(Miq\$F5wAS#	Independencia
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Miq\$F5wAS#	Independencia
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Miq\$F5wBS#	Importancia
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Miq\$F5wBS#	Importancia
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Miq\$F5wBS#	Importancia
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Miq\$F5wBS#	Importância
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Mid\$fF5wBS#	Impossibilidades
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Mid@aM6bAS#	Impossibilidades
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Mid&aM6aAS#	Impossibilidades
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Mif\$F5wBS#	Imposto
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Miq?fF5wBS#	Imprensa
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Miq?fF5wBS#	Imprensa
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Mik@fF5wBS#	Impulso
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Min\$fF6wAS*	Inalteração
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimo	(Min@fF3wAS*	Instrusoens
(Mik@fF6wAJ&	Illustrisima	(Min@fF3wAS*	Instrusoens
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mik\$fF5wAJ#	Interino
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mik@fF5wGJ#	Intirino
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mim\$fF5wAV#	Intromete
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mid?fF5wLJ#	Inventariada
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mid&xM6aPJ#	Inventariada
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mid?fF5wLS#	Inventario
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mik@fF5wRJ#	Incluza
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mik@fF5wRJ#	Incluza
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Miq\$F5wA%#	Indevidamente
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Miq&bM6lA%#	Indevidamente
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mid@fF5wGS#	Indicados
(Mik@fF6wAJ&	Ilustrissimos	(Mid&zM6gRS#	Indicados

(Mik@fF5wGJ#	Indigno	(Mik&xM6aRS*	Jaguaricatu
(Mif@fF5wGJ#	Indisposto	(Mik&xM6aRS*	Jaguaricatu
(Mif\$zM3gAJ#	Indisposto	(Mik&xM6aRS*	Jaguaricatu
(Mik@fF5wGS#	Individuo	(Mij@aM6gAJ*	Judicial
(Mik@fF5wGS#	Individuos	(Mij@aM6gAJ*	Judicial
(Mik@fF5wGS#	Individuos	(Mij\$aM6aPJ*	Judicial
(Mik@zM6gLS#	Individuo	(Mij\$aM6aPJ*	Judicial
(Mik@zM6gLS#	Individuos	(Min@aM6aGS*	Juridicoens
(Mik@zM6gLS#	Individuos	(Min%aM6gAS*	Juridicoens
(Mik@fF5wAS#	Industria	(Min@aM3aAS*	Jurisdissao
(Min\$fF5wLS*	Informação	(Min%aM6gAS*	Jurisdissao
(Min\$fF5wLS*	Informasaõ	(Min@aM6gLS*	Justificação
(Mim!fF5wLV#	Informan	(Min@aM6gLS*	Justificação
(Mim!fF5wLV#	Informe	(Min@aM6gLS*	Justificação
(Mim!fF5wLV#	Informe	(Min&aM6lRS*	Justificação
(Mim!fF5wLV#	Informe	(Min&aM6lRS*	Justificação
(Mim!fF5wLV#	Informe	(Min&aM6lRS*	Justificação
(Mim!fF5wLV#	Informe	(Mid@aM6gLJ#	Justificado
(Mim!fF5wLV#	Informe	(Mid&aM6lRJ#	Justificado
(Mim!fF5wLV#	Informe	(Miq@aM6gLS#	Justificante
(Mim!fF5wLV#	Informe	(Miq@aM6gLS#	Justificante
(Mim!fF5wLV#	Informo	(Miq?aM6lRS#	Justificante
(Min&fF5wLS*	Infracção	(Miq?aM6lRS#	Justificante
(Min&fF5wLS*	Infracção	(Mid@aM6gLV*	Justificar
(Min&fF5wLS*	Infracçoens	(Mid&aM6lRV*	Justificar
(Miq?fF5wLV#	Infrinjaõ	(Mik@aM6gLV#	Justifique
(Mid&fF6wAJ#	Innabeis		
(Mid&fF6wAJ#	Innata	(Mik&bM3gAJ#	Legislativa
(Mid&fF3wAV#	Instalada	(Mik&bM3gAJ#	Legislatura
(Min&fF3wAS*	Instalasaõ	(Mik\$#I6aBS#	Liberalino
(Miq@fF5wAJ#	Insuficiente	(Mik\$#I6aBS#	Liberalino
(Miq@aM6lAJ#	Insuficiente	(Mik\$#I6aBS#	Liberalino
(Miq?aM6aPJ#	Insuficiente	(Mid\$#I6aBS#	Liberdade
(Mij\$ffF5wAJ#	Inteira	(Mim!#I6aBJ#	Liberto
(Mij\$ffF5wAJ*	Intelectual	(Mid@#I6aBS#	Libirdade
(Miq?fF5wAS#	Intentos	(Miq?#I6aAS#	Licenca
(Miq\$fF5wAJ#	Interessante	(Miq?#I6aAS#	Licença
(Mif\$fF5wAS#	Interesse	(Miq?#I6aAS#	Licença
(Mif\$fF5wAS#	Interesses	(Miq?#I6aAS#	Licença
(Mid@fF5wGJ#	Intimados	(Miq?aM6aPS#	Luciano
(Mid&zM6gBJ#	Intimados	(Miq?aM6aPS#	Lusiano
(Mij\$ffF5wAS#	Intuito	(Miq?aM6aPS#	Lusiano
(Miq?fF5wLS#	Invento	(Mid&#I6aRV*	Ligará
(Min%ff2wAS*	Irmaõ	(Mik@#I6aBS#	Limites
(Min%ff2wAS*	Irmaõ	(Mik@zM6gAS#	Longitude
(Mid&fF6wRV*	Irradiar		
(Mid&xM6gPV*	Irradiar	(Mim!xM6pPJ*	Maior
(Min?fF6wAS*	Isençãõ	(Mim!xM6pPJ*	Maior
(Mid?fF6wAJ*	Isentado	(Mim!xM6pPJ*	Maior
(Miq?fF6wAV*	Isentando	(Mij\$xM6aPS*	Maciel
(Mid?fF6wAV*	Isentar	(Mij\$xM6aPS*	Maciel
(Mid?fF6wAV#	Isentaraõ	(Mij\$xM6aPS*	Maciel
(Mid?fF6wAV*	Isentar	(Mij\$xM6aPS*	Maciel
(Mid?fF6wAV#	Isentaraõ	(Mij\$xM6aPS*	Maciel
(Miq&fF6wAS#	Itapetininga	(Mij\$xM6aPS*	Maciel
(Miq?bM6gAS#	Itapetininga	(Mim!xM6lTJ#	Maravilhosa
(Min?fF6wAS*	Izençaõ	(Miq?aM6aPS#	Mariano
(Min?fF6wAS*	Izençoens	(Mij\$bM6aPS*	Materiais
		(Mij\$bM6aPS*	Material
(Mik&xM6aRS*	Jaguaricatu	(Mij\$bM6aPS*	Material

(Mid&bM6gAJ#	Ordinario	(Miq?bM6aAS#	Presidente
(Mid&bM6gAJ#	Ordinario	(Miq?bM6aAS#	Presidente
(Mid&bM6gAJ#	Ordinario	(Miq?bM6aAS#	Presidente
(Mid&bM6gAJ#	Ordinário	(Miq?bM6aAS#	Presidente
(Mid&bM6gAJ#	Ordinário	(Miq?bM6aAS#	Presidente
(Mid&bM6gAJ#	Ordinário	(Miq?bM6aAS#	Presidente
(Mid&bM6gAJ#	Ordinários	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mid&bM6gAJ#	Ordinários	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mif\$gM6lAS*	Ouvidor	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mif\$gM6lAS#	Ouvidores	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mij\$gM6lAS#	Ouvidorea	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Miq?gM6bAJ#	Palpitantes	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mik@xM6gAV#	Participa	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mik@xM6gAV#	Participo	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mik@xM6gAV#	Participo	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mid@xM6gAV*	Participar	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mid@xM6gAV*	Partissipar	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mid&aM6aBV*	Participar	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mid&aM6aBV*	Partissipar	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mij\$bM6rPJ*	Parochial	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mij\$bM6rPJ*	Parochial	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mij&xM6gLS#	Patifaria	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mim!aM6aPJ&	Patriotica	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Min%bM6aAS#	Percizaõ	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Min%bM6aAS#	Precisaõ	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mid&bM6aAV#	Perçizava	(Miq?bM6aAS#	Prezidente
(Mif\$bM6aRJ#	Perigozo	(Min&xM6aRS*	Prevaricaçoens
(Mif\$bM6aRJ#	Perigozo	(Min&xM6aRS*	Prevaricaçoens
(Min%bM6gAS*	Petiçaõ	(Mij\$#I6aBN#	Primeira
(Min%bM6gAS*	Petiçaõ	(Mij\$#I6aBN#	Primeiro
(Min%bM6gAS*	Petiçaõ	(Mij\$#I6aBN#	Primeiro
(Min%bM6gAS*	Peticaõ	(Mij\$#I6aBN#	Primeiro
(Mij\$#I6bTV*	Pilhou	(Miq\$#I6aB%#	Primeiramente
(Mij?#I6bBS*	Pimentel	(Miq@#I6aA%#	Principalmente
(Mij?#I6bBS*	Pimentel	(Miq\$zM6aB%#	Principalmente
(Mij?#I6bBS*	Pimentel	(Mik@#I5aAS#	Principio
(Mij?#I6bBS*	Pimentel	(Miq?aM6aAS#	Prisidente
(Mik&#I6bAS#	Pizaduras	(Mij@#I5aAJ*	Prinpal
(Miq@bM6aG%#	Positivamente	(Mij@#I5aAJ*	Principal
(Miq&aM6gL%#	Positivamente	(Mij\$zM6aBJ*	Principal
(Mik@bM6aGJ#	Positivas	(Mij\$zM6aBJ*	Principal
(Miq?xM6gRV#	Praticando	(Min%#I6aAS*	Prisãõ
(Mim!bM6aPJ#	Preciosa	(Min%#I6aAS*	Prizaõ
(Miq?bM6aAV#	Precisando	(Mid&#I6aLJ#	Privado
(Aij\$zM6aBJ*	Presepal	(Mik@aM6lAV#	Privinido
(Aij\$#I5aAJ*	Presepal	(Mik@bM6pBJ#	Prohibidos
(Mid\$zM6aBV#	Prensipearaõ	(Miq?bM6lAS#	Providencia
(Aid&aM6bPV#	Prensipearaõ	(Miq?bM6lAS#	Providências
(Aid@#I5aAV#	Prensipearaõ	(Miq?bM6lAS#	Providências
(Miq?bM6aAS#	Presidente	(Miq?bM6lAS#	Providências
(Miq?bM6aAS#	Presidente	(Mid?bM6lAV#	Providenciadas
(Miq?bM6aAS#	Presidente	(Mid&zM6aPV#	Providenciadas
(Miq?bM6aAS#	Presidente	(Miq?bM6lAV#	Providenciando
(Miq?bM6aAS#	Presidente	(Miq?zM6aPV#	Providenciando
(Miq?bM6aAS#	Presidente	(Mid?bM6lAV*	Providenciar
(Miq?bM6aAS#	Presidente	(Mid&zM6aPV*	Providenciar
(Miq?bM6aAS#	Presidente	(Mid?bM6lAV#	Providenciarem

(Mid&zM6aPV#	Providenciarem	(Mid@aM6aLV*	Significar
(Mid&gM6aAS#	Qualidades	(Mid&aM6lRV*	Significar
(Mid&gM6aAS#	Qualidades	(Miq?#I5aRN#	Sinquenta
(Mid&gM6aAS#	Qualidades	(Min@#I6aAS*	Situação
(Min@gM6aLS*	Qualificação	(Aiq@bM6lAJ#	Sofeçiente
(Min&aM6lRS*	Qualificação	(Miq?bM6aPJ#	Sofeçiente
(Mij\$#I5rAS*	Quintal	(Miq@bM6lAJ#	Soficiente
(Mij\$#I5rAS*	Quintal	(Miq?aM6aPJ#	Soficiente
(Mim!#I6rAV#	Quizeçe	(Miq?bM3aAS#	Subsistência
(Mim!#I6rAV#	Quizeçe	(Mik@aM6gAV#	Subtituisse
		(Miq&bM6aL%#	Sucesivamente
		(Miq@aM6lAJ#	Suficiente
(Mij\$xM6aAV*	Realisou	(Miq@aM6lAJ#	Suficiente
(Miq?gM6aAJ#	Recalcitrante	(Miq@aM6lAJ#	Suficientes
(Miq?bM3gAV#	Registrando	(Miq?aM6aPJ#	Suficiente
(Miq?bM3gAV#	Registrando	(Miq?aM6aPJ#	Suficiente
(Min%xM6gAS*	Repartição	(Miq?aM6aPJ#	Suficientes
(Min%xM6gAS*	Repartiçãoens	(Mif\$bM6aPS*	Superior
(Miq?bM6aBS#	Requerimento	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq?bM6aBS#	Requerimento	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq?bM6aBS#	Requerimento	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq?bM6aBS#	Requerimentos	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mid&bM6aAV*	Requezitar	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Aid@bM6rAV*	Requezitar	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq?bM6aAJ#	Residente	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq?bM6aAJ#	Residente	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mid&bM6aAV#	Resitado	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mid@xM6bAS#	Responsabilidade	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mid&aM6aAS#	Responsabilidade	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mid&bM6gAV#	Retirado	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Min%gM6aPS*	Reunião	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Min%gM6aPS*	Reunião	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Min%gM6aPS*	Reunião	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mid&xM6aAV*	Revalida	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq?bM6gBS#	Revestimento	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq?bM6aAS#	Rezidencia	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$#I6rBS#	Ribeiro	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$#I6rBS#	Ribeiro	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$#I6rBS#	Ribeiro	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$#I6rBS#	Ribeiro	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$#I6rBS#	Ribeiro	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$#I6rBS#	Ribeiro	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$#I6rBS#	Ribeiro	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$#I6rBS#	Ribeiro	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mif\$#I6rRS*	Rigor	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mif\$#I6rRJ#	Rigoroza	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mim\$#I6rRJ#	Rigozoza	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
		(Miq?aM6aRS#	Suplicante
		(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq&xM3gAV#	Satisfazendo	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$xM3gAV#	Satisfeito	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mij\$xM3gAV#	Saptisfeito	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Miq?#I6aPS#	Sciencias	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Min%xM6gPS*	Sebastião	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Min%bM6gAS*	Sertidaõ	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Min%bM6gAS*	Sertidaõ	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Ain@#I6aAS*	Serurgiaõ	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Min%aM6gPS*	Serurgiaõ	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mid&bM6lAV*	Servirá	(Miq?aM6aRS#	Suplicante
(Mid@#I6aRV*	Significar	(Miq?aM6aRS#	Suplicante

(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq&zM6aB%#	Unanimamente
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq&aM6aR%#	Unicamente
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq\$aM6aL%#	Uniformamente
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Mid@bM6aLV*	Verificar
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Mid&aM6lRV*	Verificar
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Aik@#I2IAS#	Virtude
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq?#I6lPS#	Vianna
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq?#I6lPS#	Vianna
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq?#I6lPS#	Vianna
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq?#I6lPS#	Vianna
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq?#I6lPS#	Vianna
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq?#I6lPS#	Viana
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq?#I6lPS#	Vicente
(Miq?aM6aRS#	Suplicante	(Miq?#I6lPS#	Vicente
(Min%bM6aPS*	Tabelliaõ	(Miq&#I6lRS#	Vigamento
(Min%bM6aPS*	Tabelliaõ	(Miq&#I6lRS#	Vigamento
(Min%bM6aPS*	Tabelliaõ	(Mid&#I6lRS#	Vigário
(Mid&bM6bAJ#	Terminado	(Mid&#I6lRS#	Vigátas
(Miq?bM6bAJ#	Terminantes	(Mid&#I6lRS#	Vigilancia
(Mif\$#I6gGS#	Tijollo	(Miq@aM6gAS#	Vigilancia
(Mim!#I6gGS#	Tijollos	(Mif\$#I6lRS*	Vigor
(Mid&#I6gAV#	Tiradas	(Mif\$#I6lRS*	Vigor
(Mim!#I6gLV#	Tiveraõ	(Mif\$#I6lRS*	Vigor
(Mim!#I6gLV#	Tivese	(Mif\$#I6lRS*	Vigor
(Mik&#I6gBS*	Tibajy	(Mif\$#I6lRS*	Vigôr
(Mim!#I6aBS#	Trimestre	(Mik@#I2IAS#	Virtude
(Mim!#I6aBS#	Trimestre	(Mik@#I2IAS#	Virtude
(Mid&#I5aAS#	Trindade	(Mik@#I2IAS#	Virtude
(Min%#I3aAS*	Tristaõ	(Mid@#I6lAV*	Vizitar
(Min%#I3aAS*	Tristaõ	(Mid&aM6aAV*	Vizitar
(Min%#I3aAS*	Tristaõ	(Mim!#I6wPS*	Yapó
(Mid&bM6gBV*	Ultimar		

RELAÇÃO DE PALAVRAS ANALISADAS

VOGAL ALTA /u/

(Mun&xM6rAS*	Acuzação	(Mun@bM6bAS*	Comunicações
(Mum!gM6bRS#	Albuquerque	(Muj@bM6bAV*	Communicou
(Mum!gM6bRS#	Albuquerque	(Auq@#I5rBV#	Comprimento
(Mum!gM6bRS#	Albuquerque	(Muk@zM6aAV#	Conduzidas
(Mum!gM6bRS#	Albuquerque	(Muk@zM6aAV*	Conduzis
(Mum!gM6bRS#	Albuquerque	(Mun@bM6aPS*	Constetuição
(Mum!gM6bRS#	Albuquerque	(Mun@bM6aPS*	Constituíam
(Mum!gM6bRS#	Albuquerque	(Mun@bM6aPS*	Constituição
(Muq\$xM6aP%#	Annualmente	(Mun@bM6aPS*	Costituição
(Muk@xM6aPV*	Annuir	(Muj\$aM6aAJ*	Constitucional
(Muj@xM5aAV*	Annunciou	(Mun%zM6aAS*	Construção
(Auq?#I6pAJ#	Aozentes	(Mun%zM6aAS*	Construção
(Mud&xM6bAJ#	Apurada	(Mun%zM6aAS*	Construção
(Mun&xM6bAS*	Apurasaõ	(Mun%zM6aAS*	Construção
(Mun@aM6bPS*	Atribuição	(Mun%zM6aAS*	Construção
(Mun@aM6bPS*	Atribuição	(Muk@zM6aPV*	Construir
(Mun@aM6bPS*	Atribuição	(Muk@zM6aPV*	Construir
(Mun@aM6bPS*	Atribuisoens	(Mun&aM6aPS*	Continuação
(Muj\$xM6aPJ*	Atual	(Mud&aM6aPV*	Continuar
(Muj\$xM6aPJ*	Actual	(Auk@#I6rAS#	Coritiba
(Mud\$#I6pAS#	Authority	(Auk@#I6rAS#	Coritiba
(Mud\$#I6pAS#	Authority	(Auk@#I6rAS#	Coritiba
(Mud\$#I6pAS#	Autoridades	(Muk@#I6rAS#	Curitiba
(Mud\$#I6pAJ#	Authorizada	(Mud&bM6aBS#	Costumada
(Muj\$#I6pAV*	Autoei	(Muk@#I6rAS#	Cultura
(Muj\$#I6pAV*	Autoei	(Muk@#I5rBV#	Cumprido
(Muq\$#I6pAS#	Autoamento	(Muq@#I5rBV#	Cumprimento
(Muq\$#I6pAS#	Autoamento	(Muk@#I5rBV*	Cumprir
(Mud@#I6pAS#	Auturidades	(Muk@#I5rBV*	Cumprir
(Mud@#I6pAV*	Auxilia	(Muk@#I5rBV*	Cumprir
(Mud@#I6pAV*	Auxiliar	(Mud&#I6rTS#	Cunhado
(Muq?#I6pAS#	Auzencia	(Mud&#I6rTS#	Cunhado
(Muf?#I6pAV*	Auzento	(Mud&aM6aBJ#	Custumados
(Auk@gM6aPS#	Baldoino	(Mud&bM6bAS#	Deputado
(Muk@gM6aPS#	Balduino	(Mud&bM6rBV*	Desocupar
(Auq\$#I6bPS#	Boeiro	(Mud&aM6lAS#	Difficuldades
(Auq\$#I6bPS#	Boeiro	(Mum!aM6rAJ#	DifiCultozas
(Auq\$#I6bPS#	Boeiro	(Auq?bM6rBS#	Docomento
(Muf\$#I6bPS#	Bueno	(Muq?bM6rBS#	Documentos
(Muf\$#I6bPS#	Bueno	(Muq?#I6aAN#	Dusentos
(Muf\$#I6bPS#	Bueno	(Muq?#I6aAN#	Dusentos
(Muq\$aM5rLS#	Circunferência	(Muq?#I6aAN#	Dusentos
(Muq?aM3rAS#	Circunstansias	(Muq?#I6aAN#	Dusentos
(Muq?aM3rAS#	Circunstancias	(Aum!bM6pAS#	Eleoterio
(Muq?aM3rAS#	Circunstancias	(Mum!bM6pAS#	Eleuterio
(Muq?aM3rAS#	Circunstancias	(Mum!bM6pAS#	Eleuterio
(Muq?aM3rAS#	Circunstancias	(Mum!bM6pAS#	Eleuterio
(Muq?aM3rAS#	Circunstancias	(Muk@bM6aBS#	Emolumentos
(Mun&aM6aPS*	Cituação	(Muq?bM6aBS#	Emolumentos
(Muf\$aM6gAJ*	Coadjutor	(Mud&aM6aAV#	Escriturados
(Muf\$aM6gAJ*	Coadjutor	(Muf&bM6aAS#	Escrutadores
(Muf\$aM6gAJ*	Coadjutor	(Muf&bM6aAS#	Escrutadores
(Muf\$aM6gAJ*	Cuadjutor	(Muf&bM6aAS#	Escrutadores
(Muf\$aM6gAJ*	Cuadjutor	(Muf&bM6aAS#	Escrutadores
(Auk@#I6rAS#	Coltura		

(Muk&#I6aBJ# (Muq?#I3aAS#	Supraditto Sustento
(Mud@fF6wAV* (Mud&fF6wAV# (Muq?fF6wA%# (Muq?fF6wAJ& (Muq@fF6wA%# (Muk@fF6wAV# (Muk@fF6wAV# (Muk@fF6wAV# (Muk@fF6wAV# (Muk@fF6wAV# (Muk@fF6wAV# (Muq@fF6wA%# (Muk@fF6wAV* (Muk@fF6wAV* (Muq?fF2wAJ# (Mud&fF6wAJ# (Muq@fF6wAV# (Muq?aM2aAV#	Ultimar Ultrapassaraõ Unanimamente Unanime Unicamente Unida Unida Unida Unido Unido Unido Uniformamente Unir Unir Urgente Usadas Usurpando Usurpando

Acta da Junta da Mesa Parochial para se fazer
com Elitores da Parochia desta Villa de Castro como a lei
no fide Clada

Nos quatorze dias do mez de Setembro de mil oitocentos
e vinte e sete annos feizimo da Independencia do Imperio
do Brasil nesta Villa de Santa Cruz
de Castro no Corpo de sua Igreja Matriz Jazim
do officio Presidente o Juizante Joaquim Carneiro
e tendo havido sido previamente convocados todos
os Cidadãos elegiveis desta Parochia e sendo adij
emais o Reverendo Coadjutor Augusto Gonçal
ves Guimarães para o effecto de se fazerem as
eleições Parochiaes para a segunda legislatura
Gral Ordinaria do Imperio do Brasil em Cum
primento do Capitulo segundo do artigo quinto do
da Constitução e Decreto de sua Magestade Im
perial e esta ditos de Junho do corrente anno e
observadas as Instruções de vinte e seis de Maio de
mil oitocentos e vinte e quatro foi por elle dito
Presidente da Mesa Eleitoral de accordo com o
Reverendo Coadjutor nomeados para Secretarios
João de Oliveira Prado e Lourenço Pereira Jos
dão e para Escrutadores João Baptista Rebel
ro e Ant. Fery Jose Rebelo da Fonseca de pois
deter o referido Coadjutor Augusto Gonçalves
Guimarães Celebrado a Mesa criada do Espiri
to Santo e feita a sua Mesa relativa as Cir
cunstanças do acto entães lio o Presidente o
Capitulo primeiro e segundo das Instruções
e por quantando a de pois atodos os Circunstantes
fez saber a qual duvida que opor as nomeações
feitas para Secretarios e Escrutadores bem como
se fizesse constar haver prouta ou soborno para que
se fizessem os votos de presente e de futuro em pessoa
ou de suas determinadas foi unanimente re
pondido que se não formava e approvava as de
suas nomeações e que se não constava ha
ver prouta ou soborno algum em virtude do
que tomavam logo os ditos nomeados seus Co
mmissarios e sentos ficando por esta maneira o
talada a Mesa Eleitoral da Parochia e por

Nº Doc.: 01
Composição: fólho 1r
Tipologia: Ata
Datação: 1828
Assunto/resumo: Ata de eleição
Autor: Lourenço Pereira Jordão

Acta da instalação da Mesa Parochial para se elegerem Eleitores da Parochia desta Villa de Castro como abaixo sede Clara

N. 1.

- 5 Aos quatorze dias do mes de Setembro de mil oitocentos e vinte e oito annos setimo da Independencia do Imperio do Brasil nesta Villa da Senhora Santa Anna de Castro no Corpo da Igreja Matris foi vindo o Juiz Presidente o Ajudante Joaquim Carneiro
- 10 Lobo havendo sido previamente convocados todos os Cidadãos elegiveis desta Parochia e sendo ahy emais o Reverendo Coadjutor Augusto Gonsalves Guimaraens para o facto desejoso de se verem as
- 15 Eleições Parochiaes para a segunda legislatura Geral Ordinaria do Imperio do Brasil em cumprimento do Capitulo segundo do artigo cento e dois da Constituição e Decreto da Magestade Imperial e carta de tres de Junho do corrente anno Observadas as Instruções de vinte e seis de Março de
- 20 mil oitocentos e vinte e quatro foi por elle dito Presidente da Mesa Eleitoral¹⁵⁶ de accordo com o referido Coadjutor beneadidos para secretarios João de Oliveira Prado e Lourenço Pereira Jordão e para Escrutadores¹⁵⁷ João Bautista Ribeiro e Alferes Joze Ribeiro da Fonseca depois de ter o referido Coadjutor Augusto Gonsalves Guimaraens Celebrado Missa rezada do Espirito santo e resitado sua Oração relativa as Circunstancias do acto então leu o Presidente os
- 25 Capitulos primeiro e segundo das Instruções e perguntando¹⁵⁸ a depois a todos os Circunstanciaes setinhaõ alguma duvida que opor as nomeações feitas para secretários e Escrutadores bem como selhes constava haver peita ou soborno para que
- 30 rechaíssem os Votos da presente Eleição e na pessoa ou pessoas determinadas foi Unanimamente respondido que se conformavaõ e aprovavaõ as referidas nomeações e que lhesnaõ constava haver peita ou soborno algum em virtude do

¹⁵⁶ 21: Eleitoral, ms. Elatorial

¹⁵⁷ 24: O mesmo que investigador.

¹⁵⁸ 31: Perguntando, ms. Proguntando.

- 40 que tomarão logo os ditos nomeados seus Competentes assentos ficando por esta maneira instalada a Mesa Eleitoral de Paróquia e prin

Transfira-se as memórias avatafais que se
 successivamente seguiu por todas as Cidades e
 lugares que se avatafais presentes e presentes
 listas em huma Alcaia proxima a pruzepa
 Cajas listas tendo sido recolhidas em huma
 na que estava sobre a Alcaia foras aodepoy
 todas pelas Curatadoras e se avatafais noventa e
 centrando a Alcaia naapurafais deley jah
 N. 89 eluty seguinte 1.º Capitão moí José Carr
 do Lobo com oitenta e nove votos 2.º Abrom
 N. 88 Lusiano Carneiro Lobo com oitenta e oito
 N. 86 3.º Capitão Balduino de Almeida Aguiar e
 N. 84 oitenta e seis votos 4.º Tenente Bernard
 nira Paiz com oitenta e cinco votos 5.º Jo
 N. 49 Baptista Pubeiro com quarenta e sete vo
 46 6.º Capitão Manuel José Navay com qua
 25 ta e seis votos 7.º Tenente Lourenço Mar
 dey Rebey com vinte e seis votos 8.º Pa
 22 José Gaspar da Rocha com vinte e duas vo
 8 Joaquin José de Andrade com oito votos 9.º
 N. 6 José José Pubeiro da Pousa com seis votos 10.º
 5 Apudante Joaquin Carneiro Lobo com cinco
 N. 4 11.º Antonio Dominguez Gaspa com qu
 4 tro votos 13.º Capitão Manuel José de Pa
 N. 4 com quatro votos 14.º Alferes Alvaro Gon
 N. 3 re Gonçalves Guimaraes com tres votos 16.º
 2 re Bernardo Gony com dois votos 17.º Ma
 N. 2 el Morua Gofes com duas votos 18.º Capa
 N. 2 Joaquin José Borges com duas votos 19.º
 N. 2 re José Martim de Oliveira com duas vo
 1 João de Oliveira Prado com hum voto 28.º
 N. 8 Baptista Penteado com hum voto 22.º
 4 nio José Marado com hum voto 23.º
 N. 8 nio Francisco de Matos com hum voto 24.º

Composição: fólho 1v
Tipologia: Ata
Datação: 1828
Assunto/resumo: Ata de eleição
Autor: Lourenço Pereira Jordão

- Prensipearaõ os membros avottasaõ que foÿ
 sucesivamente seguida por todos os Cidadoens e
 45 legiveis que seaxavaõ presentes esCrevendo suas
 listas em huma Mesa proxima apreñsepal
 Cujas listas tendo sido recolhidas em huma Ur
 na que estava sobre aMesa foraõ aodepois Com
 ttados pelos Escrutadores eseaxaraõ noventa ehuã
 50 e entrando a Mesa na apurasaõ delles sahiraõ
 V. 89 eleitos osseguintes 1º oCapitaõ mor Joze Carnei
 ro Lobo com oitenta e nove votos 2º oCoronel
 V. 88 Lusiano Carneiro Lobo com oitenta eoitto votos
 V. 86 3º oCapitaõ Balduino de Almeida Taques com
 55 V. 81 oitenta eseis Vottos 4º oTenente Bernardo Mo
 reira Pais com Oitenta ehum votos 5º Joaõ
 V. 47 Bautista Ribeiro com quarenta esete vottos
 46 6º oCapittaõ Manoel Joze Novais com quaren
 ta eseis vottos 7º oTenente Lourenso Marcon
 60 25 des Ribas com Vinte esinco Vottos 8º oPadre
 22 Joze Gaspar da Rocha com Vinte edois Votos 9º
 8 Joaquim Joze deAndrade comoito Votos 10º o Al
 V. 6 feres Joze Ribeiro daFonseca com seis Votos 11º o
 5 Ajudante Joaquim Carneiro Lobo com cinco vo
 65 V. 4 ttos 12º Domingues Garsia comqua
 4 tro vottos 13º o Capitaõ Manoel Joze de(Frias)
 V. 4 comquatro votos 14º o Alferes Alvaro Gonsal
 ves Martins comquatro Votos 15º o Tenente Jo
 V. 3 ze Gonsalves Guimaraens com tres Votos 16º Jo
 70 2 ze Bernardo Gomes com dois Votos 17º Mano
 V. 2 el Moreira Garses comdois votos 18º OCapitaõ
 V. 2 Joaquim Jose Borjes comdois Votos 19º o Alfe
 V. 2 res Joze Martins deOliveira comdois Votos 20º
 1 Joaõ deOliveira Prado comhum Voto 21º Joaõ
 75 V. 1 Bautista Penteado comhum Voto 22º Anto
 1 nio Joze Maxado com hum voto 23º Anto
 V. 1 nio Francisco deMatos com hum voto 24º o Pa

Padre Augusto Gonfa P. Guimaraens com
 hum voto de 25 e ajudante Luciano de Mello Pe
 go com hum voto. E por esta forma houverão ely
 Presidente e Reverendo Coadjuutor felicitario e
 erudito e por apurado e apresente Cleofas de Pa
 rochia e suas listas de seus respectivos Electores
 em numero de seis por Carta eite Pretor e
 fuitos fogos segundo a conformação do Reverendo
 Coadjuutor foi publicada pelo Presidente e por
 mim avirados por Carta para no seguinte dia
 quinze de setembro viriam a feter nesta myõna
 Igreja Matriz a folõna de hum laudamey
 em afaõ de grafas e conjue fedifolues a Junta
 Electoral de Parochia de que para Carta e man
 dou laudar apresente acta em que a fenoõ com
 o mais membros da Mesa e eu Laureço Pe
 rira Jordão felicitario da Junta Parochial e
 euvi

Jaquim Carneiro Sõto
 Augusto de Mello
 João de Viveira Prado
 Laureço Peres Jordão
 João Baptista de S. L. S.
 Jõõ de S. L. S. de S. L. S.

Por tudo ao Jaquim

Nº Doc.: 01
Composição: fólio 2r
Tipologia: Ata
Datação: 1828
Assunto/resumo: Ata de eleição
Autor: Lourenço Pereira Jordão

Padre Augusto Gonsa[lves] Guimaraens com V
 hum voto 25º o Ajudante Lusiano deMello Re V
 80 go com hum votto Eporesta forma houveraõ eles
 Presidente eReverendo Coadjutor seCrettarios e Es
 crutadores por apurada apresente Eleisaõ dePa
 rochia cujas listas deseus respectivos Eleitores
 85 em numero deseis por Conter este Destrito seis
 sentos fogos segundo ainformasaõ do Reverendo
 Coadjutor foi publicad[o] pelo Presidente epor
 mim avisados por Carta para nosequite dia
 quinze desettembre virem adestir nesta mesma
 90 Igreja Matris aosolene TeDeum laudamos
 em asaõ degrasas com que sedisolveo aJunta
 Eleitoral de Parochia deque para constar man
 dou lavrar apresente acta emque asenou com
 os mais membros daMesa eeu Lourenso Pe
 reira Jordaõ seCretario daJunta Parochialoes
 95 crevis

100 Joaquim Carneiro Lobo
Augusto Gonsalvez Guimaraens
Joaõ deOliveira Prado
Lourenso Pereira Jordão
Joaõ Baptista Ribeiro
Jozé Ribeiro da Fonseca (Lima)

[incompreensível] Taques

Resebe de 1788 a 1790 a Ser. Contendo q
 pondo he uero q o Ex^{to} Sr^o Presidente Ordenou
 eu mandae fazer a ponte do Rio Jaguariatu; Con
 todo a exp^{ta} p^{ta} adas p^{ta}videncia; a factura da
 ta ponte, querendo trater em p^{ta}videncia nas m^{ta} p^{ta}videncia
 asar q querendo em p^{ta}videncia; Exercer Comidando q ad
 bra Thomaz de tal morador em N^o de Itapetininga q
 respondio q p^{ta}videncia Mellytia de Thomaz q
 ra amotus q nas p^{ta}videncia uis fazer dita ponte; Logo
 p^{ta}videncia atrates Com hum Daniel de tal morador q
 fabrica de ferro q tambem sabe sup^{ta}videncia q
 p^{ta}videncia Com sua tropa Carregada trab^{ta}thando q
 farias conta largas dela; Fiqui de enganado de
 nas arax mytre Soficiente tuia noticia q nat^{ta}
 do Sr^o Antonio Joaze parauo hum Carpinteiro
 andante denome Mansel Marques p^{ta}videncia de
 bon Carpinteiro Comio p^{ta}videncia feito ad Sr^o Co
 que elogo uis querendo eu trater ad ponte Com
 sup^{ta}videncia q uis trater feito ponte eq^o Sr^o de
 quelle respondio era enganado; Fiqui de enganado; Von
 do ed q nas achada Mytre, apronta lavradora ofe
 as l^{ta} Jaguariatu p^{ta}videncia amadera pronta lavrada de
 atre f^{ta} no Casca; levando mantimento p^{ta}videncia de
 mo de f^{ta} ad manerio tornei aq^{ta} Villa p^{ta}videncia
 Com an^{ta} q^{ta} q m^{ta} p^{ta}videncia ad^{ta} de
 Sr^o de tal abix as dita l^{ta} levando gente imon
 tira Soficiente trater Com An^{ta} a Daniel L^{ta}
 para ambos l^{ta} l^{ta} e Secouer de m^{ta} p^{ta}videncia
 q^{ta} o Sr^o de tal l^{ta} e Manselley Sr^o melicia
 may ofeise ad Sr^o de tal l^{ta} e Lourenco Marcondes
 pedindo aquely l^{ta} melicia p^{ta}videncia obra p^{ta}
 blud pronta mandou ordenar p^{ta}videncia

Nº Doc.: 02
Composição: fól. 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 15 de setembro de 1829
Assunto/resumo: Resposta ao pedido de melhoria na estrada e construção de ponte
Autor: José Carneiro Lobo

Ressebi o officio de *Vossas Senhorias* e Vejo o Seo Conteudo *que* Res=
 pondo hé *verdade que* o *Excelentíssimo Senhor* Prezidente Ordenome
 eu mandaçe fazer aponte do Rio Jaguaricatu <Jaguaricetu>; Com
 todo o exforço paçei a dar providências a factura dadi=
 5 ta ponte, querendo tratar empleitada não mefoi pocivel
 axar *quem* quizeçe empleitar; Escrevi Com vidandopara a o
 bra Thome detal morador em *Vila* de Itapetininga este me
 respondeo *que* padessia Molestia de Reumatismo heçe he=
 ra omotivo *que* não podia vir fazer a dita ponte; logo
 10 procurei atraxtar Com hum Daniel detal morador na
 Fabrica do ferro *que* tam bem sobre respondeume que não podia
 por andar Com Sua tropa Carregada trabalhando *que* lhenaõ
 faria Conta largar dela; Fiquei des enganado de
 não axar mestre Soficiente tive no tiçia *que* naFazenda
 15 do Tenente Antonio fogaça parava hum Carpinteiro
 andante denome Manoel Marques por medizerem Ser
 bom Carpinteiro Xameio por um officio feito aodito Tenente Fo=
 gaça elogio veio eu querendo tractar *adita* ponte Com elle
 respondeume *que* nunca tinha feito ponte *eque* o Seu ofiçio
 20 *que* elle aprendeo era emgenharia fiquei des enganado; ven
 do eu *que* não achava Mestre; aprontei lavradores efui
 ao lugar Jaguaricatu pus amadera prontalavrada deCo
 atro façe no Cavaco levando mantimentos para monicio eco
 mo desfiz o *dito* monicio tornei aesta Villa para termos
 25 Com amesma gente *quando que* mefoçe pocivel adezanove do
 Junho tornei ahir ao dito lugar levando gente eman
 timentos Sofeçiente tratei com Antonio (*Gabriel*) e Daniel Leite
 para ambos hirem levantar e servirem demestre pa
 gandolhe Seos Jornais eComo elles Sam meleçia
 30 nos ofiçiei ao *Senhor* Tenente Lourenco Marcondes
 pedindo aqueles dois melicianos para aquela obra pu
 blica prontamente mandou ordem para meaCompa

Para me alorpanhar em pagando os Teos Termaij e
 pntente, Tratado Com o dny Carpentier p. d. Lavren
 aty domin oito dny logo que sequis no dito lu
 gao Inguaricatus e pntente or Carrador e meti
 tray Carrador Com aboirdalor pntente alondu
 ur e m idery e puy toda am adeira no Barran
 co do Rio no lugar onde se ade luantas aditas
 ponte aditas m adeira he m^{to} boa toda he de
 Terma Lavrada deloatro face Com a Sima de
 tne magira anty q sobre de que falta faltan
 do Tom p estuata ponte toda esta madeira no
 Barranco do Rio Com a Sima de dny Farenho
 ventos elantos dny de puy q de tra Lahi e ja eu
 desolto p nas podes mais e peras or dny Car
 pintier pua q demora enad Termaij que fa
 res Com aquela ponte e Ser lugar m puygo
 ro do gentis barbaros puy md desolto Com a Si
 ma de dny em Caminho em loutos Com Cortes
 de ambos uindos a louto do David Ter a Si
 nasce Cuyos Cortes em clura de meto para
 8488808 uerem e ty Sam or obytauls que te
 sibe em Contrado hea he a Terad denad e ty
 aditas ponte pntente e he m^{to} publico a falto que
 tem nesto Villa del Carpin tury tanto a Sima q
 sy diligency p Carpentier de troy dilly or
 nad puda arar nad tes Sibe per aquele lu
 gar Ser m puygo de gentis que nad puda da
 das q quireu uis fazer bem enton elido aquele
 ofusay de fora q ordatura nad tem q Terad
 quideren p Ser obra publico

Para esta obra he de
 meu Paj Coronel Luciano Carneir Lobs Ser
 mel dny p. p. de Parq meo Nouay e tro

Nº Doc.: 02
Composição: fól. 1v
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 15 de setembro de 1829
Assunto/resumo: Resposta ao pedido de melhoria na estrada e construção de ponte
Autor: José Carneiro Lobo

Para meacompanharem pagando os Seos Jornais Com
 petente, Tratei Com os dois Carpinteiro para Sairem
 35 atras demim oito dias logo que xeguei no dito lu
 gar Jaguaricatu aprontei os Carreadores e meti
 tres Carretoins Com a boiadaCompetente aCondu
 zis as madeiras epus toda amadeira no Barran
 co do Rio no lugar onde Se adelevantar adita
 40 ponte adita madeira hé *muito* boa toda hé de
 Serne lavrada deCoatro faça Como a Sima diçe
 tem madeira antes *que* Sobre do *que* falte faltan
 do Somente *para* estimala por ta toda esta madeira no
 Barranco do Rio Como a Sima diçe ; Fazendo
 45 vinte etantos dias des pois *que* desta Sahi eja eu
 devolta por não poder mais esperar os dois Car
 pinteiros pela *grande* demora enão termais que fa
 zer Com aquela jente e Ser o lugar *muito* perigo
 zo do gentio barbaro pus me devolta Como a Si=
 50 ma diçe em Caminho emContrei Com Cartas
 de ambos vindo aCarta do Daniel Sem a Si
 narçe Cujas Cartas em cluza Remeto para
 Vossas Senhorias verem estes Sam os obstaculo que te
 nho emContrado heça hé aRazaõ denão estar
 55 adita ponte pronta ehé *muito* publico afalta que
 tem nesta Villa deCarpinteiros tanto a Sim *que*
 fis deligenceas por Carpinteiros deotras Vilas eos
 não pude axar não sei Sehão per aquele lu=
 60 gar Ser *muito* perigozo do gintio que não pude a
 xar *quem* quizeçe vir fazer bem entendido aqueles
 ofeceaes defora, que os daterra não tem *que* Repu
 ginarem *por* Ser obra publica

Para esta obraRecebe de
 meo Paÿ oCoronel Luciano Carneiro Lobo Sem
 65 mil reis *por* ponte do Sargento Mor Novais eotro

Contra Sem p^o Conta delle eu vinda mad^o p^o d
 Conta de que nella des p^odi p^o hio equacione o d^o
 que Veyta p^o ter m^oficado or a Sentes em Inquid
 bibe mando uis a fir deud fures vendadire m^o d^o
 Conta de que des p^odi em tom furesi Ver 8^o 3^o 11^o
 applicarum p^o o Com luno da dita obra;

Hoje meo Reformado p^o dilcto de 15 de Dezembro
 do anno pp^o noij que de Concac que aturta eton
 thos, amoy tetho Servido Comdaly e amos cu 8^o 3^o
 Augusto Imperador e p^o p^o a 8^o 3^o 11^o p^o m^o d^o
 & illu dilcto 15 de 8^o de 1729

M^o m^o G^o p^o d^o
 Int^o Presidente e Membros
 da Camara Municipal

Lourenço Lobo
 Cap. Reformado

Nº do Doc.: 02
Composição: fól. 2r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 15 de setembro de 1829
Assunto/Resumo: Resposta ao pedido de melhoria da estrada e construção de ponte
Autor: José Carneiro Lobo

70 Eoutro Sem por Conta delle eu inda não fis a
 Conta do que nella des pendí por hiço iguino o dito
 que Resta *por* ter meficado os aSentos em Jaguar<a>
 brebe mando vir afim deca fazer verdadeiramente a
 Conta do que des pendí em tam farei Ver a *Vossas Senhorias*
 aplicarem para oConsumo da dita obra;

75 Hoje meaxo Reformado por deCreto de 15 deDezembro
 do anno *próximo passado* pois quero des cançar que atrinta etan
 ttos annos tenho Servido Com deligencia ao Noso
 Augusto Imperador eDeus guarde a *Vossas Senhorias por muitos anos*
 Villa deCastro 15 de *outubro* de1829

80 *Ilustríssimos*
 Senhores Prezidente e Membros
 daCamara Munissipal

JoseCarneiro Lobo
 Capitão Mor Reformado

Antonio da Minguês Garcia Cidadão desta Imperio
 fiscal da Camera Municipal da V.^a de Castro e seu
 termo &c

8125
 P. 405 do Livro Castro
 11 de Maio de 1829
 F. L. Lima J. J. J. J.
 &c

Attento e fago certo Com Juramento de Nouel
 go p.^o requerendo o Cap.^o Fore Carneiro Paulo
 Nacio desta V.^a a titulo de si meiro aquia proce eu copra
 curador do Conselho fomos imbarasar e pelo oex Cri-
 nam da Ouvidoria foi a seita as Noções q. p. parte
 da Camera a legamos depois do q. nomeo dia fomos
 ambo a cara do Ouvido Joaq. Teixeira Peroto
 e lhe disemos q. o motivo de imbarasarmos aquella pose ha
 q. q. se conhecia serem as q. d. terras pertencentes ao
 Tosio desta V.^a como comprovavase pelo a todo o l. m. arca
 som notorio do tombo q. lhe apresentamos ao q. nos Respondio
 od.^o Ouvidor q. si se na Louisa passada tivesse visto od.^o
 livro teria provido ag. nas. ou vese semelhantes q. isto
 im. eq. poria esuberia q. aquelles termos eram Tosio da V.^a
 eq. de bande od.^o Cap.^o andava com aquelles coizas hi. q. Com
 verdade se parou q. afirmo Com Juramento j. adido e po-
 nista meser pedida mandei passar in do so memento p. mim
 asinado V.^a de Castro 11 de 7. de 1829

Antonio Dominguez Garcia
 Juiz de Fora

Nº Doc.: 03
Composição: fólho 1r
Tipologia: Atestado
Datação: 11 de setembro de 1829
Assunto/resumo: Embargo de posse de terreno
Autor: Antonio Domingues Garcia

Antonio duMingus Garsia Sidadam deste inperio
fiscal da Camera Municipal da Vila de Castro e Seu
Termo *etcetera* [[N 128]]

5 [[Pagamento Réis doSello Castro]]
[[11 de setembro de 1829]]
[[(Frias) Lima Jordão]]

10 Atesto e faço Serto Com Juramento de Meu Car
go *que* Requerendo o Capitão-Mor Joze Carneiro Posedo=
rudio desta Vila atitulo de sismeiro aquia poçe eu eo pro_
curador do Conselho fomos imbarasar epelo oexCri=
vam da Ouvidorea foi aseita as razoins *que* por parte
da Camera alegarmos depois do *que* nomemo dia fomos
ambos aCaza do Ouvido Joaquim Teixeira Peixoto
15 elhedisemos *que* omotivo edeinbarasarmos aquilla pose hera
por *que* se conhesiam serem as queles terenos pertencentes ao=
Rosio desta Vila como comprovavase pelo aotodedemarca=
sam nolivro do tombo *que* lhe apresentamos ao*que* nos Responديو
odito Ouvidor *que* siele na Coreisam pasada tivese visto odito
20 livro tiria privinido *aque* não ouvese semelhantes questo=
ins e *que* poriso Conhesio *que* asqueles terenos eram Roscio da Vila
e*que* debarde odito Capitão-Mor andava Comasquelas coizas hé o*que* Com=
verdade sepassou *que* afirmo Com Juramento pordito epo=
resta meser pedida mandei pasar indo só mente por mim
25 asinado Vila de Castro 11 de setembro d 1829

Antonio Domingues Garcia

[[Reconheso]]

Officio do Juiz Ordinario

128
 Pedro de S. Paula Couto
 11 de Setembro de 1829
 P. Lima

D. José Bernardo Gomes Procurador da Camera Municipal desta C.ª
 e a bem da mesma recceita e o Escrevão
 deste Juizo Reverendo osim Cartorio Me pa-
 se p.º certidões se no mesmo se expa al-
 gumo Ordem dirigida pela d.ª Camera
 asim ao Ordinario como de Orfandez
 e p.º guarq.ª mas visto se passase as fun-
 ções de tais auttoridades outro sim
 se lhe consta e a mesma Camera se
 Intromete com as Jurisdicções Ordina-
 rias de Orfandez e como sim despropo-
 não o pode fazer

Como V.ª. C.ª
 de 11 de Agosto de 1829
 M. de S. Paula

La G.ª. seja ser-
 ma.ª. passar d.ª. certi-
 das do p.º

Certifico que em meu Carto-
 rio não ha Ordem alguma p.
 em o p.º que se men fada

C. R. M.

Nº Doc.: 04
Composição: fólho 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 7 de setembro de 1829
Assunto/resumo: Pedido do procurador da Câmara de Castro ao Juiz Ordinário
Suplicante: José Bernardo Gomes

Ilustríssimo Senhor Juis Ordinario

[[Nº 128]]

[[Pagamento [incompreensível] desello Castro]]

[[11 de *setembro* de 1829]]

5

[[(Frias) Lima Jordão]]

Diz Joze Bernardo Gomes Procurador da Camera Municipal desta *Vila que* abem da mesma neceçita *que* o Escrivão deste Juizo Revendo oseu Cartorio lhe pa se por sertidaõ se no mesmo seaxaal guma Ordem dirigida pela dita Camera asim ao Ordinario como de Orfaoens *que* por quarquer maneira Reparase as fun soens de tais autoridades outro sim se lhe consta *que* a mesma Camera se Intromete com as Juridiçoens Ordina rias ede Orfaõens e como sem despaxo não o pode fazer//

10

15

20

[[Como *Requerido* Castro]]
[[7 de Agosto digo de]]
[[7 *setembro* d 1829 Frias]]

Pede a Vossa Mercê seja *servido* manda pasar da serte daõ do *que*//

25

Espera Receber Mercê

[[Certtefico que em meu Carto]]
rionaõ ha Ordem alguma so]]
[[bre objeto que faz mensao a]]

e fupre dita letra emendada Com
 ta que a Illustrissima Camara
 Municipal desta Cidade tem he por
 O 300. vada a maisy autoridade delado
 lase vras do supras attribuydas
 de que eu de Caete e de 16 de
 1729 Luis de Ojeda

[Faint, mostly illegible handwritten text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.]

Nº Doc.: 04
Composição: fólho 1v
Tipologia: Requerimento
Datação: 7 de setembro de 1829
Assunto/resumo: Pedido do procurador da Câmara de Castro ao Juiz Ordinário
Suplicante: José Bernardo Gomes

30 [[Asuplica retra enem me Cons
 ta que allustrisima Camera
 Munisipal desta Villa tenha pri
 vado as mais autoridades della o
 livre exersio desuas atribuisoens
 de que doufe Castro 7 desetembro de
 35 1829 Luis Jordão]]

M. J. J.

Respeito e ali attentamente O Off. que V. S.^{as} Tediz
 gnacao dirigiu-me em dacta de 11 de Fevereiro pp
 do Corrente anno e fco certo d'elto do Sr Contheu-
 do como V. S.^{as} haõ probem encarregar-me da fac-
 tura da Ponte do Rio de Jaguariatu cuja obra
 pertendo se concluir the fins de Maio proximo por
 turo quando nao hajao temporaj q estorvem os Sr
 trabalhos: E como V. S.^{as} representao amandas a pro-
 ontar os douz Caspinteiros q deuem his trabalhos
 em dita obra tenho deueas ao Contheu^{do} de V. S.^{as}
 que os q meparesem mais Suficientes p^o ofim
 expiigi do Sao Antonio Goncalves e Daniel Leite
 os quais deuem estar prontos para logo q se findarem
 os dias Santos da Pascoa pagando selhy os Sr Jos-
 nay Cujtunados e seu intanto e coorrei a pericraõ
 de alguma outra Couza Cujas providencijs nad pos-
 ssao Ser por mim providenciadas Deprecesei a V. S.^{as}
 p^o meprestarem os indicados auxilio que me prome-
 tem tendo de mais a participar a V. S.^{as} q ficã de
 m parte a fazer todo o exporor q am^o obra se
 fectue logo e com aquella perfeicã q eu dezejo
 pelo interesse q tenho em servir nesta parte ao
 Estado e a Nacã.

D. J. a V. S.^{as} p^o Felicy amy

Villa de Castro em 23. de Março de 1830

Off. mos J. J. Presidente e Secendorey

Nº Doc.: 05
Composição: fól. 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 23 de março de 1830
Assunto/resumo: Resposta ao pedido de construção da ponte do rio Jaguaricatu e declaração dos nomes dos carpinteiros ajustados
Autor: José Carneiro Lobo

Ilustríssimos Senhores

5 Ressebi eli attentamente O Officio que *Vossas Senhorias* Sedi=
gnaraõ diriger=me em dacta de 11 de Fevereiro *passado próximo*
do Corrente anno efico certo dettudo o Seo Contheu=
do eComo *Vossas Senhorias* haõ por bem encarregar=me da fac=
tura daPonte do Rio de Jaguaricátu Cuja obra
10 pertendo Se conclua thé fins de Maio proximo fac
turo quando naõ hajaõ temporais *que* estorvem os Seos
trabalhos: E como *Vossas Senhorias* Seprestaõ amandar apr=
ontar os dous Carpinteiros *que* devem hir trabalhar
em dita obra tenho delevar ao Conhecimento de *Vossas Senhorias*
15 que os *que* meparessem mais sufiçientes para ofim
exhigido Saõ Antonio Gonçalves eDaniel Leite
os quais devem estar prontos para logo *que* Sefindarem
os dias Santos da Pascoa pagando selhes os Seos Jor=
nais Custumados e Seno intanto o correr aperçizaõ
20 de alguma outra Couza Cujas providençias naõ po=
ssaõ Ser por mim providenciadas Deprecarei a*Vossas Senhorias*
para meprestarem os indicados auxiliar que meprome
tem tendo demais apartissipar a*Vossas Senhorias* que ficaõ de
mesma parte afazer todos os exforços *que* amesima obra See=
fectue logo eCom aquella perfeiçaõ *que* eu dezejo
25 pelo interesse *que* tenho emservir nesta parte ao=
Estado ea Naçam.

Deos guarde aVossas Senhorias por felizes annos
Villa de Castro em 23. de Março de 1830.

30 *Ilustríssimos Senhores* Prezidente eVereadores

Ducamara Monysigal de la Villa

Don Casimiro Lobo

Nº Doc.: 05
Composição: fól. 1v
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 23 de março de 1830
Assunto/resumo: Resposta ao pedido de construção da ponte do rio Jaguaricatu e declaração dos nomes dos carpinteiros ajustados
Autor: José Carneiro Lobo

Dacamara Munissipal desta Villa

Jozé Carneiro Lobo

Com respeito a quem off. de 21 de Jan. que
 dirigiu a ^{me} recabi aq. medezinas com
 am. dita, pelo qual confinas ^{me} que
 não heituras, e nem tem nota de que
 haja lei, ou decreto Supr. que con-
 ceda abans. Municipias a atribui-
 ção de inventar aos cidadãos do cargo
 de Juiz Ord.º, mas que não obstante
 attendendo as larous demotivas alle-
 gadas p.º Lucio M.º M.º Javira o
 inventar do Supr.º cargo, e passarem
 logo a nomear outro, que o substituirá,
 p.º cujo acto não podem deixar de
 demonstrarem, que ultrapassarem os
 limites que lhes são assignados pela lei
 violarão o sagradoCodigo isto he alous-
 tituicão, que se he no Reg.º, atacando
 a Independencia do poder Judicial, e
 usurpando por conseguinte a atribui-
 ção, que por lei me compete. Sou
 do de notar, que havendo ^{me} reconhe-
 cido este poder, que a lei me concede
 de inventar aos Juizes Ord.º, pelo acto
 de nomeação de outro cidadão em lugar
 do qual eu havia inventado na forma da
 Lei, a ^{me} logo asi tão bem este poder
 inventando a outro cidadão, por que
 daqui hea de duas ou compete a mim
 uma atribuição ou a outro. Muni-

Nº Doc.: 06
Composição: fól. 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 25 de junho de 1830
Assunto/resumo: Substituição de Nomeação de cargo de Juiz Ordinário
Autor: Joaquim Teixeira Peixoto

Em Resposta aomeu *Officio* de 21 doCorrente que deriji aVossas *Merces* recebi aqui mederigiraõ com amesma data, pelo qual confessaõ aVossa *Merce* que não Receberaõ, enem tem noticia deque

5 haja Lei, ou Decreto Imperial que conceda a Camara Municipal a atribuiçaõ de isentar aos Cidadaons doCargo de Juis Ordinário; mas que não obstante attenderaõ as Rasoens demolestias alle

10 gadas por Lucio (Alvares Martins) Gaviaõ o isentaraõ do Referido cargo, epasaraõ logo anomear outro, osubitituisse: E cujo acto não podem deixar *Vossas Merces* demonstrarem, que ultrapassaraõ osli

15 mites que lhes são assignados pela Lei eviolaraõ oSagrado Codigo isto he aConstituição, que felismente nos rege; atacando a Independencia dopoder Judicial, e usurpando por conseguinte aatribui

20 ção, que por Lei me compete. Sen do denotar, que havendo *Vossas Merces* reconhecido este poder, que aLei me concede de isentar os Referidos Juises Ordinários, pelo acto danomeação de outro Cidadãõ emCargos

25 doque eu havia isentado naforma da Lei, aRRogaõ asi taõ bem estepoder isentando aoutro Cidadãõ; por que daqui hua deduas ou compete assim essa atribuiçaõ ou aCamara Muni

Nº Doc.: 06
Composição: fól. 1v
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 25 de junho de 1830
Assunto/resumo: Substituição de Nomeação de cargo de Juiz Ordinário
Autor: Joaquim Teixeira Peixoto

- 30 Municipal, seamim nunca deviaõ *Vossas Merces*
dar aisenção Referida mas sim manda
rem, que requeresse *aquem* competia: Se
aCamara Municipal deviaõ *Vossas Merces* de
clarar nulla aisenção que dei, reva
35 lidala *para* entañ passarem afaser no
va nomeação, mas *Vossas Merces* assim
naõ obraraõ, logo reconheceraõ que
estepoder mecompete, *muito* depro
posito mostraraõ animo de irem
40 deencontro as Leis. Portanto avis
ta deSemelhante facto naõ posso
deixar dedeclarar mui *positivamente*
aCamara Municipal, que sendo do
meu mais Rigorozo dever manter
45 efaser manter aobservancia das
Leis, eaplicar todos osmeios possi
veis afim deque ellas senaõ infrin
jaõ, *principalmente* *essamesma* Repar
tição, naõ posso reconhecer *por* Juis
50 Ordinário oCidadaõ que *Vossas Merces* nomearaõ
emlugar dooutro, que isentaraõ *por*
ser nullamente elleito contra aLei
expressa da *Ordem do Livro 3º título 75 parágrafo*
e § 1º *por consequência* servirá de Juis *aquele*
55 Cidadaõ que Reunio maior numero
devotos, atenta a Portaria de*Sua Majestade Imperador*
de 22 de Setembro doanno passado he *que*

Sr. Sr. Prud. de Prov. aq. passo a dar
 parte, decida semelhante conflicto.
 Quo tanto passo a dar a necessa-
 ria, e terminantes ordens a fim de
 evitar semelhante infracção das
 leis positivas, nullas de facto, e
 proquo das partes promovendo
 a fim do bem publico como me
 cumpre. Sr. G. al. m. a
 Castro em f.º. ao 25 de Junho de
1830

Sr. Prud. emais. Joaz. Dias. Livramento
 Membro da Cam. Municipal. Prud. int. da Prov.
 par. de V. de Castro

Nº Doc.: 06
Composição: fól. 2r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 25 de junho de 1830
Assunto/resumo: Substituição de Nomeação de cargo de Juiz Ordinário
Autor: Joaquim Teixeira Peixoto

OExcelentíssimo Presidente da Província aquem passo adar parte, decida Semelhante conflictio.

60 Enoentretanto passo adar as necessarias, e terminantes ordens afim de obstar semelhante infracção das Leis positivas, nullidades defeitos, e prejuiso das partes promovendo

65 assim obem publico como me cumpre. *Deus Guarde aVossas Mercedes muitos anos* Castro emCamara aos 25 de Junho de 1830.

70

Senhores Presidente emais
Membros daCamara Municipal desta Vila deCastro.

Joaquim Teixeira Peixoto
Presidente interino daCamara

Nº Doc.: 07
Composição: fól. 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 17 de setembro de 1830
Assunto/resumo: Recrutamento de mais carpinteiros para a feitura da Ponte do Rio Jaguaricatu
Autor: José Carneiro Lobo

Ilustríssimos Senhores Presidente e Vereadores da Camara Municipal

5 AXandome emcargado da fatura da Ponte do
 Rio Jaguaricatu, etendo marcado o dia de hoje amesma
 marcha para aquelle lugar ehir dos principio aque
 le servisso aConteçe que So mexegaraõ Coatro
 eos Carpinteiros, faltando me os mais todos da
 10 lista Junto apezar doSargento mor Comandante dar as mais
 apertadas ordens para estes individuos virem trabalhar
 naquella obra vencendo Seos jornaes os dias que tra
 balharem, huns deraõ por dedoentes e[outros] esconde
 raõ se eoutros desobedeseraõ despois deno tificados e
 por que naõ poço deixar de ir Com estes mesmos Se=
 15 gundo omeo destino por tanto depreco aVossas Senhorias dapate¹⁵⁹
 do Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor Presidente hajaõ dedar as provi
 vidençias nesserias aeste Respeito por Ser hua obrataõ
 interessante ao bem publico e aNaçaõ, mandando e-
 mediatamente ofiçando ao Comandante ouaquem Suas vezes fizer
 20 equando em meo alcançe eSeguimento estes individuos
 robustos paraSeempregarem naquella obra por fal
 ta daquelles que faltarem apontados nalista huns por
 doentes otros por aozentes, Este meo deprecado hé Se=
 gundo aordem do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Presidente que ofeçi
 25 ou aVossas Senhorias dadata de 22 de Marco de 1830./. eDeus
 guarde aVossas Senhorias por muitos anos Villa deCastro 17 de Setembro de
 1830./.

30 *Ilustríssimos*
 Senhores Presidente eVereador
 daCamara Municipal

Jozé Carneiro Lobo

¹⁵⁹ 15: Da parte ms: dapate

Ymo,
M. Senhor

SA

Comunicadõ de pareceres em Carregada a Visista do
Requerim^{to} do M. Vig. Jozé Loureiro da Silva, abeneficio da Gloria
za Inv. S. Anna contutando com o de Ant. J. da Cunha Vianna
sobre hum terreno no Queis d'uta V. tendo em vista o deliberrado
na Carta de Lei de 1.º de 8.º de 1828 Art. 21, He de parecer o Sill
yante se Neora, a Authorid. competente visto a Camara nad ex
erir juridicad a qua continencia.

Quanto ao Requerim^{to} do Aual Juiz Crã. Manuel Moru
ra Jary: He de parecer q. em consequencia da Resposta do Ex. S.
e Crã. da Provincia em data de 2 de Ag.º declarando a esta Camara q.
as ironeas os Elitos p. Juizes Crã. sã da Competencia dos Crã. do
deu ter rãim ironead a favor os Elitos Cap. Lucio Al. Mir. Jary
p. tanto deve arizar ante p. vir prestar Juram. tomar posse
do referido Cargo.

Co. to
Com. ao Requerim^{to} do Ant. J. da Cunha Vianna em q. pede Certas
tas q. He ira adixer a Camara transata He de parecer q. visto a Res
posta do Ex. S. Responda o S. puzente Outro Requerim^{to} do m. Vi
anna, em q. pede seconesse em suas proppied. He de parecer q. seconesse, He
to utar imponado da Carta de fora concedida p. antiga Camara p. q.
do o competente foro. Deve ter se puzido a Comunicadõ q. se acha
puz. m. em Carregada. Villa de Castro 13 de 1.º de 1830.

Thomaz Carneiro Lobo.

Antonio Jozé Pereira Alvares
Carlos Jozé de Sá.

Nº Doc.: 08
Composição: fól. 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 13 de setembro de 1830
Assunto/resumo: Pareceres sobre requerimentos
Signatários: Hermogenes Carneiro Lobo; Antonio José Pereira Brando; Carlos José de Oliveira

Ilustríssimos Senhores

20 A commissão depareceres em carregada a Revista dos
 Requerimentos do Reverendo Vigário Joze Loureiro da Silva, abeneficio da Glorio
 za Inventariada Senhorita Anna contestando com os de Antonio Jose da Cunha Vianna
 sobre huns terrenos no Rucio desta Vila tendo em vista o determinado
 na Carta delei do 1º de outubro de 1828 Artigo 24; He deparecer o Liti
 gante se Recorra, a Autoridade competente, visto a Camara não ex
 ercer jurisdição alguma contenciosa.

25 Quanto ao Requerimento do Atual Juiz Ordinário Manoel Morei
 ra Garces; Hé deparecer *que* em consequencia a Resposta do Excelentíssimo vi
 ce Presidente da Provincia em data de 2 de Agosto esclarecendo a esta Camara *que*
 as izenções dos Eleitos para Juizes Ordinários são da Competencia dos Ouvidores
 deve ter valimento aizenção a favor do Eleito Capitão-Mor Lucio Alvarez (Martins)
 30 Gavião
 por tanto deve se avizar a este para vir prestar Juramento e tomar posse
 do Referido Cargo.

Emquanto ao Requerimento de Antonio Jose da Cunha Vianna em *que* pede cartas
 quantas *que* lhe é a dever a Camara tranzata. He deparecer *que* visto a Re
 35 posta do Excelentíssimo Capitão-Mor responda o Capitão-Mor presente. Outro
 Requerimento do mesmo
 Vi

anna, em *que* pede se conserve em suas propriedades. Hé deparecer *que* se conserve, vis
 to estar empossado da Carta de fora consedida pela antiga Camara pagan
 40 do o competente foro. Parece ter se satisfeito a Commissão do *que* se acha
 presidente mente em carregada. Villa de Castro 13 de setembro de 1830.

45 Hermogenes Carneiro Lobo
Antonio José Pereira Brando
Carlos Joze de Oliveira

Dom Pedro pela Graça de Deus e Maria me
 Nesta minha dos Reis Imperador Constitucional
 e Despretor Arquebispo do Brasil. Fago saber
 aos J.ºs int.ºs da Comarca de Paranaquã e
 Coritiba que sendo de F.º expedido pelo Im-
 p.º Nacional a Junta da Fazenda da
 dita Provincia a Provizão de 12 de Fevereiro
 proximo passado da Copia inclusa. F.º
 p.º tem Determinarvos que de baixo de
 mais rigorosa responsabilidade de des cum-
 primento ao que nella se acha resolvido proce-
 dendo de maneira que os Recebedores da
 taxa do sello das Villas deva Comarca a
 armarem exactamente o mencionado
 in-º de todos os Livros das respectivas
 Camaras Municipaes que sendo sellos e exis-
 furador inda não foram submettidos ante
 pra ga ment. O Imperador o Mandou q.
 Joze Carlos Pereira de Almeida Torres Ju-
 zedeante desta Provincia, e da referida Jun-
 ta Joze Vicente da Sousa afiz São
 Paulo 13. de Março de 1830 9.º da Indepen-
 dencia, e do Imperio Luis Antunes da Silva
 Friere no impedimento do Deputado do
 Ceará afiz executor Joze Carlos Pereira
 de Almeida Torres Registrue, e remeta-
 se p.º Copia aos C.ºs da Comarca do sello de cada
 uma das Villas p.º fazerem a cobrança
 de que trata esta Provizão stando conta
 a este J.º com a m.º brevidade de haver cum-
 prido Cor.º 12 de Abril de 1830. P.º

Nº Doc.: 09
Composição: fól. 1r
Tipologia: Informe
Datação: 22 de abril de 1830
Assunto/resumo: Provisão para arrecadação do selo
Autor: Luís Antônio da Silva Freire

Dom Pedro pela Graça de Deos e Unanime
Aclamação dos Povos Imperador Constitucional
e Defensor Perpetuo do Brazil. Faço Saber
avos *testemunhos* por intermédio por *intermédio* da Comarca de Paranagua e
5 Coritiba que Tendo Eu Feito expedir pelo The
souro Nacional á Junta da Fazenda des
ta Provincia a Provizaõ de 12 de Fevereiro
proximo passado da Copia incluza: Hei
10 *por* bem Detirminarvos que de baixo de
mais rigozoza responsabilidade deis cumpri
mento ao que nella se acha resolvido provi
denciando de maneira que os Recebedores da
taxa do Sello das Villas dessa Comarca
arrecadem exactamente o mencionado
15 imposto de todos os Livros das Respectivas
Camaras Municipaes que tendo sido escrip
turados inda não foraõ submettidos aeste
pagamento. O Imperador o Mandou *por*
20 Joze Carlos Pereira de Almeida Torres Pre
sidente desta Provincia, e e da referida Jun
ta. Joaõ Vicente da Fonseca afez Saõ
Paulo 13. de Março de 1830 9º. Da Indepen
dencia, e do Imperio Luis Antonio daSilva
Freire no impedimento do Deputado
25 Escrivaõ afiz escrever./.. Joze Carlos Pereira
de Almeida Torres Registese, e remeta
se *por* Copia aos Cobra Dores do Sello de cada
hua das Villas *para* fazerem a Cobrança
de que trata esta Provizaõ dando Conta
30 a este *Juizo* com a *maior* brevidade de haver cum
prido Castro 22 de Abril de 1830./.. (Peixoto)

Mo. Sr. Pres. e Membros da Cam. e Municipal

Decretamos o Art. 58. da Lei dos. de Outubro de 1827., que V. V. S. S. devem fazer anualmente, ou quando convier ao ca. Sr. Presidente da Provincia, e Conselho Geral das infracções da Constituição, das prerrogativas, ou negligencias de todos os Empregados: como o § 50. do Art. 179. do Tit. 3.º da Const. do Imperio meda o direito de se por perante a competente Au- thoridade qualquer infracção de Lei o faser.

Antonio José de Campos Machado foi eleito Juiz de Officio por suborno do Juiz ordinario Antonio. José. d. Proença, pois não tem as qualidades exigidas para hum Cargo, de tanta monta: este homem tomou juramen- to d'atal Cargo em Succão Extraordinaria de 12 de Março do Anno que gira, sem que apresentasse em tal occasião o traslado da Escripura publica de fiança exigida pela Ord. L. 1.º Tit. 87. § 54. e Código criminal no Art. 138. Este Juiz de Officio notado dia 12. deu huma Sentença no Inventario della- nado das Dous em favor de hu Villa dirigando o exercicio do Im- prego sem fôr a licença delegitima Superior q. isso incu- nas penas contidas no Art. 157. do dito Código.

Do facto deontados da provas evidentes o documento n. 1.º que fôr o reconhecimento de V. V. S. S. para observarem o determinado no Art. 58. acima citado. Villa de f. 25 de Maio 1832.

Antonio José da Cunha Vianna.

Nº Doc.: 10
Composição: fólho 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 15 de maio de 1832
Assunto/resumo: Pedido de providência sobre infração cometida pelo juiz de órfãos
Autor: Antônio José da Cunha Vianna.

Ilustríssimos Senhores Presidente, Membros da *Camara* Municipal

- Decretando o *Artigo* 58 da Lei do 1º de Outubro de 1827., que *Vossas Senhorias* dem parte annualmente, ou quando con-
- 5 vier ao *Excelentíssimo Senhor* Presidente da *Provincia*, e *Conselho Geral* das in-
fracçoens da *Costituição*, edas prevaricaçoens, ou negligencias
detodos os *Empregados*; e como o §30 do *Artigo* 179. do *Título* 8.º da *Constituiçam*
do *Imperio* me dá odireito deexpor perante acompetente Au-
thoridade qualquer infracção de Lei opasso a fazer.
- 10 Antonio Jozé deCampos Machado foi elleito
Juiz deOrfaons por soborno doex Juiz ordinario Antonêo Rodriguez
de Araujo, pois não tem as qualidades exegidas para hum
Cargo, detanta monta: este homem tomou posse ejuramen-
to detal Cargo em Secção Extraordinaria de 12 de Março do Anno
- 15 que gira, semque apprezentasse em tal occasião o traslado
da *Escriptura pública* defiança exegida pela *Ordem* Li[vro] 1º.
Titulo 88 § 54, e *Codigo* criminal no *Artigo* 138. Este Juiz de
Orfaons nodito dia 12 deu huma *Sentença* no *Inventario* de Ma-
noel das *Dores* eseautentose desta *Villa* deixando o exercicio do Em-
20 prego sem previa licença delegitimo Superior epor isso incu[rso]
nas penas contheúdas no *Artigo* 157. dodito *Codigo*.
- 25 Dos factos recontados dá provas evidentes odocumento
número 1 oque levo aoconhecimento de*Vossas Senhorias*, para observarem
odeterminado nodito *Artigo* 58. acima citado. *Villa* deCastro 25
de Maio 1832.

Antonio Jozé daCunha Vianna.

V. M.
 Sr. Luiz d'Almeida e Silva
 Com. do Castro de 1869 de 1832
 D. J. de S. A. Andrade

Eu José Henriques Machado Cidadão Brasileiro
 nato 8.ª de Castro, que elle Sup. alistado para a Guarda
 Nacional deste Imperio contemplado para a guarda da 1.ª
 Comp.ª de cavalaria de vio por este motivo obrigado a for
 me no meado p.ª. ^{de officio} mas com mandar o q. ser um muito prazer
 de receber ditas nomeações em cidadãos benemeritos,
 mas ao contrario donde nasce o maior doido sabor ao
 Sup. quando se ve obrigado a ser corrigido, e com mandado
 por hum official que sabio eleito já com soborno,
 já por patifaria de alguns habitantes; já finalmente
 se ve no meado p.ª. Alferes Antonio José da Cunha
 viana sugito para com o Sup. indigno Mordeas ata
 cante, em suma p.ª de pumbos; p.ª. ipso q. in imago da
 causa do Brasil hoje liberto p.ª. Cujas conseqüencias
 do Sup. d'um Cidadão Brasileiro Circulla em sug. de
 sangue puro; e já mais se atrevia a mandar se governar
 Castro he que p.ª. soborno poderia ser no meado official
 para o que he insufficiente; outro em se supoem
 digo de o Sup. nao' dis cubrio este soborno foi na
 mente de serem baldados os intentos de tal individuo, m.ª.
 sabio errado opstar do Sup. p.ª. que meigo indigosto
 pelas amonhadas circumstancias reurome a r.ª. merce
 que em consideração que atude sedignum, choção ao
 Sup. o qual. Cede a l.ª. M.ª. ^{cinque} de aprimente lista
 e mandem incorporar p.ª. a 2.ª. ou 3.ª. orden não sathao
 no meado p.ª. Officiaes ho meus p.ª. com o Sup. in nabis
 p.ª. o Sirico do Imperio do Brasil; cuja graça espera

Nº Doc.: 11
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 10 de setembro de 1832
Assunto/resumo: Pedido de exoneração do Alferes Antônio da Cunha Viana por questão de suborno nas eleições para capitão-mor de Castro
Suplicante: José Henriques Machado

Ilustríssimo Senhor Juiz d’Paz Presidente e Membros da Mesa

[[A se tempo requeira a quem

Compete Castro 10 de setembro de 1832]]

[[Borges Ribas Andrade]]

[[N 2]]

5

Diz José Henriques Machado Cidadão Brasileiro nesta Vila de Castro, que elle Suplicante alistado para a Guarda Nacional deste Imperio contemplado para a guarda da 1^a. Companhia de cavalaria se vio por estes motivos obrigado a fazer sua nomeação <de officiaes> para lhes os commandar o que fes com muito prazer de ricarem ditas nomeações em Cidadãos benemeritos; mas ao contrario donde nasse o maior dos Sabores ao suplicante quando se ve obrigado a ser corrigido, e com mandado por hum official que sahio Eleito já com Soborno, já por patifaria de alguns habitantes; já finalmente se vê no meado para Alferes Antonio José da Cunha viana sugeito para como Suplicante indigno Mordás atacante, em Suma pé dexumbo; por isso que inimigo¹⁶⁰ da causa do Brasil hoje liberto por cujas consequencias o Suplicante sendo Cidadão Brasileiro circulla em sua veas sangue puro, eja mais se atriviria a mandar-se governar por hum homem de taes qualidades, que só neste em fillis castro hé que por soborno poderia ser nomeado official para o que hé insufficiente; outro Sim se supoem digo se o suplicante não dis cubrio estes subornos foi na mente de serem baldados os intentos de tal individuo, [mas] sahio errado opensar do Suplicante por que me vejo indisposto pellas amensionadas circunstancias recorrome av’osas merçe que em consideração que atudo se dignem, ehoção ao – Suplicante o qual. Pede a Vossas Mercês o risque da presente lista eo mandem emcorporar para a 2^a = ou 3^a ordem não sahaõ no meados para Officiaes homens para com o Suplicante innabeis para o Sirvico do Imperio do Brasil; cuja graça espera

¹⁶⁰ 18: Inimigo ms. In imgo

Cyprus

C. R. W. ^{ce}

2^o 1805

J. J. de S. S. P. b
J. J. de S. S. P. b
J. J. de S. S. P. b
J. J. de S. S. P. b

Nº Doc.: 11
Composição: fólio 1v
Tipologia: Carta-requerimento
Datação: 10 de setembro de 1832
Assunto/resumo: Pedido de exoneração do Alferes Antonio da Cunha Viana por questão de suborno nas eleições para capitão-mor de Castro
Suplicante: José Henriques Machado

35 Espera//

Espera Receber Mercê

[[Nº 18.5]]

40 [[Pago 40 réis de Sello São Paulo]]
 [[26 de novembro de 1832]]
 [[Godoi Brito]]

17
 Offmo Senr Juy de Cr. Juy

Dis o Cap. Moa Torre Carneiro Lobo q' Londa
 o Juy Ordini em Computante p^o Ses Senr In-
 mos Joao Carneiro Lobo hum dos ditos Juy p
 rifo o Sup. ten de Justicias em beneficio Publi-
 co os Juy Seguintes o que fazer perante a dita
 episcopia

1

P. que Antonio Torre da Cunha Vianna y tando
 Criminoso Senr Seguro em fianca Galava Com
 o Juy de Das Joaquin Torre Borges, e the y Car-
 nesia delle em huma Juiz de Contradanzas que
 se achara em Cora de Doma Aguida

+ P. que Mariada de Toledo apando em Cora de
 Mansel Torre de Toledo pithou hum lazoa Vou-
 bando aenda do dito Mansel Torre em sua au-
 e entregou a fiscal de Quarteiro o dito Juy o
 mandou Solter e Com seaxava o dito Mano-
 nel Torre nesta Villa o dito Juy amesava o
 dito Mansel Torre de Criminals por prender. V.
 Reprendendo confendido e fazendo the a Signar ter-
 mo

3

P. que havendo nesta Villa hum grande suada
 deumos deosite em que Sahio ferido Com face
 vos hum moço de nome Bento Caixeiro de Torre
 Joaq. de And^o Senr Juy Corpo de Delictos e Scos
 Sobornou p^o que nao Consta aher de d'essa p^o que
 ninguem Consta ficave Criminoso

Nº Doc.: 12
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 27 de setembro de 1832
Assunto/resumo: Pedidos feitos por José Carneiro Lobo ao irmão João Carneiro Lobo
Signatários: Manoel José de Toledo; Joaquim Alves Carneiro; João Pinto Barboza

[[17]] [[2]]

Ilustríssimo Senhor Juis de Orfaos

5

Dis o *Capitão* Mor Jozé Carneiro Lobo *que* Sendo o Juis Ordinário em Competente por Ser Seu Irmão João Carneiro Lobo hum dos ditos Juizes [por] rrisso o *Suplicante* tem de Justificar em benefício Publ[i]

10 co os Itens Seguintes o quer fazer perante a *Vossa Senhoria* e primeiramente

Pede que Antonio Jozé da Cunha Vianna estando criminozo Sem Seguro enem fiança falava Com o Juis de Pas Joaquim Jozé Borges, e athe es Carnesia delle em huma Suçia de Contradanços¹⁶¹ que Seacharaõ em Caza de Donna Aguida

20 +*Pede* que Mariano de Toledo axandoçe em Caza de Mano el Jozé de Toledo pilhou hum ladraõ roubando a Venda do dito Manoel Jozé em Sua auzenca e entregou a feçial de Quarteiraõ O dito Juiz o mandou Soltar e Como Seaxava o dito Manoel no el Jozé nesta Villa o dito Juis ameasava o
25 deto Manoel Jozé de Creminalo por prender Reprimienddo o ofendido e fazendolhe a Signar termo

30 *Pede* que havendo nesta Villa hum grande a Suada Rumor denoite em que Sahio ferido Com faca das hum moço denome Bento Caixeiro de Jozé Joaquim de Andrade Senaõ fes Corpo de Delicto e Seofes Sobonou por que não Consta a Ver de Vossa por que ninguem Consta ficaçe Criminozo

¹⁶¹ 16: Contradanços ms: contrabandos

Criminosa

4
 T. que mandando Manoel Jarey gente pegou
 hum Seu e Cravo que alabava de se levantando
 Com elle Sahio fagueado hum de Deliz de
 nome Manoel de Ramo maia Seno² fus
 corpo de Delicto enen fizeo nenguem Crimino
 so e Negro que fagueou esta em Casa de seu
 Senhor que he Cunhado do dito Luiz de Pas

5
 T. que em dia de Agosto houve a Soada nesta Villa
 de noite em que Sahio ferida Custodia Rior
 e andou deij dias nella Villa Sem achas Luiz de Pas
 q. tomou Conhecimento p. q. a seu Sup. fora fa-
 zer a Manoel Mes Jarey cunhado do dito
 Luiz de Pas Joaq. Loure. Borges onde andara
 quatro ou cinco dias tanto o Luiz de Pas e fuz
 presente fazendo o fidejussory a M. Mes Jarey

6
 T. que tendo se embarcado em huma Canoa
 hum Manoel por aluinho - Luiz, Juntam²
 Com hum moço de nome Cleuterio do Naci-
 to uio aquelle Manoel, e perguntando a
 Mãe do dito Cleuterio p. se fuz elle se
 pondeu que tinha marido q. cahio da canoa
 e Soando p. toda a Villa que co Manoel
 om alare feitos a deliz. e a the que sua dita
 Mãe apandoe o corpo e foi aporrentar

Nº Doc.: 12
Composição: fólho 1v
Tipologia: Requerimento
Datação: 27 de setembro de 1832
Assunto/resumo: Pedidos feitos por José Carneiro Lobo ao irmão João Carneiro Lobo
Signatários: Manoel José de Toledo; Joaquim Alves Carneiro; João Pinto Barboza

35 Criminozo

[[4]]

Pede que mandando Manoel Garcesgente pegar hum Seu esCravo que aCabava deSealevantar Com elle Sahio faqueado hum daDeligência de nome Manoel deRamos maia Senaõ fez
40 Corpo deDelicto enem ficou ninguem Criminozo eo Negro que faqueou esta em Caza deSeu Senhor que hé Cunhado do dito Juis ePas.

45

[[5]]

Pede que em dias de Agosto houve aSoada nestaVilla denoite em que Sahio ferida Escolastica *Rodriguez* eandou dois dias pella Villa Sem achar Juiz dePas *que* tomaçe Conhecimento por *que* oSeu Suplicante fora fa=
50 zer a Manoel *Moreira* Garces cunhado do dito Juis dePas *Joaquim* Jozé Borges onde andaraõ quatro ou Sinco dias tanto o Juis de Pas eSeuSu=
plente fazendo medessoins ao dito *Manoel Moreira* Garçes

55

[[6]]

Pede que tendoçe em barcado em huma Canoa hum Manoel por alcunho – Sujo, Juntamente com hum mosso denome Eleoterio do Naçimento veio aquelle Manoel, epreguntando a
60 Mai do dito Eleuterio por Seo filho elle Respondeu que tinha morrido *que* Cahio daCanoa eSoando por toda aVilla que odito Manoel omatará feitos as deligencias athe que Sua dita Mai axandoçe o Corpo ofoi apresentar

18 / 3

Apresentas as Luy do Pas Joaq. José Borges e
 nos procedes Coura alguma

Justifique-se a dita Sra. Siza Teruido adme-
 tes sua Justificacão Com a Jy
 de 1832. Martão temunha am argem e Justificado
 quanto basta Julgado por Sentença
 Sehe entregue a propria ficando
 atrelado no Cartorio

Mancel José de S. Paulo
 Joaquin Alvy Carno
 José Bento Barbosa

E. R. H.

Nº Doc.: 12
Composição: fólho 2r
Tipologia: Requerimento
Datação: 27 de setembro de 1832
Assunto/resumo: Pedidos feitos por José Carneiro Lobo ao irmão João Carneiro Lobo
Signatários: Manoel José de Toledo; Joaquim Alves Carneiro; João Pinto Barboza

65

[[18]]

[[Rubrica 3]]

Apresentar ao Juis doPas Joaquim Jozé Borges este
naõ procedeu Couza alguma

70

[[Justifique Cas]]
[[tro 27 de setembro]]
[[de 1832 Machado]]

*Pede aVossa Senhoria Seja Servido ademe
tir Sua Justificação Com as Tes
temunhas amargem e Justificado
quanto basta Julgado por Sentença
Selhe entregue apropriada ficando
otraslado no Cartorio*

75

Manoel Jozé deToledo
Joaquim Alves Carneiro
João Pinto Barboza

EsperaReceber Mercê

Alonso Teni Juy de Orfaon

N^o 2
N

Dij olopo. Moe Reformado Tore Carneiro
Lobo que visto nos poder Vequest no Tuero Or
dinaris p^r del seu Tomad. Tord Carneiro Lobo hum
oor Tuery porisso perira q^e An^o Poir de Braujo
de p^rha perante d^o m^o se p^roreceon en marzo
o lert^o anno o sup^r o p^rorentas os Juy de d^o J^oan
Tore Borges hum Contra mandado de Tuero de d^o Vi
coris aque elle de p^rondera q^e nad perira e que
o sup^r o p^rorentas os Juy ordin^o q^e em tad herad
o m^o Antonio Poir de Braujo eipto em lora
do sup^r ag^o amboz tinhad vindo X^ritos p^rter
legado de luo.

Como Pide castro
27 de set^o de 1832
Maedado

De p^rta seira m^o q^e seja
om^o notificado p^r d^o p^res^r de
to juram^o e satisfeito sein
breque os sup^r.

Antonio Quinto de Medeiros Tabelião de
Publico Judicial, Notas, Offas, e mais an
neax, nesta Villa del castro 1832

Certifico que notifiquei a Antonio Pedrigues
de Braujo para o juramento requerido, do que
dau^o se Castro 27 de set^o 1832
Antonio Quinto de Medeiros

Nº Doc.: 13
Composição: fólho 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 1832
Assunto/resumo: Pedido para prestar juramento
Signatário do parecer: Antônio Jacinto de Medeiros

Ilustríssimo Senhor Juis deOrfaos

N 2

N

5

Dis oCapitão Mor Reformado Jozé Carneiro Lobo que visto não poder Requerer no Juizo Ordinario por ser seu Irmaõ Joaõ Carneiro Lobo hum dos Juizes porisso perçiza que Antonio Rodriguez de Araujo deponha perante Vossa Merce se prezenceou em março doCorrente anno oSuplicante oprezentar ao Juis dePas Joaquim Jozé Borges hum contra mandado do Juizo daOvi= doria aque elle respondera que não perçizava eque oSuplicante o aprezença ao Juis ordinario que emtaõ hera o mesmo Antonio Rodriguez de Araujo eisto emCaza doSuplicante aquem ambos tinhaõ vindo Vizitar por ter xegado deCuritiba=

10

15

20

[[Como Pede Castro
27 de setembro de 1832
[Machado]]]

Pede aVossa Senhoria Seçirva mandar que Seja o mesmo notificado para prestar dito Juramento eSatisfeito Seen tregue aoSuplicante=

25

Espera Receber Merce

[[Antonio Jacinto de Medeiros Tabelliaõ do Publico, Judicial, Nottas, Orffaos, emais an nexos, nesta Villa deCastro]]

30

[[Certifico que notifiquei a Antonio Rodrigues de Araujo para ojuramento requerido, doque dou fé Castro 27 de setembro de 1832]]

Antonio Jacinto de Medeiros

Anno de 1732
Juizo de Offaço

J.
Cunha
Medeiros

Autos civis de Justificacão
em que he

Alay reformado Jose Carneiro Sobr - Just.

N.º 11.

Anno de Vencimento de Nosso Senhor
Jesus Cristo de mil e cento e trinta
e dois ao primeiro do Mês de Outubro de
dito Anno nesta Villa de Janeiro An-
na de Castro Linsarca de Paranaíba
eloretiba em mee Escripturas compa-
reço o Alay da Mór reformado Jose Car-
neiro Sobr e por elle me foi apresentada
sua Petição com o despacho do
Juiz de Offaço Antonio José del'Assump-
tação cuja tenor na forma que
vimos no anexo pedio, e autor para e
feito de proseguir se nos termos da
mesma, que he aqui aodiante se
segue de que fiz este Autoamento em
Antonio Jacinto de Medeiros Tabelha
que o escrevi.

Nº Doc.: 14
Composição: fólho 1r
Tipologia: Certidão
Datação: 1º de outubro de 1832
Assunto/resumo: Certidão de José Carneiro Lobo
Autor: Antônio Jacinto de Medeiros

Anno de 1832

[incompreensível] 1

Escrivão

Juizo de Orffaos

Medeiros

5 Autos Civeis de Justificação
em que hé

OCapitão-Mor reformado Joze Carneiro Lobo - *Justificante*

10 N 4º.

15 Anno do Nascimento de Nosso Senhor
Jesus Cristo de mil oito Centos, etrinta
edois aoprimeiro doMez de Outubro do-
dicto Anno nesta Villa de Santa An-
na de Castro Comarca de Paranagoa
eCoritiba em meo Escriptorio compa
receo oCapitão Mor reformado Joze Car
neiro Lobo epor elle me foi apresentada
20 huma sua Petição com odespacho do
Juiz de Orffaos Antonio Joze deCampos
Machado cuja tomei naforma que
omesmo me pedio, e autoei para e
feito de proceguir-se nos termos da
25 mesma, que he aque aodiante se
segue deque fis este Autoamento eu
Antonio Jacinto de Medeiros Tabellião
que o escrevi

120

Anno de 1802

16

Juiz de Officio

Cunivau
MedeirosAutos Civis de Justificação
em q. he

N. 50

Al. ^{mor} reformado Jose Carneiro Lobo

Justo

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Je-
sus Christo de mil oitocentos e trinta e dois
Annos aos vinte e oito dias do Mês de Sep-
tembro do dito Anno, nesta Villa de Jure-
ta Anna de Castro Comarca de Parava-
gô e Coritiba em meu Officio com
parece presente o Capitão mor refor-
mado Jose Carneiro Lobo, e por elle me
foi apresentada humma sua Petição com
o Despacho do Juiz de Officio Antonio
Jose de Campos Machado, a qual tomou
e autou para effeito de proceder-se nos
termos da mesma que he aqui addi-
ta e se segue de que fez este Autoamen-
to em Antonio Jacinto de Medeiros Tab-
lão que o escreveu

Nº Doc.: 15
Composição: fólho 1r
Tipologia: Certidão
Datação: 28 de setembro de 1832
Assunto/resumo: Acuso do recebimento de petição do Juiz de Órfãos
Autor: Antônio Jacinto de Medeiros

	[Castro]	Anno de 1832	[[16]]	Escrivao <u>Medeiros</u>
		Juizo de Orffaos		
5		Autos Civeis de Justificação em que he		N 5°.
		OCapitão-Mor reformado Joze Carneiro Lobo		Justificante
10		Anno do Nascimento de Nosso Senhor Je- zus Cristo demil oito Centos etrinta edois Annos aos vinte oito dias do Mez de Sep- tembro dodicto Anno, nesta Villa de San- ta Anna de Castro Comarca de Parana- goa eCoritiba em meo Escriptorio com pareceo presente oCapitaõmor refor- mado Joze Carneiro Lobo, e por elle me foi apresentada huma sua Petição com o Despacho do Juiz de Orffaos Antonio Joze deCampos Machado, aqual tomei e autoei para effeito de proceder-se nos termos damesma que he aque aodi- ante se segue deque fis este Autoamen- to eu <u>Antonio Jacinto de Medeiros</u> Tabe- lliaõ que o escrevi		
15				
20				
25				

Nº Doc.: 16
Composição: fólho 1r
Tipologia: Atestado
Datação: 1833
Assunto/resumo: Licença para baixa
Autor: João Baptista Penteado

João Baptista Penteado Sidadaõ Brasileiro –
Juis Criminal nesta *Villa* deCastro, eSeo *Termo. Etecétera*

Nº. 1º.

5

Attesto e faso certo de baicho de *Juramento* de meu Cargo
Dequem o conhecimento deste pertences em como indo aCaza do-
Juis de Pas Lourenco¹⁶² Marcondes Ribas lhe pedi *licenca*¹⁶³ para
Seguir ao continente do Sul meu *Filho* de nome Mano=

10

el o dito Juis me Respondeo que hera guarda =
Nasional, e como este Corpo estava des organizado
por cauza das muitas Baichas e *que* Conciderava naõ a
ver officiais, e *que* por iso elle dava licença como apessoa
fora detal alistamento, e comefeito odice O Referi=

15

do he *verdade* e paso *aprezente* por me ser pedida Castro 20
de Maÿo de 1833.

João Baptista Penteado

¹⁶² 08: Lourenço, ms: Lourenco

¹⁶³ 08: Licença, ms: licenca

Auto de Corpro de Delicto eix amé que manda
 proceder o Juiz de Paiz e Captaes Joaquin Frei
 Borja no Corpro morto de Cluitor isfrito de seu 6.
 frudy Maria da Lomguas. como abaixo o segue

Em no do Naum ento de Nosso Senhor Jesus
 Christo de mil oitocentos e trinta e dois annos
 a quinze de doiz dias do meiz de Agosto do dito
 anno no myta Villa de Castro Comarca de
 Paranaíba e Curitiba em Carreg de morada
 de Feliz Borja Pereira Borja onde se acha
 morto Cluitorio que se deffora afogado no
 Rio de Japri onde se Equiva. In this mo vien
 Com o Juiz de Paiz para proceder e ao Examinar
 e Corpro de Delicto sendo presentes os Offyces
 Joao. Alvy Pereira e Francisco Rodrigues
 de Macedo Tutem unhas em falta de Cirur
 gias: moradores e de ta Villa mandado chamar
 pelo Juiz para a este exame o qual Juiz
 de firindo o juramento do Santo Evangelho
 Alvy Alvy em Carreg que de baixo dey testem
 na verdade sem dolo ou malicia em trairem
 naquella exame de delicta em que se ha fuy
 dey tin ha om or to e de queid morrer is ou
 se fora afogado que pre ren te estava o corpo
 Esendo por elly esito o juramento o juron thas
 Cumprir e entrando no exame empre em
 edo Juiz em intes de poy de fuita e ura de ar
 y p r i n e i a observa com y tin ha tiva Della
 raras: uniformes em te que nas: firimen
 to algum nem nodaly inem p r a d u r a
 que meiz trava ter sido afogado por si
 nada mais duras: Elago por elly Juiz proq
 un tou a f l u i d o d i t o m o r t o u n q u e d i a s v r a
 fora afogado no dia Catorze do meiz meiz puly
 sis horas mais omey de Noites andando de

Nº Doc.: 17
Composição: fólho 1r
Tipologia: Auto de corpo de delicto
Datação: 1833
Assunto/resumo: Morte por afogamento
Autor: Emigdio Leite dos Reis

Auto de Corpo de Delicto e eixame que manda proceder o Juis de Pás ‘ oCapitaõ Joaquim Jozé Borges no Corpo morto de Eleuterio filho de Gertrudes Maria da Comceição. Como abaixo o segue

6°.

5
 Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus christo de mil oito Centos etrinta e dois annos aos vinte edois dias do mes de Agosto do dito anno nesta Villa de Castro Comarca de
 10 Paranagoa e Curitiba em caza de moradas de Filisberto Pereira Borges onde seacha morto Eleuterio que se dis fora afogado no Rio de Iapó onde eu Escrivaõ Intirino vim com o Juis de Pás para proçederçe ao Eixame
 15 e corpo de delicto sendo presentes oAlferes Joaõ Alves Pereira e Francisco Rodrigues de Maçedo Testemunhas em falta de serurgiaã. moradores desta Villa mandado chamar pelo Juis para este eixame oqual Juiz
 20 deferindo o juramento dos santos Evange lhos lhes emcaregou que debaixo deste bema verdade sem dólo ou maliçia emtraçim naquele eixame edelataçem quantas feridas tinha omorto ou de que morreria ou
 25 sefora afogado que prezente estava oCorpo Esendo por elles aseito ojuramento oprometeraõ Cumprir e entrando no eixame emprezença do Juis eminha depois de feitas as usadas
 30 espriencias observaçoins etentativas DeClara raõ uniformamente que naõ ferimento algum nem noduas Enem pizaduras eque mostrava ter sido afogado por si nada mais diçeraõ. Elogo por elle Juis perguntou a Mai do dito morto em que dia eora
 35 fora afogado nodia Catorze do mesmo mes pelas seis horas mais omenos da noite andando elle

Elle em humad Canoa jun to com Manoel
 De tal por os Cunhos, Sujis - em poscura de
 lancha vindo ja de volta do outro hum a bagun
 quid de Cy tumo tinha com fpa an vidate
 ou da Canoa as Livande sa foga ad orsul
 toum hu am orho, e poi achado o do corpo
 na agua no dia vinte hum do corrente
 puly Coa tres bra da tarde, que nao segun
 irava de que pua alguma que se foga ad
 aquete a sapins, puly que ouo o foga ad
 ix am por ter mirado mandan do lancha
 apre run te acto de que dou minh ad
 fo pacara con theudo em vidade de hum
 Coma de vir em a corpo do mar to afoga ad
 e Com a Purty assignaras. co foga ad ignou
 Com su nome lu tiro puly a Mai do morte
 nao saber ter nome de vir em Cui Emig
 ris Lute dy Rui Erivas Interino do
 Lute de Rui que o Erivi

Joaquim Tori Borja

Treco Ray. de Macedo

João de Peres

Emigdio Lute dy Rui

Não proude digu upuado na bofome
 dada a Ly de 20 de 86. p. 1831 p. 90. Du
 Cabod de L. quem se obruado a Ly Cas
 tro 23 de Agosto de 1832
 João de Borja

Nº Doc.: 17
Composição: fólho 1v
Tipologia: Auto de corpo de delito
Datação: 1833
Assunto/resumo: Morte por afogamento
Autor: Emigdio Leite dos Reis

Elle em huma Canõa junto com Manoel
 de tal por arcunho, sujo = em porcura de
 linha evindo ja de volta deolhe hum ataque
 40 que de costume tinha ecom esa ancia atir
 ou da canõa ao Rio onde seafogou eresul
 tou lhe amorte, efoi achado odito corpo
 ná ágoa nodia vinte ehum do corrente
 45 pelas coatro óras da tarde, eque não seque
 ixava de pesoa alguã que lhe fizeçe
 aquele ásasino, pelo que ouve o Juis este
 eixame por terminado mandando lavrar
 oprezente acto deque dou minha
 fé paçar o contheudo em verdade bem
 50 como de ver eu ocorpo do morto afogado
 e com os Peritos asignaraõ. eo Juis asignou
 com seu nome inteiro pela a Mai do morto
 não saber ler enem Escrever Eu Emig
 dio Leite dos Reis Escrivaõ Interino do
 55 Juizo de Pás que o Escrevi.

60 Joaquim Jozé Borges
Francisco Rodriguez de Macedo
Joaõ Alves Pereira
Emigdio Leite dos Reis

65 [[Não procede fique esperando naConforme
 dade da Leÿ de 26 de outubro de 1831 por quando sedes
 cubra odeliquente ser observado a Leÿ Cas
 tro 23 deAgosto de 1832
Joaquim Jozé Borges]]

Com. Sup. Juiz de Paz e Membr. do Cons. de Qualificacão
Vos. tem lugar o hequm
to em losu yllas de
de São del 1833.

Pibery. Saqum. Leine Loboff. N. 4
Lob. Min. N. 4

Dei Antonio Moreira Juiz Cidadão Brasileiro
que sendo alistado em aurenica de sup. para ser
vir na guarda Nacional projectando se tal vez
o sup. estar em circunstancias, e ter de lenda li-
quida annual 1000000. e qum não succede per-
que o sup. avista dos que e este. Cons.
tudo sido encuro. edimittito. realit tam. e pube
como hi publico em ujos hueros o sup. u licor
vito que adiu hi igual para todos, conão
tudo o sup. amarcada lenda em. menor 20000.
pt. ut Off. exigido para de 250. 18/1832
Art. 13. 1.º Art. 13. pois que o sup. para inma-
ta bint. de ptoles lidadem foi ellido pt. o Porto
de Sen. da 3.ª Corp. a de sup. avista de qum

o N.º 1.º. mirand euhcar das
impunibilid. de sup. enas admittis
heret. avotar em Cons. como resta
praticand ade ftois o sup. em pto
sua noqum. De J. ell. 1.º

Nº Doc.: 18
Composição: fólho 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 1833
Assunto/resumo: Pedido de liberação de alistamento
Requerente: Antônio Moreira Juju

Ilustríssimos Senhores Juiz de Pas eMembros doConselho deQualificação

- Naõ tem lugar oReque
[ri]do em Comçelho de
5 [ilegível] de Janeiro de1833.
[[RibasTaques Leme Lobo [incompreensível]
Lobo [incompreensível]]]
N. 4
- 10 Diz Antonio Moreira Juju Cidadão Brasileiro
que sendo alistado em auzencia doSuplicante para ser
vir naGuarda Nacional projectando-se talves
oSuplicante estar em circunstancias, e ter de rendada¹⁶⁴ li-
quida annual 100#000. *reis* oque naõ excede per
15 que oSuplicante avista dosque por este *Ilustríssimo Conselho*
tem sido escuzos edemittidos de alistamento por pobres
como hé publico em cujos termos o Suplicante se recorre
visto que aLei hé igoal para todos, enaõ
tem oSuplicante amarcada renda *muito* menos 200#*reis*
20 para ser *Afferido*¹⁶⁵ exegido pela Lei de 25 de *novembro* d 1832
Artigo 4 § 1º, *Artigo* 13. pois que oSuplicante pela inna-
ta *bondade* depobres Cidadoens foi elleito para oPosto
deTenente da 3ª *Companhia* do *Regimento* avista doque =
- 25
- 30 *Pede aVossasSenhorias* sesirvaõ conhecer das
impossibilidades do Suplicante enaõ admittir
ter¹⁶⁶ ovalor em *Conselho* como se está
praticando edefferir aoSuplicante com jus
tica no que = *Recebe Justiça e Merce*

¹⁶⁴ 13: De renda ms. De rendada

¹⁶⁵ 20: Não há certeza na transcrição dessa palavra.

¹⁶⁶ 28: Não há certeza na transcrição dessa palavra.

Comisario D. João de Sá, e seu filho da Câmara Municipal desta Villa de Castro. N. N.

870

Cus. D. João de Sá, e seu filho da Câmara Municipal desta Villa de Castro, em virtude da portaria de Vossa Excellencia de trinta e hum de Janeiro do corrente anno, e illuzo liva ao Conhecimento de Vossa Excellencia a Requesta do Juiz de Paz desta Villa Joaquin José Borges, da Curacao, contra a fuita pelo ex Juiz ordinario Antonio Rodriguez de Araujo, parieu no, nas: e remissão da ditta, as arguiçoes, nas: do Juiz de Paz em toz numero primeiro, e segundo, como por que o dito Juiz de Paz, sempre foi, e he sua residencia nesta Villa, em ymo nas: tem outra Cituação, não no, constatar tido provariação na Administracão de sua justiça, e constar no que quando tem saído fora da Villa, sempre seja, em diligencia, tem sempre vindo seu Suplente administrar a justiça, e o que podemos informar a Vossa Excellencia, aquem do qual guarde por muito annos Villa de Castro em suas ordinarias de quatorze de Julho de mil e oitocentos e trinta e ois = Joao Baptista Ribeiro = Antonio José Pereira Branco =

Nº Doc.: 19
Composição: fólho 1r
Tipologia: Certidão
Datação: 1833
Assunto/resumo: Resposta do Juiz de Paz às acusações feitas a Joaquim José Borges
Autor: Emigdio Leite dos Reis

Emigdio Leite dos Reis Secretario daCamara Municipal desta Villa de Castro. Etecétera.

5

N 7º

10 Certifico que revendo o Livro de registros nele
afolhas sinquenta enóve verço seaxa a Cópia –
de huã emformaçã daCamara cuja hé pelo –
theor seguinte = ACamara Municipal da
villa de Castro, em vertude da portaria de vósa
Excellensia de trinta ehum de Janeiro do corente
anno, incluzo léva ao conhecimento de vosa Ex-
15 cellensia a resposta do Juiz de Páz desta Villa
Joaquim Jozé Borges, da acuzacção contra
elle feita pelo ex Juiz ordinário Antonio Rodri-
gues de Araujo, parece-nos, não serem verdadei-
rãs, as arguiçoins, não só pelos Documentos Nu-
20 mero primeiro, e segundo, como, porque odito
Juiz de Páz, sempre foi, e hé sua residencia
nesta Villa, emesmo nas tem outra cituação.
enaõ nos conta têr tido prevaricações na
Administrações¹⁶⁷ desua justissa, e constar nos
25 que quando tem saido fóra daVilla sem-
que seja em deligencia, tem sempre vindo
seu Suplente adadministrar a justissa é oque
podemos enformar avósa Exçellensia, aquem
Deos guarde por muitos annos Villa de Castro
em Sessão ordinaria de quatorze de Julho
30 demil oito centos, etrinta edois = Joaõ Baptis-
ta Ribeiro = Antonio Jozé Pereira Branco =

V.

¹⁶⁷ 23: O sinal nasal recai sobre a letra e.

Tori Carneiro Lobo = Alvaro Conde de Mes-
 tiz = Lus moquey Carneiro Lobo = Nada mais
 duontinha emendicava em esta copia
 de informaçoes: futa ao Excmo.issimo Senhor
 Presidente, que bem se filmente Copia e de pro-
 pria a qual me e registo, e vai apse e entre seu
 Coiza que e unida a esta, e por esta me e seguri-
 da posso apre e regre a Signo. Villa de las
 tres deoites de Alvaro de mil oitos e noventa e cinco
 e tres e em Emigdio Lute doy Rui Secretar-
 io que o Excmo. Comfina a Signo

D. 130

pag
 2

Compr. Lute doy Rui

Emigdio Lute doy Rui

No 69

P. g. de felle 280 Castro 23 de Maio 1833

Andrade Lima Medico

Nº Doc.: 19
Composição: fólho 1v
Tipologia: Certidão
Datação: 1833
Assunto/resumo: Resposta do Juiz de Paz às acusações feitas a Joaquim José Borges
Autor: Emigdio Leite dos Reis

40 Jozé Carneiro Lôbo = Alvaro Gonsalves Mar-
tins = Hermogenes Carneiro Lôbo = Nada mais =
secontinha enem declarava em dita cópia
de informação feita ao Excelentissimo Senhor =
Prezidente, que bem efielmente copiei dapro
pria aqual mirreporto, evai aprezenete sem
coiza que duvida faça, epor esta me ser pedi-
da passo aprezenete que a signo Villa de Cas-
45 Deve 130 tro dezoito de Março de mil oito centos etrinta
Pago etres Eu Emigdio Leite dos Rêiz Secretar-
io que o Escrevi comfiri ea Signei.

50 Emigdio Leite dos Rêis

Comferido Leite dos Rêis

Nº. 62

55 Pago de sello 280 Castro 23 de Maio 1833
[Andrade Lima Moreira]

Foi adalatamente ao meu officio de 21 de Abril
 findo, no qual designava a data para a reuni-
 ao do Conselho de Jurados desta Freguesia, e
 participo qua yca transporei a referida
 reuniao para o dia 27 do corrente as 9
 horas da manha.

Castro Verde Maio de 1834

ao Sr. J. J. de
 Sena J. J. de
 Municipal desta Freguesia

Agostinho Lourenço de Leão

Nº Doc.: 20
Composição: fólio 1r
Tipologia: Carta
Datação: 1834
Assunto/resumo: Transferência de reunião
Autor: Agostinho Ermelino de Leão

5 Em additamento ao meu Officio de 21 de Abril
findo, no qual designava o dia para a reuni-
aõ do Conselho de Jurados deste Termo, lhe
participo que fica transferida a referida
reuniaõ para o dia 27 do corrente as 9
horas da manhã.

Deus Guarde a Vossa Senhoria
Castro 6 de Maio de 1834.

10 [Ilustríssimo] Senhor Presidente da Camara
Municipal desta Vila

15 Agostinho Ermelino de Leão

Supremo 9^o de
Livr.

Participio a N^o 88^{os} que mecho bastante m^o dom-
te da garganta e huma Soltura de Ninte que mecho
de comprarer na presente Lunião em quanto não
melhorar; o que tiro a conselho de N^o 88^{os} para
providenciarem o compracim^{to} de quem fazo as m^o
Livr.

D. 9^o de N^o 88^{os} em ann^o 8^o de Castro m^o
Bo d'Alcav^o de 1834

nos 1^o de
Livr. Provd. de Alumbros da

Mem. desta 8^o

Leonardo de S^o P^o

Nº Doc.: 21
Composição: fólho 1r
Tipologia: Carta
Datação: 1834
Assunto/resumo: Carta de justificativa de ausência
Signatário: Leonardo de Souza Pereira

Ilustríssimos Senhores

- 5 Participo a *Vossas Senhorias* que meacho *bastantemente* doente da Garganta e hum Soltura de Ventre que me priva de Comparecer na presente reunião emquanto não melhorar; o que levo ao conhecimento de *Vossas Senhorias* para providenciarem o Comparecimento de quem faça as *mesmas* Vezes.
- 10 *Deus guarde a Vossas Senhorias muitos anos* de Castro em 30 de Maio de 1834

- 15 [Ilustríssi]mos Senhores Presidente e Membros da [Câmara] Municipal desta Villa

Leonardo de Souza Pereira

A com missão a baixo nomeada em
 carregado de dar as contas a pergun-
 tados pelo Sr. Francisco Anacleto
 da Fonseca, sendo uma na impor-
 tancia de 30:000, e outra de seis
 55:50 vem dar seu parecer:

Notou na 2.^a conta uma diffe-
 rença de 5000. contra a Camara
 Municipal no preço de 1/2 resma de
 papel fume comprado pelo Sr.
 Secretario por 4:000. que se acha
 debitado de 5:500. Assim mais
 a quantia de 11:000. im port.
 da obra de um boeiro 3 Car-
 queros de Cal, 5.^o o mesmo, que
 não foi authorizada por esta
 Camara e entende por isso que
 não deve ser pago, quanto ao
 mais nada tem a ver por
 Castro 9 de Janeiro de 1884.

Francisco de Aguiar e Silva
 Affonso Marques de Sáez e Almeida
 Quanto ao que se refere ao boeiro
 João Ferr. de Miranda Mattello vincido
 quanto ao boeiro.

Nº Doc.: 22
Composição: fólho 1r
Tipologia: Parecer
Datação: 1836
Assunto/resumo: Parecer sobre pagamento devido a Francisco Anacleto da Fonseca
Autor: João Ferreira de Miranda Mathilde

5 A commissão abaixo nomeada em= carregada de dar as contas aprezen= tadas pelo *Senhor* Francisco Anacleto da Fonseca sendo uma na import= tancia de 30:000, e outra de reis 56:510 vem dar seu parecer:

10 Nottan na 2ª conta uma diffe= rença de 500 réis contra a Camara Municipal no preço de ½ resma de papel fiume comprado pelo *Senhor* Secretario por 4:000 réis que se acha dibilitado por 4:500. Assim mais a quantia de 41:000 réis importância

15 de mão de Obra de um boeiro 3 car= gueros de Cal, *para* o mesmo, que não foi authorizada por esta Camara e entende por isso que

20 não deve ser pago; quanto ao= mais nada tem ao por. Castro 9 de Janeiro de 1884.

Francisco de Assis Maciel

25 Cypriano Marques de Sousa Vencido
Quanto ao que diz respeito ao Bоеiro
João Ferreira de Miranda Mathilde Vencido
quanto ao Bоеiro.

Comissão: em camizada por M. S. para marcar lugares para constru-
 ções de hua cada um, a saber: hua capella, e oratório. Deu-se meo, hua de
 parecer que esta seja edificada na Rua do Rosario entre as casas
 do S. Moço e a da S. Joazeiro, com muros de fôrça e de altura de
 20 palmos para heste do palmar, e na frente de heste a d'el Rey
 do palmar, deve ser p'ada de 100 palmos de altura na altura de
 18 palmos, e as portas devem ter 6 palmos de grossura
 e de vigam. Se a grade ser huan toda com p'z dimittir hua
 trabado, e as paredes huer de adobes, tendo de altura entre
 18 palmos e sem de que as portas sejam em hua a altura de
 10 palmos. Deve ter hua sala p' a almoxaria tendo cada hua
 duas janelas em p' de heste e hua nas frentes dos lados. De-
 vem ser as paredes destas salas p' dentro camizadas e ras-
 da de distancia de hua palmo de vigam para ser forrada
 com lino a 10 palmos p' a m. em amora.
 Deve ter no dentro apor ta Principal com um corredor
 de 12 palmos p' estada. No sobrado deve ter acadea 6 janelas
 nobres em frente p' heste, e no fundo, tres em cada frente dos
 lados. Deve ter hua sala p' os trabalhos da Camra com
 28 palmos de frente e 20 de fundo, ficando com 2 janelas
 em cada frente, e deve ser forrada. No fundo desta deve
 ter outra igual com hua janela em frente do lado e 2
 na frente do fundo, p' o caderno, no q. terá um arcação
 p' hua das salas de emcorria ficando o outro em um
 dos lados da sala livre, a q. também deve ser forrada.

Nº Doc.: 23
Composição: fólho 1r
Tipologia: Parecer
Datação: 1836
Assunto/resumo: Projeto e orçamento para a construção da cadeia de Castro
Signatários: José Joaquim Marques e Souza; Francisco Rodrigues de Macedo

- AComissão emcarregada por *Vossas Senhorias* para marcar lugar para construção dehuã cadêa eaprontar oplâno, eorsamento damesma, he de parecer que esta seja edeficada na Rua do Rosario entre as *Caza[s]* do *Sargento* Mor Francisco Teixeira, cos muros de Jorge Joaquim d' Andrade tem[do]
- 5 de frente para léste 80 palmos, nas frentes de Norte; a Súl 40 palmos, edeve ser selada de taipa athe ovigamento na altura de 18 palmos, eque estas taipas devem ter 6 palmos de grossura edo vigamento para sima pode ser levantado uns pez direitos bem
- 10 travados, eas paredes feitas de adôbôs, tendo de altura outros 18 palmos afim de que os forros fiquem em bôa altura Deve ter enbaixo duas Sóllas *para* ainchuvia tendo cada huã duas Janéllas emfrente para Léste e huã nas frentes dos ládos de vem Ser as paredes destas Sollas por dentro envigadas aráza[o] da distancia de hum¹⁶⁸ palmo deviga aviga para ser forrada
- 15 epor baixo aSvalhado pela mesma maneira. Deve ter no Sentro aporta Principal com um corredor de 12 palmos *para* escada. No sobrado deve ter acadêa 6 Janelas emfrente *para* leste, 6 no fundo, etres emcada frente dos lados. Deve ter hua Sala *para* os trabalhos da Camara com
- 20 28 palmos de frente e 20 de fundo, ficando com 2 janelas em cada frente, edeve ser forrada. No fundo desta deve ter outra igual com hua janela emfrente do lado e 2 nafrente do fundo, *para* o xadres, no qual terá um arçapaõ *para* hua das Salas da emxovia, ficando o outro em úm
- 25 dos lados da Sala livre, *aqual* tão bem deve ser forrada.

¹⁶⁸ 14: O sinal nasal recai sobre a letra u.

As janelas do uncoria devem ter duas grades cada hua hua de ferro d'aque de dentro e outra de Madeira d'aque de fora. e as janelas do sobrado devem ter grades de ferro.

Em cada sala de prisão deve ter uma Jarrete em circumferencia.

Orcamos adespera d'esta obra aprovitando de se tudo quanto servir de Cedex Villa em dois contos e seis mil reis Villa de Castro 15 de Agosto 2º 1836.

João Joaz. Marques e J.
João Boiz de Macedo.

Nº Doc.: 23
Composição: fólho 1v
Tipologia: Parecer
Datação: 1836
Assunto/resumo: Projeto e orçamento para a construção da cadeia de Castro
Signatários: José Joaquim Marques e Souza; Francisco Rodrigues de Macedo

As janelas da emxovia devem ter duas grades cada hua¹⁶⁹, hua de ferro daparte de dentro e outra de Madeira daparte de fora. As janelas do sobrado devem ter grades de ferro.

30 Em cada Salla de prizaõ deve ter úma tamela em circunferência.

Orçamo a despeza desta obra aproveitando-se tudo quanto servir da cadeia Velha

35 Em dois contos e seis mil reis Villa de Castro 15 de Agosto d' 1836.

Joze Joaquim Marques e Souza
Francisco Rodriguez de Macedo

¹⁶⁹ 27: O sinal nasal recai sobre a letra u.

A Comissão Permanente, encarregada de dar seu
 parecer sobre os Offs, da Camara Municipal
 da Villa do Principe datado de 25 de Maio
 deste em. anno, do Prefeito d'esta Villa de 3 de
 Abril, e do Sen. Cos. Baldovino d'Alm. Taguez
 de 4 do mesmo, que todos tendem a uma mesma
 coisa: a Comissao e de parecer, entendendo a ur-
 gente necessidade, que com todo o fervor, quanto
 antes, se ative, por officio, a todas as dignidades
 desta ~~Município~~ Municipio, Juizes de Paz, e Municipal,
 para que todos tomando as mais vivas diligencias
 empreguem energicas actividades em suas repar-
 ticsens, para que possa concorrer em ordem segura
 toda a policia que puda apresentar nossas circum-
 stancias, a repellir qual quer mal que se
 nos ameace; como mesmo, e estar sobre a que-
 rida de qual quer emissario que, ainda, scittam.
 atreva-se a ditar edictos, que possam desmoralizar
 corações de bois, e arrastar males que possa per-
 turbar o bom suco de nossa Populacao, assim
 de ser punido com todo rigor das leis; e avis-
 ta das noticias que por aqui se tom de proximo
 amastado, de haverem os rebeldes se retirado
 de Lagos, julga com acerto, ser bastante, encare
 que o Fiscal de fazr restur, quando vier
 percor, toda a polvora exumbis que se achar
 nesta Villa a uma casa sufficiente, e requie-
 ritar por policia bastante para fornecimento
 d'uma seguranca verdadeira;

Nº Doc.: 24
Composição: fólio 1r
Tipologia: Parecer
Datação: 1838
Assunto/resumo: Informação sobre alferes à Vila do Príncipe
Signatários: Lourenço Novais Coutinho e Silva; Diogo Narciso Bello

A Comissãõ Premanente, encarregada de dar seo
 parecer sobre os *Offícios*, da Camera Municipal
 da Villa do Principe datado de 31 de Março
 deste exeunte¹⁷⁰ anno, do Prefeito d'esta Villa de 3 de
 5 Abril, e do Tenente Coronel Baldoino d'Almeida Taques
 de 4 do mesmo, que todos temdem á uma mesma
 coisa: a Comissãõ é de parecer, conhecendo a ur-
 gente necessidade, que com todo o fervor, quanto
 antes, se ative, por officios, á todas as dignades
 10 deste Municipio, Juises de Páz, e Municipal,
 para que todos tomando as mais vivas vigilancia
 empreguem energicas atividades em suas repar-
 tiçoens, para que possa concervar em ordem cegura
 toda a força que puder appresentar nossas¹⁷¹ circunç
 15 tancias, á repellir qualquer mal que se
 nos ameace; como mesmo, velar sobre a apa
 rição de qualquer emissário que, inda, ocultamente
 atreva-se a ditar édeias, que possaõ desmoralizar
 coraçõens débeis, e arrastar males que possa per-
 20 turbar o dosse sucego de nossa Populaçaõ., afim
 de ser punnido com todo origor das leis; e avis-
 ta das noticias que por aqui se tem de próximo
 assoalhado, de haverem os rebeldes se retirado
 de Lages, julga com acerto, ser bastante, encarre-
 25 gar o Fiscal de fazer recolher, quando veja
 perceso, toda a polvora exumbo que se achar
 nesta Villa á uma casa¹⁷² suficiente, e reque
 zitar por força bastante para fornecimento
 d'uma segurança verdadeira.

¹⁷⁰ 04: Não há certeza quanto à transcrição dessa palavra.

¹⁷¹ 14: Nessas, ms: nossas

¹⁷² 27: Não há certeza quanto à transcrição dessa palavra.

Apim prensa abominas. Paço da Camara
Municipal da Villa de Santos aos 20 de
Abril de 1898.

Luiz Carlos Novais Coutinho e Silva
Diogo Martins Bello

Nº Doc.: 24
Composição: fólho 1v
Tipologia: Parecer
Datação: 1838
Assunto/resumo: Informação sobre alferes à Vila do Príncipe
Signatários: Lourenço Novais Coutinho e Silva; Diogo Narciso Bello

- 30 Assim pensa aComissão. Paço daCamara
Municipal da Villa de Castro aos 20 de Abril de 1838.

Lourenço Novais Coutinho e Silva
Diogo Narciso Bello.

Satisfazendo com todo prazer a commissão
 que essa Ilustre Comarca nos ha cõfiada, e
 de darmos as obras Publicas desta Villa, e
 mettemos encoberto no C. S. S. O. Orcam^{to} da esbata
 lris, Poste, e Cadeia, com todas as expen-
 sas que mais parecem ser de essencia,
 montando todas as obras em R. 505,900
 como foram de cont^{ra} do m^o Dicamento.

Demais cumpre nos agradecer a
 a esbata que fez, para este fim, com novas
 pousas, e melhoras, que nos teriamos todo
 capacidade para um bom desempenho; porque
 no caso de ser feita por ella o fructo de nos
 do trabalhos nos ficaria do' praxer, e neste
 caso e mister significar-lhe que para
 podermos dar cont^{ra} o m^o Dicamento, se nos precisava
 ter um official entendido do caso, e este
 nos levou 6000 reis que esperamos que elles
 Comarca tomando em consideração nos fará
 indenizar; por que, fazendo nos prontam^{te}
 e de todo grado a quillo que esta de nova
 parte, parece nos apresentar nos po-
 co p^ostrismo, e visto nos nos ser licito
 exercermos trabalhos ahuí, contamos certo.

Deos q. a C. S. S. D. de Castro
 de Jan. de 1839

Um Sen. das
 Comarca esq. desta
 Villa

M. M. de G. G.
 Francisco de Paula Ferr^o Alves.

Nº Doc.: 25
Composição: fólho 1r
Tipologia: Carta Oficial
Datação: 1839
Assunto/resumo: Orçamento das obras públicas da Villa
Autor: Manoel Moreira Garcez

5 Satisfazendo com todo praser a commissão
que essa Illustre Camara nos ha cõfiada,
de orçarmos as obras Publicas desta Villa, re
mettemos encluso a *Vossas Senhorias* o Orçamento da Mat-
tris, Ponte, e Cadeia, com todos as expeci-
ficações que mais parecem ser de excencias,
montando todas as obras em Réis12:625#940
como claramente seconhece do mesmo orçamento.

10 Demais cumpre-nos agradecer aella
a escolha que fez, para este fim, em nossas
pessoas, conhecendo que não teríamos toda
capacidade para um bom *dezenpenho*; porem,
no caso de ser aceita por ella o fruto de nos-
sos trabalhos nós ficará só praser, e neste
15 caso é mister significar-lhe que para
podermos dar *comprimento*, foi-nos preciso jus-
tar – um official entendedor do caso, e este
nos levou 6:000 réis que esperamos que essa
Camara tomando em concideração nos fará
20 endinizar; por que, fasendo nós prontamente
e detodo grado aquillo que está de nossa
parte, parece não appresentar-mos po-
co patristismo, e visto não nos ser licito
oferecer-mos trabalhos alheio, contamos certo.

25 Deos *guarde* a *Vossas Senhorias Vila* deCastro 27-
de janeiro de 1839.

30 [I]lustríssimos Senhores da
[C]amara Municipal d'esta
[Vi]lla.

Manoel Moreira Garcez
Francisco de Paulo Ferreira Ribas.

A Commissão de Contas encarregada por esta Camara de verificar as contas da Receita Despesa e Dividas do anno financeiro ppº, em virtude do officio do Sr. Secretario da Assembleia Provincial, Segundo a copia do parecer da respectiva Commissão. Declara, q. tendo examinado attentamte as Sobreditas contas, achou q. a Receita foi de \$ 1.274.000 em Dinheiro, 164.360 em Dividas, e 75.760 Dinheiro q. se recebeu em C.º do q.º se deve a esta Camara, sommando tudo \$ 367.120. O Saldo do anno anterior \$ 254.565 e nao 366.005 \$ como marca a Commissão de Contas da Assembleia Legislativa Provincial, q. contempla a q.º de 114.446 \$ q. estão em Dividas como Dinheiro em Caixa. P.º de 254.565 \$ do Saldo do anno anterior, os 1.274.000 da receita do anno ppº e os 75.760 q. se recebeu das Dividas, sommao \$ 454.325 de cuja q.º se abatendo a despesa feita no anno financeiro, q.º sommao \$ 278.060 existe o Saldo de \$ 176.265. Divida activa do anno do balanço \$ 164.360, Divida atrasada q.º 42.513 Somma 1.106.873 Divida passiva 104.550.

He mais do Virey da Commissão, participar a esta Camara q. no examen das contas atrasadas ppº fundar seus calculos, achou q. as contas do anno financeiro de 1835 a 1836 se excluir a Somma de \$ 450.000 de Saldo anterior, cuja q.º ha de \$ 925.230 com o tratado de se ter englobado, nas receitas dos annos anteriores a q.º q.º Sr. Ex.º o Virey Presidente da Provincia Designou ppº o reparo ou construcção da cadeia d'Esta Villa, em observancia do \$ 16 do art. 1.º da Lei do Decremento Provincial de 11 de abril

Nº Doc.: 26
Composição: fólio 1r
Tipologia: Prestação de contas
Datação: 16 de abril de 1839
Assunto/resumo: Prestação de contas da Vila de Castro do ano de 1839.
Signatários: Manoel Ferreira França; Antônio Correa de Almeida

A Commissão de contas encaregada por esta Camara de verificar as contas da Receita Despesa e Dividas do anno financeiro *próximo passado*, em virtude do officio do 1º. Secretario da Assembleia Provincial, Segundo a copia do parecer da

5 respectiva comissãõ. *déclara, Que tendo examinado attentamente as Sobre dittas contas, achou que a Receita foi de Réis 127/000 em dinheiro, 164/360 em Dividas, e 75/760 dinheiro que Se recebeu em conta do que Se deve a esta camara, somando tudo Réis 367/120. O Saldo do anno anterior Réis 251/565 e não 366/005 Réis commo marcou a comissãõ de*

10 *contas da assemblea legislativa Provincial, que contempla a quantia de 114/440 Réis que estão em dividas commo dinheiro em caixa. Por tanto os 251/565 do Saldo do anno anterior, os 127/000 da receita do anno próximo passado eos 75/760 que Se recebeu das dividas, Somma Réis 454/325 de cuja quantia Se _____ abatendo a despesa feita no anno financeiro, que Somma Réis 278/060*

15 *existe o Saldo de Réis 176/265. Divida ativa do ano do balanço Réis 164/360, Divida atrasada 942/513 Somma 1:106/873 Divida passiva 101/550.*

Hé mais do dever da comissãõ, participar a esta camara que no examen das contas atrasadas para fundar Seus calculos, achou que

20 *nas contas do anno financeiro de 1835 a 1836 Se excluiu a Somma de Réis 450/000 de Saldo anterior, cuja quantia hera Réis 925/230 com o pretexto de Se ter englobado, nas receitas dos annos anteriores a dita quantia que Sua Excelência o Vice Presidente da Provincia designou para o reparo ou construcão da cadea d'esta Villa, em observancia do*

25 *§ 16 do artigo 1º. da lei do orcamento Provincial de 11 de abril*

Do anno de 1835 e q^{ta} communicou esta a Disposicao desta Camara
 a 24 de 8^{to} de mesmo anno. O que sendo examinado minuciosam^{te}
 pela Comissao, nao lhe foi possivel encontrar semelhante q^{ta}
 entrada em receita alguma desde o anno de 1829. Pelo q^{to} hi de
 parecer, q^{to} se deve fazer cargo ao Procurador della q^{ta} de 450,000
 \$ q^{ta} mais e individam^{te} foi subtrahida do Saldo do 3^o trimestre
 de 1835 e junta-la com o Saldo q^{to} ficou do anno findo, fazendo
 o total de \$ 626,265. Pela conta q^{ta} a Comissao
 apresenta do q^{to} existia em dinheiro e Dividas no fim do 3^o
 trimestre de 1835, Recitas e Despesas q^{to} tiverao lugar nos
 annos seguintes, a Camara se certificara q^{to} o Saldo q^{to} devia
 existir em 30 de 7^{to} de 1838 he o Supra ditto.

A Comissao participa igualmente a Camara q^{to} os 450,000 \$
 p^{ra} a construcao da nova cadeia e os 30,000 \$ mais q^{to} foram
 designados pela Ex^{ma} Vice Presidente da Provincia, para
 conducão e sustento de presos pobres, no mesmo anno de 1835,
 nao se achao em l^{ta} de receita, assim como hum credito q^{to}
 he a Deser Armado dos Santos de q^{to} de cento e tantas mil
 \$ p^{ra} t^o he de parecer a Comissao, q^{to} a Camara tomando em
 consideracao o expendido, tome hum conta exacta no
 Procurador desde o anno q^{to} recebeu a Procuradoria e se nome
 outro q^{to} cumpra melhor suas obrigações e active a cobranca
 do q^{to} devem a esta Camara. Castro 16 de abril 1839

Manoel Ferr, Franca Antonio Com^o da Cam^a

Nº Doc.: 26
Composição: fólho 1v
Tipologia: Prestação de Contas
Datação: 16 de abril de 1839
Assunto/resumo: Prestação de contas da Vila de Castro do ano de 1839.
Signatários: Manoel Ferreira França; Antônio Correa de Almeida

- 25 do anno de 1835 e *que* communicou estar a disposiçao d'esta camara
a 29 de *outubro* do mesmo anno. O que Sendo examinado minuciosamente
pela commissaõ, não lhe' foi possível encontrar Semelhante *quantia*
entrada em receita alguma d'esde o anno de 1829. Pelo *que* hé de
parecer, *que* Se deve faser carga ao Procurador d'essa *quantia* de 450/000
30 *Réis que* mal e indevidamente foi Subtrahida do Saldo do 3º. trimestre
de 1835 e junta-la com o Saldo *que* ficou do anno findo, fasendo
o total de *Réis* 626/265. Pela conta *que* a commissaõ
apresenta do *que* existia em dinheiro e dividas no fim do 3º.
trimestre de 1835, Reçeitas e Despesas *que* tiveraõ lugar nos
35 annos Seguintes, a camara Se certificara *que* o Saldo *que* devia
existir em 30 de *setembro* de 1838 hé *Supra ditto*.
- A comisaõ participa igualmente a camara *que* os 450/000*Réis*
para a construcão da nova cadea e os 30/000*Réis* mais *que* foraõ
designados pelo *Excelentíssimo* Vice Presidente da Provincia, para ---
40 conducão e sustento de presos pobres, no mesmo anno de 1835,
não se achaõ em conta de Reçeita, assim commo hum credito *que*
hé a dever Amado dos Santos da *quantia* de cento e tantos mil
Réis por tanto hé de parecer a commisaõ, *que* a camara tomando em
consideracaõ o expendido, tome huma conta exacta ao
45 Procurador desde o anno *que* recebeu a Procuradoria e Se nome[a]
outro *que* cumpra melhor Suas obrigaçõs e active a cobrança
do *que* devem a está Camara. Castro 16 de abril 1839

Manoel Ferreira França Antonio Correade Almeida

do — Orçamento que apresenta a obra em caméada a
 Ilustre Camara Municipal para ser adoptada sendo
 que a se conforme para a Ponte do Rio Vapó.
 Sendo esta a frente a Rua com oito e cinco palmos de
 comprimento, com varanda de grade, vinte pal-
 mos de largura, a dothado de plancões.

50 =	Travessas de	35 palmos,	e 1 1/2 unquadra =	6:000	300:000
60 =	D.º ..	25 D.º	e 1 quadrado ..	4000	240:000
40 =	D.º ..	16	1:800	92:000
50 =	Travessas ..	22	3:200	160:000
100 =	Vigas ..	34	6:500	650:000
550 =	Plancões ..	22 1/2 ..	de grade ..	1800	990:000
100 =	Vigas ..	22 1/2 ..	de	5:000	500:000
+ 100 =	Cigarras ..	22 ..	e 5 gúnis ungd.º ..	2:500	250:000
100 =	Quadrados ..	6	500	50:000
100 =	plancões ..	16 1/2 ..	1/2 de grade ..	1:400	140:000
1000 =	Travessas Carilhadas			100	100:000
	Preços de diferentes qualid.ºs			..	20:000
	Madeira p. andaime, e Sapo			..	20:000
	Mão. d'obra ..				1:500:000
					<hr/>
					4:992:000

Nota-se que todas as madeiras de ura mencionadas para
 a construção da Ponte são de se em arcais tornam-se
 bastante difficultozas pela sua caxa, e longitude de onde
 podem ser tiradas e conduzidas ao lugar da Ponte por
 cuja razão par um muito caro avul e se preferir com que são
 tiradas.

Villa de Castro vinte e cinco d' Fev.º d' 1841. =
 J. D. = Esta conforme
 Castro 17 de M.º d' 1841

Emygdio Leite dos Reis

Nº Doc.: 27
Composição: fólio 1r
Tipologia: Orçamento
Datação: 17 de março de 1841
Assunto/resumo: Orçamento para a construção da ponte do rio Iapó
Autor: Emygdio Leite dos Reis

[a] do	Orçamento que apresenta a Comição emcarregada a Ilustre Camara Municipal para ser adoptada sendo que axe conforme para a Ponte do Rio ‘Yapó. Sendo ela emfrente a Rûa com oito centos palmos de
5	cumprimento, com varanda de gráde, vinte palmos de largura, a Soalhada de planxões.
	50 = Tanxões de 35 palmos, e 1 e ½ emquadra =
	a . . . " . . . " 6:000 . . . 300:000
10	60 = Do . . . ". 25. d e 1. quadrado... 1,000 . . . 240:000
	40 = Do . . . ". 16 " . . . " . . . " . . . 1:800 . . . 92:000
	50 = Travessas " 22 " . . . " . . . " . . . 3:200 . . . 160:000
	100 = Vigas " 34 " . . . " . . . " . . . 6 500 . . . 650:000
	550 = Plunxões. " 22 ½ "[incompreensível] . . 18'00 . . . 990:000
15	100 = Vigas " 22 ½ " . . . de . . . " . . . 5:000 . . . 500:000
	*100 = Vigótas " 22 " e 1 [incompreensível]. 2:500 . . . 250:000
	100 = pés direitos " 6 . . " 500 . . . 50:000
	100 = plunxões " 16 ½ [incompreensível] . 1:400 . . . 140:000
	1000 Pregos Cavilhares 100 . . . 100:000
20	Pegos de diferentes qualidades " 20:000
	Madeira para andaime, e Sipó " 20:000
	Maõ d'Ôbra 1:500:000
	<hr style="width: 100px; margin-left: auto; margin-right: 0;"/> 4:992//000
25	Nota-se que todas as madeiras Supra mencionadas para a Construção da Ponte Saõ de Sérne as quais tornaõ.se bastante difiCultozas pela esca[ss]ez, elongitude de onde podem ser tiradas e conduzidas ao lugar da Ponte por cuja razão pairesse muito Razoavel os pressos comque saõ
30	taxadas. Villa de Castro vinte cinco d'Fevereiro d'1841.= <i>etecétera</i> = Esta conforme Castro 17 de Março d'1841
35	<u>Emygdio Leite dos Reis</u>

Camara Municipal resolve.

1.º

Os pesos e medidas de que fazem uso sejam ar-
mazem, medidas, e recipientes suas aferidos pelos patões
da Camara Municipal em toda a villa de Faro e
recintos nos de Felho.

2.º

Levarão os aferidores por aferir uma balança
com seu marco de um mil reis, e já aferido cin-
centos reis, por aferir outros pesos e medidas não men-
cionadas, de um novo aucta reis por peça de um afi-
rido e cinquenta reis e nas requintas quarenta reis.

3.º

Os contraentados das disparições dos artigos ante-
cedentes pagarão a multa de um mil reis comprehendendo
tanto a falta o aferidor que por omisso em cumprir
seus devoirs, ou cobrar pela aferição mais do que he mes-
cado.

4.º

Ficão prohibidos os enterramentos de cadaveres
dentro dos templos. Os contraentados pagarão a
multa de du a trinta mil reis, e prisão por oito
dias.

Pago da Camara Municipal da Villa de Castro em
Seras extraordinaria de oito de Fevereiro de mil oit-
centos e cinquenta e cinco.

Joaquim José Dos Reis
Joaquim e Moisés Garcez
Antonio Cornelio de Araujo
Manuel Joaquim de Camargo.
João Joaze e Margalide
Antonio Polim de Moura

Nº Doc.: 28
Composição: fólho 1r
Tipologia: Resolução
Datação: 1855
Assunto/resumo: Resoluções municipais sobre aferições e sepultamentos
Signatários: Joaquim José Borges; Joaquim Moreira Garcez; Antônio Cornélio de Araujo; Manoel Joaquim de Camargo; Jose Joaquim Marques (Reis); Antônio Rolim de Moura

A Camara Municipal resolveo.

- 5 *Artigo 1º* Os pezos e medidas deque fazem uso lojas ar-
mazens, vendas, e açougues serão aferidos pelos padrões
da Camara Municipal em todos os mezes de Janeiro e
revistos nos de Julho.
- 10 *Artigo 2º* Levaraõ os aferidores por aferir úma balança
com seu marco sendo nóve mil reis, e já aferido ceis-
centos reis, por aferir outros pezos e medidas não men-
cionados, sendo nova oitenta reis por peça sendo afi-
rida ceiscentos reis e nas revistas quarenta reis.
- 15 *Artigo 3º* Os contraventores das disposições dos artigos ante-
cedentes pagarão a multa de ceis mil reis comprehen-
dido nella o aferidor que por omisso em cumprir
seus deveres, ou cobrar pela afiricaõ mais do que he [incomprensível]
cado.
- 20 *Artigo 4º* Ficaõ prohibidos os enterramentos de cadaveres
dentro dos templos. Os contraventores pagarão a
multa de des a trinta mil reis, e prisão por oito
dias.
- 25 Paço da Camara Municipal da Villa de Castro em
Sessaõ extraordinaria de oito de Fevereiro demil oito
centos cincoenta e cinco.
- 30 Joaquim Józe Borges
Joaquim Moreira Garcez
Antonio Cornelio de Araujo
Manoel Joaquim de Camargo.
Jose Joaquim Marques (Reis)
Antonio RolimdeMoura

Mos. Sr. Presidente e membros da Camara Municipal.

D. João José da Silva (Lucindo) desta cidade j. elle supp. edificou uma caixinha p. sua moradia em terrenos da Camara sem que houvesse obtido carta de d. data em raras de nas estas n. uma occasião a camara recusada e a p. recusaõ seu grande, o que a goz. vem ante V. S. requerer não só o terreno em que esta edificada a d. sua casa, como tão bem o m. que fica em o linhamto. até d. em um corrego ou banhado, a fim de fazer suas la. p. e em dito terreno d. sua casa te. o. p. d. corrego vinte cinco braças, a p. do exp. d. o supp.

1105
P. Camara Municipal
No. 4 de 8 de 1869
Borges
1105

P. S. V. S. de dignum conceder-me o terreno requerido mandando passar a competente carta de data na forma do costume pelo que

Informe o Fiscal.
Secretario da Camara Municipal
a Castro, 5 de 8 de 1869.
A. de Brito

R. J. e M.

Em conformidade do respectivo despacho de V. S. informo que o terreno pelo supp. requerido dentro do qual se acha se concedido uma data a Tran. Lucindo.

A cargo do Suplicante.
Pedro Saturnino d'Alv. Mascarenhas

Castro, 5 de 8 de 1869.
Joaquim Bz. Lago
Fiscal

Nº Doc.: 29
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: (dos pareceres) 04/05 de outubro de 1869
Assunto/resumo: Pedido de carta de aforamento
Signatário: Pedro Saturnino de Oliveira Mascarenhas

Ilustríssimos Senhores Presidente e membros da Camara Municipal.

5 Dis João José da Silva (Lucindo) desta Cidade *que*
 elle *suplicante* edeficou uma casinha *para* sua moradia
 em terrenos de Camara sem que houvesse obtido *car*
 ta de data em rasão de não estar n'essa occasião
 a Camara reunida e aprecisaõ ser grande, o que a
 10 gora vem ante *Vossas Senhorias* requerer não só o
 terreno
 em que está edeficada a dita sua casa, como
 tão bem os *mesmos* que fica em alinhamento até desce
 em um corrigo ou banhado, afim de fazer suas *la*
 15 vouras e tem dito terreno desde sua casa te *ore*
 ferido corrigo vinte cinco bracas, a vista do *expen*
 dido o *Suplicante*.

20 [[Infor-me oFiscal.
 Secretaria da Camara Municipal
 de Castro, 5 de *outubro* de 1869.
A de Brito]]
 25 *Pede a Vossas Senhorias* Se dignem
 conceder-lhe o terreno
 requerido mandan-
 do passar a *competente*
 carta de data na
 forma do costume
 pelo que

30 [[Em conformidade do respeitavel
 despacho de *Vossas Senhorias* informo, que
 o terreno pelo *Suplicante* requerido
 dentro do qual acha-se conce_
 dido uma data a Francisco Lucindo.
 Castro, 5 de *outubro* de 1869.]]

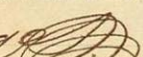
Receberá Justiça e Mercê

Joaquim Rodriguez Laza
 Fiscal

A' rogo do *Suplicante*.
Pedro Saturnino d'Oliveira Mascarenhas

M^{mos} Senr. Presidente e Membros da Camara Municipal

N.º 5 P.º 2º
P.º de desentorrias. Carta
p.º de Pub.º de 1869.

George  Elmirante

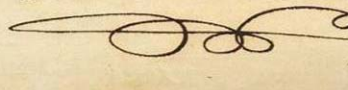
Quadro

Diz João Francisco de Paula, d'esta cidade, que elle supp.^{te} e' homem doente, que vive da caridade publica, e para cujo fim necessita aforçar 44 braças de terreno, alem da Corria das Almas, ao lado esquerdo seguindo d'esta p.^{te} a Prov.^{ta} de S. Paulo, com fundo competente, p.^{te} as suas lavouras: cujo terreno se sita de um lado com o sally do poteim do finado Teiveira, e de outro, com terreno desoluto: O supplicante já mora no referido lugar, onde tem sua casinha coberta com capim e suas plantações cercadas, razão porque

P.º A.º S.º S.º se dignem deferir, mandando passar a respectiva carta de foro, na forma do costume; pelo que
C.º B.º M.º

Alego do Supplicante

Pedro Saturnino d'Almeida Masc

 Fozgra

Almos Sim^o Presidente e Membros da Camara Municipal

N.º 3 Del. 200.

P.º de sentença n.º 100. Cas-
tro, 24 de Feb. de 1869.

Borges Barros

Dis. Conceda Honrrique Fogaes ora residente n.º esta
cidade, que elle supp.º quer fazer suas lavouras
e casa para sua moradia, e achando-se
terrenos divolutos entre terrenos aforado por
Rita Maria da Soudade e o loteiro de fidei-
do Joao^m Teixeira Cardosa Vim entel, cujo ter-
rejo^m hade ter de sescontas ou setenta braças
de frente; com frente para a estrada que de-
tal segue para a Porta de S. Paulo, e os fundos
correspondentes; e como não pode o fazer sem a com-
petente concessão de V.ªs; por isso

P. a V.ªs se dignem conceder
o terreno pedido mandando
passar a respectiva carta
de foro na forma do consu-
me substituindo-se ao arti-
go de posturas a respeito pelo
que

R. J. e M.

Conrad^o Henrique Fogaes

Nº Doc.: 31
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: (do parecer) 24 de novembro de 1869
Assunto/resumo: Pedido de terreno para moradia
Signatário: Conrado Henrique Frosfeus

Ilustríssimos Senhores Presidente e Membros da Camara Municipal

[[Nº 3 Réis 200.

Pago dusentos reis. Castro, 24 de *novembro* de 1869.

Borges Barroz]]

5

10

15

20

25

30

Dis Conrado Henrique Frosfeus ora residente n'esta cidade, que elle *suplicante* quer fazer suas lavouras e caza para sua moradia, e achando-se terrenos divolutos entre terrenos aforado por Rita Maria da Trindade e o potreiro dofina do Joaquim Teixeira Cardozo Pimentel, cujo terreno hade ter de sescenta ou setenta braças de frente, com frente para a estrada que d'esta segue para a *Província* de São Paulo, e os fundos correspondentes; e como não pode o faser sem a competente concessão de *Vossas Senhorias*; por isso

Pede a Vossas Senhorias se dignem conceder o terreno pedido mandando passar a respectiva carta de foro naforma do costume sujeitandose aos artigos de posturas arespeito: pelo que

Receberá Justiça e Mercê

Conrado Hinrique(Fosgra)

Informação dada ao Sr. ... da Com. ...

Dia seis de Junho de 1872. O Sr. ... que elle supp. deseja obter um antigo poteiro que existe a quem do passo da Assamama haia ao lado direito de quindos de esta praça a frequencia do ... dividindo com o poteiro que foi do

Informa o Sr. ... a respeito de as Pasturas. que da respeito, d'esta a data em que ... da balha for concedido e como dito poteiro ... ja foi em algum tempo medidos por ... de 1872 medidos e por ella pagara o respectivo ... ou tornando-se a medir e assim

Albuquerque

N.º 1. Em falta de utam. de 200 ... de Janeiro de 1872.

Bengal ...

P. a ... que a ... mandando ... a competen ... de carta de foro na for ... que

R. J. M. e

Com a ... do despacho d'is- ta peticao, Cumpr-me in- formar que o terreno requerido acha-se desoluto. Castro, 13 de Janeiro de 1872.

Arrojo de ...

João ... de ... Fran. ...

Nº Doc.: 32
Composição: fólho 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 11 de janeiro de 1872
Assunto/resumo: Pedido de potreiro
Signatário: Francisco de Assis Maciel

Ilustríssimos Senhor Presidente e Membros da Camara Municipal

5	<i>suplicante</i>	Diz José Antonio da Silva Frias que elle
10	[[Informe o Fiscal e volte. Secretaria da Camara Municipal de	deseja obter um antigo potreiro que existe a quem do passo da Assamambaia as ¹⁷⁴ lado direito aciguindo d' – esta para a freguesia do Tibajy devidindo com o potreiro que foi do Doutor Motta sujeitando-se as Posturas que diz respeito, d'esde a data em que lhe foi concedido e como dito potreiro já foi em algum tempo medido, por isso o Suplicante conforma-se com essa medição e por ella pagará o respectivo foro, ou tornando-se a medir e assim
15	Castro, 12 de Janeiro de 1872 <u>A. de Brito</u>]]	
20	[[Albuquerque [incompreensível]] [[Secretário]] [[Nº 1 Em falta de estampilha Réis 200 Pago dusentos reis. Castro, 11 de Janeiro de 1872.]] [[Borges Barros]]	Pede a Vossas Senhorias que a vista do exposto lhe defiraõ mandando-lhe passar a competente carta de foro na forma do costume e, pelo que
25		
30	[[Em virtude do despacho d'esta petição, cumpre-me informar eu o terreno requerido acha-se devoluto. Castro, 13 de Janeiro de 1872.]]	<i>Receberá Justiça Mercê</i> [[Arrogo do Suplicante]] <u>Francisco de Assis Maciel</u>
35	[[Joaquim Rolim de Moura]] [[[Fiscal]]]]	

¹⁷⁴ 06: ao ms: as

M. Sr. Presidente e membros do Conselho Municipal
 Para esta e conformid. com as
 porturas. Para da Câmara do
 de lo outro - depois ordin. de 5 de junho
 de 1875 - Francisco de Barros, Morais
Francisco - Alcides Rodrigues Carneiro

D. Eugenia Maria do Espirito Santo desta cidade
 de qui ella supp. nao tendo onde fazer uma casa
 para sua moradia, quer fazer uma morada
 de casa em terreno que ella de volente na estrada
 que desta se dirige a S. Thomé ao lado esquerdo
 a quem da casa de Candinha além da ponte
 sobre o rio Capot; para o que meconta de cincoen-
 ta palmos em o lugar acima referido com fun-
 dos para quintal, de um lado divide com a
 sito Candinha e de outro acha-se dividida
 e como não pode fazer sem concessão do Sr. M.
 e por isso que requer e

Informo e Tracul.

Curto 4 de junho de 1875. S. a M. M. de affirmante
 Juaz
 com a costumada jus-
 tica de que

Os seus
 ellep de que

R. J. M.

Arrogo de Eugenia Maria

N.º 2. imp. de stamp. R. 200. do Espirito Santo.

Pa. de Santos. Carta, 4 de Junho de 1875.

Rogério de Barros

Nº Doc.: 33
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 4 de junho de 1875
Assunto/resumo: Pedido de terreno para moradia
Autor: Tristão José de Araujo

Ilustríssimos Senhores Presidente e membros da Camara Municipal

5		[[Passe carta de conformidade com as posturas. Paço da Camara Municipal de Castro – Sessão Ordinária de 5 de Junho de 1875 – <u>Duarte de Camargo, Moraes (Alegre) Proença = Maciel Rodrigues Carneiro</u>]]	
10		Dis Eugenia Maria do Espirito Santo d’esta Cida de que ella <i>Suplicante</i> não tendo onde faser uma cas[a] para Sua moradia, quer faser uma morada de casa em terreno que está de voluto na estrada que desta se dirige á <i>São Thomé</i> ao lado esquerdo	
15		a quem da casa de <i>Candinha</i> alem da ponte sobre o rio <i>Iapoh</i> para o que necessita de cincoe[n]ta palmos em o logar acima referido com fundos para quintal, de um lado devide com a dita <i>Candinha</i> e de outro acha-se devoluto	
20		e como não pode faser sem concissaõ de <i>Vossas Senhorias</i> é por isso que requer e	
25	defferimento	[[Informe oFiscal. Castro 4 de Junho de 1875. <u>Duarte</u>]]	<i>Pede a Vossas Senhorias</i>
		[[Osecretário Albuquerque]]	com a costumada justiça de que
30			<i>Receberá Justiça Mercê</i>
		[[Nº2. Em falta de estampilha Réis 200 Pago dusentos reis. Castro, 4 de Junho de 1875. <u>Borges Barros</u>]]	[[Arrogo de Eugenia Maria]] [[do Espirito Santo =]] [[<u>Tristão José d’Araujo</u> =]]

Mo. Sim. Fiscal

Informo que o terreno a ha-se devoluto e em
 muito tempo de grammado por baixo com excepção
 de 30 braças em quadrado - que é uma campina
 limpa unida a chacara onde reside o suppt.
 e comparece que D.º Bernardo Sim. de Albuquerque
 será uma fôa que quer pretendendo Requerer a
 justiça a Cam.ª Camara e Municipal por a pro-
 ra Municipal munto com brassas de terreno
 conceder do suppt. direita da chacara o Coronel
 o terreno que o Barroel Ign.º do Couto e S.º
 pertence de segunda mão o suppt. e fante de
 re, não só por obra tendo por divisa o Gallo
 que está unido do mesmo Coronel e uma circun-
 a que onde reside feita por Thomaz Teixeira de Al-
 como por que sendo a qual terreno é gramado
 o terreno é ex.º e limpo coberto em algumas partes
 se para alvouse por alvose e suppt., pretende
 que o suppt. - elle para cultura; por tanto vem
 dizer ahi fazer requerer a S.º da terra emfor
 O custo é da mar se este ou não de voluto
 Janeiro d'1816 e de o suppt. este no causa d'º
 O Fiscal obte por por ser no bura do Casa
 João Ferreira em que morra. Nisto termino
 Pa. Miranda Mattato

P. de juramento
 C. P. M.º

Bernardo

de Albuquerque

Nom. do Juizinte e Membro da Comarca
Municipal -

Mandou-se fazer carta das encicutas brucey
em quadra que e campo somente, para a cultura que
e para a grande e suppl. Paço da Comarca de 1600
da Cid. de Lourenço Sepião Indiv. de 13 de Junho de 1876.

Bomarpes Sr. Bernardo Ferrã de Albuquerque, d. es.
Morades Alegre ta Cidade que, desejando fazer uma pe-
Madreit querra lavaura unida a Chacara on-
Priz Cabret. de mora, e como o terreno para este fim
Rincou acha-se devoluto e nas condições do
Manoel de Marim Suppl. obtido e camphame informau o Fei-
cal no requerimento que junto a este
e apresentada; requer a q. f. com bra-
cas em quadra do dito terreno, a qual
divide por um lado com uma cerca
feita por Thomaz Teixeira de Almeida,
doutro com o vallo do pátio do Cel.
Manoel Ignacio e por outro com terreno
devoluto, sendo o dito terreno unido a
referida Chacara ao sair de uma fa-
teira que existe na beira da Carason
de tem uma pequena Campina.
A referida Chacara de Cel. Manoel Ignacio
e a que o mesmo passou a esquerda
da estrada de Sr. Thomaz, e unida a q.
e o terreno a cima mencionado: por
isso

La q. f. se sirva
conceder-lhe o dito terreno
por afforame^{to} e mandar
passar a respectiva carta

Bernardo Ferrã de Albuquerque
C. R. M. de



Nº Doc.: 35
Composição: fólho 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: (parecer) 8 de junho de 1876
Assunto/resumo: Pedido de terreno para fazer lavoura
Signatário: Bernardo Ferreira de Albuquerque

Ilustríssimos Senhores Presidente e Membros da Camara Municipal -

5 [[Mandem-se passar carta das cincoenta braças emquadra que é campo somente, para cultura que é para *aque* pede a *suplicante*. Paço da Camara Municipal da Cidade de Castro Sessão ordinária de 8 de Janeiro de 1876.]]

10 [[Camargo
Moraes Alegre
Maciel
Rodriguez Carneiro
15 Proença
Nunes de Marins]]

20 Diz Bernardo Ferreira de Albuquerque, d'esta Cidade que, desejando faser uma pequena lavoura unida a Chacara on_ de mora, e como o terreno para este fim acha-se devoluto e nas condições¹⁷⁵ do *Suplicante* obtel-a conforme informan o Fiscal no requerimento que junto a este é apresenado; requer a *Vossas Senhorias* cem braças em quadra do dito terreno, o qua[l] divide por um lado com uma cerca feita por Thomas Teixeira de Asevedo, d'outro com o valo do potreiro do *Coronel Manoel Ignacio* e por outro com terrenos devolutos, sendo o dito terreno unido a referida Chacara ao Sahir de uma po[r]teira que existe na beira da Casa, on_ de tem uma pequena Campina.

25 A referida Chacara do *Coronel Manoel Ignacio* e a que o mesmo possui a esquerda da estrada de *Sam Thome*, e unida a qual e o terreno a cima mencionado: por

30 isso

35 *Pede a Vossas Senhorias* se sirvaõ conceder-lhe o dito terreno por *afforamento* e mandar passar a respectiva carta
Espera Receber Mercê

Bernardo (Ferreira) de Albuquerque

¹⁷⁵ 14: O sinal nasal recai sobre a letra e

Exm. Sr. Presidente e Mais Membros da Camara Municipal

Deo Joaquin Ruemero da Silva Testa C. que
elle Supp. quer edificar uma morada de casa
no logar a quem da casa de Vicente Testa, e jo
terno ja fora antigamente occupado, mais
hoje achu-se devoluta; e para esse fim requer
elle Supp. 60 palmos mais ou menos de Testa
terno, e como nao se possa obter sem concessao
de V. V. S. V. assado por que

O Fiscal informo
Cantro 5 de Fev. de 1876.

~~Alvaraz~~
Alvaraz
Alvaraz

de V. V. S. V. se dignou por
seu despacho mandar passar
a respectiva carta de Testa
na forma do costume pelo
que

P. J. M. ce

Arago de Joaquin
Joaquin Ruemero da Silva



Luiz de Silva
Luiz de Silva

Parece esta de data. Paes da Camara m.
 de Castro, sepa o ordin.^o de 14 de julho de 1876.
 Alimontel - Paes Carm.^o Princa Margues - João - Medeia

Diz Benedito Pais de Arruda Margues
 que elle supz porfirando e definir sua
 casa nesta Cidade, p' isso mercita de
 cincuenta palmos de terreno na Rua
 do Comercio em frente a casa do fidei
 do Antonio Jose Xavier de Faria e Al-
 burguquerque, na esquina, ficando fun-
 das com o quintal de Antonio Roiz
 Barboza, ao largo do Roxario.
 Nestes termos

Informo a Fiscal P. a V.^{as} sedigne de
 a rotte. Fizer eu na forma
 cartas de julho de 1876. Enquerida, do que

O Presidente
 Alimontel
 secretario.
 Alimontel

E. P. M.



Benedito Pais de Arruda Margues

Este é o seu substituto e seu membro da Camara Municipal desta Cidade

Impressão a Fiscal. Castro, 9 de Abril de 1842

Por Sr. Bruno = Rodriguez Carmo. Sec.º da Cam.º

Trayz Secretarioz

Cypriano Marques de Sousa, requer a V.ª S.ª sirva-se conceder-lhe o terreno sito entre a casa de Pedro Antonio Cardozo, e a de Antonio Barboza, no largo do Rosario, desta Cidade com fundas até a rua do Commercio em que o sup.º pretendo edificar e -

P. a V.ª S.ª deferimento

E. R. D. M.º

Impressão a Fiscal. Castro, 9 de Abril de 1842

F.º Carta a dato na forma das posturas. Paço da Camara Municipal de Castro, 10 de Abril de 1842

Por Sr. Bruno

Sec.º da Cam.º

Secretario Tristão José de Araújo

Nº Doc.: 38
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: (parecer) 10 de abril de 1877
Assunto/resumo: Pedido de terreno
Signatário: Cypriano Marques de Sousa

Mu_]

[*Ilustríssimo Senhor* Presidente e mais membros da Camara
nicipal desta Cidade

5

[[Informe o Fiscal. Castro, 9 de Abril de 1877]]
[[Pereira Bueno = RodriguesCarneiro Pereira Marques]]
[[Araujo Secretario]]

10

Cypriano Marques de Sousa, requer a *Vossas Senhorias* sirvaõ-
se conceder-lhe o terreno sito entre a caza de
Pedro Antonio Cardozo, e a de Antonio Barboza, no lar
go do Rosario desta Cidade com fundos até a
rua do Commercio em que o *Suplicante* preten
de edeficar e –

15

Pede a Vossas Senhorias deferimento

Espera Receber Mercê

20

Cyprian[o] [Mar]ques de Sousa

25

[[Paso carta de data na forma das posturas. Paço da
Camara Municipal de Castro, 10 de Abril de 1877]]
[[Pereira Bueno]]
[[(Xavier da (Silva))]]

[[Osecretario TristãoJose d' Araujo]]

Em cumprimento do despacho do Sr. G. tenho a
 honra de informar q. a terra de requerida pelo Sr. Supp.
 a cha-se de valute, tanto n. uma fonte
 como n. outras, Castro de Novembro de 1899
 Joaquim Borges de Almeida
 Escrivão

Alfonso de Castro e Membro da
Câmara Municipal

P. Carta de voto. P. da Câmara Municipal de Castro, Separa
extraordinária de 21 de novembro de 1844

Dez. O Afonso Antonio Feliciano Saldan-
ha, que elle supp.º querendo edifi-
car uma casa no subúrbio desta Ci-
dade denominada - Bom Sucesso,
em um terreno annexo a Sebastião de
Menezes, (finado) no esquião, vem re-
querer a V.ª S.ª lhe conceda o tanto
palmas de frente com o fundo com-
preto. Supp.º tem certeza de
que o terreno previsto se achá devolu-
to entretanto espera que V.ª S.ª au-
tido o Fiscal se dignem conceder-lhe
Assim

P. a V.ª S.ª de experimento
na forma requerida
abrigoando-se a supp.º a
cumprir com o que de-
termina a postura a
respeito.

E. R. N.º



Antonio Feliciano Saldanha

Mm. Com. Residente e Vereadores da Camara
 Municipal.
 Conforme o Fiscal Castro, 9 de Abril de 1844
 Sr. Buena.
 Instancia do Sr. Secretario

Antonio F. de Rozario, que elle
 Supp. querendo utilizar uma agua na rua do com-
 mercio desta cidade, junto a casa de Joaquim
 Francisco de Castro Sico; sem o Supp. requer a
 P. Sal 60 palmos de frente e fundos competentes;
 e unir com a casa de dito Sico.
 N'estes termos.

P. desta de data. P. da Camara
 Municipal a Castro, 10 de Abril de 1844. P. a P. Sal. Elle desira na
 forma requerida.

Sr. Buena
 Sr. El Rey - Rodriguez Carr.
 Sr. Mayor
 Sr. Secretario

E. P. M.



Antonio F. de Rozario

Instancia do Sr.
Secretario

Nº Doc.: 40
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 9 de abril de 1877
Assunto/resumo: Pedido de terreno para edificar casa
Signatário: Antônio Ferreira do Rosário

Ilustríssimo Senhor Presidente e Vereadores da Camara Municipal

[[Informe o Fiscal. Castro, 9 de Abril de 1877]]

5

[[Pereira Bueno]]

[[Tristaõ Jose Araujo Secretario]]

10

Diz Antonio Ferreira do Rozario, que elle Suplicante querendo edeficar uma caza na rua do commercio d'esta cidade, junto a caza de Joaquim Francisco de Castro Tico; vem o Suplicante requer a Vossas Senhorias 60 palmos de frente e fundos

competentes;

15

á unir com a caza de dito Tico.

N'estes termos

20

[[Passe Carta de data. Paço da Camara Municipal de Castro, 10 de Abril [18]77]]

Pede a Vossas Senhorias lhe defira forma requerida.

25

[[Pereira Bueno]]

[[Pereira Marques = RodriguesCarneiro]]

[[Cypriano Marques]]

[[Xavier da(Silva)]]

Espera Receber Mercê

Antonio Ferreira do Rozario

30

[[TristaõJose Araujo Secretario]]

M. J. Presidente e mais membros da Camara Municipal

Imprime o Fiscal Castro, 29 de Janeiro de 1878
o Secretario Chaves

Provincia
Carta do Fim. Paes da Camara Municipal de Castro
depois a cinnaria 8 de Maio 1878.

Apresenta a ^{gracia} D. Fortunato Lucinda da Silva que elle supp.^o querendo e
solicitando que se conceda a elle a concessão de uma casa no lugar denominado Bom Sucesso =
Pereira da Silva e a casa do mesmo, diz que a hire e carreador dos
Off. do Reg. Lucinda = unominao = sem por tanto requer a =
P. S. que lhe conceda 50 palmos de frente e 200 de fundo
mandando passar a respectiva carta de doação na forma
do costume, e obrigando a apagar as despesas. Seria
Pello que.

C. R. M.

Pro Castro 29 de Janeiro de 1878
Arogo a Fortunato da Silva
N. S. M. Duarte de Camargo

Nº Doc.: 41
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 29 de janeiro de 1878
Assunto/resumo: Pedido de terreno para construir casa
Signatário: Veríssimo Duarte de Camargo

Ilustríssimos Senhores Prezidente emais Membros da Camara
Municipal

5 1878]]

[[Informe o fiscal. Castro, 29 do Janeiro de

[[o Secretario Araujo.]]

[[Proença]]

10 [[Passe carta deforo. Paço da Camara Municipal de Castro,
sessão ordinaria 8 de Maio 1878]]

15 [[Rodrigues de Quadros]] Diz Fortunato Lucinda da Silva que elle *suplicante*
[[Mathilde]]

15 [[Pereira Marques]] dificar uma caza no lugar denominado Bom Succesco =
[[Cypriano Marques]] anexo a caza do mesmo, deixando livre o carreador dos
Lucinda = denominado = vem por tanto requerer a=
Vossas Senhorias que lhe conceda 50 palmos de frente e

200 e fundo

20 mandando passár a copetente carta de dacta nafor-
ma do Custume, e obrigando apagar as despezas Necessaria
Pelto que.

25 *Espera Receber Mercê*

30 [[Castro 29 de Janeiro de1878]]
[[Arogo de Furtunato Lucinda dSilva -]]
[[Verissimo Duarte de Camargo]]

Declaro me ataindo a si nada que di
 ao Sr. Fran^{co} de Medeiros para fazer
 esta uma roça de um alquiere nos
 matos de San Thomé nos quaes tenho
 parte por compra que fiz de diversos
 ardeiros da quela situação com a
 condição de mesmo em colmando a
 planta dese eu par o termo dando
 me disso conhecimento e se podera
 neste anno em diante continuar a tra
 ballar que he dar nova lieença
 E para que o mesmo não em corte
 embaraço a algum em anillo passa
 o presente que firmo

Castro 15 de agosto de 1879

Juvenal Rodrigues de Paula



Nº Doc.: 42
Composição: fólho 1r
Tipologia: Declaração
Datação: 15 de agosto de 1879
Assunto/resumo: Declaração cedendo terreno para plantio
Autor: Generoso Rodrigues de Paula

5 Declaro eu abaixo a si nado que dei
 ao *Senhor* Francisco de Medeiros para faser
 este uma rossa de um alqueire nos
 matos de San Thomé nos quais tenho
 parte por compra que fis de diverços
 erdeiros da quela situação con a
 10 condição do mesmo em colhendo a
 planta desu cupar o tereno dando
 me disso conhicimento e so podera
 duste¹⁷⁶ anno em diante continuar atr[a]
 balhar sem lhe der nova licença –
 E para que o mesmo não encontre
 15 embarasso de alguem mando passa
 o presente que assino

Castro 15 de Agosto de 1879
Generoso Rodrigues de Paula

¹⁷⁶ Deste ms: duste

M. Sr.

A Camara d'uta antiga, leal, e patriótica, Cidadã, não
 podia deixar em oblição o illustre, zelo de V. S. levantando
 de o sublimis joia de trabalhos intellectual representada
 de pela tilla da imprensa com o titulo de o Esp. dos Cam-
 pos, = de que é V. S. principal Redactor, e proprietario.
 Sr. M. Sr. a Camara Municipal reconhecendo, q.
 para conseguir um, e verdadeiro impulso, e desenvolvimento
 semente, material, e moral dos povos, foi memorario
 que, a providencia inspirada, a Guttenberg, fillo de
 Maguncia, (Cidade de Allemanha) equal foi alior, dan-
 do com fructo de duas lucubrações a inventa da im-
 presso, no anno de 1468, e tão admiravel foi uma, ma-
 ravilhosa, arte, que, como trombeta, sublimis, annun-
 ciou por todo o mundo civilizado a fama do grande
 genio; commensando d'ada, loga a irradiar, e, o fru-
 ctos do progresso, engrandecendo Cidades, florecendo as
 sciencias, e artes, e com attenção as gerações passadas,
 e observação as presentes. A Camara Municipal po-
 is, antevendo os fructos, que a dita primeira imprensa
 tem de produzir, attenta a dedicacão de V. S. resolveu em
 d'ada de hoje, assignar em dua acta, com voto de honra-
 ragem, e gratidão por tão relevante serviço que vai
 prestado a utro de d'iteas Campos, alias, a mais fer-
 til zona, da Provincia, e que um dia será, uma das
 glorias do Imperio. A Camara Municipal dirigin-
 do a V. S. esta minima Official, que em dua, e cartada, se
^{foi} ~~foi~~ girava joia de patriotismo, congratula-se, com
 seu illustre, e, e demais peços dos Campos gerais,
 pela feliz idia, que tão nobremente realison V. S. pondo
 em relevo os seus mais palpitantes interesses, para que
 não contínuem em perniciosa negligencia, e descurido.

Nº Doc.: 43
Composição: fólio 1r
Tipologia: Carta
Datação: 03 de abril de 1883
Assunto/resumo: Saudação ao redator do Eco dos Campos de Gerais
Signatário: Os camareiros municipais

Ilustríssimo Senhor

A Camara, d'esta antiga, leal, e patriótica, Cidade, não podia deixar em olvido o illustrado zelo de *Vossa Senhoria*; levantando o sublime fóco de trabalho intelectual representado pela télla, da imprensa, com o titulo de o *Éco dos Campos* = de que é *Vossa Senhoria* o principal Redactor, e proprietário.

5 Sim, *Ilustríssimo Senhor* a Camara Municipal reconhece, que para conseguir-mos, o verdadeiro impulso, e desenvolvimento material, e moral dos povos, foi necessario que, a Providencia inspirasse a Guttemberg, filho de Moguncia (Cidade da Allemanha) o qual fôï alús, dando como fructo de suas lucrubações¹⁷⁷ o invento da imprensa no anno de 1:458; e taõ admiravel foi isso em uma ravelhosa arte, que, como trombeta, sublime, annunciou por todo omundo civilisado a fama, do grande gênio; commessando d'esde logo a irradiar-se, os fructos do progresso, engrandecendo Estados, florecendo as sciencias e artes; como attestaõ as gerações¹⁷⁸ passadas, e observaõ as presentes. A Camara Municipal pois, antevendo os fructos, que a sua primeira imprensa tem de produsir, attesto a dedicaçãõ de *Vossa Senhoria*; resolveo em sessão de hoje consignar em sua acta, um voto de homenagem, e gratidaõ por taõ relevante serviço que vai

15 prestar a estes desditozos Campos, aliás, a mais fértil zona, da Provincia, e que um dia, será uma das glorias do Imperio. A Camara Municipal derigindo á *Vossa Senhoria* esta missiva official, que em sua acanhada se fás [incompreensível] fora do patriotismo; congratula-se com

20 seus Municipés, e os demais povos dos Campos geraes, pella felis ideá, que taõ nobramente realisou *Vossa Senhoria* pondo em relevo os seus mais palpitantes interesses, para que não continuem em pasmaceira negligencia, e descuido.

¹⁷⁷ 13: O sinal nasal recai sobre a letra e.

¹⁷⁸ 19: O sinal nasal recai sobre a letra e

A sulta Real e mais inqum felicitacao, e protector de
 alta estima e consideracao d'esta Camara, que em tempo
 sabera aquilatar, si os meios de que disporem he for
 sufficiente, para auxilial a dita Antiga, terca que tao
 dignamente se propoem de cumprir a d'esta Municipi-
 al. Dado em 27 de Maio de 1843. Haes da Camara
 Municipal da Cidade de Castro em 3 d'abril de
 1843.

M. Sr. J. Fran. da Rocha Penha.
 Ch. D. Redactor do Es. ter. Campos.

Nº Doc.: 43
Composição: fólho 1v
Tipologia: Carta
Datação: 03 de abril de 1883
Assunto/resumo: Saudação ao redator do Eco dos Campos de Gerais
Signatário: Os camareiros municipais

35 Aceite *Vossa Senhoria* a mais ingenua felicitação e protestos de
alta estima e consideração d'esta Camara; que em tempo
saberá aquilatar, si os meios de que dispõem lhe fôr
projeições para auxiliá-lo na ardua tarefa que tão
dignamente se propôs desempenhar n'este Municipio.

40 Deus guarde a *Vossa Senhoria* muitos annos. Paço da Camara
Municipal da Cidade de Castro em 3 d'Abril de
1883.

45 *Ilustríssimo Senhor* Jozé Francisco da Rocha [incompreensível]
Mui Digno Redactor do Éco dos Campos.

A commissaria de Obras publicas, para mande examinar
 as conveniencias de melhoramento que se faz necessarias
 no prolongamento da rua Martim de Sa e da da
 conforme a deliberacao desta Camara; pelo a comi-
 nante prolongar a mesma ate a ultima no tempo
 do fundo Preto, a saber a rua da comarca de commercio.
 Neste artigo examinou a continuacao desta rua
 pelo fundo das propriedades de Joaquin Rodrigues
 de Andrade e Silva, e Jose Pedro, encontrando difficultades
 e opposicoes unicamente por parte de Andrade e Silva, e
 a quicencia por todos mais. Pensa a commissaria que
 esta Camara deve providenciar a respeito deste
 melhoramento obrigando a este proprietario real-
 cista a entrar nos deves de boncidade a cumprir
 com os deves publicos em geral, para que se tome
 um tal melhoram^{to} a par do de outro e progressivo
 que se avizinha^{to} nos empregos. Quanto a dispozi-
 cao a fazer a um tal melhoram^{to} e de parecer a commis-
 saria que nas razoes elle aq^{ta} de em mi lreis.
 E q^{to} p^{ta} p^{ta} a commissaria p^{ta} q^{ta} esta Cam^{ta} a melhora
 e que for conveniente.

Castro 14 de Set. de 1844.

Joao Ferraz de Miranda Mattilde.
 Officiario H^{to} de O^{to}.
 Joao Liberato de P^{to}

Nº Doc.: 44
Composição: fólho 1r
Tipologia: Parecer
Datação: 14 de outubro de 1884
Assunto/resumo: Pedido de resolução para providenciar prolongamento de rua
Signatários: João Ferreira de Miranda Mathilde; Cypriano Marques de Souza; João Liberalino Borges

- A commissão de obras publicas, passando examinar as conviniencias do melhoramento que a faz necessário no prolongamento da rua Martins desta Cidade, conforme a diliberação desta Camara; julga conveniente prolongar-se ella até ultimar na tapera do finado Prestes, a unir-se coma rua do commercio. Neste sentido examinou a continuação de até da dita rua pelos fundos das propriedades do *Senhor* Joaquim Rodrigues Andrade e Silva, e Jose Telles, encontrando *difficultades* e opposições unicamente por parte de Andrade e *Senhora* havendo a quiscencia por todos os mais. Pensa a commissão que esta Camara deve providenciar a respeito deste melhoramento obrigando a este proprietário recalcitrante a entrar nos deveres de bom cidadão a cumprir com os deveres públicos em geral, para que se torne um tal melhoramento apar do desenvolvimento e progresso que a civilização nos empõe. Quanto a dispeza a fazer-se em tal melhoramento é de parecer a commissão que não excedera elle *aquantia* de cem mil reis. É o quanto pensa a commissão para que esta Camara resolva o que for conviniente.
- Castro 14 de *outubro* de 1884.
João Ferreira de Miranda Mathilde.
Cypriano Marques de Souza
João Liberalino Borges

Nº Doc.: 45
Composição: fólho 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 17 de outubro de 1885
Assunto/resumo: Pedido de dispensa de medicação e demarcação de terreno
Signatário: Francisco de Paula Medeiros

[[Passe carta de aforamento de um e meio al
queire de conformidade com as posturas
em vigor Paço da Camara *Municipal* de Castro
em sessão ordinaria de 17 de Outubro de 188[5]]

5 [[Macedo Mathilde Oliveira L.Borges
Maciel Fonseca]]

10 Dis *Francisco* de Paula Medeiros, moradôr d'esta Ci
dade, e residente a *mesma* de 30 annos, e hoje em estádo
derespeito, e valetudinario, sem *que* tenha suficiente
meio de subsistência *mesmo* do que uma pequena
15 industria de lavoura, para fumo, e outros legumes
no rocio d'esta Cidade, tendo antes disso, n'ella
edeficado diversas propriedades, *que* hoje, lhe não
pertencem, por diversas circunstancias, e que
entretanto são serviços prestados alem do desen-
volvimento material *que* se observa. Acontece
20 ter o *Suplicante* entendido não estar sugeito amedição
e demarcação do terreno que *Vossas Senhorias* lhe concederão
em data de 11 d'Maio d'este anno, e por isso requereo
dispença daquella formalidade, como seve da 2^a *peti*
caõ junta, com a 1^a mencionada em *que Vossas Senhorias* se
25 dignarão não annuir em deliberação de 9 de Agosto
d'este *mesmo* anno, com oqual o *Suplicante* concorda, e res
peitosamente requer a espedicão de seu titulo, em
virtude do 1º despacho de *Vossas Senhorias*, e nas condições¹⁷⁹
de Posturas em vigor.

30 *Pede aVossas Senhorias* deferimento
Espera Receber Merce

Castro 17 d'Outubro de 1885.

35 Francisco de Paula Medeiros

¹⁷⁹ 27: O sinal nasal recai sobre a letra e.

Município Municipal da Cidade de Castro,
Cabeça de Freguesia 3.^a Comarca da Província
de Parana.

Faz saber aos que esta carta de alforamento
virem que sendo Henrique Charlot, the
requendo com braças de terreno em frente
a sua Chacara, bem como seus fundos corres-
pondente no taboão desta Cidade, the foi
concedido como consta da acta e despacho
de 1.^o de Setembro de 1886, e que medido e
demarcado conforme as posturas de 9
de Agosto de 1889, mandou passar the
esta carta que depois de pagas as emolumentos. D. i. o. r.
tose sullo respectivo terá vigor e gozará das P. g.
garantias que em direito the são concedidas,
registrando-se esta no Livro competente.

Dada e passada nesta Cidade de Castro aos
11 dias do mez de Setembro de 1886. Eu N. e. o.
Cau' Polentino Marques, Secretario da Mu-
nicipia Municipal a' escrever em tempo
meio algum de termino. O Secretario N. e. o.
Cau' Polentino Marques a' escrever.

João Liberato Borges.

Nº Doc.: 46
Composição: fólio 1r
Tipologia: Carta de sesmaria
Datação: 11 de dezembro de 1886
Assunto/resumo: Terreno concedido a Henriques Charlot
Autor/Signatário: Nicolau Tolentino Marques; João Liberalino Borges

A Camara Municipal da Cidade de Castro,
Cabeça de Termo e 3ª Comarca da Provincia
do Paraná.

- 5 Faz saber aos que esta carta de aforamento
virem que tendo Henriques Charlot, lhe
requerido cem braças de terreno em frente
a sua chacara, bem como seos fundo corres=
10 pondente, no taboão desta Cidade, lhe foi
concedido como consta da acta e despacho
de 1º de Dezembro de 1886, e que medido e
demarcado conforme as posturas de 9
de Agosto de 1879., mandou passar=lhe
esta carta que depois de pagos os emolumen= [[Deve 4:000
15 tos e sello respectivo terá vigôr e gosará das Pago]]
garantias que em direito lhe são concedidas,
registrando=se esta no Livro competente.
Dada e passada nesta Cidade de Castro aos
20 11 dias do mez de Dezembro de 1886. Eu Nico=
laú Tolentino Marques, Secretario da Ca=
mara Municipal á escrevi em tempo
meio alqueire de terreno. Osecretario Nico=
laú Tolentino Marques á escrevi.
- 25 [[João Liberalino Borges]]

Standardenlinie de
 Cartas de datos af. 54. dig. 54. vno
 Castro 11 de Dezembro de
 1886. Cu Nicolau Fontes
 Timotheo Marques, Secretario
 da Camara d'escrivã.

Castro 11 de Dezembro de 1886.
 Cu Nicolau Fontes
 Marques, Secretario da Ca-
 mara d'escrivã.

Nº Doc.: 46
Composição: fólho 1v
Tipologia: Carta de sesmaria
Datação: 11 de dezembro de 1886
Assunto/resumo: Terreno concedido a Henriques Charlot
Autor/Signatário: Nicolau Tolentino Marques; João Libralino Borges

30 Está notado no livro de
cartas de datas *afolhas* 54. digo 54 verso
Castro 11 de Dezembro de
1886. Eu Nicolaú Tolen=
tino Marques, Secretario
da Camara á escrevi.

35 Castro 11 de Dezembro de 1886.
Eu' Nicolaú Tolentino
Marques, Secretario da Ca=
mara á escrevi

Apontamentos para o Contracto
que tem de ser feito entre a Camara
da Municipal e Nicolás Ferrizote
sobre a construcção de um cimiterio
na nesta Cidade.

O architecto Nicolás Ferrizote obriga-se a construir um Cimiterio
nesta Cidade, de conformidade
com a planta e orçamento por
ele feitos e que serão juntos a este
e assignados pelo Contractante,
em tudo que for obra de alvenaria
de pedra e tijollos, revestimen-
to de reboco e mais adornos.

O prazo para ficar fecho o ci-
miterio, de modo a poder ser us-
gado e já servir e de seis meses
e para sua perfeita conclusão e
de dois annos a contar da da-
ta do presente Contracto.

Além disso obriga-se mais
o Sr. Ferrizote a construir uma
estrada que tire para o portão do
cimiterio a estrada de rodagem
que se passa em frente, e collo-
car no lugar competente uma
cruz de ferro sobre um pedestal
de alvenaria de tijollos, devendo
ser a cruz de altura de seis metros
e meio pelo mesmo e tanto a cruz
como o pedestal a custa do mes-
mo Ferrizote.

Nº Doc.: 47
Composição: fólho 1r
Tipologia: Contrato
Datação: 29 de setembro de 1888
Assunto/resumo: Contrato para a construção do cemitério de Castro
Signatário: Nicolau Ferigotti

5 Apontamentos para o contracto que tem de ser feito entre a Câmara Municipal e Nicoláo Ferrigote sobre a construção de um cimiterio n'esta cidade.

10 O architecto Nicoláo Ferrigote obriga-se a construir um cimiterio n'esta cidade, de conformidade com a planta e orçamento por elle feitos e que serão juntos a este e assignados pelos contractantes, em tudo que for obra de alvenaria de pedra e tijollos, revestimento de reboco e mais adornos.

15 O praso para ficar fechado o cimiterio, de modo a poder ser sagrado e já servir é de seis meses e para sua perfeita conclusão é de dous annos a contar da data do presente contracto.

20 Além disso obriga-se mais o *Senhor* Ferrigote a construir uma estrada que ligará o portão do cimiterio á estrada de rodagem que lhe passa em frente, e collocar no lugar competente uma cruz de ferro sobre um pedestal de alvenaria de tijollo, devendo ter a cruz de altura dous metros e meio pelo menos e tanto a cruz como o pedestal a custa do mesmo Ferrigote.

A Camara Municipal obuja
 se a pagar ao Sr. Ferriz a
 importancia de 7:358,000. E con
 forme o orçamento, nas condi
 ções seguintes:

1.500,000 até o fim de Março
 de 1889, outra igual quantia até
 o fim de Junho do mesmo anno
 e d'ahi em diante um conto de
 reis por anno até completar
 a importancia total porque foi
 contractada a obra e fica a
 mesma Camara sujeita ao juro
 de 10 por 100 ao anno na falta
 de qualquer d'estes pagamentos.

O portão de ferro do Cimiterio
 será fornecido pela Camara
 e o Sr. Ferriz somente se obuja
 a assental-o, de acordo com a
 planta.

Todas as offertas de ma
 terias e serviços que por ventura
 houver em beneficio das obras
 serão descontados pelo preço
 do Commercio pelo Sr. Ferriz
 ao receber as suas prestações.

Basto, 2 de Setembro de 1888.

Nicolau Ferriz

Nº Doc.: 47
Composição: fólho 1v
Tipologia: Contrato
Datação: 29 de setembro de 1888
Assunto/resumo: Contrato para a construção do cemitério de Castro
Signatário: Nicolau Ferigotti

35 A Camara Municipal obriga
se a pagar ao *Senhor Ferrigote* a
importancia de 7:358 # 000*réis* com
forme o orçamento, nas condi-
ções seguintes:
40 *Réis* 1:500#000 até o fim de Março
de 1889, outra igual quantia até
o fim de Junho do mesmo anno
e d'ahi em diante um conto de
reis por anno até completar
45 a importancia total porque foi
contractado a obra e fica a
mesma Camara sujeita ao juro
de 10 *por cento* ao anno na falta
de qualquer d'estes pagamentos.
50 O portão de ferro do cimiterio
será fornecido pela Camara
e o *Senhor Ferrigote* somente se obriga
a assental-o, de acordo com a
planta.
55 Todas as offertas de ma-
teriais e serviços que por ventura
houver em beneficio das obras
serão descontados pelo preço
do commercio pelo *Senhor Ferrigote*
ao receber as suas prestações.
60 Castro, 29 deSetembro de1888.

Nicolau Feregotti

de Castro, cabeca de termo 3.ª Comarca
da Provincia do Paraná f. f. f.

São saber aos que esta carta de aforam-
mento viram, que tanto Benedito Maria
me do Prado que requirio setenta palmos
de terreno e fundo correspondente, por
aforamento, na Rua da Commissão, ou
se ao norte com terrenos de Barroki
Munício de Prado, foi emalido sem
avista de esta e despacho de 17 de Abril
de 1890, não prejudicando a terceiros, e
que medida e demarcação conformada
pasturas de 9 de Agosto de 1879, man-
dou fazer. Eu esta carta de aforamento
que depois de pagar os emolumentos e sel-
los respectivos terá vigor e gozará das qua-
rantias que em direito lhe são emalida-
das, registrando-se esta no livro compre-
tente, as folhas 87. Dada e passada nesta
Cidade de Castro, aos 19 dias do mez de
Maio de 1890. Eu Antonio Tibério de Mat-
tos Salimbo Secretario da Intendencia Mu-
nicipal a seguir.

Fran. Xavier Sab. g.
Era, ut su. p. p. p.
Eu Antonio Tibério de Mattos Salimbo
Secretario da Intendencia Municipal
a seguir.

D.
Castro
Pg.
Antonio
Mattos Salimbo

Nº Doc.: 48
Composição: fólio 1r
Tipologia: Carta de sesmaria
Datação: 12 de maio de 1890
Assunto/resumo: Terreno concedido a Benedicto Mariano do Prado
Signatário: Antônio Ribeiro de Mattos Sobrinho

A Intendencia Municipal da Cidade
de Castro cabeça de termo 3ª comarca
da Provincia do Paraná

5 Fás saber aos que esta carta de afora-
mento virem, que tendo Benedicto Maria-
no do Prado lhe requerido setenta palmos
de terrenos e fundo correspondente, por
10 aforamento, na Rua da Conceição ane=
xo ao norte com terrenos de Barnabé
Mendes do Prado; lhe foi concedido como
consta da acta e despacho de 17 de Abril
de 1890, não prejudicando a terceiros, e
15 que medido e demarcado conforme as
posturas de 9 de Agosto de 1879, man=
dou passar-lhe esta carta de aforamento
que depois de pagar os emolumentos e sel=
lo respectivo terá vigor e gozara das ga=
20 rantias que em direito lhe são concedi=
das, registrando-se esta no livro compe=
tente as folhas 87. Dada e passada n'esta
Cidade de Castro, aos 12 dias do mez de
Maio de 1890. Eu Antonio Ribeiro de Mat-
25 tos Sobrinho secretario da Intendencia Mu-
nicipal a escrevi.

30 [[Deve
Carta 4:000
Pago
O Secretario
Mattos Sobrinho]]

Francisco Xavier daSilva
Éra ut dito *próximo passado*.
tonio Ribeiro de Mattos Sobrinho
ario da Intendencia Municipal
a escrevi.

Alto-mór. Prefeito e mais membros da
Câmara Municipal.

Leopoldo Castro, 23 de Fevereiro
de 1894. Aluzguere.

Os abaixo assignados, empregados
nas casas Commercias desta cid.^a, no
intuito de representarem contra uma pe-
tição que fazem a seus patrões, por
o fim de se conservarem abertas a suas
casas de negocio nos Domingos, hum res-
peitosamente pedir a V. S.^a edigne con-
servar inalterada a lei que tem dispo-
sões a este respeito, visto as suas proten-
ções serem de encontro a nossa liberta-
de que desejamos velar e conservar a
amitação da nossa Capital, que
não derogará essa preciosa lei;
tanto mais na época presente que
todos se batem pela liberdade e pela
conservação de nossos direitos.

Nestes termos.

P. P. deprimente Com.
de justiça.
E. E. R. de

Nº Doc.: 49
Composição: fólho 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 23 de fevereiro de 1894
Assunto/resumo: Pedido de não alteração à lei que autoriza o comércio abrir aos domingos
Signatários: Juvenal Pimentel; Manoel Antonio Carneiro; Aliçe Fabiana (Flygare); Dagoberto Macedo; Damaso Alves d'Oliveira; Antonio Mathoso Xaviér; Luiz Alves d'Oliveira; Antonio Alves d'Oliveira Junior Negociante; Rufino Pereira de Araujo; José de Souza Mina; Gevaldo Gaertnens; Julio Goncalves Veiga; Pedro Alypio Fonseca; Luiz de Assis Machado; Fernando de Albuquerque; [Luiz] Assis Machado

Ilustríssimo Senhor Prefeito e mais Membros da
Camara Municipal

5 [[Deferido. Castro, 23 de Fevereiro
de 1894. Albuquerque]]
Os abaixo assignados, empregados
nas casas Commerciaes desta cidade, no
intuito de representarem contra uma pe
tição que fasem a seus patroes¹⁸⁰, para
10 afim de se conservassem abertas a suas
casas de negocio nos Domingos, veem re
peitosamente pedir a *Vossas Senhorias* sedigne con=
servar in alteração a lei que tem disposi=
ções¹⁸¹ a este respeito visto as suas preten=
15 ções¹⁸² serem de encontro a nossa liberda=
de que dezejamos [incompreensível] econservass[e]
a imitação da nossa Capital, que
não derogará éssa preciosa lei;
tanto mais na época presente que
20 todos se batem pela libirdade e pela
conservação de nosso direito.
N'estes termos.

25 *Pede Pede* deferimento como pe
de inteira justiça.

E *Espera* Receber Mercê

¹⁸⁰ 09: O sinal nasal recai sobre a letra e.

¹⁸¹ 14: Idem.

¹⁸² 15: Ibidem.

Carta de 200 réis de 1894.

Juvenal Rindental.

Manoel Antonio Carr.

Alcides Friboni Fuggara

Dagoberto Macedo

Lamasso Alves d'Alv.

Antonio Mathoso Xavier.

Luiz Alves d'Alv.

Ant. Alves d'Alv. Junior Negociante

Rufino Pereira de Araujo

Isid. de Souza Albino

Evandro Gaertner

Julio Goncalves Veiga

Pedro Alypio Sousa

Leila de Assis Machado

Fernando de Albuquerque

Francisco Assis Machado

Nº Doc.: 49
Composição: fólio 1v
Tipologia: Requerimento
Datação: 23 de fevereiro de 1894
Assunto/resumo: Pedido de não alteração à lei que autoriza o comércio abrir aos domingos
Signatários: Juvenal Pimentel; Manoel Antonio Carneiro; Aliçe Fabiana (Flygare); Dagoberto Macedo; Damaso Alves d'Oliveira; Antonio Mathoso Xaviér; Luiz Alves d'Oliveira; Antonio Alves d'Oliveira Junior Negociante; Rufino Pereira de Araujo; José de Souza Mina; Gevaldo Gaertnens; Julio Goncalves Veiga; Pedro Alypio Fonseca; Luiz de Assis Machado; Fernando de Albuquerque; [Luiz] Assis Machado

Castro, 23 de Fevereiro de 1894.

Juvenal Pimentel

30

Manoel Antonio Carneiro

Aliçe Fabiana (Flygare)

Dagoberto Macedo,

Damaso Alves d'Oliveira

Antonio Mathoso Xaviér

35

Luiz Alves d'Oliveira

Antonio Alves d'Oliveira Junior Negociante

Rufino Pereira de Araujo

José de Souza Mina

Gevaldo Gaertnens

40

Julio Goncalves Veiga

Pedro Alypio Fonseca

Luiz de Assis Machado

Fernando de Albuquerque

(Luiz) Assis Machado

Ilmo. Sr. Prefeito e
Membros da Camara Municipal

Eu Manuel Cardoso de
Alta, que existindo um pedaco
de terreno devoluto unido com
o terreno de Theodoro dos Anjos
por carta de aforamento, sem
o Supp.^o requerer as 3^{as} S.^{as}
para que lhe concedam por
aforamento este pedaco de
terreno, suppletando-se o Supp.^o
as posturas em vigor.

Nestes termos
P. as 3^{as} S.^{as} de firm.^{to}

E. R. M.^{ce}

Castro 19 de Julho de 1894.
Progo de Manuel Cardoso de Alta
Pedro José de Quadros.

Nº Doc.: 50
Composição: fólio 1r
Tipologia: Requerimento
Datação: 19 de julho de 1894
Assunto/resumo: Concessão de terreno devoluto
Autor: Pedro José de Quadros

Ilustríssimo Senhor Prefeito e
Membros da Camara Municipal

Diz Manoel Cardozo de
Oliveira que existindo um pedaço
de terreno devoluto unido com
o terreno de Theodoro dos Anjos
por carta de aforamento, vem
o *Suplicante* requerer as *Vossas Senhorias*
para que lhe concedam por
aforamento este pedaço de
terreno, sujeitando-se o *Suplicante*
as pusturas em vigor.

Nestes termos
Pede a Vossas Senhorias deferimento

Espera Receber Merce

Castro 19 de Julho de 1894.
Arogo de Manoel Cardozo de *Oliveira*
Pedro José de Quadros